

Amor Inebriante

ANA FLÁVIA CARVALHO





Amor Inebriante

ANA FLÁVIA CARVALHO



Para o meu avô, João de Lima,
meu primeiro amor inebriante.

Prólogo

6 de novembro, quarta-feira.

O sol entrava fraco pela janela. A noite já começava a cair. Era quarta-feira, dia de ler histórias para as crianças, meu hobby favorito. Os pequenos tinham, naquele fim de tarde em todas as quartas, uma oportunidade de ter contato com livros, filmes e brincadeiras diferentes. Eu sempre ia até à escola para ler para eles, contar contos de fadas e fábulas, fazer a criatividade surgir. Esta tarde leríamos “Os três porquinhos”.

Ajeitei meus cabelos negros e olhei para mim mesma, por um segundo, no reflexo de uma janela fechada. Eu não estava muito linda, mas orgulhosa de como eu tinha me arrumado. Parecia despojado, mas delineava bem as minhas muitas curvas.

– Os porquinhos mais novos ficaram aflitos, mas o mais velho, que era muito esperto, colocou no fogão, por baixo da chaminé, um grande caldeirão de água a ferver! – Eu contava com o máximo de entonação, fazendo eles mergulharem naquela história.

– O lobo, ao entrar pela chaminé, caiu no caldeirão de água quente e queimou o rabo, fugindo o mais rápido que podia para o meio da floresta. Os dois porquinhos agradeceram ao seu irmão mais velho, e aprenderam a lição. – As crianças se alegraram! Deste lobo mau, nunca mais se ouviu falar.

Elas começaram a conversar sobre a história e, aos poucos, foram se despedindo e se dispersando em direção à saída para encontrar seus pais. Levantei-me, fui até o banco onde Gustavo estava sentado, e peguei minha bolsa que havia deixado com ele.

– Espero não ter sido um programa chato. – Falei apreensiva, pois era raro encontrar pessoas que entendessem aquele meu hobby inusitado.

– De jeito nenhum! – Ele se levantou e pôs-se ao meu lado. Era apenas alguns centímetros mais alto do que eu, então pude ver com clareza sua expressão meio embasbacada:

– Eu sempre soube que você era uma pessoa maravilhosa, mas me surpreendo a cada dia mais.

Eu corei e sorri meio sem jeito. Estava começando a perceber que minhas bochechas ficavam cada vez mais vermelhas perto de Gustavo. Ele era realmente diferente de todos os meninos que eu já havia conhecido, em todos os sentidos. Seu caráter era a coisa que eu mais admirava nele, mas eu não podia deixar de reparar na sua aparência.

O cabelo era encaracolado, cor de mel, com um corte meio desleixado. As roupas eram sempre meio largadas, mas de um jeito que o deixava despreocupado e lindo. Ele não parecia gostar nem um pouco de formalidades e regras; seu sorriso era otimista em todas as situações, seus olhos eram um infinito castanho que me deixava encantada.

– Obrigada por se interessar em vir até aqui. É uma coisa muito especial para mim. – disse, tentando afastar os pensamentos da minha mente.

– Não precisa agradecer, Alice. – Ele colocou a mão no meu rosto, acariciando delicadamente, me fazendo prender a respiração. – Eu que tenho que agradecer por você me deixar participar disso! – ele deu uma pausa, parecia querer dizer mais uma coisa, mas o sinal tocou muito alto. Nos retraímos com o som, ele se afastou um pouco de mim. – Vamos para minha casa?

Assenti com leveza e sorri. Fomos até a rua, para o ponto de ônibus. Não demorou muito para que o nosso chegasse. O celular dele tocava música e dividíamos o fone.

Um dado curioso sobre nós: éramos praticamente a versão um do outro em gêneros diferentes. Sempre fomos capazes de conversar por horas, tínhamos os mesmos gostos para música, filmes, séries. Nossas visões de vida, política, religião e cultura pareciam gêmeas. Éramos capazes de completar as frases um do outro e sabia exatamente o que o outro estava sentindo.

Nossa amizade começou quando éramos muito pequenos, talvez 4 ou 5 anos, não me lembro muito bem. Ele passou a estudar na escola dos meus pais e eu estava lá obviamente. Nossa amizade veio por conta das nossas famílias. Até nossos onze anos, ele morava com a avó e os pais dele ficavam em outra cidade a maior parte do tempo, voltando uma ou duas vezes por mês, apenas para os eventos familiares. A avó dele fazia de tudo para compensar aquela lacuna, e os meus pais, ao acompanharem a situação como diretores, também tentavam ajudar de todas as formas. Era normal passarmos o fim de semana na casa um do outro, férias e feriados juntos, aniversários e festas. Dessa forma, teria a mim e a minha família, além da avó; ele conhecia todos os meus familiares e já era parte disso. Já eu só conhecia efetivamente a avó dele.

Nossa amizade não era um somente um mar de rosas, pelo contrário. Gustavo tinha a péssima mania de me proteger a todo custo: em minha vida toda, eu busquei um amor de cinema, que me fizesse perder o ar. Contudo, todas as vezes que eu gostava de alguém ou alguém gostava de mim, Gustavo atrapalhava tudo. Por sermos muito próximos, isso atrapalhava, pois para a maior parte das pessoas que eu poderia me sentir atraída, pensava que éramos namorados. Quando eu conseguia desfazer o mal-entendido, Gustavo ameaçava os garotos, dizendo: – Se você partir o coração dela, eu vou partir a sua cara! – Bem, você pode imaginar a razão de eu nunca ter beijado alguém na minha vida toda. Contudo, só eu parecia enfrentar problemas quanto a isso.

Quando fizemos mais ou menos 15 anos, Gustavo começou a ser mais “descolado”: saía todos os finais de semana, ficava com várias garotas, o que me deixava com um pouco de ciúme. Eu estava perdendo meu melhor amigo! Ele não ia mais à minha casa, não participava mais da minha vida fora da escola. Mas, nesse turbilhão, havia Helena, minha melhor amiga, que nem me deixava sentir muita saudade dele. Nós jogávamos e conversávamos muito, ela é incrível, e nossa amizade também. Embora não tenhamos nada em comum, isso torna tudo muito mais interessante, pois fora os jogos, nossos gostos são opostos, mas ampliativos e eu gosto muito disso em nós.

Durante a semana, Gustavo sempre ficava grudado comigo, eu o ajudava a estudar e compensar os momentos de farra, graças a isso ele não tinha se dado muito mal nos últimos 3 anos da escola. Nos intervalos dos estudos ainda fazíamos nossos hobbies favoritos juntos.

Nesse ano, quando nos formaríamos, ele resolveu fazer um intercâmbio no início do ano e voltou exatamente no meio do semestre. Gustavo teve de se virar para recuperar as notas que tinha perdido, portanto, eu fiquei encarregada de ajudá-lo ainda mais! Depois de ele ter voltado do intercâmbio, duas coisas principais haviam mudado:

1. Passávamos muito tempo juntos, mais do que só para estudar. Em nossos dias de aula, ficávamos estudando e debatendo e, nos fins de semana, fazíamos seções de cinema, em casa ou não, shows, eventos culturais etc. Hoje tínhamos combinado de estudar juntos para um teste que teríamos no dia seguinte.

2. Gustavo começara a ser um tanto quanto romântico. Apesar de eu sempre sentir que nós acabaríamos juntos um dia (talvez por todo mundo dizer isso), nunca havíamos falado sobre isso, nem cogitado a ideia. Agora, ele não saía mais, não ficava mais com nenhuma garota. Em todas as oportunidades que podia me elogiar, ele o fazia. Também pegava em minhas mãos, tocava meus cabelos sem nenhum motivo aparente, e me dava beijos nas bochechas com muita frequência. Confesso que eu não poderia dizer que não estava gostando. Pelo contrário, eu gostava cada vez mais e queria mais e mais ficar ao lado dele, provocar situações em que pudesse estar ao lado dele.

– Chegamos! – disse, se encaminhando à saída do ônibus. Nós descemos a poucos metros da casa dele.

A casa de Gustavo era enorme, com o pé direito muito alto. Nos fundos dela ficava uma quase idêntica, onde a avó dele morava. Hoje, os pais dele estavam instalados casa da frente, construída para que eles voltassem para a nossa cidade. Gustavo

se dividia entre as casas, mas eu não gostava muito de ficar perto da família dele, apenas da vó Célia.

Eu estava pronta para seguir para o quarto dele, mas ele pegou minha mão e me guiou até o jardim que ficava no meio, entre a casa dele e da avó; ao lado da piscina havia uma velha árvore com uma casa em miniatura. Muitos dias nossos tinham sido ali.

Nós fomos para lá de mãos dadas e meu rosto corava. Eu gostava muito daquela sensação do seu toque; ele subiu e me ajudou a subir em seguida. Tivemos que nos abaixar para entrar, porque nenhum de nós dois conseguia ficar em pé ali. Assim, Gustavo ligou as luzinhas que decoravam tudo por ali, e se sentou. Sentei-me ao seu lado. A casa toda era de madeira e havia algumas almofadas e dois cobertores.

– Minha mãe me pergunta até hoje onde está esse cobertor.

– Eu disse sorrindo e pegando minha manta.

– Se você contar para ela por que nós os deixamos aqui, ela nunca mais vai deixar você vir. – Ele disse rindo.

Gustavo estava muito próximo. O espaço da casa da árvore não deixava que nenhum dos dois pudéssemos esticar as pernas. Eu podia sentir o cheiro da primavera entrando pela janelinha lateral. A noite já tinha caído, mas o ar continuava quente e era cortado por brisas frescas.

– Eu acho que você já sabe que não te trouxe aqui para estudarmos. – Ele disse, eu podia ver suas bochechas corarem. Eu queria poder segurá-las e apertá-las com força.

– Não? – eu falei surpresa. Minha respiração ofegava.

– Não... – ele disse se inclinando para frente, tocando nossos lábios. Meu primeiro beijo.

Eu senti que flutuava em uma nuvem branca e fofinha. Gustavo segurou minha nuca de leve e me aproximou mais, quando me perdi completamente naquele beijo, e na sensação fervilhante que meu estômago sentia.

Gustavo se afastou um pouco e eu soltei a respiração, que eu nem sabia que estava prendendo. Eu sentia que ia desmaiar. Ainda estávamos perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor do corpo dele.

– Espero que você também esteja sentindo isso. – Ele disse sorridente.

Eu assenti e uni nossos lábios novamente. Ficamos ali, não sei dizer por quanto tempo, mas as estrelas brilhavam mais naquela noite, e eu desejava que ela nunca tivesse fim.

Capítulo 1

Aniversário

12 de novembro, terça-feira.

Era uma manhã um tanto quanto ensolarada quando entrei pelos portões da escola. Não é como se eu esperasse grandes comemorações naquele dia, porém estava certa de que, pelo menos, algumas coisas aconteceriam.

Cumprimentei timidamente o porteiro, que conversava na guarita, e depois as faxineiras que limpavam a entrada. Por algum motivo, já queria ter recebido meus primeiros parabéns, mas a espera não seria longa. Caminhei lentamente, sentindo como se meu estômago fosse implodir, até um grupo composto por 7 pessoas.

A primeira a vir até mim foi a minha melhor amiga, Helena. Ela tem abraços tão confortáveis que são capazes de fazer você se sentir totalmente bem. Ela é sensível, doce e atenciosa, a melhor pessoa do mundo para chamar de amiga. Seu jeito espontâneo, mas apenas com as pessoas certas, me fazia amá-la. Seus olhos refletiam a verdade sempre.

Nós somos parecidas, ambas tinham cabelos escuros e peles claras. Mas eu gostava mais de sol do que ela – minha pele é morena do sol, do tempo, a dela é quase transparente. Nossas diferenças estavam basicamente no corpo: enquanto Helena tem seios fartos, eu tenho quadris largos; ela é uns quilos mais magra do que eu.

– Parabéns, garota! – ela disse com o sorriso mais sincero que eu poderia receber.

Vivian, que é a garota mais fofa e meiga do mundo, veio me desejando felicidades nesse dia importante para mim. Eu sou apaixonada nela: seu jeito meigo a fazia ser a melhor pessoa do mundo; tem a pele negra e seus cabelos estavam sempre bem trançados. Ela é alta e linda, não uma modelo de revista irreal e utópica, mas realmente bonita, por dentro e por fora, uma pessoa que tem um brilho próprio. Além da beleza estonteante, seu coração também é puro. Eu sempre a achei a mais linda de todas nós, mas ela mesma não tinha essa visão, graças ao Marcelo.

Letícia veio e me deu um abraço tímido. Eu nunca soube, de verdade, qual era a dela. Sempre foi muito apática com tudo, inclusive conosco, o que me deixava muito desconfortável. É autêntica, decidida, parecia sempre saber o que dizer. Eu confiava no fato de que ela era uma boa pessoa, pois era uma ótima amiga quando precisávamos, principalmente para Vivian, de quem sempre foi mais próxima. É ruiva por colorir o cabelo que, na realidade, era loiro. É bem magra e sua pele tem muitas sardas. Magra e baixinha, é a menor de todos nós e parecia muito mais nova do que realmente é.

– Você já tem em mente o que vai fazer hoje? – disse Vivian, assim que me deu os parabéns.

– Não, para falar a verdade. – respondo.

– Então se prepare. – ela disse.

As três riam como se escondessem algo supersecreto e quisessem muito me contar.

Logo em seguida, recebo os parabéns dos meninos ali presentes: Ricardo, namorado de Helena; ele era para ela o que Gustavo era para mim: melhor amigo e maior parceiro. Desde que se conheceram, começaram a fazer tudo juntos e passavam horas e horas jogando, o hobby preferido deles.

Em seguida, recebo o abraço de Marcelo, um jovem dúbio. Na minha opinião, ele não merecia Vivian. Enquanto ela era coisa mais fofa do mundo, ele era o cara mais ignorante que eu conhecia, pois sempre estava fazendo piadas e brincadeiras inapropriadas, e nunca parecia gentil. Contudo, era um grande amigo de Gustavo, e Vivian parecia estar completamente apaixonada por ele, o que nunca me permitiu falar o que eu realmente pensava sobre ele.

E foi então que ele apareceu ao meu lado: Gustavo me puxou para um abraço confortável, seguro, e sussurrou “parabéns” no meu ouvido, o que me fez sentir um pouco de cócegas.

Eu e Gustavo somos namorados? Bem, não oficialmente, porque somos melhores amigos. No entanto, há menos de uma semana, nós tínhamos nos aproximados de outra maneira.

Eu me afastei e olhei para ele. Seu sorriso me fazia querer beijá-lo, mas quando eu estava pronta para isso o sinal tocou. Distanciei-me de Gustavo e comecei a caminhar rápido para as escadas. Uma onda de pessoas vinha atrás de mim, enquanto ouvia o sinal tocar mais uma vez.



Estávamos na última aula, todos ansiosos para ir embora. A professora dava as últimas explicações sobre a matéria e estávamos nos preparando para um final de semana repleto de provas de vestibular; todos estavam cansados e preocupados, mas

sabíamos que não havia muito o que ser feito naquela semana, mas apenas relaxar e esperar.

Eu já não conseguia mais prestar atenção no que estava sendo dito, pois minha mente voava distraída para tentar aliviar o cansaço. Era o último ano da escola, tínhamos provas, vestibulares, formatura e a escolha do curso para nos preocupar. Assim, as provas em um mês; os vestibulares em uma semana, a formatura seria uma pequena solenidade e uma viagem que já estava programada desde o primeiro ano. Tudo decidido, exceto uma coisa: qual curso eu faria na faculdade? Mas, antes que eu pudesse começar a encasquetar com isso novamente, a porta da sala abriu. Olhei para aquela direção e meu coração parou por um segundo.

Um homem entrou pela porta, tinha cerca de 1,70 de altura, 10 cm mais alto do que eu. Seu cabelo negro estava bem cortado, perfeito, como se tivesse acabado de ser feito. Vestia uma camisa social que desenhava seus músculos bem definidos. Algo nele me era familiar, quase como se eu já o conhecesse. Eu pude ver seu olhar passeando pela sala, e era quase como se eu pudesse ouvir o que ele pensava. Seus gestos queriam passar confiança, mas ele parecia inquieto. Eu o estudava minuciosamente e, enquanto ele conversava com a professora de matemática, meu coração estava disparado e minha boca seca. Eu prendia o ar enquanto analisava cada parte de seu rosto, buscando incessantemente coisas que me fizessem lembrar de onde eu o conhecia.

Por um minuto, eu desviei o olhar para ela e vi que também estava aérea. Não era só eu quem mostrava meio tonta diante dele: tudo o que ele falava, fazia ela concordar como uma boba.

– Olá, turma! Vim me apresentar para vocês. Meu nome é Leonardo, sou o novo coordenador, vim substituir a Lídia, que entrou de licença–maternidade ontem, após entrar em trabalho de parto. – Ele deu uma pequena pausa, para que todos pudessem assimilar o que foi dito.

Seu olhar se encontrou com o meu por um segundo e, por mais que parecesse coisa da minha cabeça, ele me reconheceu.

– Meu tempo será curto aqui, principalmente com vocês, que daqui a pouco se formarão, mas eu espero que nós tenhamos uma relação de ajuda e compreensão. O que precisarem de mim, estarei aqui.

O sinal anunciava o final das aulas e liberava aqueles adolescentes famintos para o tão desejado almoço. Leonardo se dirigiu até a saída, dando um pequeno aceno de cabeça para a professora, que ainda parecia estar sem ar.

Arrumei minhas coisas sem muita pressa. Não posso mentir, minha mente estava concentrada naquele homem que havia acabado de conhecer, o que me fez gastar mais tempo que o necessário, mas eu também desejava ir para casa sem aquele tumulto de apressados.

Importante revelar um fato sobre mim: eu odeio aglomerações. Tenho o que se pode chamar de “agorafobia”, que está relacionada ao medo de multidões e concentração de muitas pessoas, como shows, filas, ônibus lotados. É uma condição bem comum, mas que me faz querer a todo custo evitar, por exemplo, os corredores lotados da minha escola. Era claro que tinham mais alunos que podiam suportar, portanto, eu sempre chegava antes da entrada e saía após todas as pessoas. Assim, caminhei distraída até

a porta da sala, onde meus amigos me esperavam. Letícia era a única que não estava; Helena e Ricardo riam de algo; Marcelo, Vivian e Gustavo pareciam estar confabulando.

Sorri despreocupada para eles, e estava pronta para ir embora sem dar muita atenção.

– Onde a senhorita pensa que vai? – Vivian falou segurando meu braço.

Eu olhei para todos ali e me repreendi por não ter pensado que essa era uma razão mais do que óbvia para estarem me esperando ali. Era meu aniversário.

– É a idade, gente! Ela está ficando velinha. – Ricardo falou e todos riram. Eu fiz uma careta para eles e nós começamos a descer as escadas.

Gustavo veio rindo na minha direção e me deu um beijo na testa, que me fez corar. Todos os momentos com ele me faziam ficar abruptamente vermelha; ele era tão fofo e delicado comigo. Nós não havíamos conversado muito naquele dia, mas, em todos os momentos que estivemos juntos, ele não se importou de fazer demonstrações de afeto, mesmo ouvindo várias piadinhas daqueles que nos cercavam.

Descemos três andares de mãos dadas e seguimos para a saída. Gustavo se distanciou de mim para dar instruções ao grupo. Todos iríamos juntos até o local da minha surpresa, e eu já conseguia imaginar onde seria. Afinal, não havia tantos lugares possíveis por perto.

– Terra para Alice, alguém aí? – disse Helena chegando perto de mim.

– Desculpa. Estou um pouco distraída

– Vi a sua expressão agora há pouco – ela disse bem baixo, para que ninguém pudesse ouvir. – Ele é realmente atraente.

Eu revirei os olhos e Helena sorriu.

– Se você está irritada, é porque achou! – ela disse, rindo.

– É só uma sensação estranha. Como se eu o conhecesse.

– Amor de outras vidas? – ela disse, me fazendo cócegas, e eu ri.

– Para com isso! – eu a empurrei de leve. – Estou concentrada em outra coisa agora, eu e Gustavo.

Nós ouvimos um barulho e nós voltamos para a rua. Vivian estava atônita, um menino estava caído no chão e Marcelo gritava desesperadamente. Helena correu e afastou Vivian dali. Quando eu estava pronta para ir até lá, senti alguém passar rápido por mim, seguido por Letícia.

Leonardo entrou no meio dos dois e perguntava o que tinha ocorrido. Gustavo segurava Marcelo pelo braço e pedia calma a ele.

– Esse idiota estava dando em cima da MINHA namorada! – Marcelo gritava para o outro garoto.

– Já chega! – Leonardo parecia tentar não perder a paciência. Olhava para os dois com um olhar intimidador, o que me fez tremer, e eu nem ao menos sabia o porquê. – Os dois parem agora, ou vão ser suspensos. É isso o que querem?

O menino tentava argumentar que não havia feito nada, mas Leonardo não pareceu se importar. Vivian parecia querer sumir e eu fui em sua direção para tentar ajudá-la. Contudo, algo me empurrou, fazendo perder o equilíbrio; eu fechei os olhos e me preparei para o impacto, não conseguiria me manter em pé. Na mesma velocidade que eu quase caí, fui puxada de volta. Travei em pé novamente,

sentindo algo me envolver. Minha respiração era ofegante. O contato fazia com que meu corpo arrepiasse e, por segundos, que duraram minutos, estava paralisada, tendo meu corpo dominado por alguém. O toque parecia familiar e íntimo, e ao mesmo tempo, era novo e diferente de qualquer coisa que eu já havia sentido.

– Me desculpa. – Leonardo me soltou devagar, talvez com medo de que eu caísse a qualquer momento – Quase fiz você cair, Alice. Me perdoe. Estou tão nervoso que não te vi aí.

Eu olhei para ele interrogativa. Ele sabia quem eu era, sabia meu nome?

Eu continuei paralisada, não sabia como reagir àquela súbita proximidade.

– Você está bem? – ele perguntou com uma expressão realmente preocupada. Eu deveria estar parecendo alguém que bateu a cabeça.

– Sim. – respondi com dificuldade.

Ele sorriu, se curvou brevemente e seguiu os passos largos para dentro da escola.

Eu fiquei ali parada, ainda um pouco atônita pela rapidez com que as coisas ocorriam. Eu demorei um tempo olhando para a direção em que ele desapareceu.

– Vamos? – disse Gustavo ao meu lado, sem que eu tivesse visto ele chegar. “Há quanto tempo ele estava ali?”, pensei – Ricardo vai dirigir o carro do Marcelo, pois não está em condições. Helena, Marcelo e Vivian vão com ele. Você vem comigo no meu carro. Letícia foi na frente para preparar tudo. Espero que nada mais nos atrapalhe.

– Vai me contar aonde vamos?

– Óbvio que não – ele pegou na minha mão e me guiou.

Sáímos da escola e fomos em direção ao centro da cidade. Marcelo e Vivian iam muito na frente, e Ricardo e Helena iam um pouco na nossa frente. Estava um dia lindo de sol, perfeito para fazer aniversário.

– O que aconteceu ali? – perguntei assim que saímos.

– Parece que um garoto se declarou para Vivian. Marcelo ouviu tudo, ficou irado e bem...

– E bateu nele? Que bela atitude não?

– Eu vou tentar conversar com Marcelo, mas ele tem estado impossível. – Gustavo disse receoso.

Nós seguimos por mais uma quadra e eu começava a ficar ansiosa. Aquela coisa de não saber para onde você está indo é realmente angustiante.

– Eu estive pensando, Alice. – ele interrompeu o silêncio e olhou para mim. – Desde que eu voltei do intercâmbio, a gente se aproximou muito, mais do que já éramos próximos.

Ele parecia um tanto nervoso. Eu olhava para ele, esperando o que viria a seguir.

– Eu comecei a ver você de uma forma que não imaginava...

Eu gelei. Uma ansiedade louca apertava meu coração. Gustavo reduziu um pouco a velocidade e eu estava completamente focada em suas palavras que nem percebia que chegávamos perto do restaurante, aquele que deduzia ser o local da surpresa. Lá serviam, em sua maioria, *fast food*. Era comum irmos até lá por ser algo mais informal, e que nos permitia conversar por horas e horas. Todos os nossos amigos nos esperavam na porta quando Gustavo fez um sinal com a mão, e Letícia se aproximou de nós: e ele pegou

um pequeno buquê das mãos dela. Meu coração gelou, meu estômago começou a borbulhar. Como era típico, ele parecia ter a maior calma do mundo e sem muitas preocupações, mas eu podia ver que suas mãos tremiam. Gustavo se ajoelhou na minha frente e pegou minha mão:

– Você quer namorar comigo?

Fiquei sem ar. Desde o nosso primeiro beijo, tudo aquilo era o que eu mais pensava. Eu sentia que o meu grande sonho estava se concretizando, viver uma paixão louca e verdadeira, como dos filmes de romance a que eu assistia.

– Sim! – disse trêmula e sem ainda conseguir acreditar.

Todos os meus amigos aplaudiram e gritaram, um verdadeiro escarcéu. Gustavo se levantou e passou a mão delicadamente pelo meu braço, meu ombro, pescoço e, por fim, chegou até minha bochecha vermelha como pimenta. Ele se inclinou até mim e me deu um beijo delicado nos lábios, um beijo doce e calmo, como algodão doce. Recebemos os parabéns de todos que estavam ali, um por um. Os meninos brincavam, minhas amigas pareciam ter um milhão de coisas para dizer, entre conselhos e felicitações. Eles estavam, sem dúvida alguma, mais animados do que eu, se é que isso é possível.

Entramos no restaurante e nos sentamos em uma mesa redonda, de forma que as conversas ficavam dinâmicas e todos perto um do outro. Fizemos os pedidos; como já tínhamos o costume de nos reunirmos por ali, já sabíamos exatamente o que desejávamos. Em poucos minutos, já recebíamos nossos pedidos e comíamos enquanto conversávamos.

– A nossa sorte foi o coordenador chegar, se não, Marcelo seria expulso por agressão. – Letícia disse enfática, após contarmos a ela o ocorrido.

A mesa tinha ficado em silêncio e a fala dela se sobressaiu. Gustavo pareceu, incomodado, e eu não fazia ideia do motivo.

– Eu disse para Vivian que ele não queria só amizade. Ela insistiu que ele era amigo dela. – Marcelo disse de forma agressiva, Vivian se retraiu na cadeira, e eu podia ver lágrimas em seus olhos.

– Ela não tinha como saber, Marcelo. – eu respondi, defendendo minha amiga, que me lançou um olhar agradecido, mas tímido. – O que não justifica a sua atitude.

Senti que Marcelo me fuzilou com o olhar, mas eu não liguei nem um pouco. Mordi meu sanduíche e me virei para o lado como se nada tivesse acontecido. Gustavo estava ali, um tanto apreensivo com essa movimentação, pois ele sabia que Marcelo era autoritário às vezes. Ele viu que eu estava olhando para sua direção e abriu um sorriso; logo, senti meu corpo se preenchendo aos poucos, porque a felicidade dele me deixava feliz.

Esquecemos qualquer mal-estar e começamos a gostar da presença dos amigos enquanto comíamos, o que nos agradava muito. Demos muitas risadas, falamos sobre diversos assuntos e, após a comida, jogamos nosso jogo de baralho favorito juntos. Enquanto isso, Gustavo e eu trocávamos olhares cúmplices, os mesmos que já estávamos acostumados a trocar, mas que agora ganhara uma outra conotação. Ele constantemente me abraçava e me fazia algum carinho.

Eu comecei a pensar que seria melhor ir embora por conta do horário. Quando estava pronta para comunicar minha saída, um

bolo foi levado até a mesa. Começou um coro de “parabéns para você” e minhas bochechas coraram. O restaurante inteiro se juntou aos meus amigos e eu, como a maioria das pessoas nos parabéns, não sabia como reagir. O bolo era de chocolate, meu favorito, escrito “parabéns” em cima com uma calda e decorado de morangos. Eu estava completamente satisfeita, mas aquela visão fez meu apetite se abrir. O “com quem será?” foi com Gustavo, obviamente, que me roubou um beijo na frente de todos.

Após cortar o bolo e comer eu mesma o primeiro pedaço, avisei a Helena que iria embora, pois encontraria meus pais no trabalho. Ela começou a se levantar junto comigo para nos despedirmos de todos, pois mesmo sob protestos, duas pessoas indo embora era quase inevitável impedi-las.

– Posso te levar até lá, meu amor – disse Gustavo, com um tanto de receio. Não sobre o me levar, mas sim sobre o apelido carinhoso.

– Não precisa. Posso ir sozinha. – recusei, tentando ser a mais educada possível. Eu até gostaria que ele me levasse, mas não sabia se desejava que ele falasse com meus pais, pois queria contar eu mesma.

– Por favor, eu vou com você, tenho que conhecer meus sogros. – Ele disse com uma risadinha, que me tirou o ar por um segundo.

– Você já os conhece, seu bobo! – eu sorri de volta e a expressão de alegria dele foi recompensadora. O que custaria falarmos juntos? Meus pais gostavam muito dele, não ficariam tristes com a notícia – Mas tudo bem, você pode ir comigo.

Saímos do restaurante de mãos dadas, junto com Helena e Ricardo e nos despedimos deles um pouco à frente, na entrada da rua onde Helena morava; ela me fez prometer que eu ligaria para ela à noite, e me deu os parabéns mais uma vez antes de seguir seu caminho. Depois continuamos por mais duas ruas e chegamos ao trabalho dos meus pais. Eles tinham uma escola de ensino básico e fundamental, que foi o lugar que eu estudei até os 10 anos, e onde conheci Gustavo e Helena. A saída das crianças estava acontecendo e o movimento de carros era intenso.

– Você gostou do seu dia? – ele perguntou ao chegarmos dentro das dependências da escola.

– Sim, gostei muito! – respondi com sinceridade.

– Você não sabe como fico feliz por isso. – Ele disse, me arrancando um beijo.

Cumprimentamos os funcionários que, em sua maioria, trabalhavam lá desde a época em que estudávamos. Subimos uma rampa de acesso até as salas e, em seguida, viramos no corredor para a sala dos meus pais; a porta estava fechada, sinal de que estavam em reunião. Ficamos no corredor esperando, enquanto as últimas crianças passavam apressadas para ir para suas casas.

– Preciso ir ao banheiro, já volto. – Gustavo disse, saindo.

Olhei ao redor e percebi que a movimentação parava aos poucos. Reparei em uma menina que estava sentada de cabeça baixa em um banco perto da sala da direção, onde estávamos. Reconheci quase de imediato: era Laura, da primeira turma, não tinha mais do que 4 anos. Ela parecia muito aborrecida, olhando para baixo, não percebi ter me visto, mas me aproximei e me sentei ao seu lado.

– Olá, pequena. – disse, sorrindo para ela.

– Tia Alice! – ela sorriu de volta e me deu um abraço. Todas as quartas-feiras depois da aula, eu ia até a escola fazer um momento de leitura com as crianças, então todas elas me conheciam bem. – Semana que vem vai ter livrinho?

– Claro, Laura!

Ela pareceu se alegrar, porém, quando a porta se abriu ao seu lado, sua cara se fechou novamente.

Uma mulher loira saiu parcialmente de dentro da sala, não muito feliz. Ela era bonita, bem-vestida e jovem, não devia ter mais do que 30 anos.

– Já disse que não gosto dessa escola para ela e pronto. – disse muito brava. – Quando esse período de adaptação da guarda acabar, nós voltamos a nos falar. – ela saiu completamente e estendeu a mão para Laura. – Vamos embora, filha.

Laura levantou e deu a mão à mãe, batendo os pés. As duas foram embora. Quando eu estava pronta para adentrar na sala dos meus pais, percebi que mais alguém ainda estava por lá. Foi tão rápido que eu não pude nem assimilar o que havia acontecido antes

– Me perdoem mais uma vez – disse uma voz de dentro da sala. – Ela não quer conversar, compreender nada.

Leonardo saiu da sala acompanhado de meus pais, que tinham semblantes preocupados. Ele viu Gustavo, que estava chegando ao meu lado, e franziu a testa, em sinal de interrogação. Ao olhar para o lado e me ver, seu rosto pareceu compreender a situação, o que para mim não fez sentido algum. Então, nossos olhares se cruzaram por um segundo novamente, porque a forma

como ele olhava me intrigava. Eu queria sustentar aquele olhar, mas ele o desviou e encarou meus pais.

– Nós entendemos que esse é um momento muito complicado. Nossa única preocupação é a Laura. Essas alterações de humor dela podem atrapalhar seu desenvolvimento nesta fase tão importante. – disse minha mãe.

– Eu vou conversar com a Patrícia e, principalmente, vou conversar com a Laura. – ele respondeu, tentando parecer esperançoso, mas era visível seu cansaço. – Obrigado por nos chamarem.

– Não precisa agradecer, Leonardo – meu pai disse – É nosso papel como escola.

– Boa noite! – ele despediu-se, virou-se e foi embora. Por um segundo, eu queria chamá-lo, tentar pedir uma explicação para o que ele havia falado mais cedo.

Eu me levantei e continuei olhando para ele, indo embora.

– Alice, meu amor! – disse minha mãe assim que ele se virou. Ela me abraçou forte e eu retomei minha atenção. – Como foi o seu dia?

– Tudo bem, mãe! – respondi, me erguendo para, logo em seguida, ser quase derrubada novamente pelo meu pai me abraçando.

– Oi, Gustavo! Quanto tempo você não vem nos visitar! – minha mãe o abraçou também, e meu pai o cumprimentou, com um aperto de mão.

– Hoje eu tive um motivo muito especial, dona Flávia. – ele se aproximou devagar, e pegou a minha mão. – Queria falar com

vocês que pedi a Alice em namoro, e nós ficaríamos muito felizes em ter a aprovação de vocês.

Minha mãe olhou para mim interrogativa, mas era clara a sua felicidade. Nós costumávamos conversar sobre tudo, então o estranhamento dela era perfeitamente normal. Meu pai estava atônito, não tinha reação nenhuma, sua expressão me fazia querer rir, mas o momento não me permitia.

– Claro que aprovamos, Gustavo! – disse minha mãe rapidamente. – Vocês formam um belo casal!

– É bom cuidar dela direitinho, Gustavo. – Meu pai disse extremamente sério – não se esqueça de que sou amigo dos seus pais!

– Pode deixar, senhor André. Vou cuidar dela sempre! – ele me abraçou de lado e beijou minha cabeça em sinal de proteção.

– Vamos comemorar lá em casa hoje! – disse minha mãe toda feliz – Afinal, seu aniversário ainda não acabou.



Quando a noite caía, me despedi de Gustavo com um beijo longo, um beijo de verdade. Depois de tantos beijos tímidos e em público, estar nos braços dele era uma sensação incrível. Aquilo me fazia sentir bem, confortável. Sua mão pousou sobre minha cintura e me puxou de leve para perto dele e cada minuto juntos parecia que a fazia crescer a intimidade. Antes éramos amigos íntimos, falávamos muito um com o outro, mas o que amigos comumente falam. Essa intimidade era completamente diferente, era algo intenso que borbilhava.

Ele parecia realizado nas horas que ficou na minha casa. Vimos filme, comemos pipoca e conversamos muito com meus pais. Sua mão sempre me procurava, todos os momentos me fazendo algum carinho, segurando a minha ou afagando meu rosto. A última vez que o vi tão feliz foi em sua festa de despedida para o intercâmbio.

Fechei a porta de casa e fui até o meu quarto, meu lugar favorito no mundo. Liguei as luzes, o computador e troquei de roupa. Assim que peguei no computador, vi que Helena havia me mandado mensagens e me ligado por vídeo, mas não estava mais *online*.

Escrevi no meu diário sobre o que havia ocorrido e então fui dormir. Minha escrita falava sobre as comemorações do meu aniversário, Gustavo e ele: Leonardo. Por algum motivo, era um pensamento recorrente, e eu não sabia bem a razão. Logo afastei meus pensamentos, e tentei me concentrar em adormecer. Ele era só um homem atraente, nada mais.

Capítulo 2

Amizade

14 de novembro, quinta-feira.

– Alice, acorda! – Helena me chamava enquanto me balançava.

– Tão cedo? – resmunguei sem nem conseguir abrir os olhos.

– Temos muito o que conversar. Levanta!

Eu, contra minha vontade, fui até o banheiro, lavei o rosto e me sentei na minha cama, ao lado de Helena. Ela já estava esparramada lá. Estávamos acostumadas a ir à casa uma da outra.

– Me fala, como foi ontem?

No dia anterior, Gustavo me levou até um parque da cidade.

– Foi ótimo! Maravilhoso! – eu disse sonhadora. – Gustavo me levou ao parque e ficamos a tarde toda juntos, nos divertindo nos brinquedos, respirando ar puro e gostando da presença um do outro.

– Ele deve estar apaixonado por você mesmo! – Helena disse sorrindo.

– Com certeza, sim! – eu disse aos suspiros. – Quando a tarde caiu, viemos para cá e vimos dois dos nossos filmes favoritos. Meus pais demoraram a chegar em casa, então pudemos ficar mais livres.

– Livres, é? – ela disse me provocando, e fez cócegas em mim.

– Pode-se dizer que as coisas esquentaram um pouco, mas não deixei ir muito além.

– Eu entendo, ainda está cedo! – ela pareceu realmente compreensiva. – Fico de verdade feliz por você. Mas...

– Mas o que Helena?

– Eu vi sua baba escorrendo ontem. Esqueceu de que eu me sento ao seu lado?

Eu enrubesci. No dia anterior, Leonardo havia substituído nosso professor de história e deu aula em seu lugar. Eu amava história, era uma das minhas possibilidades de escolha para faculdade, contudo, aquela foi a melhor aula que eu já tivera, porque ele explicava e exemplificava, andava pelo quadro fazendo demonstrações no mapa e desenhos explicativos. Eu passei a aula inteira imersa na explicação dele e talvez, como Helena tinha dito, eu tenha deixado um pouco de baba cair.

Eu mal havia conversado com ele depois do seu primeiro dia como nosso coordenador, apenas algumas conversas casuais e envoltas de inúmeras pessoas. Tudo que eu sabia sobre ele era que se formou em história, sempre vestia roupas sociais e que todas as garotas da escola já estavam aos seus pés.

Durante aqueles dias, ele era o único assunto de todos na escola: as meninas o idolatravam, os meninos o odiavam.

– Eu apenas o achei interessante ... eu e todas as garotas da nossa escola. – disse nervosa, mas era óbvio que ela tinha percebido que ele tinha me tirado dos eixos. – Mesmo que eu realmente pensasse sobre a possibilidade de gostar dele, ele é bem mais velho, trabalha na nossa escola e tem uma filha; deve até ser casado.

Helena me olhou interrogativa.

– Bem, em primeiro lugar: ele tem 30 anos, de acordo com o perfil dele na internet; segundo: nós nos formamos em 1 mês, então ele é nosso coordenador temporariamente; terceiro: como você sabe da filha? Mas enfim, não é casado.

Olhei para ela assustada. Helena às vezes podia ser muito investigativa quando queria.

– A Laura estuda na escola dos meus pais, eu o vi lá.

– Interligados de várias formas! – Helena disse gritando, e eu tapei sua boca.

– Helena, para com isso! Eu só conversei com ele uma vez.

– Como assim!?

– Foi breve. – ela não pareceu muito satisfeita com a minha resposta. – Ele esbarrou em mim quando estava voltando para a escola, no dia em que apartou a briga de Marcelo. Ele quase me

derrubou no chão, mas me puxou a tempo para que eu não caísse. Ele me pediu desculpas e perguntou se eu estava bem, mas o mais estranho é que ele sabia meu nome.

– Como ele sabia seu nome? – ela perguntou assustada.

– Eu não sei, e ele também não explicou.

– Alice, me escuta, é o destino! – eu a reprovei com o olhar.

– Mas falando sério, não tem problema nenhum em achá-lo atraente, todo mundo achou, até a Lucrecia. Contudo, se ele te deixasse com dúvidas do seu relacionamento com Gustavo, então, sim, era o momento de se repensar.

– Nunca! Como eu poderia trocar Gustavo para ficar com Leo? Eu e Gustavo temos uma história. – No instante em que terminei de falar, minha mãe chamou para o café. – Vou me trocar antes que você me deixe louca. Me arrumei para sair e fomos para a mesa da cozinha onde minha mãe havia preparado dois achocolatados e dois mistos quentes.

– Bom dia! Vocês vão querer carona, meninas? – minha mãe perguntou.

– Claro, mãe!

Comemos em silêncio, eu só conseguia pensar na conversa que acabávamos de ter. Helena me conhecia bem, eu não precisava falar muito para ela saber o que eu estava sentindo. Mas eu não entendia ainda o porquê daquela atração estranha por Leonardo, e Gustavo era realmente alguém especial para mim.

Terminamos de comer e fomos para a garagem esperar meus pais. Eu queria dizer mais, mas eu precisava compreender tudo antes. Acabamos falando sobre o vestibular, enquanto

esperávamos. Faríamos a prova em lados opostos da cidade; eu perto de casa, ela mais longe.

– Gustavo vai fazer na mesma escola que eu. – comentei. – Talvez a gente até saia depois que as provas acabarem...

– Vai ser bom para vocês, espero que aproveitem.

– Me sinto bem com ele, vai dar tudo certo.

– Mas e a história de amar de verdade, paixão, que você sempre quis? – ela indagou bem no meu ponto fraco.

– E quem disse que eu não estou apaixonada por ele?

– Alice, Gustavo foi sempre o homem por quem você pensou que iria se apaixonar e viver uma história de amor. Paixão não é para ser planejada assim!

– Bom dia, meninas – meu pai chegou, acompanhado de minha mãe.

Entramos no carro e fomos para a escola, novamente sem dar um pio, apenas ouvindo as músicas e nos entreolhando. Em minutos nós estávamos na escola. A minha casa ficava a 20 minutos de qualquer coisa no centro da cidade, o que dava muitas vantagens de deslocamento. Quando chegamos, a maior parte dos estudantes já estava lá. Nos despedimos de meus pais e fomos para a portaria. Na entrada, pude ver Ricardo e um outro menino conversando.

– Perdi minha melhor amiga, então, até mais. – Eu brinquei com ela, que olhou me repreendendo.

– Vou só dizer “oi”, pode ir na frente que eu te alcanço. Quando chegar à sala, guarda meu lugar. – ela me empurrou de leve, implicando e demos risada.

Acenei para eles e segui para o pátio. Leo estava lá, perto da cantina, conversava com um menino bem mais novo que eu e uma garota da minha sala. Eu parei por um instante antes de seguir, não sabia bem o porquê. Fiquei ali esperando, olhando de longe.

Ele terminou a conversa com os dois e virou-se para ir embora. Deu alguns passos e parou na frente do mural de recados. Eu queria seguir para a sala de aula, mas eu não conseguia me mexer. Olhava para Leonardo que passava a mão no cabelo e respirou fundo. Balançou a cabeça levemente e começou a voltar na direção das escadas.

Cada movimento que ele fazia me deixava mais hipnotizada, cada segundo que passava me sentia menos capaz de me mover. Ele era de verdade o homem mais charmoso que eu havia conhecido, algo nele me fazia querer estar nos braços dele como no dia em que ele me segurou.

Talvez fossem os ombros largos, os olhos misteriosos, os músculos bem definidos ou seu sorriso.

Antes de subir as escadas, ele olhou para trás, na minha direção. Por um segundo, seu rosto mudou de expressão, como se estivesse esperando me ver ali; contudo, ele rapidamente voltou a olhar para frente e logo me deixou olhando para as escadas sem poder mais vê-lo.

Eu segui para as escadas, indo para minha sala, que ficava no penúltimo andar, e estava com vergonha de ter sido pega espiando. Minha mente trabalhava a mil, eu brigava comigo mesma por ter feito aquilo. Quando eu cheguei ao meu andar, pronta para virar para minha sala, fui interpelada:

– Bom dia, Alice. – Leonardo falou, fazendo-me parar de andar. Meu coração disparou, eu prendi a respiração. – Também tenho este péssimo hábito de espiar, não posso julgar você. Eu corei e resolvi ignorá-lo; continuei andando e ele segurou meu braço de leve. O toque dele na minha pele fez meu corpo arrepiar.

– Desculpa. – ele disse chegando perto de mim. Seu tom não era mais o mesmo. Ele agora não estava mais agindo como fazia com todas as pessoas, ele parecia mais real. – Eu só fiquei feliz de ver você ali me observando.

– E por que isso faria você se divertir? – eu disse, me virando para ele. Isso fez com que ele me soltasse, o que me deixou arrependida de ter me virado.

– Eu gosto de chegar 30 minutos antes do horário de saída da Laura. Sempre pego ela na escola. – Ele coçou a cabeça, envergonhado. – Você tem uma ótima leitura, cativou não só a minha filha.

– Obrigada. – disse atônita. – É muito gentil da sua parte.

De repente eu olhei diretamente para seus olhos. Eu nunca senti nada parecido com aquilo. Era como se eu não precisasse dizer nenhuma palavra, pois eu poderia dizer tudo a ele só com aquele olhar ... poderia ver todos os seus sentimentos e pensamentos só dele estar ali.

– Desculpe-me por nunca ter me apresentado. Eu gostava do anonimato, mas quando vi você por aqui... – ele deu uma pausa longa, a tensão entre nós crescia. – Não tive mais como evitar.

– Teria sido um prazer saber que tenho um admirador. – eu disse enrubescendo.

– Agora você sabe, Lice. – ele disse, e imediatamente mudou seu semblante, como se tivesse dito algo que não podia. – Eu posso te chamar assim?

O sinal tocou. Os alunos subiriam até as salas e as aulas começariam.

– Eu preciso ir. – Leo falou indo em direção a sua sala.

– Leo. – eu falei receosa. Ele se virou para mim, seus olhos brilhavam, seu sorriso estava totalmente encantador. Ele havia voltado ao estado normal, charmoso, mas inalcançável. – Você pode.

– Até mais, Lice. – Ele piscou em minha direção, e eu segurei a respiração.

Fui para minha sala, me sentei na cadeira habitual, deixei minhas coisas no canto, e tirei uns livros da bolsa para colocar no lugar de Helena. Eu não conseguia deixar de pensar em tudo o que havia acontecido. Ele parecia uma pessoa de verdade enquanto nos falávamos, e eu não sei por que aquilo me deixou mais atraída ainda. Ele me assistia e ler os livros nas quartas, meu *hobby* favorito.

Quando eu estava pronta para me sentar no lugar, Gustavo veio em minha direção, e me abraçou por trás. A sensação de estar com ele esvaziou minha mente e preencheu meu coração. Ele beijou minhas bochechas e minha nuca.

– Bom dia, meu amor.



Meus amigos e eu nos sentamos perto um do outro. Era quinta-feira, dia de aulas muito leves, o que nos permitia ficar a maior parte do tempo fazendo palhaçadas. Estávamos na aula de

artes naquele momento, e trabalhávamos em um projeto incrível que Helena desenhara. Nos dividíamos em turnos, Helena ou Vivian se revezavam para ajudar/supervisionar o projeto. Elas são, sem sombra de dúvidas, as mais talentosas.

Eu e Gustavo estávamos sentados, nosso turno havia sido o primeiro, portanto, estávamos livres até a próxima aula. Falávamos sobre a viagem dele: foi à França, comia nas praças públicas à tarde, andava de metrô para fazer quase tudo, visitou o máximo de pontos turísticos, até mesmo os menos conhecidos, como Le Marché de Belleville, um mercado da cidade. Ele dormia em um albergue que havia muitas pessoas, de diferentes nacionalidades e, nos finais de semana, ia até o interior do país de trem. Ele me contou que tinha conhecido um restaurante muito bom, que uma pessoa o recomendara. Não se alongou muito sobre a pessoa, só disse que a comida era maravilhosa.

– Eu conheci um restaurante que ficava aberto o dia todo! Eu mesmo fiquei lá com Sarah por umas 14 horas. – ele disse, relembrando uma viagem que havia feito uma vez. Deu uma risada linda, mas algo me foi estranho.

– Quem é Sarah? – eu perguntei. De todas as vezes que ele havia me contado da viagem, de todas as pessoas que ele havia citado, ele nunca havia falado sobre essa pessoa.

– Ninguém, amor. – ele disse distraído, mas parecia tenso. Exatamente do jeito que ele ficava quando estava me escondendo algo.

– Gustavo, eu conheço você. – falei mais firme. – Você sabe que eu não vou ligar se fosse uma namorada sua ou algo do tipo.

Ele não me respondeu. Começou a olhar para frente e fingir que prestava atenção no que a professora dizia para o grupo que estava perto de nós.

– Gustavo. – Eu o chamei mais firmemente, e ele se virou para mim.

– Você fica linda irritada. – ele passou a mão pelo meu rosto, pegou uma mecha de cabelo e colocou atrás da minha orelha. Ele tinha um tom como se apenas estivesse pensando alto. Eu corei.

– Alice! – Helena falou firme, como se já tivesse me chamado diversas vezes. Ela estava junto a Vivian, as duas pareciam imergidas em um mundo delas.

– Você não vai fugir de mim. – Eu disse, e ele sorriu.

Me levantei e fui até a mesa que elas estavam paradas. O desenho estava sobre ela, e agora, que estava no meio do progresso, dava para ver que aos poucos ficava magnífico.

– Eu estou maravilhada! – Letícia, que também havia sido convocada, falou o que eu também pensei.

Helena era perfeita em coisas manuais, em qualquer tipo de arte. Seus desenhos de personagens eram simplesmente magníficos e esse não poderia estar diferente, pois era talentosa para desenhar. Uma deusa em um lago, algo misterioso, que provocava a pessoa que observava a querer saber mais sobre a obra, mais sobre o autor.

Vivian estava supervisionando as cores e a pintura, pois seu traço fino e delicado davam uma espécie de vida ao desenho: os tons que ela havia escolhido deixavam qualquer um de queixo caído. Ela fazia isso com tudo na sua vida, tentava escolher os tons

certos para fazer com que tudo fosse perfeito, se encaixasse de forma única.

Letícia tinha dom para música, e era, sem dúvidas, a melhor musicista que tínhamos. Ela odiava cantar ou se exhibir, mas tinha um jeito único de se expressar na música e no cotidiano. Sempre imprevisível, sempre tempestuosa.

Meu único talento era escrever. Eu sempre ficava encarregada de redigir todos os textos, fossem eles de qualquer gênero e tamanho: trabalhos para apresentar, redações, pesquisas. Tudo sempre acabava na minha mão.

– Não foi para isso que chamamos vocês! – Helena respondeu séria.

– Vamos almoçar juntas, jogar papo fora. Preciso disso e acho que todas nós! – respondeu Vivian. Ela parecia determinada, mas falava baixo e olhava o tempo todo para os lados, como se algo a pudesse interromper a qualquer momento.

– Desde que começamos a namorar, não saímos sem nossos namorados, não viajamos sem eles, não nos sentamos sem eles! – Helena falou.

O sinal tocou, fim da aula. Eram 13 horas, meu estômago pedia pelo almoço.

– Vamos almoçar juntas! – Vivian disse, sem nos dar escolha, já se virando para pegar suas coisas.

Eu e Letícia nos entreolhamos e rimos, repetimos o que Vivian havia feito, fomos até nossas mesas. Gustavo já estava com tudo pronto, e estava guardando meus materiais.

– Pode deixar, meu amor. – falei com confiança. Estava me acostumando àquele apelido carinhoso que Gustavo sempre falava

e sempre sorria ao me ouvir falando.

Arrumei tudo e, quando olhei ao redor, vi que éramos os últimos na sala, exatamente o que eu queria. Assim evitaria qualquer tumulto.

– Vamos almoçar juntos? – ele disse, chegando atrás de mim e me dando vários beijos na nuca. – Eu sei que não vou poder fugir de você.

– Não posso, fiquei de almoçar com as meninas.

– Tudo bem, me dá mais tempo então.

Eu sorri e me virei para ele. Beije seus lábios e ele me segurou mais perto.

– É melhor irmos. – eu disse relutante. – Tenho meia hora até encontrá-las, pode me fazer companhia?

Gustavo me roubou um último beijo e pegou a minha mochila, em meio aos meus protestos. Nós fomos para as escadas até a rua apostando corrida. Gustavo era muito melhor que eu nisso, mesmo carregando duas mochilas.

– Aqui fora posso te beijar sem você tentar escapar?

Um momento perfeito de comédia romântica. Ele olhou para mim, como se pedisse autorização e eu me inclinei em sua direção. Meus lábios tocaram os dele, sua língua pediu passagem e nós nos envolvemos naquele beijo demorado. Parecia que o mundo se resumia naquele momento, até que uma voz fez com que eu voltasse à realidade.

– Boa tarde, meninos. – disse Leonardo com um sorriso amistoso.

Quando eu reconheci a voz, empurrei levemente Gustavo e me encolhi, como se tentasse me esconder, sem saber exatamente

o motivo. Leonardo olhou para o lado no segundo seguinte, e seu sorriso amistoso fugiu quando me viu. Eu não conseguia olhar para mais nada. Seus olhos sustentavam meu olhar, o mesmo olhar que eu vi mais cedo. Eu tentava escapar, mas uma luta invisível me prendia àquele momento.

– Boa tarde, Leonardo. – Gustavo falou sério, claramente percebendo aquela troca de olhares, e nem um pouco satisfeito. Ele não era bobo, sabia que aquele momento havia sido estranho.

Meus olhos transpareciam o que meu corpo sentiu, um desejo irracional. Desejo que deveria estar sendo dedicado a ele. Leonardo piscou forte e saiu em direção ao seu veículo. Me abaixei, e comecei a procurar algo na minha mochila, apenas para evitar que Gustavo perguntasse qualquer coisa. Eu me sentia envergonhada, aquilo sem dúvida não era correto, mesmo que apenas um olhar ou um pensamento. Porém não adiantou muito tentar esquivar:

– Vocês já se conhecem, Alice? – ele assumiu um tom ríspido, quase não me chamava pelo nome desde que começamos a namorar. Ele estava irritado.

– Não, o conheci aqui. – falei a pura verdade. – Ele é pai de uma aluna da escola dos meus pais, você viu aquele dia, mas nunca havia o visto nem falado com ele.

Gustavo virou para frente, não muito satisfeito. Nós começamos a nos encaminhar para o restaurante onde comemoramos meu aniversário. Não o culpava, se ele realmente gostava de mim, era óbvio que não ia gostar daquilo. Chegamos rápido ao destino sem falar nenhuma palavra. Ele me deixou na porta do restaurante, e teria ido embora sem uma despedida decente se eu não falasse nada.

– Vamos juntos para o vestibular? Meus pais se ofereceram para nos levar amanhã, mas eu disse que não precisava. Fiz mal? – perguntei, segurando em sua mão. Queria me desculpar pelo que aconteceu, mas não tinha efetivamente ocorrido algo. Resolvi falar sobre outro assunto para tentar contornar a situação.

– Claro que não fez mal. – ele retribuiu o toque e olhou para mim pela primeira vez desde que saímos da rua da escola. Era claro que estava tentando resistir ao orgulho. – Te pego uma hora antes do horário marcado, pode ser?

– Está bem. – Eu subi minhas mãos, que deslizaram do seu braço ao seu ombro, até seu pescoço e, por fim, seu rosto. Segurei firme e me estiquei de leve até unir nossos lábios. Ele resistiu no início, mas poucos segundos depois, já o havia envolvido no beijo.

– Vocês podem arranjar um quarto? – Helena disse, se aproximando de nós. Me afastei de Gustavo com leveza, olhando para ele com um sorriso envergonhado. Compartilhamos um sorriso sincero e acalentador.

– Eu vou lá...se precisar de algo me liga. – ele sorriu, chegou perto de mim, e me deu um beijo na testa.

Entrei no restaurante na companhia das minhas amigas enquanto ele ia embora.



Já eram 19h. Pedimos quatro milkshakes. Conversamos durante 5 horas a fio sobre absolutamente tudo: os garotos, nossas famílias, nossa viagem de formatura, planos para o ano seguinte...

– Preciso falar uma coisa com vocês... – eu falei receosa, me escondendo enquanto bebia um gole longo do meu milkshake

de chocolate... – todas me olharam e eu respirei fundo. – Aconteceu algo muito estranho em relação ao Leo.

Elas ficaram em silêncio, todas atônitas. Além de Helena, nenhuma das duas sabia que eu estava secretamente alimentando admiração por Leo.

– Nós conversamos hoje, e ele disse que tem o hábito de me ver lendo para as crianças na escola dos meus pais.

– O quê? – Vivian parecia perplexa.

– EU SABIA! – Helena gritou.

– HELENA! – eu exclamei.

– E você? – Letícia perguntou.

– Eu não sei. Eu nunca poderia imaginar aquilo. Até vê-lo na escola, eu não fazia ideia de que ele existia.

– Mas como você se sentiu em relação a isso? – Letícia insistiu.

– Desde o dia em que eu o vi pela primeira vez, eu tive uma sensação estranha de que já o conhecia, mas hoje nós trocamos olhares e eu tenho quase certeza de que ele também sente isso. Apesar de não saber explicar direito o que é.

– Achei que você gostasse de Gustavo. – Vivian disse meio cabisbaixa. Eu sabia que ela torcia muito por mim e por ele.

– E eu gosto. – Eu afirmei depressa. – Ele é meu namorado, e é um namorado incrível ainda por cima. Eu amo estar com ele, ele é meu melhor amigo. Leonardo com certeza é só uma impressão errada que eu estou tendo sobre as coisas. Mas o Gustavo, não! Algo em mim sempre disse que eu acabaria ficando com ele. Eu gosto muito dos momentos que compartilhamos, como amigos e como namorados.

– Bem, eu não conheço bem nenhum dos dois. – Letícia falou. – Mas Gustavo e você estão juntos e, se você gosta de estar com ele, isso é um sinal claro de que tem que continuar com ele.

– Até porque o Leo é bem velho. – Vivian acrescentou.

– Eu quero muito que você se atire no Leo e viva uma loucura uma vez na vida. – Helena disse calma e todas olharam para ela. – O que foi? Ele parece ser um cara legal, é gato e deve ser experiente...

Eu levei a mão no rosto para esconder minhas bochechas mais do que vermelhas. Elas riam da minha cara enquanto eu só tinha vontade de me esconder.

– Só vai com calma, por favor! – Vivian disse ainda rindo. – ele provavelmente só vai querer isso com você mesmo. Um rapaz da idade dele não quer romance.

Um silêncio pairou entre nós.

– Acho que tenho que ir – eu tentei trocar de assunto – Já está meio tarde, e nem falei com meus pais que eu estaria aqui.

– Tenho que falar com o Marcelo. – disse Vivian que, depois de olhar a hora no celular, pareceu bastante apreensiva.

– Vi, está tudo bem? – Letícia olhou para ela preocupada.

– Sim, é só porque tenho que falar com ele. Ele não parece contente de eu ainda estar aqui – ela parecia envergonhada de dizer aquilo.

– Como assim? – falei, aumentando o tom de voz.

Ela pareceu querer chorar, lágrimas apareceram em seus olhos. Vivian abaixou a cabeça e mordeu os lábios.

– Você quer conversar sobre algo? Qualquer coisa! Você sabe que estamos aqui sempre! – olhei para as meninas, todas

compartilhavam da minha preocupação.

– Eu não posso, não agora... – ela pegou sua mochila e se levantou. – Desculpa, eu preciso ir.

Ela saiu, claramente desestabilizada. Letícia se levantou e a seguiu; Helena ia fazer o mesmo e parou.

– Temos que pagar a conta!

– Vai lá, eu acerto e depois a gente divide.

Helena correu na direção em que as outras duas foram. Eu pedi a conta ao garçom e olhei meu celular. Tinham duas ligações da minha mãe e uma de Gustavo. Paguei o que havíamos consumido e me encaminhei para o lado de fora, querendo achar mais sinal para poder ligar.

Quando estava pronta para ligar para minha mãe, ouço uma discussão. Ao olhar na direção das vozes, pude ver Leo e a mulher que estava com ele na reunião com os meus pais, a mãe de Laura, Patrícia, se não me engano. Eu podia vê-los um tanto quanto exaltados, ouvir suas vozes, mas não conseguia distinguir exatamente o que diziam. Leo sinalizou o outro lado da rua, na minha direção, mas para minha sorte ele não olhou ao falar. Sai dali e fui até a esquina, mas continuei observando.

Eles foram atravessar a rua e Patrícia não olhou. Leo a interrompeu antes que ela pudesse dar mais algum passo e um carro passou correndo. Ele estava com os braços ao redor dela e eles estavam muito próximos. Ele pegou a mão dela e ambos seguiram para o restaurante que eu estava anteriormente. Eu queria poder entrar novamente e ouvir sobre o que eles conversavam. Será que era uma tentativa de retorno? Falavam sobre a escola dos meus pais? Mas segui com os questionamentos na minha mente,

até que a poucos metros de casa, eu me lembrei que deveria ligar para minha mãe, e assim o fiz.

– Mãe? – disse assim que ela atendeu.

– Oi, meu amor! Tivemos uma reunião de pais hoje, estamos indo para casa em alguns minutos. Você já chegou em casa?

– Não, ainda não, mas estou bem perto, vou tentar falar com o Gustavo, mas devo ir a pé. Te vejo daqui a pouco!

Desligamos e eu comecei a caminhar até em casa, em cinco minutos estaria lá. Fiz minha segunda ligação.

– Oi, meu amor! Tentei te ligar, você não deu notícias. Os meninos estão aqui em casa, estamos jogando vídeo game. Nenhum deles tinha informações sobre as namoradas, Marcelo está pirando aqui.

– Estou indo para casa agora, as meninas já foram também, depois te conto todos os detalhes.

– Tudo bem! Conversamos depois. – Ouvi alguém o chamar no fundo. – Te ligo mais tarde!

– Vou esperar! – uma súbita saudade me subiu no peito.

– Eu tenho que ir! – a voz o chamou de novo. – Beijo, amor.

Ele desligou o telefone quando eu entrava em casa. Botei minhas coisas no quarto, peguei uma roupa confortável e fui tomar um banho. Estava cansada, minha cabeça só pensava nos acontecimentos dos últimos dias e nos desafios da próxima semana. Enquanto a água escorria pelo meu corpo, eu pensava sobre as provas e sobre minha maior questão no início da semana, antes de toda a confusão amorosa, o que cursar na faculdade.

Ouvi passos e as vozes dos meus pais. Desliguei o chuveiro e me vesti. Escovei o cabelo e saí para encontrá-los. Os dois

estavam na cozinha, tinham trazido pizzas e estavam pegando os pratos e talheres para comermos.

– Oi, filha! – minha mãe veio em minha direção e me deu um beijo – Está com fome?

– Não muita... – fui até ao meu pai, cumprimentei-o e depois me sentei à mesa. – Como foi o dia de vocês?

– Nada demais – meu pai respondeu. – Essa reunião é que deu dor de cabeça.

– Tenho pena do Leo, eu entendo perfeitamente os motivos pelos quais ele se separou da Patrícia. – minha mãe falou, desabafando.

– Leo? – perguntei, antes que eu pudesse me impedir.

– Sim! Ele é um pai atencioso, cuidadoso e conhece bem a filha. Já a ex-mulher dele quer culpar a nós pelas alterações de humor de Laura, não vê que a culpa é da separação e da instabilidade do lar. Quis fazer um escândalo no meio da reunião, dizendo que a filha não estava evoluindo, mas sim regredindo. Ela tentou colocar os outros pais contra nós.

– O importante é que nenhum deles acreditou, porque as crianças aprendem muito com o método que nós implantamos. – meu pai tentou acalmar minha mãe, que bufou ainda indignada. E prosseguiu:

– Flávia, ela não quer admitir que a culpa é dela, mas o próprio Leonardo não a deixou avançar em nós durante a reunião. – meu pai fez carinho em minha mãe, em um gesto acolhedor. – Só temos que torcer para ela não dar mais esses shows, principalmente se ele não estiver por perto.

Uma súbita raiva junto a uma indignação me subiu. Como essa mulher teve a coragem de falar mal dos meus pais, da escola onde eu cresci e participo até hoje. Se ela estivesse na minha frente eu falaria boas verdades para ela.

– Vamos comer antes que esfrie essa pizza. Me conte, Lice, o que fez hoje? – perguntou minha mãe, distribuindo as fatias pelos pratos.

– Eu e as meninas fomos almoçar juntas, acabamos ficando por lá a tarde toda conversando.

Comemos a pizza enquanto nós conversávamos mais detalhadamente sobre nossos dias. Quando terminei meu último pedaço, meu telefone tocou. Era Helena.

– Oi, amiga! Chegou bem em casa? – ela perguntou.

– Sim, amiga. Mas e você? Como chegou em casa? Conseguiu falar com a Vivian?

– Cheguei bem. – ela deu uma pausa. – Agora, sobre Vivian. Ela não quis nos ouvir, muito menos conversar. Disse que depois esclareceria tudo com calma. Estou preocupada.

– A gente sabia sobre o temperamento dele, mas isso está parecendo um relacionamento abusivo. Precisamos agir, não podemos ignorar uma amiga que precisa de ajuda! – falei exaltada, odiava com todas as minhas forças homens babacas. – Vamos ficar de olho nela e em qualquer pedido de socorro, mesmo que implícito. Não podemos deixá-la sozinha.

– Só estou pedindo para que aquilo tenha sido só um mal-entendido. Ela gosta muito do Marcelo, não vai querer prejudicá-lo mesmo se ele a estiver magoando. – ficamos em silêncio, sabia que Helena estava tentando, de todas as formas, pensar sobre o que

poderia acontecer se fosse verdade, exatamente como uma mãe faria.

– Eu vou desligar, preciso falar com a minha mãe! Te vejo amanhã!

Mandei mensagem para Gustavo, dizendo que nos falaríamos no outro dia. Não queria falar com ele naquele momento, não depois da conversa com Helena. Tudo ficava cada vez mais confuso. Fui até meu quarto, peguei meu notebook e coloquei uma série para assistir.

Gustavo às 00:17: “Pensando em você. Por que não consigo tirar você da minha cabeça?”

Alice às 00:18: “Estou assistindo série, quer ver comigo?”

Gustavo às 00:18: “Se você perguntar de novo, vou aí”

Alice às 00:18 “Acho que vou perguntar então!”

Gustavo às 00:19: “Você é minha perdição, garota! Vou tentar dormir agora, vê se sai da minha cabeça.”

Alice às 00:19: “Prometo que não vou mais atrapalhar.”

Sorri sozinha no meu quarto. Eu estava cada vez mais envolvida naquilo tudo. Gustavo era perfeito. Ele me fazia me sentir confortável e alegre. Era uma coisa tão leve, um sentimento tão carinhoso. Fechei o computador e o coloquei de lado. Me deitei e comecei a escrever. Apesar de todas as coisas que tinham acontecido hoje, a que eu era mais grata era pelas minhas amigas. A amizade delas é, para mim, muito rara e especial. Adormeci rápido, com um sorriso bobo nos lábios.

Capítulo 3

Provas

16 de novembro, sábado.

Ouvi um barulho estranho e repetitivo: abri os olhos com muita dificuldade e olhei o relógio. 3h40 da manhã. Virei-me na cama, na tentativa de pegar no sono novamente, mas de novo o mesmo barulho me acordou. Fui até a janela, tentar descobrir o que era e, como em um conto de fadas, debaixo da minha janela estava ele, Gustavo, jogando pedrinhas para que eu fosse abrir.

– Vou subir! – ele disse, já pronto para pular para dentro. A janela ficava a alguns poucos metros do chão e, por ser primeiro andar, facilmente ele poderia entrar.

– Vou abrir a porta, só me dá um segundo.

Fui ao banheiro, lavei o rosto para despertar e abri a porta. Dei um beijo rápido nele e o pedi para entrar.

– Seus pais não vão se importar?

– Eles não estão em casa, nem vão saber.

Nos finais de semana, eles costumavam ir para nossa casa que ficava no interior da cidade. Normalmente eu ia com eles, mas, de uns meses para cá, resolvi deixar para que eles tivessem seus momentos e para que eu pudesse estudar em casa sem muito barulho. Eles trabalhavam juntos e poderia ser bem estressante se não pudessem espairecer. Portanto, eu ia apenas quando eles insistiam muito e hoje não era o caso, ainda mais neste fim de semana, que eu teria duas provas para fazer, uma no sábado e outra no domingo.

Ele entrou e foi para o meu quarto. Enquanto fechava a porta e o seguia, reparei que ele estava de pijamas e tinha uma mochila nas costas.

– O que raios você está fazendo aqui a essa hora? Aconteceu algo? – perguntei entrando pelo meu quarto.

– Estou ansioso para a prova de amanhã. Achei que você pudesse me ajudar. – Ele sorriu, um dos seus sorrisos maravilhosos, e eu quis me jogar em seus braços.

E foi o que eu fiz. Abracei-o e senti seu cheiro invadindo meu olfato. Gustavo era um príncipe, doce por dentro e por fora. Ele me segurou pela cintura, beijou minha testa e acariciou meu cabelo.

– Você está com carinha de sono. – ele constatou.

– São 3h da manhã, o que você queria? – falei fingindo revolta e ele riu de mim, fazendo me sentir especial por ter arrancado um sorriso dele. – Vamos dormir, por favor.

– Tenho certeza de que, com você ao meu lado, eu vou conseguir!

Ele me soltou e caiu na minha cama, que estava atrás dele. A cama era de solteiro, mas eu tinha certeza de que caberíamos perfeitamente. Deitei-me na cama, e me aconcheguei em seu ombro. Antes que pudesse dizer ou ouvir mais alguma coisa, já estava dormindo novamente.



Abri os olhos lentamente, havia muita luz invadindo o quarto. Forcei-me a acordar, apesar de o meu corpo implorar para continuar ali. Procurei por Gustavo, mas ele não estava no quarto. Levantei-me e fui ao banheiro, arrumei meu cabelo e escovei os dentes. Eram 9h da manhã. Retornei para o quarto e lá estava ele,

me esperando com dois sanduíches e dois copos de suco. Passar a noite abraçada com Gustavo aqueceu meu coração, fez-me sentir amparada, mas vê-lo na cama me trazendo “café” era muito mais acalentador.

– Bom dia, princesa. – ele levantou e veio me dar um beijo. Calmo, seguro e tranquilo. Ele me puxou para sentar na cama e nós nos beijamos por longos minutos. – Eu sei que seus pais não vão gostar de eu ter dormido aqui sem eles, mas eu converso com eles sem problema nenhum.

– Eles não precisam saber... – olhei para ele, de uma forma que lhe fez transparecer desejo. Ele olhava para mim, como se visse mais do que estava apenas à sua frente.

– Eu nunca senti isso por ninguém. Eu olho para você, eu... – ele mesmo se interrompeu e me beijou. Os beijos foram ficando mais quentes, nossos corpos mais juntos.

– Gustavo... – eu me afastei, totalmente contra minha vontade. – É melhor não.

– Eu sei que para você está tudo muito no início, mas não tem problema. Eu espero você o tempo que for. – ele olhava para frente, para mim, mas parecia olhar através do meu corpo.

Coloquei minhas mãos em suas bochechas e beijei sua testa. Ele segurou firme a minha cintura, me puxando para mais perto. Sua cabeça se aninhou em mim e eu afaguei seus cachos.

– Conseguiu dormir? – eu falei enquanto me afastava lentamente e pegava meu sanduíche.

– Eu demorei um pouco, mas ter você tão pertinho me ajudou muito. – ele disse, dando uma mordida no sanduíche.

Eu corei de leve e sorri.

– Vamos fazer algo depois que a prova de hoje terminar?

– Melhor não, meu amor! – ele parecia muito triste de recusar. – Melhor irmos para casa descansar. Serão dois dias muito cansativos.

Eu dei de ombros. Ele tinha razão, realmente seria cansativo. Eu terminei de comer e me levantei. Peguei uma roupa que considerava boa para sair, mas confortável também. Uma calça larga e uma blusa da minha banda favorita, que já estava gasta, mas ainda era meu xodó. Não queria nada apertando ou pinicando, nada que tirasse a concentração. Saí do banheiro e arrumei uma bolsa pequena, com os documentos, canetas, comida e água. Tudo preparado!

Gustavo tinha saído do quarto, quando voltou, estava com uma calça de moletom cinza e uma blusa azul marinho. Ele estava especialmente bonito, não sabia o porquê. Talvez meus olhos estivessem começando a me enganar com os filtros do amor.

– Você está linda. – ele disse ao chegar. Deu-me um beijo rápido e uma florzinha que ele tinha arrancado do jardim. – Para dar sorte.

Eu sorri, não sabia nem o que dizer. Beijeio-o como forma de gratidão e coloquei a flor na minha bolsa. Ele era realmente a coisa mais fofa do mundo.

– Vamos? Não podemos nos atrasar! – eu falei segurando sua mão guiando-o até a saída.



Antes de chegarmos ao local de provas, almoçamos e ficamos conversando em uma lanchonete perto de onde o vestibular seria aplicado. Combinamos que esperaríamos o outro ali naquele

mesmo lugar. E assim foi: Gustavo não estava lá quando eu cheguei, estava cedo demais, ele usaria até o último minuto para poder pensar.

Sentei-me na cadeira do balcão e pedi um café e cookies para reanimar os ânimos depois daquelas horas sentada, sentindo o cérebro fritar. Eu fiz a prova consideravelmente rápido. Não, não estava difícil, e a prova não poderia ser melhor, era meu dia de prova mais fácil, com literatura e história. Fiz as questões como alguém tomava sorvete, mas 120 questões sobre 4 matérias diferentes não era saudável.

Assim, bebi um gole grande de café. Ainda faltava 1 h no mínimo para Gustavo aparecer, então, resolvi sentar-me e esperar mais confortavelmente. Virei-me com a bandeja para ir às mesas. Contudo, a última coisa que eu poderia esperar aconteceu. Leonardo estava ali, olhava para mim diretamente, como se estivesse me observando por muito tempo. Ele tinha um pacote de papel e segurava um sonho. Eu olhei para ele interrogativa... eu o havia visto junto a outro professor nosso perto do local de prova. Os professores se dividiram para dar apoio aos alunos naquele momento de tensão para tranquilizar os mais ansiosos antes de as provas começarem. Contudo, encontrá-lo novamente ali não estava nos meus planos.

Não, não era possível. Ele só podia estar me seguindo! Ele tinha falado sobre me ver lendo na escola dos meus pais, começou a trabalhar na escola onde eu estudava, agora isso? Minha mente queria explodir. Fui até ele, num ato impetuoso, querendo explicações. Eu parei na frente dele, que tinha os olhos vidrados em mim.

– Por que você está aqui? – eu disse um tanto alto. As pessoas ao redor se viraram para olhar.

Eu podia sentir o calor da sua pele daquela distância. Ele prendeu a respiração. Sua expressão, apesar de calma, revelava um fundo de preocupação. Ele respirou fundo e disse:

– Você quer se sentar?

Eu deveria pensar que eu era completamente louca. Eu gritei com ele e depois silencieei, não sabia o que fazer. Não queria ficar nem mais um minuto diante dele, não se estava me seguindo, pelo que parecia. Mas, ao mesmo tempo, cada centímetro do meu corpo pedia por aquilo. Assim, sentei-me bem devagar, na frente dele, coloquei a bandeja na mesa e olhei em seus olhos. Pensei no que dizer, perguntar por que ele estava em todos os lugares.

Ele me queria, podia ver em seus olhos e na forma como ele agia. Eu o queria, por mais que minha mente falasse não; todas as outras partes do meu corpo diziam sim. Foi então que eu fui a sua direção, e ele na minha. O beijo foi calmo e carinhoso no início, mas sedento e voraz. Sem pensar e sem perceber, eu estava sentada em seu colo. Suas mãos fortes percorriam meu corpo, me puxando para perto, cada centímetro fazendo arrepiar. O beijo falava por nós, nos envolvia mais a cada segundo. Não precisávamos de palavras, era apenas aquela sensação louca. Nada nem ninguém poderia ficar entre mim e ele. Parecia que tudo estava certo, o mundo finalmente fazia sentido nos braços dele. Seus lábios faziam cada segundo valer a pena.

– Alice, está me ouvindo? – ele falou me tirando do transe. Eu pisquei repetidas vezes e consegui voltar à realidade.

Ele me olhava preocupado, como se eu fosse desmaiar a qualquer segundo. Eu estava sentada ao lado dele, paralisada. Eu havia ficado louca, me imaginado beijando-o. Mas havia sido muito real, a sensação, o sentimento...

– Eu... estou sim – disse, muito nervosa. “Se concentra”, disse a mim mesma. – Você não está me seguindo, está?

– Eu moro aqui perto, só vim tomar um café. – ele disse, parecia querer dar a resposta certa. – Desde que me, mudei não faço muitas refeições em casa, a não ser na semana em que Laura está comigo.

Seus olhos pareciam pesados, percebi que havia olheiras em seu rosto, seu sorriso era fraco. De repente ele parecia mais real, menos um homem sedutor, assim como da última vez que nós conversamos. Pelo que meus pais sempre comentavam dele, era um pai que vivia em função da sua filha, sem nenhum outro objetivo claro.

– Eu vim fazer prova aqui. – apontei na direção da escola que aplicou o vestibular.

– Eu sei, vi você mais cedo. – ele sorriu. – Não achei que você estava me seguindo, como uma louca. – senti-me muito envergonhada, eu não estava com meu juízo no lugar, definitivamente. Eu queria poder sumir! Acusei-o sem provas e sem motivos. – Fica tranquila, eu acharia a mesma coisa no seu lugar. Afinal, um dia eu te falo que espio você ler histórias infantis todas as quartas-feiras e agora eu estou aqui.

– Você não deveria ficar brincando com essas coisas. – eu disse séria. Ele poderia ter me visto uma ou duas vezes, mas todas as quartas...

– Sobre as quartas-feiras? Não estou. Peço desculpas de verdade, não foi apropriado. Da próxima vez, vou entrar para dizer “oi”... – Ele sorria com o canto da boca. O sorriso mais desconcertante do mundo. Era misterioso, sincero e sarcástico.

– E eu nunca vi você? Nenhuma vez?

– Duvido muito que você conseguisse me achar. – Ele disse dando uma mordida no sonho. O creme escorreu pelo canto da boca dele e eu fiquei tentada a ajudá-lo a limpar.

– Desafio aceito.

Ele sorriu, uma risada de verdade. Estendeu a mão para mim e eu a apertei com força. Eu não pude deixar de corar. Nossos olhos entraram em transe novamente. Eu e ele ficamos naquele momento novamente, como se ele pudesse ver a minha alma. Eu reparei em cada pequeno detalhe do seu rosto, a forma como tinha pequenas rugas de sorrisos, seus lábios levemente voluptuosos, seus olhos que pareciam esconder um milhão de segredos.

Ele respirou fundo, com o ar meio sonhador, ou talvez eu estivesse delirando novamente. Ele interrompeu aquele momento e olhou para a frente por um segundo, e mudou o semblante. Pediu licença rapidamente e se levantou. Fiquei olhando-o se movimentar com uma grande interrogação na cabeça.

– Eu tenho que ir, você já vai entender o porquê. – ele pegou sua sacola de papel, que ainda tinha algum conteúdo dentro e estava pronto para partir. – Até mais, Lice.

Ele se virou e foi em direção oposta à saída, virou na porta para o banheiro e sumiu. Então o sino que ficava na porta do estabelecimento tocou. Gustavo passou pela porta distraído, ainda meio tonto de ter saído da prova. E então eu entendi: ele me viu

com Gustavo em mais de uma oportunidade, deveria saber que ele não ficou feliz depois da troca de olhares, e não queria que meu namorado visse que estávamos lá juntos. Eu não estava doida em pensar que ele sentia aquilo também. Não completamente.

Levantei-me, fui até a direção de Gustavo e encostei-me no seu braço; ele se virou e sorriu ao me ver, me deu um beijo rápido e acariciou meu rosto. Eu sorri de volta para ele, não muito certa de nada. Apenas sabia que precisava sair dali com Gustavo, queria me afastar de Leonardo e queria conseguir pensar em tudo com calma.

– Podemos ir embora? – perguntei-lhe. Eu parecia urgente, não consegui disfarçar.

Eu não tinha medo de ele ver Leonardo, não era como se eu o estivesse traindo ou coisa do tipo. Minha mente só havia voado alto, não era o certo, mas eu não fiz efetivamente nada. E eu gostava de Gustavo, gostava do que ele poderia me proporcionar: paz, carinho, felicidade. Minha razão implorava para que eu ficasse ao seu lado, para que fugisse daquele sentimento que não conseguia explicar; afinal, se não sabia o que era, deveria ser afastado.

– Tem algo incomodando você. – ele afirmou, ficando imediatamente preocupado. – Vamos, você me explica no caminho.

E foi aí que tudo deu errado. Terminei meu café rápido e, enquanto colocava os cookies em uma sacola, um casal entrou na lanchonete, fazendo com que o sino tocasse novamente. Eu estava pronta para sair com Gustavo, quando Leonardo achou prudente aparecer. Ele claramente pensou que o barulho da porta fôssemos nós deixando o estabelecimento.

Eu peguei a porta antes que ela pudesse fechar novamente e olhei para trás. Gustavo não parecia mais interessado em sair. Leo encarava Gustavo, sua expressão era vazia, como se não soubesse o que fazer. Gustavo olhava para Leo com raiva, parecia querer agredi-lo. Eu senti prender minha respiração, meus pensamentos vinham à tona. Eu precisava sair dali, precisava fazer com que Gustavo se acalmasse. Era óbvio que ele havia entendido que o motivo do meu incômodo era Leo. Deveria estar deduzindo um milhão de coisas e foi então que eu tomei uma decisão impulsiva, mas já era típico de mim.

– Meu amor, vamos? – disse para Gustavo, enquanto me aproximava e colocava as mãos em seus cachos. A intenção foi fazê-lo focar em mim.

E deu certo, ele olhou em meus olhos, aquela expressão feroz ainda em seu rosto, segurou minha cintura, fazendo com que nossos corpos ficassem completamente colados. Seus lábios buscaram os meus, com uma voracidade e desejo que eu jamais havia sentido. Ele fez com que eu me sentisse flutuando.

Afastei-me o mais rápido que consegui. Leonardo olhava para nós, eu podia ver sua desaprovação, ele nem estava tentando escondê-la. Eu vi nele uma expressão que eu nunca queria ver em seu rosto novamente.

Gustavo pegou minha mão e me guiou até a saída, e depois ao ponto de ônibus. Leo sabia que eu e Gustavo estávamos namorando, mas por que eu não queria que ele visse aquela cena?, e, por mais que eu sentisse algo quando estava perto dele, não era como se aquilo fosse recíproco, e nem como se fosse um sentimento de verdade! Era apenas uma atração, algo que

acontece. Por que ele mexia tanto comigo? Por que eu sentira necessidade de estar com ele desde o primeiro dia? Por que ele me observava? Por que ele sempre estava no meu caminho?

Eu me sentia completamente perdida, sem saber o que fazer. Entrei no ônibus. Agradei por estar em casa em 10 minutos. Eu e Gustavo não dissemos nenhuma palavra. Os únicos sons que podíamos ouvir eram do trânsito e de mim devorando os meus cookies de forma nervosa. Quando descemos ônibus na parada da minha casa, eu sabia o que estava por vir.

– Eu acho melhor eu ir embora – Gustavo estava sério. – A não ser que você queira me explicar o que você estava fazendo com aquele homem.

– Eu não estava fazendo nada com aquele homem. Nós apenas conversamos – eu respondi no mesmo tom. Eu realmente não tinha feito nada, não era justo me acusar. Era como se ele soubesse o que passou na minha mente. – Se você quiser entrar, fica à vontade, mas não para me acusar.

Entre em casa, Gustavo veio logo em seguida e bateu à porta da sala. Sentei-me no meu sofá e tirei os sapatos. Gustavo se sentou na poltrona ao lado, se curvou para frente e entrelaçou as mãos. Ele esperava uma explicação, qualquer coisa que tirasse dele aquela impressão errada.

– Eu acabei a prova e fui até à lanchonete. Pedi café e cookies. Quando resolvi me sentar para te esperar, vi que o Leonardo estava lá. Nós conversamos. Ele disse que morava ali perto e que foi uma coincidência. Ele, do nada, se levantou e foi até o banheiro. E foi isso – eu omiti a conversa e meu delírio, mas o que eu podia fazer?

Eu não queria machucá-lo, e depois de hoje, qualquer possibilidade de alguma coisa com Leo estava descartada, então por que eu deveria falar com Gustavo sobre algo que não era mais uma questão, ou melhor, nunca foi uma questão?

– Tem uma coisa que eu não te contei. – ele falou sério, como se se culpasse. Ele não levantou a cabeça para falar, não queria que eu visse seu rosto. – Leonardo é meu tio.

Se ele tivesse gritado, dito que era mentira, teria sido mais razoável. Eu olhei para frente sem saber o que dizer. Eu odiava com todas as minhas forças não estar no controle, e eu não tive um minuto de controle desde que Leonardo apareceu na minha frente.

– Apesar de sermos muito próximos a vida toda, você não conhece muito a minha família, e sabemos o porquê. Eles nunca estavam lá sem ser pela minha avó. Então vamos lá. Ele, na verdade, é meu “ex-tio”. – Gustavo continuou falando. – Ele era casado com a minha tia Patrícia, irmã da minha mãe. Ela e minha mãe não foram criadas juntas; minha tia é filha do segundo casamento do meu falecido avô. Eu não me lembro de nenhuma oportunidade que vocês tenham se encontrado, mas você conhece Laura, minha prima. – deu uma pausa, deixou eu assimilar a informação.

– Ele e a Tia Patrícia estavam juntos desde a adolescência, terminaram depois de 12 anos juntos. Ele disse que não a amava mais e preferia terminar, aparentemente de uma hora para outra.

– Eu... – tentei dizer algo.

– Não, me deixa terminar. – ele me interrompeu. – Minha tia está muito mal desde então. Ele a deixou por aparentemente nenhum motivo. – e respirou fundo. – Ele é um ótimo pai, faz

questão de estar com a Laura todos os dias para se fazer presente na vida dela. Mas com a minha tia, as coisas eram diferentes. Eles brigavam muito. Ela dizia que ele era extremamente ciumento, controlador. Ele a seguia no trabalho, queria saber tudo que acontecia. – Ele continuou:

– O relacionamento deles sempre foi muito ruim, mas como ninguém sabia, o que mais surpreendeu a todos foi o fato dele se separar do dia para noite. De alguém totalmente ciumento e controlador, aparentemente cuidadoso demais, ele foi para alguém que queria o divórcio amigavelmente e saiu da vida da minha tia por completo – Gustavo estava visivelmente desconfortável, mas continuava:

– No início, foi terrível para ela, que ficou muito abalada. Mas agora ela está completamente melhor, sem ele, ela está livre e feliz. Ela se reaproximou da minha mãe, foi acolhida pela minha avó, está indo bem no trabalho e sendo confiante.

– Bom, só conheço sua tia da insistência dela em tirar a filha da escola dos meus pais.

– Ela quer colocar Laura em outro lugar há muito tempo, eu não vejo o porquê, mas Leonardo quer que ela permaneça a todo custo, o que a motiva mais em tirar minha prima de lá.

Eu dei de ombros, tentava digerir tudo que estava acontecendo. Era muito estranho pensar em toda aquela ligação entre Leonardo, Patrícia, Laura e Gustavo.

– Quando ela apareceu na casa da minha avó, pedindo por ajuda e nos contou toda a situação, minha avó não pensou duas vezes antes de acolhê-la, você a conhece. Meu avô faleceu há muitos anos e a mãe dela também já se foi. Somos agora a única

família que ela tem. Nossa família ficou chocada com tudo que aconteceu. A tia Patrícia nunca nos contou sobre como ele a tratava até que eles terminassem— meu namorado continuou. — Eu havia encontrado com ele poucas vezes na minha infância, mas os relatos dela me fizeram odiá-lo.

Eu assenti. Nunca poderia pensar que Leonardo era aquele tipo de cara, como Marcelo, um controlador e tóxico.

— Eu ia te contar no dia em que ele apareceu, mas era seu aniversário e eu acabei esperando...

— Você não precisava ter me contado, é uma coisa pessoal, só diz respeito a vocês.

— Não, Alice, não. — Ele estava aflito. — Você é minha namorada, não quero esconder nada de você. E além do mais, Leo sempre foi uma pessoa muito manipuladora e controladora com tudo. Hoje eu posso ver, não era só com a minha tia.

— Mesmo assim, eu não tenho nada a ver com isso.

— Eu só não quero que ele chegue perto de você, não quero que você seja mais uma das conquistas dele. — ele parecia realmente angustiado. — Minha Alice ser seduzida por aquele homem é demais para mim. Ele já quase destruiu minha tia, não vou deixá-lo chegar perto de você.

— Eu não vou ser uma das conquistas dele. — eu disse veementemente, mas nem eu mesma sabia até onde isso era verdade.

— Bem, Alice, Leonardo nunca levou um não, nunca perdeu uma batalha. Então, por mais que você não queira, ele pode ser bem insistente. Eu não te culparia se você acabasse se apaixonando por ele.

– Não há a mínima possibilidade de isso acontecer, Gustavo. – eu fui clara e ríspida. – Eu não serei uma conquista de um homem como ele. Se ele é isso mesmo que você descreve, eu só tenho pena dele.

Ele assentiu com a cabeça e olhou para mim, e parecia aliviado de ouvir aquilo. Eu passei a mão pelo seu cabelo, afaguei sua face e o puxei para perto de mim dando um beijo terno em suas bochechas, seu queixo e depois seus lábios. Ele chegou até mim com calma e carinho, como o habitual. Afastei-me e olhei para ele: seus olhos estavam mais calmos agora.

– Fica comigo? Não quero que você vá embora. – perguntei a ele, que disse sim novamente com a cabeça.

Eu me levantei e puxei-o pelas mãos até meu quarto, empurrando-o para minha cama...e ele riu ao cair. Tirei os seus sapatos e me deitei na cama ao seu lado. Eu fiquei olhando para cima e ele que se encaixou no meu ombro dessa vez. Acaricieei seu cabelo até ele cair no sono, apenas para dormir segundos depois.



Acordei um pouco assustada, me perguntando que horas seriam. Gustavo estava me olhando, um olhar terno e suave. Eu sorri ao ver que ele parecia melhor.

– Eu tenho que dormir em casa! – ele constatou.

– Que horas são? A que horas você vai? – perguntei enquanto ele levantava e colocava os sapatos. Estava sonolenta demais.

– São 22h e vou agora mesmo.

– Não, fica! – eu implorei, o que fez ele se curvar para me beijar. Eu o abracei e o preendi. Ao invés de ficar, pegou-me no colo. Por um segundo eu gostei, mas quando vi que ele não pretendia me colocar no chão, me desesperei. – Me solta!

– Vou levar você comigo! – ele foi comigo no colo até a porta de casa. Eu me debatia mais era impossível sair dali. Ele abriu a porta e só quando chegamos à rua ele me soltou. Meus pés estavam descalços e o chão pinicava um pouco a sola, fazendo cócegas.

– Isso não foi legal. – falei cruzando os braços e fingindo estar chateada. Ele acariciou minhas bochechas e eu logo sorri.

– Amanhã à tarde a gente pode sair, o que você acha?

– Vou contar os segundos. – ele me beijou pela última vez, e começou a caminhar pela rua.

Em poucos segundos, eu estava sozinha na calçada. Entrei e fui para o meu quarto novamente. Cheguei à escrivaninha e coloquei na rádio para distrair um pouco. Era bom estar sozinha, mas preferia ouvir algo no ambiente para me sentir mais confortável. Enquanto isso, minha mente fervilhava sobre Leo e Gustavo, mas eu queria me distrair; comecei a olhar para alguns papéis que estavam na minha escrivaninha, tentando organizar tudo. Vi um folder de instruções para a nossa formatura.

Em pouco mais de um mês, estaremos na nossa viagem, quatro dias em um *resort* com festas, piscina e comida à vontade. Por um momento, eu havia me esquecido completamente sobre a confusão que estava acontecendo. Ela estava planejada desde o primeiro ano e a maior parte da turma já havia aderido. Peguei-me sonhando em como será. Meu quarto será o mesmo que os das

minhas amigas, nós iremos para a piscina de manhã, jogaremos à tarde e dançaremos à noite. Piscina, praia, música, esportes e comida! Nada poderia ser melhor.

Deixei a imaginação de lado e resolvi me arrumar para dormir. Tomei banho, coloquei meu pijama, escovei os dentes, deitei-me, peguei meu celular e havia mensagens de Helena e dos meus pais.

Respondi rapidamente a ambos e disse a Helena que passasse na minha casa na segunda bem cedo, pois queria conversar com ela sobre o que havia ocorrido hoje. Deixei o celular de lado e a mente vagou. Não conseguia nem ao menos escrever sobre tudo que havia acontecido. Minha mente ainda vagava na notícia que Gustavo havia me dado. Demorei muito a adormecer, a cena do beijo com Gustavo e o olhar de Leo ficava se repetindo na minha mente.

Capítulo 4

Turbilhões

17 de novembro, domingo.

– Vamos, meu amor? – Gustavo perguntou assim que cheguei até ele.

Ele havia me buscado em casa e fomos fazer a última prova de vestibular. Demorei muito mais tempo para terminar, fui uma das últimas pessoas; nós resolvemos esperar um ao outro no ponto de ônibus dessa vez. Confesso que estava apreensiva, fiquei o tempo todo naquele bairro olhando para todas as direções, com medo de encontrar Leonardo.

Nós entramos no ônibus que ia para o centro da cidade, resolvemos que iríamos espairecer um pouco antes de ir para casa. Descemos assim que chegamos perto do centro. Andamos pela rua da prefeitura e logo à frente eu poderia ver a praça da cidade, iluminada e feliz, com muitas crianças correndo e brincando, e era o

ponto alto das famílias na cidade; lá acontecia os shows menores e mais centrais.

Nós adentramos o espaço e o cheiro de cachorro-quente inundou meu olfato loucamente. Olhei para Gustavo e ele não pensou duas vezes antes de me puxar para a barraca mais próxima.

Nos sentamos na grama enquanto comíamos. Nos sujamos muito, mas valeu cada mordida! Assim que terminamos, ele me puxou para perto e me abraçou. Nós ficamos daquela forma por longos momentos, que por mim poderiam ter durado eternamente.

No entanto, meu celular tocou.

– Alice! – Helena parecia ansiosa. – Você pode vir aqui? Precisamos conversar sobre O QUE FOI ESSA PROVA!?

– Calma! – eu não conseguia não rir do jeito como ela era engraçada. – Eu vou aí, me dá meia hora, vou passar em casa e pegar o pijama e o uniforme.

– PERFEITO!

Ela desligou antes que eu pudesse falar mais qualquer coisa.

– Você pode me levar para casa? Vou dormir na Helena. – eu disse me virando para Gustavo.

– Sim... – ele parecia um pouco triste.

– Ei, amanhã de manhã nos veremos novamente e passaremos o dia todo juntos! – eu disse, segurando seu rosto e dando pequenos beijos em seus lábios enquanto falava.

– Mas estaremos na escola, você não vai poder fazer isso, por exemplo.

Eu o enchi ainda mais de beijos, arrancando uma risada maravilhosa dele.

Nós fomos a pé. A casa de Helena era muito próxima de onde estávamos, cerca de 20 min. Ele estava bem-humorado, conversávamos animadamente, mas parecia que algo o incomodava. Eu empurrei de leve quando o assunto interrompeu por um momento e ele olhou para mim.

– O que houve? Não fica chateado! Hoje foi ótimo! – eu disse, tentando entender o que o incomodava

– Não estou, de verdade! – ele sorriu. Letícia vai estar lá? – ele perguntou, mas pareceu se arrepender no segundo seguinte.

– Por que quer saber isso? – eu perguntei achando realmente estranho. Ele e Letícia não eram muito próximos.

Eu nunca os vi nem olhar um para o outro, mesmo que fôssemos do mesmo grupo de amigos, eles nunca falavam um com o outro. Eu fiquei realmente surpresa quando eles combinaram sobre o pedido de namoro que Gustavo me fez.

– Bem, nós costumamos ir juntos no mesmo ônibus pela manhã. – ele deu de ombros. – Se ela estiver lá eu não vou encontrá-la.

– Não sabia que isso fazia alguma diferença... – falei, parando na entrada da casa de Helena.

– Sabe como é... é melhor quando tem alguém conhecido para ir conversando... – ele parecia nervoso.

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu havia achado realmente estranho aquele fato. Eles pareciam completos estranhos para mim, contudo iam juntos para a escola todos os dias. Eu nunca nem ao menos os vi chegarem juntos. Agora Gustavo estava preocupado se ela estaria no ônibus.

– Letícia estará amanhã no ponto de ônibus. – Respondi distante.

– Ei, amor. Não precisa ficar assim. Ela é sua amiga. Pelo amor de Deus.

– Só não imaginava. – eu dei uma pausa. – Vocês nunca chegaram juntos, nunca os vi conversando...

– Foi só uma pergunta. Não precisa ficar brava.

Dei um beijo rápido nele e fui em direção à casa de Helena. Eu não estava exatamente com ciúmes, eu sabia bem o que era ciúme, e já tinha sentido por...

Afastei aquele pensamento da minha mente. Só achei estranho o fato de que duas pessoas tão próximas de mim não se falam na minha frente, mas longe de mim estão juntas todos os dias.

Toquei a campainha de Helena e, quando ela abriu, acenei para Gustavo, e entrei. Ela estava com uma panela de brigadeiro na mão e com um pijama de unicórnio.

– Vamos! Coloque o seu pijama! – ela disse me fazendo entrar.

Eu entrei e fui direto para o banheiro. Coloquei meu pijama também de unicórnio, que ficava na casa dela, e nós duas fomos para o quarto. Nos sentamos no chão e comemos a panela de brigadeiro todinha antes que pudéssemos pensar direito.

Comentávamos sobre a prova enquanto jogávamos nosso jogo favorito no vídeo game e ficávamos loucas quando algo dava completamente errado. O jogo era sobre zumbis e o resgate do filho do presidente. Jogávamos aquilo há anos, e nunca nos cansávamos.

– Você sabe muito bem que não é aí, Alice! – Helena gritou, e eu passei o controle para ela. – O que foi que aconteceu? Você nunca erra esses tiros!

– Encontrei Leonardo ontem. Ele é “ex–tio” de Gustavo, que me perguntou agora se Letícia ia estar aqui, porque eles vão todos os dias para a escola juntos. Eu estou confusa.

Ela parou o jogo e olhou para mim chocada. Eu poderia ter rido da sua expressão se não representasse a minha reação por dentro. Eu me joguei para trás e caí no monte de almofadas que estavam no chão. Helena se jogou junto comigo.

– Não sei nem por onde começar. – Eu disse.

Expliquei para ela toda a situação de Gustavo e Leo, e tudo o que ele havia me contado sobre o ex–marido da tia. Aproveitei e contei também sobre o acontecido na lanchonete.

– Eu poderia imaginar qualquer coisa, menos isso! – Helena disse abismada. – Leonardo e Gustavo serem tio e sobrinho, e você no meio dos dois.

– Não estou no meio dos dois. Eu quero estar com Gustavo. – afirmei.

– E por que você ainda está com Leo na cabeça? Por que, apesar do que ele te contou, eu ainda vejo brilho nos seus olhos?

– Não tem brilho nenhum, Helena. Ele deve estar só me usando.... Eu me atraio, sim, por ele, mas acabou. No que depender de mim, nunca mais falarei com Leonardo. Ainda mais porque tenho Gustavo!

Helena sorriu e deu de ombros.

– Me fala aí o que o seu príncipe encantado e a Letícia fazem todo dia juntinhos.

Eu corei.

– Eu realmente estou tentando entender. – disse, suspirando.

– Letícia falou com a gente semana passada que mal o conhece. Que história é essa agora?

Eu dei de ombros e me levantei. Raspei um pouco do brigadeiro que tinha sobrado.

– Não sei nem se quero saber.

– Eu tenho certeza de que tem algo a mais nessas duas histórias que você acabou de me contar. Só não deixa isso pirar a sua cabeça. Você tem que pensar agora na reta final da escola e no que você vai fazer no ano que vem!

– Eu acho que estou usando isso para não pensar sobre o que virá por aí. Eu já evitava antes, agora que tenho essas questões, penso menos ainda sobre. – eu dei de ombros. – Eu e Gustavo estamos bem, ele é tão maravilhoso para mim. Do lado dele eu tenho paz, minha cabeça e meu coração descansam. Com ele é tudo tão fácil, tão intuitivo. Parece que eu não preciso dizer, nem pensar: ele já sabe exatamente o que eu preciso e quero.

– Vocês sempre foram fofos, tenho que admitir. – ela disse.
– Mas essa situação toda está estranha.

– Só que longe de Gustavo eu não consigo tirar Leonardo da cabeça. Fico repassando o que conversei com ele, pensando o que eu poderia falar... – confessei. – Ele é tão misterioso... Deixa-me ansiosa e insegura, e é como se eu não quisesse dizer nem agir de forma errada quando estou com ele.

– Talvez por querer impressioná-lo. – ela falou olhando para mim, me provocando.

– Se era isso, não será mais. Não quero ser mais uma conquista dele, uma aluna que vai usar e jogar fora. Gustavo disse, e eu já observei: Leo está sempre rodeado de garotas babando por ele, só não entendo por que ele me tem como alvo.

– Talvez ele se sinta atraído por você mais do que pelas outras garotas.

– Eu sou namorada do sobrinho dele. Não faz sentido ele querer investir em mim, ainda mais tendo quem ele quiser aos pés dele. – eu me joguei novamente ao lado da minha melhor amiga. – Só me pergunto por que desde o primeiro segundo que eu o vi, eu estou com uma sensação estranha. Parece que eu o conheço desde sempre e, ao mesmo tempo, tudo que o envolve é um mistério para mim.

Olhei para o teto e observei o ventilador que girava. Minha cabeça também fazia aquele movimento 24 horas por dia ao pensar em Leo e Gustavo. Helena tinha razão, eu deveria pensar mais em mim.

Duvido que conseguirei.



18 de novembro, segunda-feira

O clima de despedida tomava conta de todos nós. Sempre após o fim de semana de vestibular, o terceiro ano organizava um café da manhã. A mesa estava lá posta: 30 adolescentes e mais os professores, que entravam e saíam, devoravam o café da manhã que nós havíamos preparado.

O dia todo era voltado para que nós aproveitássemos mais os últimos momentos que teríamos uns com os outros, afinal, em um mês já estaremos formados e seguindo cada um a sua vida. Os

professores já haviam acabado as matérias, estávamos apenas esperando as provas e então tudo terá acabado. Um novo ciclo se iniciará.

Leonardo apareceu por lá duas vezes e eu não pude deixar de pensar sobre tudo que havia acontecido. Cada vez que ele entrou no meu campo de visão, fez com que eu revivesse o final de semana.

Eu estava evitando Gustavo desde que ele chegou, sequer troquei alguma palavra com Letícia. Resolvi que não iria questioná-los, mas deixei claro que estava esperando por explicações.

Em uma grande roda, quase metade da turma jogava cartas e todos disputavam como se aquilo valesse a vida de alguém. Eu e Helena estávamos sentadas uma ao lado da outra. Nós não perdíamos há muitas rodadas, então estávamos jogando há muito tempo.

Marcelo jogava animado, e parecia muito inteirado com a representante de turma, Olivia. Eles riam e cochichavam. Eu procurei por Vivian, que estava sentada isolada em um canto da sala, debruçada sobre a mesa com a cabeça baixa.

– Helena. – chamei minha melhor amiga.

– Fala. – ela estava realmente concentrada no jogo.

– Alerta vermelho.

– Eu vou. – ela disse, sem desgrudar os olhos da carta.

– Não, essa é a minha vez de tentar. Vamos ver se dá certo.

– Por favor, Alice, seja delicada. – Helena me repreendeu e eu revirei os olhos.

– Ei, Lucrecia. – chamei a menina que estava perto de mim esperando sua vez de jogar. – Fica no meu lugar?

Ela olhou desconfiada, mas aceitou as cartas que estavam na minha mão. Saí da roda e fui até Vivian, sentei-me ao lado dela e acariciei de leve sua mão que estava exposta.

– Eu odeio jogos de carta. – eu disse, parecendo distraída;

– Não odeia, não. – ela me contradisse sem olhar para mim.

– Nem você, então por que está aqui?

– Marcelo disse que eu não deveria jogar, não gosta que eu jogue. – ela disse bem baixinho, como se estivesse com vergonha.

– Mas ele pode jogar e dar em cima da Olivia? – isso era eu sendo delicada.

Ela deu de ombros e fungou. Dava para perceber que estava chorando. Eu acariciei o seu cabelo de leve e ela olhou para mim. Limpei uma lágrima que escorria por sua bochecha.

– Vivian, você é maravilhosa. Uma menina inteligente, carinhosa e meiga. Você não precisa daquele idiota.

– Mas eu o amo, Alice. Você não entenderia.

– Talvez eu não entenda. Não sei se já amei alguém. – eu disse, um pouco pesarosa por pensar nisso. – Mas você só deve se entregar assim por alguém que te ama e que vale a pena. Você não pode renunciar a você mesma por alguém, ainda mais quando essa pessoa não faria isso por você.

Ela assentiu com a cabeça, e eu podia ver a dor nos seus olhos.

– Sua capacidade de amar o outro mais do que a si mesma é linda. Mas você tem que entregar seu coração a alguém que seja

tão bom quanto você, a alguém que possa realmente confiar este coração maravilhoso.

Ela me abraçou e chorou, chorou muito. Eu não sabia se tinha ajudado ou piorado as coisas, mas eu disse o que eu realmente achava certo para ela.

O sinal tocou alto, anunciando o recreio. Vivian se afastou de mim.

– Vou lavar meu rosto e descer para o intervalo. – ela disse se levantando. – Obrigada mesmo, Alice.

Eu a vi sair pela porta e pude observar Gustavo vindo na minha direção, eu me levantei e comecei a ir para fora da sala. Estava falando com ele apenas o mínimo, sentia-me estranha ainda pelo que havia acontecido. Quando pensei que tinha escapado, Letícia apareceu na minha frente:

– Alice, podemos conversar? – perguntou, me fazendo parar abruptamente.

Eu não havia falado nada com ela sobre minha conversa com Gustavo, nem sobre nada. Eu tinha resolvido que, quando ela quisesse conversar, eu estaria ali, mas eu não tiraria satisfações com ela, até porque nada faria diferença para mim, eu não estava realmente chateada.

– Pode parar de evitar a gente. – ela disse dando uma risada de leve.

– Por favor, amor. Só escuta o que temos para dizer. – Gustavo falou atrás de mim.

– Nós prometemos que nunca mais vai acontecer. Não queríamos te chatear – Letícia continuou.

– Eu, de verdade, não estou chateada, só espero que vocês me expliquem por que quando falávamos de Gustavo, você dizia que nunca havia conversado com ele de verdade. Como pode se sempre pegou carona com ele?

– Era só jeito de dizer... A gente nunca fala mais do que sobre a aula ou as provas. – ela parecia nervosa. – Bem, desculpa mesmo, só quero que saiba que ele sempre me dava carona, só não vimos motivos para parar, porque vocês começaram a namorar.

– Por mim a única coisa que precisa parar é o fato de vocês se ignorarem perto de mim, fingirem que são desconhecidos. – eu contornei Letícia – Preciso descer, com licença.

– Alice! – Gustavo disse, mas eu não parei.

Como se não bastasse aquela situação toda, meu pesadelo estava só para começar. Chegando ao segundo andar, o dos alunos mais novos, lá estava Leonardo, cercado de garotas (3 ou 4 anos mais novas que eu), como sempre. Eu já não estava a mais contente das pessoas, então fechei mais ainda o semblante e passei sem me dirigir a ele.

– Bom dia, Lice. – Leo disse, fazendo com que sua voz chegasse a todas as minhas terminações nervosas e se agitassem,

– Bom dia. – minha voz estava trêmula, e eu não podia evitar.

Minha cabeça repetia tudo que Gustavo havia me dito sobre Leonardo e eu ficava mais nervosa a cada passo que dava. Quando estava quase os deixando por completo e saindo do campo de visão deles, o sinal do segundo andar tocou, sinalizando o final do intervalo. As garotas reclamaram alto, e eu pude ouvir a enxurrada de alunos subindo as escadas.

Tentei me virar, mas meu corpo já estava paralisado só de pensar nas pessoas que chegariam ali naquela hora. Comecei a tremer, eu ODIAVA tumulto e qualquer tipo de aglomerações e chegava a ser irracional o quanto eu queria fugir dessas situações.

Quando eu me dei conta, eu estava chorando copiosamente, olhando para frente e sentindo as pessoas passarem por mim, perto demais. Algumas riam, outras tentavam falar comigo, perguntar se eu queria ajuda.

Eu tentava responder, mas eu não conseguia. Eu tentava encostar meu corpo cada vez mais contra a parede e me abaixava aos poucos, tentando sair daquela sensação.

– ALICE! – ele gritou bem na minha frente. Leo estava parado olhando para mim com os olhos mais arregalados do mundo. Apesar do meu esforço, eu não conseguia fazer nada.

Ele passou o braço pelo meu ombro e abriu espaço para mim até o segundo andar. Viramos na primeira porta e ele a fechou atrás de mim. Minha respiração não voltava ao normal, as lágrimas continuavam escorrendo.

Ele me colocou contra a parede e falava comigo, mas eu não entendia o que era dito. Ele pegou minhas mãos e as segurou firme. Eu podia ler os lábios dele dizendo que ia ficar tudo bem. O contato com a pele dele fazia com que eu comesse a retomar a realidade.

Ele aproximou o seu rosto do meu e eu encostei nossa pele, testa com testa, costumava fazer isso com a minha mãe, para me acalmar nas primeiras crises. Aos poucos eu ia controlando a respiração, ele soltou minha mão e envolveu minha cintura em seus braços. Eu agarrei seus ombros e meu choro se tornou mais forte.

Ele me ergueu do chão e eu enlacei minhas pernas na sua cintura. Ele me carregou até a pia, me apoiou ali e me abraçou mais. Estávamos no banheiro masculino pelo que eu podia perceber.

– Eu estou com você – ele falava baixo, no meu ouvido. – Vai ficar tudo bem, Lice.

Eu demorei algum tempo para me recuperar, não sei ao certo quanto. Podem ter sido 20 minutos ou 1h. Em nenhum segundo ele relaxou o braço, ficou envolvido durante todo o tempo, trazendo-me segurança. Ele repetia que tudo ia ficar bem, que ele estava ali. Tive a impressão de ouvi-lo dizer mais alguma coisa baixo, mas eu não quis perguntar o que para que ele não se distanciasse.

Minhas mãos estavam em seu pescoço e eu podia sentir sua pele quente e macia. Ele abraçava minha cintura e seu queixo estava apoiado na minha cabeça. Meu ouvido encostava no peito dele e eu podia ouvir as batidas do coração dele, que estavam aceleradas. Seu cheiro fazia com que eu acalmasse, a sensação de tê-lo ali ao meu lado fazia-me sentir que aquele era o lugar mais seguro do mundo.

Quando eu voltei a me sentir bem, não tinha forças para dizer nada. Não queria que aquele momento acabasse.

– Quem quer que esteja aí, saia! – a voz da inspetora soou forte através da porta. – É proibido ficar trancado aí!

Leo se distanciou e eu senti uma dor no peito horrível. Ele parecia desesperado, sem saber o que fazer. Ele me ajudou a descer da pia e me guiou até uma cabine. Eu estava pronta para perguntar o que faríamos, mas ele fez sinal de silêncio e foi até a porta.

– Olá, inspetora Lucia. – ele disse, parecendo totalmente bem.

– Oi, Leo... – ela disse meio envergonhada ou sonhadora, não sabia ao certo. – Digo, coordenador.

– Eu tive um pequeno problema, estou tentando limpar um machucado que eu fiz, a senhora se importa de me dar um minuto?

– Não! Claro que não! Mil desculpas!

Depois de alguns segundos de silêncio, Leo voltou até a cabine:

– Você está bem? – ele perguntou baixinho. Eu assenti com a cabeça.

– Obrigada. Não sei como agradecer.

Ficamos uns minutos parados, o olhar dele parecia dizer tanta coisa, mas eu não conseguia ler exatamente o que era, ou talvez não quisesse acreditar no que eu lia.

– Se não estiver bem, pode ficar na minha sala por um tempo, lá é calmo e não tem ninguém. Ou posso pedir para seus pais te buscarem, ir para casa vai te fazer bem. – ele ofereceu. Eu queria muito aceitar, mas já tinha causado muita confusão para ele. Se me descobrissem ali, nós dois íamos ficar muito encrencados.

– Eu estou bem. – falei confiante, ou o máximo que eu conseguia. – Obrigada, de verdade.

Ele colocou a mão no meu rosto e desenhou o contorno dele. Um toque tão simples, mas tão íntimo. Eu fechei os olhos e aproveitei cada segundo daquilo. Quando ele parecia que ia distanciar o toque, ele pressionou de leve a ponta do meu nariz, me fazendo encolher e sorrir.

– Me prometa que nunca mais vai me dar um susto desses.
– ele disse, com uma voz calma. Sua mão pousou na minha nuca, eu me sentia mais segura do que nunca.

– Eu fico assim quando há muitas pessoas por perto ... não consigo controlar, me desculpa.

– Não peça desculpa. – ele me repreendeu e virou para o outro lado. – Se mudar de ideia, pode ir até minha sala. Se não quiser ficar lá, eu te levo para casa. Só não hesite em me procurar, estou aqui por você.

Pode ter sido só impressão, mas ele demonstrava que se referia a mais que somente a minha crise de ansiedade por conta da agorafobia: ele estava claramente receoso de me deixar sozinha. Sua mente parecia trabalhar com todo afinho para solucionar o que estava acontecendo.

– Obrigada, mesmo, Leo. – eu disse, olhando para ele, e esboçava um sorriso maior do que desejava.

Ele sorriu de volta e deslizou a mão que estava na minha nuca até minha mão, passando pelo meu ombro e meu braço. Quando ele pegou minha mão, um choque percorreu meu corpo. Ele levou minha mão até sua boca e beijou. Seus olhos estavam fechados, seus lábios tocavam minha pele e meu corpo se arrepiou. Ele sorriu enquanto puxava o ar.

Leonardo me deixou sozinha ali, sentindo que algo no meu coração estava faltando.



– Alice, onde você estava? – Helena disse desesperada quando eu cheguei. – Nós andamos por toda a escola atrás de

você! Gustavo ainda está por aí te procurando! Eu fui até à sala do Leo dizer que você sumiu, mas ele não estava lá.

Eu sorri e arqueei as sobrancelhas, como quem diz “eu sei”. Helena ficou alucinada, na mesma hora tapou a boca para não exclamar e chamar a atenção de todos. Seus olhos mostravam que ela queria saber todos os detalhes mínimos.

– Depois eu conto tudo, eu prometo! – eu disse sorrindo. – Mas eu estou bem, agora estou bem.

Pensar em tudo que havia acontecido me fazia sentir bem, confiante e nada no mundo poderia tirar o sorriso que eu tinha no rosto.

– Se você não contar, eu vou acabar com você! – ela disse rindo e me abraçou – Eu sabia que tinha coisa aí! – disse.

Ela foi saltitante para o lugar dela e eu segui para o meu. Sentei-me e repassava tudo o que havia acontecido. Eu ainda sentia o cheiro de Leo quando Gustavo chegou.

– Amor, onde você estava? – ele disse se sentando na minha frente. – Você sumiu por 2h.

– Eu precisei sair, minha mãe queria um cartão que estava comigo. – menti. Se eu dissesse a verdade, Gustavo surtaria.

Ele me disse para que eu não me deixasse seduzir, que não queria que eu fosse mais uma das conquistas de Leo. E lá estava eu, totalmente entregue e ele por conta do que havia acontecido.

– Já estava pronto para falar até com o Leonardo. Fiquei muito preocupado com você. – ele disse acariciando meu rosto.

Eu fechei o olho e tentei aproveitar aquele toque, fazê-lo ser como o que eu havia acabado de receber de Leo. Não senti nada.

– Está tudo bem, desculpa não ter avisado. – eu disse, sorrindo sem graça.

– Você ainda está mal pelo que aconteceu, não é? – ele perguntou. – Você não sabe o quanto eu fico feliz de saber que você está com ciúme.

Eu sorri sem graça. Se Gustavo soubesse o que tinha acontecido, aquilo, sim, seriam ciúmes. E eu, bem, não era exatamente ciúmes o que eu havia sentido.

– Vou preparar uma surpresa para você hoje, para me retratar. Você topa? – Gustavo disse, e seu olhar fez com que algo se acendesse em mim.

– Sim. – respondi relutante.

Ele sorriu e se inclinou para frente, me roubando um beijo. Ele se distanciou e piscou para mim.



– Você está deslumbrante, amor. – Gustavo disse quando eu entrei pela bilheteria.

Dentre todas as coisas que eu e Gustavo tínhamos em comum (livros, comidas, séries, música, sonhos), os filmes eram as melhores para mim. Sempre assistíamos aos lançamentos e filmes antigos juntos quando éramos apenas amigos; ele sempre tinha os melhores comentários, muito parecidos com renomados críticos, o que me deixava boquiaberta. Nossa sincronia sobre gêneros era demais! Romance, aventura, comédia e filmes cabeças. NADA DE AÇÃO!

Segundo ele, como era uma surpresa, eu não poderia saber a qual filme assistiríamos, mas eu sabia que seria algum de romance. Compramos pipocas e refrigerantes e entramos na sala de

cinema. Antes de o filme começar, ele já começou a investir nos beijos que ficavam cada vez mais intensos.

A paz que Gustavo me proporcionava era diferente de tudo que eu já havia sentido em toda a minha vida. Estar com ele fazia com que meus pensamentos sobre o que havia acontecido mais cedo se findassem. Ali só tinha eu e Gustavo, pelo menos até eu estar sozinha novamente e minha mente ficar repassando o ocorrido ao lado de Leonardo.

– O que quer fazer quando sairmos daqui? – ele perguntou sussurrando no meu ouvido, o que me causou cócegas.

– Poderíamos comer pizza, o que acha? – eu sugeri.

– Pizza, na minha casa. Faço até uma massagem nos seus pés.

Eu sorri de ansiedade e comecei a acompanhar o filme, que tinha 2h de duração e, como era de esperar, eu chorei o tempo todo. Um triângulo amoroso, dois amores, uma escolha, um dos amores se torna o vilão e BUM! O mocinho morre. Eu soluçava forte e Gustavo me amparava.

– É só um filme, Alice. – eu dizia a mim mesma enquanto Gustavo me ajudava a sair do cinema. Ele tentava não rir de mim, mas eu podia sentir seu peito arfar em risadinhas.

Nós pedimos um carro de aplicativo e fomos para a casa dele. Eu estava retomando os sentidos aos poucos. Gustavo tentava conversar comigo, mas eu só tinha respostas curtas.

– Eu nunca vi você tão abalada, minha linda. – Gustavo disse assim que o carro estacionou. – Estou preocupado com você, está mais manteiga derretida do que antes.

– Não estou, não! – eu disse, saindo e fazendo bico, o que fez meu namorado sorrir ainda mais.

– Estamos sozinhos. – Gustavo disse, me abraçando por trás, enquanto caminhávamos em direção à porta de entrada.

Ao entrarmos na casa, Gustavo pediu que eu me aconchegasse na sala. Ele seguiu para dentro da casa, deixando-me sozinha. A decoração era impecável, cheia de vasos e ornamentações. Eu sentei-me no sofá e deixei minha bolsa do meu lado. Eu estava morta de fome.

– Alice, quero que você conheça uma pessoa. – Gustavo disse, voltando para a sala, após alguns minutos. – Creio que você já a conheça, mas quero que ela saiba que você é minha namorada.

Eu levantei-me e vi Gustavo entrar com sua avó na sala. Dona Célia caminhava devagar ao lado do neto. Eu já a conhecia, afinal éramos amigos há muito tempo, e ela sempre foi muito presente na vida dele. Ele morou com ela por um tempo, se eu me lembrava bem. Apesar de ser no mesmo quintal que os pais, isso dizia muito sobre a relação deles. Ela o pegava na escola, ajudava no dever de casa e foi muito mais presente que seus pais. Hoje ela estava mais velinha, deveria ter seus 80 anos, mas ainda tinha um sorriso lindo e uma vivacidade admirável.

– Até que enfim, Gustavo! – ela disse quase gritando. – Achei que eu ia morrer antes de você me apresentar Alice como sua namorada!

– Para com isso, Vó! – ele a repreendeu.

– A senhora já sabia, não é dona Célia? – eu disse brincando com ela. Ela sempre nos alfinetava, que respondíamos

com reações diversas: na infância, cara de nojo, já na adolescência, os dois apenas ficavam vermelhos.

– Claro que sim! E sempre torci também! – ela me abraçou.

– É um prazer ser apresentada à senhora como namorada do Gustavo. – eu disse, sorrindo.

Ela fez carinho na minha bochecha e se voltou para Gustavo.

– Eu não posso ficar muito tempo, Laura está dormindo lá em casa. Se vocês precisarem de alguma coisa, eu estou ali atrás! – dona Célia se despediu de Gustavo, e foi andando devagar para a cozinha.

– Ela estava me cobrando isso desde o dia do pedido. – ele disse, beijando minha nuca.

– É estranho pensar que a dona Célia agora é a avó do meu namorado. Não é mais apenas a senhora que me dava potes e mais potes de biscoitos.

Gustavo riu e me abraçou. Seus braços faziam-me sentir estranhamente feliz. Ele beijava meu pescoço e me puxava para mais perto de si a cada segundo.

– Queria poder sentir essa sensação para sempre. Ter você em meus braços, poder tocar sua pele com meus lábios. – ele disse bem baixinho no meu ouvido.

Eu sorri, era delicioso estar ali com ele, ouvir aquilo bem no pé do ouvido. Como resposta, meu corpo enviou uma onda até o meu estômago, implorando por comida. Minha barriga rugiu, na mesma velocidade em que minhas bochechas ficaram vermelhas.

– Vamos comer? – ele perguntou. – Estou te devendo uma pizza e uma massagem nos pés.

Enquanto Gustavo pedia a pizza pelo celular, eu fiquei sentada no sofá, e só então assimilei o que dona Célia havia me dito.

Laura, filha de Leo, estava ali dormindo a poucos metros de nós. Eu ajeitei a postura imediatamente e fiquei tensa. Por algum motivo, não queria que ela me visse, ainda mais esparramada no sofá.

Gustavo veio em minha direção e se ajoelhou na minha frente. Ele tirou os meus sapatos e colocou meus pés sobre suas coxas.

– O que houve, amor? – ele perguntou. – Está tensa.

– Nada, tudo bem.

Ele não pareceu acreditar, mas começou a trabalhar com meus pés, o que me fez relaxar magicamente. Não fazia ideia de como ele havia aprendido a fazer aquilo, mas era efetivo demais. Fui relaxando tanto que, quando a pizza chegou, eu já estava completamente distante do turbilhão que foi o meu dia.

Capítulo 5

Dúvidas

22 de novembro, sexta-feira.

A primeira pessoa que eu vi foi Leo: ele conversava com um grupo de meninas do segundo ano. Elas pareciam realmente animadas em estar conversando com ele, o que me causou um certo enjoo.

Eu fui andando naquela direção, fingindo que iria para a escola. Helena, que estava comigo, protestou, mas depois entendeu tudo. Passei bem no meio do grupo, enquanto as meninas riam de algo que ele havia acabado de dizer. Eu fui para a portaria e então para o bebedouro que ficava logo em frente.

Peguei minha garrafa de água e a enchi, sem pretensão alguma de beber, apenas para disfarçar. Quando eu estava pronta para voltar para o lado de fora, fui interpelada:

– Bom dia, Alice. – Leo disse vindo com um copo. – Está animada?

Meu plano deu mais do que certo. Eu havia passado os últimos dias me questionando se Leo estava apenas sendo legal, ou se tinha segundas intenções como Gustavo suspeitava.

– Posso dizer que sim. – Eu respondi o mais sério possível.

– Já está um a zero para mim. – ele disse se aproximando.

Estávamos a meio metro de distância, eu podia sentir seu cheiro.

Eu tinha certeza de que ele não estaria para me observar na quarta-feira na leitura, mas não custava procurar. Fiz umas buscas

rápidas, mas nenhum sinal dele.

– Fácil se esconder quando não se está lá. – eu disse confiante.

– Não parecia que você acreditava nisso quando me procurou nos corredores antes e depois de a leitura terminar. – ele falou sorrindo. – Olhou até nos banheiros...muito bom palpite.

Eu corei e olhei para baixo. Ele estava lá, havia me visto procurando por ele.

– Se precisar de qualquer coisa... – ele segurou minha mão de leve, olhando para os lados para ter certeza de que ninguém veria. – Estarei no mesmo grupo que você, não hesite em me chamar. Pode ser que tenham muitas pessoas, talvez nos juntem com outra escola. Não quero correr o risco de te ver daquela forma novamente.

– Vocês já fizeram a divisão? – perguntei realmente curiosa, mas ansiosa para mudar de assunto. Não sabia reagir a ele sendo gentil e atencioso.

– Sim, mas eu posso mudá-la se eu tiver me enganado, contudo eu não acho que me enganei. – ele sorriu. – Vou estar sempre por perto, para qualquer coisa que precisar.

Ele soltou minha mão de leve e se virou para voltar para a rua. Eu o segui para o lado de fora, mas quando cheguei lá, não pude encontrá-lo. Juntei-me a Helena, que conversava com a irmã de Ricardo, do segundo ano, Júlia, e algumas outras meninas de que não me lembrava conhecer.

– Eles devem separar em Humanas, Exatas e Biológicas. – Júlia comentou.

– Eu quero fazer Ciência Política. – uma das amigas de Julia falou. – Vou ficar no grupo de Humanas. Deve ser o grupo de Leo.

– Tenho certeza de que mais da metade das garotas vai para o grupo que ele estiver – uma outra comentou. – Eu serei a primeira.

– E como vocês sabem? – perguntei, parecendo irônica. Helena me cutucou, mas eu não consegui conter-me.

– As faculdades dele são todas dessa área, de Humanas. Estamos indo com uma professora de Matemática e um professor de Biologia. Onde mais ele pode ficar? – elas riam enquanto falavam.

Eu respirei fundo: por que elas saberem tanto sobre ele me deixava irritada? Eu estava pronta para responder algo para ela se não fosse Gustavo, que chegou até mim.

– Bom dia, meu amor. – ele disse, passando a mão pela minha cintura, dando-me um beijo na nuca.

– Com licença. – disse para o grupo e me afastei.

– Está tudo bem? – Gustavo perguntou.

– Está, sim. – eu sorri e beijei-o. Sua presença fazia qualquer pensamento sobre Leo desaparecer, e eu gostava muito disso.

– TODOS PARA O ÔNIBUS! – Leo gritou, apenas para voltar a estar na minha mente.

Nós seguimos para o ônibus, que estava estacionado do outro lado da rua. Muitos já haviam entrado. Minhas amigas se sentavam com seus namorados na parte do meio do ônibus. Gustavo pediu para nos sentarmos na parte de trás, mas eu neguei, disse para ele ir sozinho. O pessoal do fundão era composto por

todos os garotos do segundo ano e por algumas meninas com as quais eu não tinha muita simpatia. Lá não seria nada calmo e eu preferia não ficar cantando as musiquinhas de viagem, sendo forçada a beijar meu namorado com coros gritando nosso nome, ou brincando de jogos como “verdade ou consequência” ou “eu nunca”.

Cogitei sentar-me perto das minhas amigas, mas elas estavam todas com os namorados e eu não ganharia atenção.

Acenei fraco para Letícia e Vivian, mas me sentei na primeira cadeira do ônibus mesmo. Gustavo se certificou de que eu estava realmente bem com isso, e eu disse que ele não precisava se preocupar. Eu havia levado um livro, iria lendo e me concentrando. Eu não queria tomar remédios para enjoo, mas nessas viagens eu acabava ficando bem enjoada.

A ida foi bem tranquila. O professor de Biologia foi sentado ao meu lado, o que não me deixou ler tão em paz, mas proporcionou-me uma conversa muito produtiva sobre vírus e bactérias. Ele era um senhor de 60 anos que dava aulas por esporte, era até engraçado, mas muito regrado, e suas aulas eram um tanto quanto rígidas.

De tempos em tempos, ele incluía as pessoas dos assentos ao redor nas conversas, e neles estavam Leo e a professora de Matemática, que parecia muito irritada com as suas investidas sendo interrompidas. Ela estava cada vez mais próxima dele, a cada vez que eu olhava. Eu não entendia por que isso estava me irritando, mas quanto mais ela chegava perto, mais eu queria levantar e ir até ele, gritar com eles.

Em cerca de 1hh30m estávamos dentro da universidade: o ônibus parou perto de uma quadra poliesportiva. Leo nos indicou

que ali começaria a nossa visita. Depois nos dividiremos em três grupos para termos palestras e conhecermos a estrutura do campus.

Uma mulher se apresentou como estudante da universidade e responsável por nos guiar nessa parte da visita. Fomos andando pelas instalações: primeiro a quadra, depois um campo de futebol e, por último, uma piscina enorme coberta. Tiramos fotos da turma em todos os momentos possíveis. Os meninos ficaram encantados: Gustavo falava o tempo todo sobre como seria estudar ali. Ele parecia realmente entusiasmado, estávamos de mãos dadas, mas ele andava mais rápido, então eu ia quase arrastada de um canto para o outro.

– O que vocês puderam ver aqui foi a estrutura do curso de Educação Física. – disse a guia. Eu tinha impressão de que seu nome era Duda, mas eu não tinha certeza. – Ali, naquele prédio, são as salas de aula, que não são muito diferentes do que vocês têm na sua escola. Agora vocês vão para o refeitório, para mais tarde seguirmos com a visita segmentada.

Fomos andando até um prédio grande, que ficava a alguns metros de onde estavam. Saímos dos prédios de Educação Física às 11h45m. Às 11h57m entrávamos no refeitório, todos pegaram pratos e se enfileiraram para pegar a comida. O prato do dia era macarronada e estava realmente gostoso. Eu e Gustavo nos sentamos em uma mesa bem no canto, e nossos amigos foram se juntando aos poucos ao nosso redor.

Nós comemos consideravelmente rápido. O grupo, apesar de grande, terminou antes das 13h, pois todos estavam muito ansiosos para começar de verdade. Fomos para o lado de fora

assim que terminamos de comer, esperamos os outros que não haviam terminado em um gramado ao lado do prédio.

– Vou para o grupo de Exatas e você, para Humanas. – Gustavo constatou. Eu dei de ombros.

– Não temos muita escolha. – eu respondi dando de ombros e o abracei. Ficamos observando o campus dali onde estávamos: era quase como uma cidade inteira apenas voltada para a Educação.

– Eu estou pensando em vir morar aqui, você sabe... – ele me disse.

– Eu não tinha muita vontade, mas ver isso de perto é incrível. Mas não sei, prefiro ficar em casa por mais um tempo. – eu falei. Nós estarmos abraçados de lado fazia com que eu não pudesse ver seu rosto. – Gosto de estar perto dos meus pais.

– Prometo que vou todo fim de semana te ver.

– Vamos dar tempo ao tempo. Não podemos saber ainda o que irá acontecer. – eu respondi. – Talvez eu venha ou talvez você fique em casa. Quando acontecer, a gente vai saber o que fazer.

Ele assentiu, e eu olhei para o refeitório; mais um grupo saía de dentro do prédio. Dei mais um beijo em Gustavo e me preparei para levantar.

– Acho que está na hora de ir.

Levantamo-nos e fomos em direção aos grupos que se montavam.

– FILA DA ESQUERDA, BIOLÓGICAS. FILA DO MEIO, EXATAS. FILA DA DIREITA, HUMANAS. – um homem que eu não conhecia falava alto. Pelas roupas, dava para ver que trabalhava na universidade.

Gustavo beijou-me e foi para a fila do meio. Eu segui para a direita, e parei ao lado de Helena.

– Vivian está na do meio e Letícia, na esquerda. – Ela me disse sem que eu precisasse perguntar.

– Pelo menos estamos juntas. – disse realmente agradecida.

Contudo, nós estávamos muito erradas. A maior parte das pessoas estava na fila da esquerda e, como aquela menina havia dito, eram quase todas meninas. Leo estava parado na frente da fila, o professor de Biologia estava na esquerda e a professora de Matemática na direita, ambos estavam frustrados pela quantidade de pessoas que os seguiriam.

– Exatamente como você disse, Leo. – o homem que dava instruções disse mais baixo para Leonardo, mas eu pude ouvir. – VAMOS SEPARAR O GRUPO DA DIREITA EM DOIS.

O homem começou a passar e dar números para cada um de nós. Eu era o 12 e Helena o 13. Ele terminou e voltou para o início da fila. Sussurrou alguma coisa para Leo, que disse:

– Números pares comigo! – e começou a caminhar.

Olhei triste para Helena e segui em frente. A metade que havia ficado com Leo comemorava. As meninas cujo número era ímpar, as intenções foram frustradas, e reclamavam muito.

"Estarei no mesmo grupo que você", ele dissera.

Quando olhei para trás, Gustavo olhava na nossa direção de braços cruzados. Ele parecia verdadeiramente bravo, e não fazia questão alguma de esconder isso. Eu engoli seco, e segui em frente, não havia muito o que eu pudesse fazer quanto àquilo.

Fomos até um ônibus diferente, dessa vez um da própria instituição. Ele começou a percorrer o trajeto para, aparentemente, nos levar para a parte de humanas.

Eu sentei-me na janela, e fiquei admirando a imensidão do lugar.

– Fiz minha primeira faculdade aqui. – Leo disse, sentando-se ao meu lado.

– Deve ser sensacional. – eu disse, sem ao menos me virar para encará-lo, tentando não alongar muito o assunto. Eu já estava com a respiração descompassada. Apenas chegar ao seu lado já era o suficiente para fazer com que eu perdesse uma parte dos meus sentidos.

– Você pretende vir para cá? – ele perguntou.

– Não. – eu olhei em sua direção. Ele estava com os olhos fixos em mim também. – Apesar de ser tentador. – completei. Eu já não sabia exatamente do que eu estava falando que era tentador.

– Já sabe qual curso vai seguir? – Leo questionou com seus olhos grudados em mim.

– Gosto muito de Literatura e História. Talvez Geografia pela Geopolítica. Eu, de verdade, não sei ainda. É muita pressão ter que escolher assim, ainda mais com tantas dúvidas. – Eu disse, falando o que eu realmente desejava. Mais do que o simples “Não sei ainda” que eu respondia para outras pessoas.

Eu me sentia livre para dizer a Leo o que viesse na minha mente e, mais do que isso, eu simplesmente não conseguia pensar em algo mais inteligente para dizer. Por alguma razão, eu tinha a sensação de que se eu não dissesse tudo, ele saberia só de olhar para mim.

– Já pensou em Direito ou Relações Internacionais? – ele disse calmo, ainda olhando diretamente para mim.

– Talvez... – eu suspirei. – Só queria poder ser tão apta em algo que eu não tivesse que me preocupar com mais nada.

– E qual a graça? – ele perguntou rindo. – Ser boa em várias coisas te faz uma pessoa única e não mais uma. Independentemente do que você quiser escolher, sei que vai se destacar.

Eu assenti e olhei para baixo, tentando não mostrar o sorriso que estava no meu rosto. Quando olhei para frente, pude ver a maior parte das pessoas do ônibus nos encarando. Entre elas, uma das meninas com quem eu havia conversado mais cedo, a que queria fazer Ciência Política.

– Acho que as suas admiradoras estão irritadas de não estarem ganhando atenção. – eu disse, sem olhar para ele.

– Estou ocupado agora, dando atenção a alguém que importa.

Eu corei e olhei para ele. Ele estava com um sorriso meio sem jeito e, pela primeira vez, não olhava para mim.

Eu estava pensando em algo bom para dizer quando ele se levantou. Foi até ao motorista e disse algo que eu não ouvi, então se voltou para nós e avisou: – Chegamos!

O ônibus parou poucos segundos depois de Leo ter anunciado. Nós descemos e demos de cara com um jardim imenso com vários prédios por perto. Quando todos estavam fora do ônibus, ele começou a falar.

– Vamos para o prédio de Ciências Sociais, depois Direito, Jornalismo e Comunicação; por último, vamos ao jardim sensorial.

Acompanhem de perto, entrem nas salas quando começarem as palestras, e não fiquem de gracinha! Vocês terão tempo no final para circular mais livremente, então fiquem juntos por agora. – Leo se virou e começou a caminhar pelo gramado, em direção ao primeiro prédio.



Visitamos as instalações dos cursos e fiquei maravilhada com cada um deles. Ciências Sociais tinham salas enormes em círculos, que promoviam os debates e a interação da turma. Os alunos falaram sobre o curso com paixão e propriedade.

No prédio de Direito, podíamos ver vários estudantes atendendo pessoas prestando consultorias; a coordenadora do curso nos explicou que, quando os alunos estavam no 7º período, já começavam a fazer estágio e atender a população, ali mesmo na faculdade, demonstrando todas as formas que um bacharel em Direito poderia atuar, além da advocacia. Meus olhos brilharam.

A estrutura do curso de Jornalismo e dos outros de comunicação era sensacional. Eles tinham um estúdio de TV, um de fotografia e uma sala de transmissão de rádio. Os alunos faziam um jornal com as novidades da universidade, campanhas publicitárias para divulgar nos corredores e nos ônibus, e promoviam a Unirádio, uma onde se falava de todos os assuntos atuais, desde política até jogos online.

No final desse percurso, já eram 16h. Ficamos o tempo todo de pé, andamos de um lado para o outro, o que deixou todos muito cansados. Nós fomos de volta ao jardim em que estávamos, as árvores proporcionavam uma sombra fresca. As flores pareciam em seu maior potencial, apesar de ser verão.

– Bem pessoal, ali atrás nós temos o projeto de um jardim sensorial. – Leo disse, ele já não estava mais tão animado também, o cansaço o havia deixado sem forças para continuar gritando com 30 adolescentes. – Vocês têm uma hora para explorar o quanto quiserem, só não vão muito longe...

Ele nem havia terminado de falar e os grupos já se dividiam cada um para um canto. Pensei em seguir duas meninas da minha sala, que eu não tinha muita intimidade, mas era o mais perto que eu tinha de companhia. Contudo, elas começaram a andar rápido e se afastaram logo. Eu só resolvi me sentar e aproveitar o lugar. Fiquei embaixo de uma árvore, coloquei minha mochila do meu lado e peguei o meu livro. Quando havia terminado a terceira página seguida, ele chegou até mim.

– Posso me sentar ao seu lado? – ele disse, e seu pedido me fez ficar nervosa.

Sinalizei o lado oposto à minha mochila e ele se sentou ali, junto a mim. Os minutos que se seguiram foram de puro silêncio; no início uma coisa incômoda, depois mais natural. Após um tempo, parecia que eu estava sozinha novamente, mas tinha uma sensação boa, estranhamente boa.

Os pássaros cantavam ao longe, e eu podia ver uma roda com pessoas cantando e tocando instrumentos musicais. Era um lugar para relaxar, aproveitar o melhor que a natureza poderia oferecer.

– Te ajudou ou te atrapalhou mais? – ele perguntou. Algo na sua voz parecia estranho.

– Acho que ajudou, apesar de ainda ter dúvidas...

– Dúvidas são normais, você as terá pelo resto da vida. Confie em mim, Lice. Procure outras fontes para se basear, converse com profissionais das áreas...

– Tentei conversar com nosso professor de História, mas ele não foi muito objetivo. – eu disse, pesarosa. – Era minha primeira opção. Para falar a verdade, é a opção que eu não volto atrás, um dia tenho de fazer faculdade de História.

– Bem, o dia que você quiser tomar um café, estou à sua disposição. Sou formado em História.

– Sério? – perguntei entusiasmada.

– Sério. Vai ser um enorme prazer te ajudar.

Eu sorri tímida mais uma vez, e olhei para o chão. Eu estava ansiosa, por mim poderíamos conversar ali, naquele momento mesmo, mas pensar em encontrá-lo em outra ocasião, estar a sós com ele outro dia, fazia com que eu quisesse adiar o evento.

– Gustavo me contou sobre vocês. – eu disse baixo, um tanto quanto receosa.

– Eu não sabia até onde você sabia, mas, por ora, ele já deve ter contado o suficiente.

– Você está aqui para se aproximar dele? – eu perguntei e ele negou. – Não acho que ele esteja entendendo dessa forma. Gostaria de poder ajudar, de alguma forma, mas essa história é maior que eu.

– Sinto muito por você estar envolvida nisso de alguma forma. – ele falou. Olhava para o céu, parecia muito distante.

– Todas as vezes que alguém cita você perto de Gustavo, ele reage muito mal. Eu nem me atrevo a tentar; sempre que o

assunto aparece, ele já olha para mim, esperando que eu não diga nada.

– Decepcionante saber que você não fala sobre mim. – ele disse, e seu tom realmente passava decepção, mas eu podia ver o sorriso leve e provocativo.

– Aquele dia, na lanchonete, já foi o suficiente para Gustavo ficar com muito ciúme. Não vou provocá-lo mais. Ele insiste em dizer que você só quer conquistar as mulheres e usá-las, para depois descartar. Tem medo de que você faça isso comigo. – Eu fui sincera, mas queria alfinetá-lo.

– Não quero seduzir você. – ele falou de forma tão firme, que foi como se um tapa me atingisse.

Era óbvio que ele não queria me seduzir, uma garotinha, namorada do sobrinho dele. Por que raios ele olharia para mim? Mas doeu, doeu como um tapa bem dado no meio do rosto.

– A não ser que já o tenha feito sem saber. – ele sorriu, e me olhou provocativo.

– Claro que não. – eu disse, com toda a raiva que eu poderia acumular dentro de mim. – Eu nunca seria seduzida por um homem como você.

– Como assim, um homem como eu? – ele perguntou realmente parecendo ofendido.

– Se Gustavo estiver certo, e eu acho que está, um babaca. Só tenho pena de você.

– Pena?

– Com licença. – eu disse me levantando.

– Alice, nem pense em sair andando. – Leo disse se levantando, e segurando minha mão. Um choque percorreu meu

corpo.

– Por quê? – eu me virei para ele, e olhei no fundo dos seus olhos, pude ver que ele também havia sentido aquela sensação.

Ficamos ali nos olhando por segundos que pareceram minutos. Estávamos muito perto um do outro, tão perto que eu poderia beijá-lo apenas se ficasse na ponta dos pés.

– Sente pena de mim? – Leonardo perguntou.

– Sim! – eu disse com veemência.

– Então por que não é isso que vejo nos seus olhos?

Cheguei para trás e virei-me, como se pudesse esconder o que eu estava sentindo. Leo veio até mim, e colocou uma mão na minha barriga, me segurando de leve, puxando um pouco para trás. Eu não fiz muita questão de me manter firme e me permiti ser puxada por ele. Ele me envolveu mais e eu pude sentir minhas costas encostar em seu abdômen.

– Desculpa, se eu disse algo errado, Lice. – ele sussurrou no meu ouvido.

A forma como ele falava meu apelido me fazia ter arrepios. Sua mão na minha cintura parecia esquentar aquela região, uma sensação calorosa que eu queria que continuasse. Eu estava ali mais uma vez entregue a ele. Meu corpo pedia por mais contato, minha mente parecia parar de funcionar. Meu coração batia mais e mais rápido.

Fui eu que me afastei, dei um passo para a frente. Leo foi embora assim que nos distanciamos, deixando-me ali sozinha. Meu corpo estava trêmulo e minha respiração ofegante.



O caminho para casa foi tranquilo. O ônibus para irmos embora foi nos buscar às 17h em ponto. Todos os outros grupos já estavam lá quando entramos; Gustavo havia se sentado na cadeira ao lado da que eu fiquei, e disse para eu me sentar junto dele.

Nós paramos no caminho para comer algo antes de pegar a estrada. Eu e meus amigos trocamos as experiências que tivemos. O pessoal das Exatas, Vivian, Marcelo, Gustavo e Ricardo, estavam completamente encantados com os equipamentos de arquitetura e engenharia. Letícia foi à área de Biologia e disse que os laboratórios eram riquíssimos.

Helena explicou para todos a parte de Humanas, eu não estava muito entusiasmada de me lembrar do que havia acontecido. Ela começou pela parte de Design e Moda, Literatura e Sociologia; descreveu que eles têm um ateliê enorme, mesas de desenho e de produção maravilhosas. A biblioteca era maior que o pátio e a quadra da nossa escola junta. Depois ela seguiu para Ciências Sociais, Direito e Jornalismo, as minhas partes favoritas.

Quando voltamos ao ônibus e pegamos a estrada, Gustavo e eu ficamos muito juntos. Ele me fez deitar em seu ombro, acariciava minha face. Nós nos beijávamos e aproveitávamos a presença um do outro ali. Eu me sentia em paz, calma e segura; parecia que ele sabia que algo tinha acontecido, mas não perguntou. Ele fez de tudo para que eu ficasse bem novamente.

Leo estava no assento ao lado, como anteriormente, mas eu evitava olhar para ele com todas as minhas forças, que parecia sério, e não ouvi muito da sua voz durante a volta.

Quando chegamos a nossa cidade, Gustavo disse que me acompanharia até o ponto de ônibus, que me levaria para casa.

Enquanto, pude ver Leo vindo na direção em que estávamos.

Ele falava ao telefone, parecia preocupado. Eu desviei o olhar e pouco depois o ônibus chegou. Pude vê-lo de relance enquanto passávamos por ele, mas não olhei para o lado. Queria esquecer o que havia acontecido hoje, aquele sentimento estranho não podia me levar a nenhum lugar bom. E eu não queria magoar Gustavo de nenhuma forma, pois ele estava se mostrando um namorado carinhoso, sensível e eu gostava muito de estar ao lado dele, eu faria de tudo para tornar isso cada vez mais sólido e permanente.

Contudo, quando minha cabeça repousou no travesseiro algumas horas depois, a dúvida preenchia meu coração.

Capítulo 6 ***Batalha***

27 de novembro, quarta-feira.

Eram 12h30m e eu saía da sala um pouco tonta. Estávamos no meio da semana de provas finais. Mais dois dias, se os resultados fossem positivos, eu estaria formada no Ensino Médio. Hoje, depois de ganhar a liberdade, estaria ocupada, pois leria para as crianças, o último encontro do ano com eles.

Gustavo me esperava do lado de fora, conversando com alguns amigos. Ele me acompanhou até em casa, um pretexto para estar ao meu lado. Troquei de roupa e me arrumei decentemente: coloquei o uniforme da minha escola de lado, só o usaria por mais duas oportunidades e depois ele seria doado.

– Você está magnífica. – ele passou a mão pelo tecido do vestido na parte do meu ombro e segurou a minha mão. Meu vestido era verde e ia até os joelhos, um dos meus favoritos.

– Obrigada – respondi envergonhada, corei visivelmente, o que o fez rir. – Hoje é a última quarta do ano letivo, estou ansiosa.

Ele se sentou na copa, eu fui para a cozinha e esquentei nosso almoço. Gustavo dizia que gostava de me ver cozinhar, o que fazia com que eu tentasse fazer tudo o mais graciosamente possível. Ele estava com olheiras consideráveis, dava para ver que estava cansado depois de todas as provas, mas não admitiria isso. Eu estava apreensiva com aquilo tudo, queria que terminasse o mais rápido possível.

Terminei de preparar tudo e coloquei a mesa. Gustavo me ajudou com os talheres e copos, algo nele estava estranho. Começamos a almoçar em silêncio, eu tinha medo de indagar-lhe sobre o que o atormentava, pois tínhamos pouco tempo para ficarmos juntos, e não sabia se queria passar brigando.

– Acho que finalmente nos livraremos de Leonardo. – ele disse. Era a primeira vez que ele falava sobre Leo depois do que havia me contado. – Assim que acabar essa semana, não precisarei vê-lo nunca mais.

– Para falar a verdade, não. – respondi meio receosa. Eu talvez pudesse encontrá-lo hoje, na confraternização da escola dos

meus pais, na formatura... – Ele estará na nossa cerimônia de formatura e na viagem.

– Como assim na viagem? – Gustavo estava muito zangado, mas essa foi uma das condições para os pais aceitarem.

– Quando fechamos o contrato no primeiro, estava descrito que um responsável da escola iria, antes seria Lídia, então é ele agora.

Gustavo ficou em silêncio absoluto. Não queria irritá-lo, mas era a verdade. Eu me levantei, peguei nossos pratos e deixei na pia. Mais tarde eu lavaria aquela louça, mas agora eu precisava ir embora. Comecei a caminhar para a saída, sendo seguida de perto por Gustavo. Fechei a porta de casa e olhei para ele, que mexia nervosamente no celular.

– Eu posso buscar você quando acabar? – ele perguntou. Ele parecia realmente desestabilizado.

– Vou voltar com meus pais, obrigada. – eu disse indo em direção dele. Ele parecia muito bravo. – Quer me falar o que está acontecendo?

– Não quero que você encontre com o Leo. – ele parecia bravo. Não olhava para mim enquanto falava. – Ele pode estar lá hoje quando você sair. Não quero vê-los conversando.

– Você fala tanto sobre o quanto Leonardo era controlador e olha o que você está fazendo. – eu disse ríspida. – Estou há quase 8 meses fazendo esse projeto de leitura sem encontrar um dia com Leonardo. Ele não vai fazer nada contra mim. Pode ficar tranquilo. Não tem motivo para se preocupar.

– Eu só estou cansado. – ele disse, finalmente olhando para os meus olhos. – Essas provas vão ser decisivas para mim, você

sabe, não tenho dormido nada bem. Saber que ele permanecerá mais tempo ao seu lado me deixa mais angustiado. Não confio nele.

– E por que não confia em mim, então? – eu disse pegando na sua mão. – Estamos juntos, não estamos?

Ele ficou em silêncio. Não pareceu muito entusiasmado em responder. Gustavo deu um passo para trás.

– Não, Alice, não confio. – as palavras dele me atingiram como um choque.

Começamos a caminhar sem dar mais uma palavra. Estava muito chateada com o que ele dissera. A última vez que eu havia falado com Leo, nós havíamos brigado e, desde então, eu evitava até mesmo olhar para ele. Nas poucas vezes que ficamos próximos, eu nem ao menos tinha mostrado que notava a presença dele no recinto e não havia acontecido nada nos últimos dias que pudesse fazer Gustavo pensar daquela forma, porque eu mesma estava obstinada a não deixar Leonardo se aproximar. Não queria estar perto dele novamente. Aquela sensação que eu sentia com ele ao meu lado era tudo que eu desejava evitar.

Nos últimos dias, eu fazia de tudo para estar com Gustavo e criar momentos bons com ele. Ajudei-o a estudar para as provas, ficávamos todos os segundos perto um do outro: planejamos as nossas férias e o que faríamos no início do ano subsequente. Enquanto pensava nisso, andamos por cerca de 15 minutos sem uma palavra, mas eu podia sentir a inquietação. Eu estava pronta para dizer algo que fosse amenizar as coisas quando algo aconteceu.

De repente, perdi o equilíbrio, meu corpo foi empurrado para frente, como um tropeço simples. Mas eu senti um choque contra e

caí na rua, fora da calçada, perto dos carros. Eu poderia ser atropelada facilmente. Podia ver o carro se aproximando. Um motorista desviou rápido e parou o carro.

Levantei-me. Minha cabeça rodava e eu senti um enjoo tremendo, não conseguia raciocinar, minha vista ficou cheia de pontos pretos e eu me escorei no poste mais perto. Gustavo ficou parado me olhando. Tive a impressão de que ele disse algo, mas eu não conseguia ouvir. O motorista do carro gritava com Gustavo, dizia ter visto o que aconteceu. E eu não entendia do que eles falavam.

Eu comecei a me recompor. Andei na direção da escola dos meus pais, precisava de um lugar seguro para ficar. Eu estava tonta, mas precisava chegar lá. Era abrigo, calmo e sem mais riscos e perigos.

– Alice, espera! – Gustavo gritou atrás de mim, mas eu não pensei em me virar, apenas queria seguir e chegar lá rápido.

Gustavo segurou meu braço e eu parei, sem me virar para ele. Meu namorado veio até a minha frente e se ajoelhou. Eu podia ver que ele estava alarmado, suas mãos tremiam.

– Me desculpa. – ele falou tremendo, parecia realmente perturbado. – Eu tentei te segurar e acabei te empurrando mais!

Eu demorei a entender o que ele queria dizer. Mas aí a ficha caiu. O choque foi contra o corpo dele, e me redirecionou para a rua.

– Eu preciso ir. – eu disse firme. Estava longe de estar atrasada, só queria algum lugar em que podia respirar. –Você não fez de propósito, fez?

– Nunca! Nunca machucaria você de propósito! – ele disse em um tom desesperado.

Lá estava Gustavo, ajoelhado, dizendo que nunca me machucaria. Mas por algum motivo, talvez a confusão, o medo, a adrenalina, eu não acreditava naquilo.

– Tudo bem... – eu disse como um suspiro – Eu vou indo.

Desvencilhei-me dele e comecei a caminhar.

– Eu vou com você! – ele exclamou, me seguindo.

– Eu não quero que você vá comigo a lugar algum. – falei, sem olhar para ele.

Eu segui a passos largos, ele continuou perto de mim e me chamava diversas vezes, provavelmente desistiu de tentar me alcançar quando viu que seria inútil tentar conversar. Não lembro como cheguei até lá, mas cheguei. Passei pelas portas da escola e fui até à cozinha dos funcionários. Pedi um copo d'água para as cozinheiras, que perguntaram se eu estava bem, pois segundo elas, eu estava pálida.

Eu respondi que sim, que só fiquei tonta pelo calor que estava lá fora. Aos poucos, fui me recuperando do susto. A água fez com que meu corpo tomasse forças novamente.

Levantei-me, agradei às meninas que me ajudaram e desejei-lhes bom final de expediente. Comecei a caminhar até a brinquedoteca, local onde aconteceria a leitura. Assim que cheguei lá, separei o livro que leríamos e esperei pela chegada das crianças. Minha cabeça só agora havia se recuperado por completo, eu me sentia pronta para começar a ler. A primeira professora chegou e veio falar comigo, as crianças lotaram o ambiente.

– Alice! – ela me cumprimentou calorosamente até que olhou bem para mim. – Você está bem?

– Sim, estou. Muito obrigada! – eu sorri para ela e me virei para as crianças. – Vamos ouvir uma historinha!

Elas se amontoaram aos meus pés. Sofia, a mais carinhosa daquela turma, deitou-se no banco e repousou a cabeça em meu colo. Li para eles “João e o pé de feijão” e os seus rostos de felicidade faziam com que tivesse valido a pena quase sofrer um acidente para estar ali.



Eram 17h30m e faltavam exatos 30 minutos para acabar as aulas das crianças. A última turma que entrava era a de Laura. Ela estava em um dia bom, veio até mim e me abraçou, parecia muito contente de estar ali.

Ela era sempre uma caixinha de surpresas, dava respostas mais sinceras e espertas do que muitos adultos, mas seu humor mudava muito. A separação dos pais não deve ter sido fácil para sua cabeça assimilar. Tão nova, e tão esperta.

Mas para dizer a verdade, não era ela que eu procurava. Leonardo disse que sempre chegava 30 minutos mais cedo, ele já deveria estar ali em algum lugar. Pedi para uma estagiária, que era minha amiga, ficar com eles por alguns minutos e fui até o banheiro.

Ele não estava pelos corredores, nem perto do pátio, que era onde os banheiros se localizavam. Pensei em percorrer mais alguns lugares próximos, mas já estava determinada a voltar para a sala e desistir. Ele não iria até lá, ainda mais depois da nossa briga.

Ao passar pelo corredor novamente, vi uma porta aberta de uma sala vazia, pensei em fechá-la, pois era norma da escola deixar

sempre tudo fechado e trancado. Entrei na sala para pegar a chave, que provavelmente estava por dentro, e a porta se fechou. Atrás dela estava ele.

– Encontrou o que estava procurando, Lice? – Leo disse me colocando contra a parede, literalmente. Ele andou e eu fui indo para trás, até restar apenas a parede atrás de mim. Sentir ele tão próximo fazia meu corpo tremer. – Acho que o jogo termina 2 a 1.

– Eu preciso ir! – dizia ofegante.

Minha respiração falhava, mas era completamente justificável por eu não esperar por ele ali, não pelo fato de seus lábios estarem a centímetros dos meus, não porque a proximidade dele me fazia ficar louca.

Meu olhar para ele era incrédulo, mas eu não podia deixar de reparar como seu cabelo e seu rosto combinavam perfeitamente. Ele sorriu como se aquilo fosse o suficiente.

– Tenho um combinado com a professora de Laura para ficar aqui enquanto ela está na leitura. No final da sala, há uma janela para a brinquedoteca. – ele apontou para o fundo da sala e eu pude ver que era verdade. Todas as salas tinham uma janela para lá, como não pensei nisso? – Eu normalmente puxo a cortina e fico olhando pela frestinha.

– Esconderijo revelado, parabéns, pois eu nunca teria achado você! Mas o que disse a ela para conseguir isso? Ela poderia ter sido demitida!

– Disse que saía do trabalho mais cedo nas quartas e queria poder ficar aqui e não no carro esperando por Laura. – Ele falou como se fosse a explicação mais plausível do mundo.

– Aposto que ela estava olhando para você na hora como todas as outras garotas que caem aos seus pés. Queixo caído, não pôde nem perceber o que fazia. Só por isso permitiu. – eu parecia irritada, queria que ele visse que eu estava irritada, mesmo sabendo que isso era exatamente o que ele queria que eu sentisse.

– Exatamente, Lice. A mesma carinha que você estava fazendo ainda agora, antes dos ciúmes. – ele disse sorrindo sarcástico. Eu queria arrancar o seu sorriso com um soco.

– Eu tenho que ir. – virei-me e ele segurou-me dê leve pela cintura. Eu queria mais daquele contato, apesar da raiva que eu estava sentindo.

– Me desculpa, Lice. Eu não queria causar irritação. – sua voz fez meu corpo se arrepiar. Era calma e doce. – Podemos conversar mais tarde?

– Eu espero que você goste da história de hoje. – não cedi, continuei caminhando até a brinquedoteca novamente.

Fui para a sala novamente, sentei-me já começando a preparar-me para ler a história. As crianças vinham até mim e se sentavam por perto para ouvir, comecei a entonar as primeiras frases com força, colocando o máximo de sentimentos e emoções.

Eu olhava para a sala onde Leonardo estava, podia ver ele no canto, escondido. Eu falei a história olhando para ele, minha voz entonando, ditando o ritmo. Quando estava quase terminando, eu deixei de olhar para ele e me virei para as crianças, que pareciam encantadas.

– Ele e sua mãe ficaram tão ricos que nunca mais se preocuparam com absolutamente nada e viveram felizes para

sempre. – disse sorrindo. Olhei para Leo novamente e ele batia palmas. Eu corei de leve, e voltei-me para os pequenos.

Esperei que as crianças se dispersassem e me levantei. Eu coloquei novamente o livro na prateleira e já me virei. Ele estava ali novamente. Respirei fundo, olhei para frente como se não o visse e dei a volta nele.

– Hoje era o dia em que eu falaria com você, nos meus planos. – ele falou, fazendo-me parar. Virei-me e olhei em seus olhos, interrogativa. – Queria esperar a última quarta para poder falar com você.

– Que bom que teve essa oportunidade antes e não precisou esperar. – eu disse, fingindo doçura, e no final revirei os olhos.

– Eu sei que eu fui muito estúpido nas últimas vezes que conversamos, não queria te deixar chateada. – ele estava tão perto de mim, podia esticar meus braços e tocá-lo. Poderia até beijá-lo se quisesse.

– Lince! Espero que você não esteja contando nossos elogios a Leonardo. – mamãe caminhou até mim. – Leo, não se importe, mas falamos muito sobre você. – Minha mãe riu despreocupada, sua risada era maravilhosa.

– Olá, Leo! – meu pai o cumprimentou com um aperto de mão e se virou para mim. – Olá, Lince, como você está, minha flor?

– Bem, papai. Eu e Leo estávamos conversando sobre Laura. – eu menti. – Ela é uma menina muito carinhosa. Não tive oportunidade de conhecer sua esposa, mas estão de parabéns pela educação dela.

Eu me virei para ele sorrindo. Leo me estudou, olhava para mim procurando pelas entrelinhas, talvez quisesse entender por que eu havia dito esposa: se era mais uma forma de provocá-lo ou se eu estava fazendo cena para meus pais. Eram as duas coisas. Eu e ele ficamos mais uma vez vidrados, não sei por quanto tempo, apenas sei que fomos interrompidos.

– Filha, nós pensamos em sair para jantar hoje. O que você acha? – minha mãe disse, quebrando nossa interação.

– Acho perfeito! – eu disse, sem tirar os olhos dele.

– Leo, você quer vir conosco? – meu pai perguntou, o que fez com que eu desviasse o olhar. Meu pai só podia estar brincando. Olhei para ele com os olhos arregalados, balançando a cabeça para dizer que não!

– Acho perfeito, senhor André. Preciso apenas deixar Laura na casa da mãe e me encaminharei até lá. Qual será o restaurante?

Meus pais combinavam os detalhes com ele enquanto eu olhava atônita para todos ali, aquilo definitivamente não poderia estar acontecendo. Eu estava com planos de ir para casa e conversar com Helena, talvez pedir para falar com todas as meninas...precisava de muita ajuda depois do que havia acontecido com Gustavo.

Eu estava disposta a contar a elas as coisas sobre Leonardo, afinal, agora ele não era nosso coordenador efetivamente, só burocraticamente. O que me permitia, talvez, sonhar mais alto, mas não tanto depois da cena que ele fez. Como ele podia agir daquela forma, galanteador e prepotente? Esse jantar estragava tudo que eu havia planejado e colocava-me cada vez mais perto de Leo. O oposto do que Gustavo queria.

– Vejo vocês mais tarde. – Leo se despedia dos meus pais com apertos de mão. Quando chegou até mim, eu estendi a mão para que ele a apertasse, ele pegou minha mão, o choque percorreu meu corpo, como todas as vezes que ele tocava em mim. Ele virou minha mão e a levou aos lábios, beijando-a.

Olhei para minha mãe, com olhos um pouco arregalados e ela reprimia um sorriso.



Eu agradei por estar com um vestido bonito. O restaurante a que fomos não era exatamente requintado, mas era um local para estar bem apresentável. Nós entramos rápido, era meio de semana, não havia motivo para movimento. Chegamos lá 1h após nos despedirmos de Leo para que meus pais pudessem deixar tudo da escola em seu devido lugar.

Assim, Leonardo entrou poucos minutos depois de nós e eu certamente não consegui evitar que meu queixo caísse. Ele havia arrumado mais o cabelo, colocado uma camisa estilo social, mas de jeans. A calça preta ficava perfeita. Ele sorria em nossa direção, mas quando olhou para mim seu sorriso se abriu mais.

A mesa era quadrada, meus pais se sentaram de um lado e eu me sentei do outro. Havia uma cadeira na ponta, mas ele não se sentaria ali, era óbvio que ele ia querer:

– Posso me sentar ao seu lado, senhorita Alice? – ele falou. Antes que eu pudesse pensar, minha cabeça já havia assentido. Eu realmente odiava como ele fazia meu corpo trabalhar contra mim.

O garçom chegou com o cardápio e só deixou dois na mesa. Primeiro eu quis xingá-lo, e depois o universo por ter feito isso. Não era culpa daquele moço que só dispunha de dois cardápios. Ofereci

para Leo e ele disse que eu poderia ver primeiro, mas ele, não satisfeito, chegava a cada segundo mais perto para acompanhar comigo. Assim, podia sentir o cheiro de seu perfume, que combinava perfeitamente com ele. Parecia ser um perfume antigo, mas a fragrância emitia frescor. Leo estava tão próximo que, ao respirar, o meu cabelo mexia levemente, me fazendo cócegas no pescoço.

Eu demorei muito tempo para pedir, ele também; o cardápio era grande e variado, mas esse não era o problema para mim. Eu estava desconcentrada e me odiava por isso. Hoje havia ficado claro que ele só estava brincando comigo, assim como fez com a ex-esposa e deve fazer com todas as meninas que cruzam seu caminho.

Por fim, decidi por um espaguete à carbonara, Leo pediu por um pato com laranja, minha mãe por um bacalhau do porto e meu pai pediu mocotó. Esperávamos nossos pedidos, enquanto meus pais falavam do assunto favorito deles: a escola. Foram cerca de 30 minutos sobre ideias, problemas, soluções, inovações.

Leo escutava tudo muito empolgado, afinal ele também era envolvido com educação. Pelo que Helena descobriu, ele tinha formação em História e já havia cursado até o mestrado. Ele dava aula em algumas outras escolas, e era colega de Lídia em uma dessas, daí surgiu o convite para substituí-la. Era sua primeira experiência com coordenação, mas ele parecia alguém que gostava de experiências novas.

Os pratos começaram a chegar. Primeiro o da minha mãe e o meu; os dos meninos foram os últimos. Estava realmente

delicioso, o sabor era incrível. As conversas rarearam um pouco, mas continuamos com comentários aqui e ali.

Eu observava Leo enquanto ele e meus pais conversavam. Seus cabelos negros estavam maiores que o normal, ameaçando a fazer cachos. Seu rosto sério o fazia parecer mais maravilhoso. Eu me perdi completamente nos traços e gestos dele, a forma como sua respiração fazia o seu peito contrair e voltar. O jeito como os olhos dele se apertavam para olhar algo que estava longe.

Senti minha bolsa vibrar pela décima vez desde que chegamos, mas decidi checar o que era assim que acabasse de comer.

– Filha, Gustavo me mandou uma mensagem perguntando de você. – minha mãe falou quando faltavam apenas duas garfadas. Provavelmente explicava a razão de o meu celular não parar de tocar. – Disse-lhe que estávamos aqui.

– Tudo bem, mãe. Sem problemas. – falei, mas fiquei apreensiva. Se Gustavo chegasse, não poderia explicar o que estava fazendo ali. Olhei para Leo e ele entendeu sem nenhuma palavra, pois só nosso olhar já era o suficiente.

– Senhora Flávia, Senhor André, eu agradeço muito pelo jantar, mas eu devo ir.

– Poxa, mas não pedimos a sobremesa! – minha mãe exclamou.

– Fique mais um pouco, Leonardo, eu insisto – meu pai pediu.

– Bem, eu vou até lá fora um instante tentar falar com Gustavo, se o senhor não for mesmo ficar, senhor Leonardo, despeço-me na saída do restaurante.

Eu saí rápido e peguei meu telefone, tentei ligar para Gustavo. Ele não atendia. Eu precisava evitar que ele fosse até lá. Fiquei uns bons minutos tentando, mas nada. Deduzi que ele não estava atendendo, mas também não deveria estar vindo.

Voltei para a mesa e me sentei novamente. Meus pais pediam sobremesas e não pareceram notar que eu havia chegado.

– Seus pais são muito insistentes. – ele disse rindo. – Alguma novidade?

– Nada, ele não atende. – eu falei cabisbaixa. – Aconteceu uma coisa hoje, eu acho que você deveria saber.

– Aqui não.

– Eu sei – eu respondi séria. – Só não consigo pensar em nada agora.

– Eu pensei – ele pegou um guardanapo e uma caneta. – Anota seu endereço. Passarei lá 30 minutos depois de sairmos, dê um jeito de me encontrar. Vou estar a 10 metros com meu carro estacionado.

– E você, Alice, o que quer? – meu pai perguntou ainda meio distraído, ele parecia estar tendo uma conversa muito animada com o garçom.

– Vou querer um pedaço de torta de chocolate.



Estávamos pagando a conta, e Leonardo fez questão de pagar a da donzela Alice. Eu ainda não havia decidido se ele era assim todo formal ou se era apenas cena. A noite havia sido realmente boa, eu me sentia bem ao lado dele. Apesar de estar certa de que ele queria brincar com meus sentimentos, como

qualquer homem de 30 anos faria com uma menina de 18, eu ainda não conseguia parar de perder o fôlego quando estava com ele.

Eu havia anotado, junto ao meu endereço, o meu número de telefone, para caso ele precisasse me ligar e, no fundo, eu queria muito que ele precisasse. Despedimo-nos dele, meus pais agradeciam a companhia e prometiam que o evento se repetiria mais vezes. Ele agradecia e sorria para os dois, e, na minha mente, passou por um segundo que meus pais gostariam de um genro como ele.

E então eu me peguei sonhando novamente sobre nós dois. Agora que tinha convivido mais com ele, não era apenas o sentimento irracional e minha imaginação que faziam as cenas. Minha memória levava-me aos momentos em que ele estava perto de mim: quando me segurava, seu toque inconfundível; na universidade, quando ele pegou minha mão e fez sentir aquela corrente de energia que passava entre nós; o dia em que ele me ajudou com o ataque de ansiedade, sua voz penetrante, o conforto de seus braços, seu cheiro.

– Alice, foi um prazer. – ele fez um gesto com a mão, e eu pousei a minha sobre a dele, como ele havia feito mais cedo para beijá-la.

Uma corrente de energia passou por nós, e eu pude ver nos seus olhos o momento em que ela o atingiu. Eu já estava acostumada com aquilo, era algo que eu já poderia dizer gostar. Ele se curvou quando alcançou minha mão com os lábios:

– Tira a mão dela, seu canalha! – eu pude ouvir, não muito longe de mim, uma voz embargada de alguém que provavelmente

teria bebido além da conta. Virei-me e vi Gustavo, que fazia um enorme esforço para se manter de pé.

Eu ia até ele, mas Leo me interrompeu, me segurando pela mão. Ele se colocou entre mim e Gustavo, como se quisesse me proteger e, tendo em vista o acidente de mais cedo e o estado do meu agora ex-namorado, eu não estava em condições de negar.

– Vamos, Gu, vou te levar para casa! – ele começou a se aproximar de Gustavo devagar, que tentou chegar para trás e quase tropeçou.

– Eu não vou a lugar nenhum com você! – ele falou alto, as pessoas começavam a parar seus afazeres para ver o que ocorria. – Alice, nós precisamos conversar!

– Vamos, eu vou te levar para casa. – Leo insistiu – amanhã tenho certeza de que Alice vai escutar você com mais calma! Agora, vamos.

Ele investiu contra Gustavo e imobilizou seus braços. Gustavo se debatia, pedia para que ele o soltasse. Eu comecei a lacrimejar ao ver aquela cena, e minha mãe me abraçou. Depois de algum tempo ele cansou e se deu por vencido. Leo colocou-o no carro e levou-o para casa.

Meus pais me guiaram até o carro e eu fui para casa, com muita angústia no meu peito. Por pior que fosse o acidente de hoje, Gustavo não queria me machucar e nem me ferir, foi o que ele disse. Vê-lo daquela forma, talvez por minha causa, era muito pior para mim. Queria estar com ele, cuidar dele.

Quando cheguei a minha casa, expliquei toda a situação para os meus pais, contei tudo sobre Leo e Gustavo. Falei sobre a discussão de mais cedo, o acidente. Meus pais não disseram nada,

apenas pediram para que eu não achasse que era culpa minha e para descansar, pois havia sido uma semana conturbada.

Fui para o meu quarto e tomei um banho, a água me fazia sentir melhor. Quando encontrei minha cama, adormeci como uma pedra.



Meu sonho estava tremendo, um som estranho era emitido, mas só eu podia ouvir. Abri os olhos e o meu celular estava tocando. Atendi rápido, imaginei que poderia ser Gustavo, queria que fosse ele, me dizendo que estava tudo bem e ele estava melhor. Mas não era.

– Alice, eu estou aqui. – eu também queria poder dizer que demorei a reconhecer a voz, mas meu corpo se acendeu com aquele recado.

– Estou indo.

Levantei-me, fui até o banheiro, preendi meu cabelo, passei água no rosto e bochechei enxaguante bucal. Abri minha janela e pulei. Fui para frente da minha casa e olhei para os dois lados, um farol piscou na esquerda, então eu fui até lá.

– Que horas são? – eu perguntei assim que entrei no carro. Leonardo parecia cansado, mas ainda estava muito bonito.

– Meia-noite e meia, mas pelo visto o feitiço da fada madrinha não acaba nas doze badaladas. – eu fiquei muito vermelha quando entendi, mas, graças ao sono, isso foi tardio. – Acabei de sair da casa do Gustavo. Os pais dele não estavam, mas eu sei onde fica a chave reserva.

– Era da família... – eu pensei alto.

– Era. – ele confirmou sério, sua voz me causou um arrepio.
– Agora, diga-me, o que você precisava me contar. Deve explicar o motivo dessa atitude dele...

Falei com ele tudo calmamente. Desde o momento que eu e Gustavo lanchávamos, até eu chegar à escola, com o máximo de detalhes que meu cérebro se lembrava naquele momento. Fiquei com vergonha de admitir a ideia de Leo estar interessado em mim na frente dele, mas não havia como explicar sem contar aquilo.

Enquanto eu falava, buscava sinais nos seus olhos. Queria poder ler o que ele pensava sobre tudo aquilo, queria desesperadamente que ele falasse algo sobre a possibilidade de ele gostar de mim...

– Eu resolvi contar, porque você também estava preocupado com Gustavo e esse assunto está diretamente relacionado a nós três. Eu acho, de verdade, que você deveria conversar com ele, esclarecer as coisas. Gustavo está com raiva de você. – eu engoli a seco depois que acabei de falar. – Eu não sei se deveria ter terminado com ele, mas eu estava...

– Eu entendo seus motivos, Alice.

Por uns minutos ficamos em silêncio.

– Eu queria me desculpar com ele e com você. – ele mordia os lábios e mantinha os olhos fechados, como se tentasse evitar chorar.

– Comigo? Por quê? – eu realmente não entendia.

– Você sabe, Alice. Não deveria ter me aproximado, não poderia nunca ter falado com você, para começar. Foi um erro pensar que talvez.... – ele fez uma pausa, pousou a mão sobre o rosto, parecia estar apreensivo. – Eu não sei nem o que eu estou

fazendo aqui, agora, não é o certo estarmos juntos, no meu carro, a essa hora! – ele disse enumerando cada coisa que era errada.

– E quem teria me ajudado naquele corredor? – eu perguntei séria. – A gente está aqui para ajudar o Gustavo! Nesse momento temos que focar nele, e farei o que for preciso para que ele fique bem. E, diferente de você, eu não me arrependo de tê-lo conhecido, só assim poderemos tentar resolver essa situação.

Ele olhou para mim e sorriu, o que fez com que eu prendesse a respiração.

– Você é tão inocente e pura. – ele parecia pensativo. – Eu sempre cuidei de Gustavo como se fosse meu irmão mais novo, sei que ele ama você.

– Ele é muito importante para mim. Sempre foi meu melhor amigo. – eu me sentia mal em falar aquilo, mas era verdade.

Leo mordeu os lábios mais uma vez, segurou as chaves do carro como se fosse dar partida. Respirou fundo e olhou para mim. Eu vi dor no seu olhar, contudo não entendia. Ele parecia querer me dizer uma coisa, mas não disse nada.

– Se você está arrependido de qualquer coisa que tenha feito, ainda há tempo de reverter. Gustavo pode te perdoar. – eu estava tentando de tudo. – Nunca é tarde para se arrepender.

– O problema, Alice – ele dava pausas enquanto falava. – é que eu não estou arrependido pelo que eu fiz. Estou arrependido pelo que vou fazer. Qualquer escolha que eu fizer vai me causar arrependimento.

– Eu sei que você só deve me achar uma pirralha – ele me interrompeu rindo, o que não foi legal. – Mas, a vida é isso: tudo tem um efeito. Se você vai se arrepender de qualquer um dos dois, faça

o que for te deixar mais feliz. Assim, ele olhou para mim e, de repente, nós estávamos de novo presos um no olhar do outro. Eu podia ver tudo que ele sentia e podia senti-lo despindo minha alma e buscando meus sentimentos mais profundos.

Estava escrito nos olhos dele, como em todas as vezes em que entramos em transe, que ele me desejava, mas eu não conseguia acreditar naquilo. Ele sabia das minhas dúvidas e angústias, sabia o que ele causava em mim, sabia o quanto eu lutava contra aquilo.

Leonardo levou sua mão até o meu rosto e eu fechei os olhos na expectativa do seu toque. Ele passou a desenhar o contorno da minha face com as mãos, e eu sentia minha pele arrepiar onde os dedos dele encostavam. Ele segurou minha nuca e me trazia para perto, e esperei acontecer. Eu queria aquilo, tanto quanto queria água, comida, oxigênio. Eu estava completamente entregue a ele.

Ele me queria também, estava mais do que claro. Tudo o que havia acontecido até ali, todos os olhares, todos os toques. A forma como sempre estávamos nos encontrando. Ele sentia aquilo, e eu tinha certeza de que ele se sentia como eu. No entanto, ele me soltou e pousou as mãos sobre o volante com força. Eu abri os olhos rapidamente e puxei o ar que não sabia que me faltava, meu coração pareceu parar de bater e voltar. Ele não me beijou, apenas me trouxe para perto, talvez para saber se o que ele lia nos meus olhos era verdade.

Eu já estava convencida de que o que eu li nos dele não passava de mais um olhar que ele compartilhava com qualquer mulher que ele estivesse tentando conquistar.

– Saia do carro por favor, Alice. – ele disse sem nem olhar para mim.

– Leo... – eu disse receosa, tentando recuperar o ar e as palavras, repousando minha mão em seu ombro, mas ele se ajeitou no banco, fazendo com que eu tivesse que soltá-lo.

– Sai do carro, pirralha!

Eu engoli seco e abri a porta. As lágrimas já escorriam pelo meu rosto.

– Com prazer, coordenador. – eu disse, minha voz embargada, mas ríspida. Saí do carro batendo a porta atrás de mim. Quando cheguei até minha janela, as lágrimas escorriam pela pele sem que eu pudesse evitar e eu sabia explicar o porquê. Eu não olhei para trás, mas pelo som, eu ouvi o carro dele indo embora. Eu desabei em frente à minha janela, talvez a tempo de ele ter partido, mas eu não tinha certeza. Por mais que eu tivesse evitado dizer aquilo, pensar sobre o sentimento que eu sentia por Leo era paixão.

Sem sombra de dúvidas, apaixonada por Leo. Não havia nada nem ninguém que pudesse evitar isso. Eu já sentia desde o primeiro dia em que o vi, mas tive que sentir ele me rejeitar para entender que eu estava apaixonada por ele, dos pés ao meu último fio de cabelo. Por mais que Gustavo tivesse me alertado, por mais que eu me negasse àquilo. Era maior e mais forte do que eu.

Mas Gustavo estava certo. Leonardo nunca perdeu uma batalha.

Capítulo 7

Labirinto

30 de novembro, sábado.

Prendi o cabelo em um rabo de cavalo bem alto e olhei para o espelho. Já estava pronta para sair, só faltavam os sapatos e eram 11h23, e me perguntava se elas chegariam logo.

Acreditava que aquele seria um dia tranquilo se comparado aos últimos dois. Além de ter que passar pelas provas finais da escola, ainda tive de lidar com toda a confusão que Leonardo e Gustavo causavam no meu coração. Apesar de encontrar com ambos, não falei com nenhum dos dois. Gustavo até tentou uma aproximação, mas graças às meninas ele não havia obtido sucesso. Letícia insistia veementemente para que eu desse uma nova chance para ele, mas eu não estava interessada. Queria dar tempo ao tempo, e voltar com Gustavo não estava nos meus planos. Apesar de ainda gostar demais dele, estava claro para mim que a paixão por Leo me dominava, a mesma paixão que eu evitava aflorar. Não dirigi nenhum olhar a ele nos últimos dias e, graças ao fato de estarmos em prova, isso foi bem fácil. Eu pretendia cumprir com a nossa agenda: encerramento das aulas do colégio dos meus pais (evento do qual já pensava em fugir de alguma forma), minha

formatura e a viagem e, depois disso, estaria tudo acabado e eu poderia esquecê-lo por completo.

Era um dia quente e eu pretendia andar por cada centímetro da exposição, por isso usava as roupas mais leves possíveis. Enquanto colocava os sapatos, ouvi a campainha tocar e imaginei que fosse minha carona que havia chegado. Apressei-me para pegar minha bolsa e fui até a porta.

– Pronta para gastar muito dinheiro e sola de sapato? – Helena disse assim que abri a porta.

– Prontíssima! – saí e bati a porta atrás de mim.

– Ricardo vai com a gente, você se importa? – ela perguntou.

– De jeito nenhum!

Estávamos indo a uma exposição de livros no parque municipal da cidade. Helena, Letícia, Vivian e eu, (e agora Ricardo). Na noite anterior, Helena havia convocado todas nós para esse passeio e eu fui a primeira a aceitar. Passar um tempo com elas certamente me faria bem, com uma exposição de livros rolando então...

Dirigimo-nos até o parque da cidade. Lá era onde ocorria a maior parte dos shows e eventos grandes que a cidade sediava, apesar de ser um grande espaço com um pequeno labirinto, vegetação e terra. Chegamos lá cerca de meia hora depois de termos saído da minha casa e o clima parecia ainda mais quente e convidativo. A parte do parque onde não ocorria a feira estava lotada: pessoas faziam piqueniques, crianças brincavam de bola. A feira parecia um pouco vazia... era o primeiro dia que ela acontecia,

mas, além de não ter sido corretamente divulgada, as pessoas daquela cidade não eram muito ligadas nos livros.

Resolvemos ir ao parque para conversar primeiro e depois iríamos para a feira. Cada uma havia trazido algo para comermos. Eu levei sanduíches, Helena, nuggets caseiros, Letícia, as bebidas, refrigerantes e sucos, e Vivian alguns biscoitos de chocolate. Sentamo-nos perto de uma árvore, uma toalha no chão e nós nos servíamos de comer e beber. Ficamos ali por, pelo menos, uma hora apenas conversando, olhando a paisagem e apreciando aquele momento. Era bom demais tê-los ali, fazia com que eu esquecesse tudo que estava acontecendo.

– Eu vou dar uma volta. – Ricardo disse. – Sei que vocês vão morrer de saudade, mas preciso deixá-las a sós para compartilharem a fofoca.

Ele se levantou e nós rimos. Helena e ele se beijaram e ele saiu de perto de nós.

– Alice. – Vivian disse. – Você nos disse que terminou com Gustavo, mas você não explicou absolutamente nada.

– Há muito a ser dito, espero que vocês tenham vindo preparadas. – eu falei bastante séria e, então, comecei a contar.

Comecei pela relação de Leo e Gustavo, para mim o ponto-chave de toda aquela história; depois detalhei minha aproximação com nosso coordenador, todos os momentos...desde a lanchonete até o restaurante, passando pela minha crise de ansiedade na escola e a nossa briga na universidade.

As meninas fizeram pequenas observações no caminho para mostrar que estavam entendendo. Ao final, calei-me e esperei para ver o que elas fariam sobre o assunto. Demoraram um pouco

para assimilar tudo, pareciam confusas. Se elas estavam, imagine eu, que estava vivendo aquilo tudo.

– Olha só, Alice. Eu nem sei o que te dizer. – Letícia parecia pela primeira vez sem palavras mesmo. – Você errou em não falar com Gustavo de cara, mas você não sabia o que estava sentindo por Leonardo.

– Em compensação, Gustavo errou muito em tentar te controlar, em botar sua vida em risco, te empurrando para a rua, beber desesperadamente e ir atrás de você. – Helena completou.

– Alice não sabia o que estava sentindo, não podia falar. – Vivian disse tímida. Ela não queria contrariar ninguém. – Mas Gustavo gosta muito dela, se ele perdeu a cabeça, foi por amor. Todos erram, não podemos julgar ele por um erro.

Eu olhei para ela e pude ver que tentava convencer-se daquilo também.

– Agora, o que Leo fez. – Letícia continuou. – Ele está se divertindo com você. Ele é bem esse tipo, dá para ver de longe, se veste e se porta como um cavalheiro, mas ele pisca demais para as professoras e as mães de alunos. O tempo todo sendo sedutor e galanteador. Você vai ser mais uma.

Eu realmente fiquei triste com aquilo por eu ser burra de estar caindo na dele.

– Leo gosta da Alice! – Helena se exaltou. – Vocês têm de ver o jeito que eles se olham, dá para ver a química dos dois! Ele até pode ser assim, mas ele gosta dela de verdade.

– Eu nunca reparei, mas tenho certeza de que não sou tendenciosa como nenhuma de vocês duas. – Letícia era dura. – Não estou do lado de ninguém, espero que cada um se resolva

consigo e depois se envolva com o outro. Essas questões pessoais todas entre os três minaram as relações.

Eu assenti de maneira fraca. Não queria concordar com ela, mas ela estava certa. Deveríamos nos acertar em todos os sentidos, uns com os outros e nós com nossos sentimentos.

Eu estava determinada a conversar com Gustavo para esclarecer tudo, agora eu ganhara mais força. Não apenas para botar um ponto final definitivo, mas pela minha confusão em relação ao coração. Eu queria conversar com ele, abrir o jogo.

Gustavo era um príncipe, eu amava passar meu tempo ao seu lado, nós éramos cúmplices, conversávamos sobre tudo, compartilhávamos ideais, risadas e tristezas. Ele era meu melhor amigo, mas esse era o problema. Eu não correspondia a todas as suas expectativas, porque meus sentimentos por ele eram fraternos.

– Eu ainda estou com fome. – disse Vivian, interrompendo um pouco meus pensamentos.

– Vamos comer algo, Vivian. – Letícia respondeu já se levantando. – Por que vocês não vão até a feira e começam a ver tudo? Nós já alcançamos vocês.

Eu e Helena recolhemos as coisas que sobraram, como as toalhas e os potes, e seguimos para a feira. Entramos e fomos visitando os estandes. Eu ia parando, um por um, conversava com a pessoa responsável e, em alguns casos, o próprio autor estava ali presente, olhava as obras com calma e pedia indicações.

Havia recebido, no final de semana anterior ao vestibular, alguma quantia de parentes próximos pelo meu aniversário e achei que ali seria um momento perfeito para utilizá-lo. Comprei 4 livros de ficção e 3 sobre História, matéria que era fascinada. Helena viu tudo

bem mais rápido do que eu, passando por todas as partes antes, e me esperava calmamente na entrada do último estande.

– Você é muito rápida! – exclamei ao encontrá-la.

– Não, Alice, você que é detalhista! – ela brincou.

Vivian e Letícia chegaram lá um pouco depois de mim, e as duas pareciam entediadas.

– Vocês querem ir embora? – perguntei.

– Não! Você ainda não viu o labirinto! – Helena me lembrou.

Estava quase esquecendo o labirinto, que prometia ser a melhor experiência da feira.

– Eu e Letícia não entramos, mas parece muito bom! – Vivian falou animada.

– Vamos comigo?

– Não, já estou cansada só dessa parte, você sabe que eu não gosto tanto de livros assim.

– Nem eu. – concordou Letícia,

Dei um sorriso agradecido e me virei para ir até lá. Estava verdadeiramente ansiosa. Na porta se encontrava um mapa com todo o labirinto visto de cima, em cada parte sem saída se encontrava um clássico da literatura e seu personagem mais icônico. Tirei uma foto e comecei a me encaminhar para aquela aventura.

Entrei à esquerda, andei alguns passos, depois à direita, e segui um corredor, para logo em seguida entrar à direita novamente. Cheguei à primeira parte sem saída e me deparei com Ulisses e alguns exemplares da Odisseia; ele contou um resumo da história. Falou sobre a Guerra de Troia, o amor de Helena e Paris, a viagem do herói e, por fim, falou com pesar sobre sua esposa e seu filho e o

desejo de voltar para casa. Comprei um exemplar, que foi bem barato; apesar de ser uma edição especial, parabenei o ator e segui minha Odisseia.

Voltei para o início e segui para a próxima parte sem saída. Dessa vez, o caminho que tive de percorrer foi um pouco mais complicado e sinuoso. O que me esperava no final era nada menos que Julieta Capuleto. Ela parece decepcionada em me ver, como se esperasse outra pessoa; pediu-me desculpas e falou que esperava por um homem, o homem de sua vida. Contou sobre o ódio das famílias Capuleto e Montecchio e sobre como não conseguiu evitar apaixonar-se por aquele que deveria ser seu arqui-inimigo. E parabenei a atriz, comprei o exemplar que estava ali exposto.

O caminho ficava cada vez mais complexo quando cheguei ao terceiro clássico. Camões exaltava o povo português para um pequeno grupo de pessoas que já estava por ali. Provavelmente se tratava de uma família que assistia à exposição. Cinco pessoas compunham o grupo, uma idosa, duas crianças e dois adultos. Esperei a explanação acabar e repeti o mesmo que havia feito com os outros dois que havia assistido. O (provavelmente) pai da família fazia perguntas enquanto eu fui embora.

Caminhei devagar, prestando atenção ao máximo no caminho que estava percorrendo para não me perder. Encontrei-me em uma encruzilhada que não reconhecia e virei à direita, pensando que poderia ser o correto, contudo acabei dando de cara com Julieta novamente. Retornei pelo caminho e resolvi que seria um bom momento para recorrer à foto que estava em meu celular. E quando fui procurá-lo em minha mochila:

– Eu poderia arriscar que você está perdida. – disse uma pessoa surgindo bem na minha frente.

– Leo...nardo. – falei com um pouco de raiva e surpresa.

Meu cérebro deu uma pausa ao vê-lo. Odiava com todas as minhas forças aquela sensação de impotência que sentia ao lado dele, o jeito como ele me paralisava e me desesperava na mesma intensidade.

– Não sei por que a surpresa. – ele falou. A intimidade que ele conferia no tom fazia com que eu me sentisse como se o conhecesse há séculos. – Eu não esperava encontrar ninguém aqui além de você. Quem mais nessa cidade tem a mente tão brilhante e a aptidão tão perfeita com livros?

Esforcei-me ao máximo para respirar e tomar controle novamente: pisquei forte, respirei fundo e o encarei:

– Só não esperava encontrar alguém conhecido, só isso.

– Pelo menos eu posso te salvar de ficar aqui até o final da tarde. – ele riu de mim, um sorriso maravilhoso, mas que me enfureceu.

– Como sabe que eu estou perdida? – perguntei séria.

– Você passou por mim três vezes já, mas não me viu. Nas duas primeiras, não achei estranho, esperei você terminar a visita para conversarmos, mas na terceira resolvi te seguir. Quando você chegou à Julieta e voltou, sem ao menos ouvi-la, imaginei que você já tivesse passado por aqui. Quando ele terminou de falar fiquei vermelha; imaginei-o rindo, pensando em quão ridícula poderia ser uma pessoa que se perde em um labirinto tão pequeno quanto aquele.

– Posso acompanhar a bela dama até o final desta linda odisseia?

Assenti de leve com a cabeça, e ele fez um sinal para que eu passasse. Andei a passos rápidos, tentando evitar que ele me visse vermelha como eu estava... sentia-me tão desnordeada que entraria novamente no local errado quando ele segurou levemente meu ombro e eu parei.

– É por aqui, Lice. Ou você vai acabar em Portugal de novo.
– Ele riu de mim, enquanto deslizou a mão que estava no meu ombro e pegou nela.

Um choque percorreu meu corpo e estremei. Vi que ele também sentiu algo com aquele toque, seus olhos estavam ligeiramente perdidos quando encontraram os meus.

Leo me guiou por um tempo com as nossas mãos entrelaçadas. Ele andava na frente e eu fazia o possível para não parecer vermelha. Quando finalmente chegamos a um local ligeiramente mais aberto, ele se virou para mim.

No entanto, eu não o encarei, para que ele não percebesse que eu estava tão corada. Demorei um segundo para perceber que ele estava parado e virado para mim, o que me fez trombar nele. Ele me segurou, assim como no dia em que eu conheci. Suas mãos na minha cintura, eu me agarrando a ele para não cair.

Olhei-o e, por um segundo: eu pude lê-lo e sabia que poderia dizer cada pensamento que eu tivesse. Sua pele quente parecia pegar fogo embaixo do sol que fazia. Minha respiração estava ofegante e descompassada. Ficamos parados por um momento, apenas nos encarando. Naquele momento só existia eu e ele, nossos corpos cada vez mais perto e nossos olhos fixados um

no outro. Eu podia sentir a mesma sensação de todas as vezes que eu estava com ele: aquele envolvimento, aquela necessidade, aquela paixão. Assim, subi minhas mãos que estavam em seus ombros e entrelacei sua nuca, quando ele segurou mais firme minha cintura. Nada iria me impedir dessa vez; logo ele se inclinou e eu fiquei na ponta dos pés, ambos tentavam compensar a diferença de altura. Dessa forma e finalmente, pude sentir o toque macio de sua boca contra a minha, e uma brisa quente percorreu todas as partes do meu corpo ... eu ansiava por mais. Minha mente e meu coração relaxaram. Ele me ergueu e me tirou do chão. Nossos lábios travavam uma intensa luta, nossos corpos estavam grudados um no outro.

Eu me distanciei por um segundo e olhei para Leo, e um sorriso se formou nos lábios dele, um sincero, de felicidade pura. Antes que eu pudesse pensar em retribuir, ele uniu nossos lábios novamente, fazendo com que nós nos beijássemos mais uma vez e depois outra.

Tudo que estava ocorrendo antes havia ficado para trás, sem importância nenhuma. Se pudesse, me jogaria de vez nos braços dele, deixaria aquele homem envolver meu corpo no seu e nunca mais sairia daquele abraço. Porém, eu não pude. A família que estava há pouco em Camões vinha em nossa direção, conversando e rindo. Fui rápido para trás, como se fosse jogada para fora de um sonho e caísse com força na realidade. Busquei o ar e olhei para baixo, tentando entender o que havia acontecido. Leonardo olhou para mim e eu para ele. Ambos buscavam explicações para aquilo. Desviei os olhos para o chão e comecei a ir

até o grupo e segui-los. Leonardo fez o mesmo, me seguindo de perto.

– Alice, espera. – ele falou bem baixo para que apenas eu pudesse ouvir.

– Não vou ser mais uma, Leonardo. – eu disse também baixo e continuei andando. Quem era ele para me rejeitar e depois pedir para que eu esperasse.

Seguimos o grupo até a quarta atração. Elizabeth Bennet sorria entusiasmada e começou a nos contar sobre os bailes, as pressões de ser mulher e comentou sobre um homem que jurou odiar por toda a vida, contudo estava perdidamente apaixonada. Eu me lembrava bem da história de Orgulho e Preconceito. Eles não queriam se amar, nem ao menos gostaram um do outro de cara, mas eles não puderam evitar.

“Não puderam evitar”. A frase ecoava na minha mente. Eu não pude evitar olhar para Leonardo, ou querer estar perto dele. Toda a minha mente dizia para ir embora, mas meu corpo queria ficar. Em seguida, comprei a edição de Orgulho e Preconceito, apesar de já ter em casa dois exemplares do livro, e fui andando em direção à saída. Ele estava observando a Srta. Bennet enquanto o pai da família fazia perguntas. Ainda faltavam outras partes da exposição, mas eu não podia vê-las, tinha que despistar Leonardo.

Andei rápido até chegar ao corredor que interligava Elizabeth a Camões e virei, indo até um corredor que ainda não havia explorado. Encontrei cordas impedindo a passagem dos visitantes, mas ignorei-as. Acabei por achar uma segunda saída do labirinto que não estava prevista no percurso e dava direto à outra parte do parque, um tanto quanto longe de onde as meninas e

Ricardo deveriam estar, mas livre o suficiente daquele sentimento que silenciava minha mente. Olhei para os lados e percebi que o estacionamento não estava tão longe.

– Alice. – Leonardo falou atrás de mim.

Capítulo 8

Verdade

30 de novembro, sábado

– Por que você está me seguindo? – falei desesperada. Virei-me em sua direção e vi que ele estava realmente próximo.

– Porque preciso te contar a verdade, de uma vez por todas. – ele se aproximou um pouco mais, nossos lábios poderiam tocar-se, meu coração disparou. Fiquei visivelmente sem ar. – Você também sente isso, diga-me que não estou louco.

– Isso o que? – eu me exaltei. Queria gritar, brigar, surtar com ele. – Uma queda por você? Como uma aluna gostando de seu coordenador? Como todas as mulheres que se apaixonam por você? É, eu sinto! Mas isso não te dá o direito de me usar! Não vou ser mais uma nas suas mãos. – eu olhei rápido para baixo, não podia deixar que ele visse que meus olhos lacrimejavam.

– Não, Lice. Quando eu disse que não queria te seduzir, era exatamente sobre isso que eu dizia. – ele parecia desesperado. –

Eu nunca quis usar você, nem nunca achei que você é uma pirralha.
– Ele segurou meu rosto com as mãos, me fez olhar em seus olhos.
– Eu estou apaixonado por você desde a primeira vez que eu a vi, com seus olhos radiantes, seu sorriso meigo. Eu tentei por meses criar coragem para falar com você, mas todas as vezes que eu te via eu ficava paralisado, não sabia o fazer, como um adolescente bobo.

Ele estava apaixonado por mim? Leonardo estava APAIXONADO e por MIM? Minha boca abriu, inevitavelmente surpresa. Ele desenhrou o contorno dos meus lábios com o polegar e sorriu.

– Quando eu aceitei o emprego, não tinha noção de que encontraria você ali. E estando lá, fui obrigado a me apresentar para você e evitar te dizer o que eu sentia. Para piorar tudo, Gustavo e você estavam juntos. – a primeira lágrima caiu do seu rosto – Mas agora eu não posso mais esperar para te dizer como eu me sinto em relação a você.

– Eu nem sei o que dizer. – eu estava congelada, queria poder gritar, pular, beijá-lo, chorar. – Você não sabe o quanto eu quero você. Você não tem ideia de como eu estou apaixonada por você.

A paixão que eu sentia era retribuída, aquele sentimento que eu não conseguia explicar, ele também sentia. Meu coração não podia estar mais pleno em saber que eu não estava sozinha. Peguei em suas mãos, e senti novamente um choque percorrendo meu corpo. Olhei para os seus olhos, podia sentir a angústia em seu coração, a dúvida.

Entendi por que ele falara em arrependimento anteriormente. Se ele se declarasse para mim, se arrependeria por interferir na minha relação e machucar Gustavo. Mas se ele não dissesse nada, eu acharia que ele apenas queria se divertir comigo. Naquele momento, vi que para ele era muito custoso que a nossa relação tivesse algum sucesso, mas ele se arriscou mesmo assim.

Fiquei na ponta dos pés, coloquei minhas mãos em sua nuca e, antes de beijá-lo novamente, olhei para ele. Eu passei toda a calma e amor que eu poderia naquele olhar, e uni nossos lábios. Dessa vez um beijo mais calmo, mais duradouro, mas que mesmo assim me fazia desesperadamente querer mais.

Ele envolveu minha cintura nos seus braços fortes, e me levantou ligeiramente do chão. Cada centímetro do nosso corpo se encostava e queríamos mais. Sentia-me flutuando, enquanto percebi sua língua percorrer meus lábios. O desejo de se tornar um só cada vez maior. Naquele momento, nada no mundo importava, nada me faria mais feliz do que ficar o resto da vida presa naquele beijo. Afastamo-nos por um segundo, e eu podia sentir seu sorriso, mesmo com meus olhos fechados. Eu cheguei perto dele novamente e abracei-o. Queria guardar aquela sensação no fundo do meu peito.

– Não podemos contar a ninguém – eu disse pesarosa, como uma constatação. – Preciso conversar com o Gustavo, não podemos contar nada para ele por enquanto. Isso só pioraria as coisas.

– Você não se formou ainda, não oficialmente. Isso pode tornar tudo mais complicado. – Ele disse sem me soltar, mas eu

podia sentir sua voz receosa. O calor do seu corpo era acalentador, era como um lar.

– Você tem um tempo livre hoje? – ele perguntou, abraçando-me e erguendo-me do chão, fazendo com que eu sorrisse. – Esperei tanto tempo por isso!

Eu não conseguia nem responder. Meu sorriso não se desmanchava do rosto. Cada segundo nos seus braços me deixava mais feliz, como se uma parte de mim agora estivesse completa, uma parte que eu não sabia que existia, mas que me era agora essencial.

– Eu preciso avisar minhas amigas que não posso ir com elas para casa, mas qual desculpa vou dar?

– Vá com elas, eu te busco assim que elas te deixarem em casa.

– Você tem certeza? – eu não queria me separar dele nem um segundo, não agora que estávamos juntos.

– Eu só tenho certeza de que, agora que estamos juntos, nada vai ficar entre a gente.

Ele me pegou pela cintura, meu ar faltou. Me deu beijos do ombro até a boca, e quando seus lábios encontraram os meus, foi primeiro o beijo delicado, o aumento de ritmo gradativo, até findar com selinhos. A cada vez que ele me beijava, eu queria abrir um sorriso e gritar de felicidade.

– Agora vai. Quanto mais cedo você chegar, mais cedo ficaremos juntos. – ele me deu um último beijo e ajeitou meu cabelo, que depois desses amassos todos deveria estar uma juba. – Não se esqueça de mim!

– Nunca.

Ele tocou na ponta do meu nariz e eu me encolhi de nervoso. Leonardo se virou sorrindo e entrou no labirinto novamente. Meu coração queria sair do peito. Eu estava, sem sombra de dúvidas, muito apaixonada e, o melhor, eu era correspondida.

Eu segui para onde minhas amigas provavelmente se encontravam e comecei a tentar disfarçar que não estava explodindo de felicidade. Eu não podia contar, Leo havia me pedido isso.

Cheguei até elas e elas tomavam sol perto do estacionamento. Ricardo estava com Helena, então agora que eu não poderia contar mesmo. Eu as cumprimentei e elas começaram a rir, dizendo que eu estava tão feliz pelos livros que parecia que ia ter um treco.

Vivian e Letícia começaram a recolher as coisas, enquanto Helena me puxou para o canto discretamente,

– Encontrou com ele, não foi? – ela perguntou muito entusiasmada.

– Tá tão na cara assim? – eu disse sorrindo.

– Não dá para afirmar, a menos que tenha sido você que planejou o encontro. – Helena deu uma pequena piscadela.

– Como?! – eu exclamei, talvez um pouco alto demais.

– Ele me ligou pedindo ajuda, disse que precisava falar com você, mas tinha medo de que você não o recebesse bem e, do jeito que você estava furiosa, não receberia mesmo.

Eu afirmei corando, pensando no motivo de eu estar furiosa com ele e que agora estava completamente no passado.

– Obrigada, de verdade. – Eu disse para Helena e a abracei.

– Tudo por você, garota.



Cheguei até a porta de casa e acenei para Helena e Ricardo, que estava indo embora. Eram 14h45m. Eu naturalmente entraria, jogaria minhas coisas pelo quarto e procuraria me distrair pelo resto da tarde.

Logo que eles viraram a esquina, ouvi uma buzina. Era ele. Fui correndo até o carro, meu peito cheio de saudade e alegria. Abri a porta e me sentei no banco do carona, rapidamente fechando a porta atrás de mim. Assim que olhei para Leo, ele me beijou. Aquela sensação de estar ao lado dele, ter seu corpo tão próximo a mim, fazia com que eu nunca quisesse sair de perto dele.

– Você quer ir aonde? – ele perguntou assim que nos distanciamos. – Qualquer lugar, só dizer.

– Não conheço muitos lugares onde não encontraremos pessoas conhecidas, ainda mais no primeiro final de semana das férias. – eu refleti sobre.

– Sei que não é muito correto, mas se você quiser, e só se você quiser, podemos ir para o meu apartamento. – Ele estava um pouco corado, o que me fez ficar um tanto quanto derretida.

– Eu não vejo problemas. – eu disse segura.

Ele sorriu, mas parecia um pouco receoso, deu partida no carro e arrancou. Em 10 minutos já estávamos estacionando e subindo para o apartamento. Leo estava nervoso, como se pensasse se tinha organizado tudo antes de sair de casa. Em seguida, ele abriu a porta, e eu pude ver que, nas chaves, havia um chaveiro quadrado, com uma foto, mas não pude ver o que era. Ele fez sinal para que eu entrasse e entrou logo em seguida. Parei no

corredor, apenas dando espaço para que ele entrasse e fechasse a porta. Pude ver que ali mesmo era a cozinha. Ele passou o trinco na porta, mas não trancou com a chave.

– É o seguinte. – ele disse parando-me e virando-me na sua direção. – Eu quero que saiba que eu vou pedir autorização dos seus pais e namorar em casa se for preciso. Não quero atropelar as coisas e será tudo no seu tempo. Eu quero algo realmente sério com você, Lice.

– Se isso foi um pedido de namoro, você é horrível com isso. – eu disse rindo, e ele abriu a boca para dizer algo, mas acabou rindo também.

– Quero que fique com a chave caso queira sair ou qualquer coisa do tipo. – Ele me entregou o molho de chaves. Eu segurei e olhei o chaveiro: “para o melhor pai do mundo” estava escrito em uma parte e, no verso, uma foto dele e de Laura.

– Muito legal o chaveiro. – eu entreguei a chave novamente a ele, como se não tivesse ouvido o que ele havia falado e me virei.

Eu podia imaginar a cara de irritação de Leo, mordendo os lábios e fechando os olhos. Isso me fez querer rir, mas me contive. Comecei a caminhar e, em 4 passos, estava na sala. Era um espaço até que grande, com uma escrivaninha, um sofá, um computador, um gaveteiro, muitos e muitos livros e uma máquina de lavar.

– É provisório. Foi o melhor que eu consegui depois de me separar, é perto da escola de Laura e da casa de Patrícia. – ele parecia realmente apreensivo, como se o apartamento dele me fizesse mudar de ideia. – Vai vagar um apartamento no prédio aqui do lado, ele tem dois quartos. Vai ter uma cara mais de casa para Laura.

Eu olhei para ele, que estava esperando para ver minha reação. Eu dei um passo em sua direção, coloquei minhas mãos em sua nuca e beijei-o com a mesma intensidade dos meus sentimentos. Forte e determinado.

–Tenho certeza de que a melhor casa que ela pode ter está dentro de você.

– Por que você é tão perfeita? – Leo disse voltando a me beijar. – Você quer algo para comer, beber? – ele ia se afastar para voltar ao corredor e eu segurei-o, mantendo-o abraçado a mim.

– Eu quero você.

Isso foi o suficiente. Ele me pegou no colo e nós nos beijamos. Fomos até o sofá e ele se sentou, comigo ainda no colo, exatamente como eu havia imaginado na lanchonete. A mão dele percorria meu corpo e arrepiava tudo que tocava, cada centímetro pedia por mais. Eu entrelacei ainda mais minhas pernas atrás de seu corpo e intensifiquei nosso beijo.

Leo puxou levemente meu cabelo e eu levei minha cabeça para traz e perdi o ar por um tempo, fazendo com que eu gemesse. Ele começou a beijar o meu pescoço e meu ombro. Eu ofegava a cada vez que seu lábio tocava meu corpo. Quando ele desceria mais alguns centímetros, parou. Sua expressão parecia como se sentisse dor. Eu segurei o seu rosto e beijei-o, porque não queria parar.

– Alice. Espera. – ele disse com dificuldade. Ele começou a desviar, mas eu não queria deixá-lo parar. – Por favor, eu não vou conseguir me controlar por muito mais tempo.

Ele me soltou e parou de me beijar. Eu saí de seu colo ofegante, meu corpo não me obedecia, queria mais dele. Ele se

levantou e foi até ao banheiro, que ficava em uma porta ao lado do corredor. Leo abriu a torneira e jogou água no rosto e na nuca.

Era muito claro o que ele queria evitar. Eu sempre fugia de Gustavo quando as coisas começavam a esquentar, justamente por não sentir que era a hora. Eu não sentia aquilo nesse momento. Ele voltou e me olhou como se esperasse para ter autorização para chegar mais perto de mim.

– Vamos só conversar, eu prometo. – eu beijei os dedos cruzados e ele sorriu. Assim que eu disse isso, ele se sentou ao meu lado. Nós lutávamos contra o ímpeto de nos jogarmos um no outro.

– Me fala, tem algo que eu ainda não saiba sobre você e você queira falar? – ele disse. Eu sorri e o olhei interrogativa. – Não sei, talvez você tenha uma irmã gêmea que eu nunca tenha visto, ou um superpoder escondido.

– Eu leio um livro de 400 páginas em 16 h. – eu disse séria. E era verdade. Quando eu estava focada, poderia ler 1 ou 2 livros inteiros em apenas um dia. Não me dava fome ou sede, eu só preciso ler até acabar. – Mas não sei se esse é um superpoder muito útil para salvar o mundo.

Leo parecia chocado e seu sorriso era nítido.

– Isso é impressionante. – ele disse sorrindo e eu corei. Aquele jeito dele, sem forçar ser um cara sedutor, só sendo ele mesmo, aquilo, sim, me conquistava.

– Você conhece meus pais, sabe onde eu estudava, onde eu moro, o que eu mais gosto de fazer. Mas e você?

– Bem, não há muito o que contar. – ele encostou no sofá e respirou fundo. – Meus pais faleceram quando eu tinha 16 anos; eu

e minha irmã, que é um pouco mais nova, fomos morar com uma tia minha, que hoje também já é falecida. Eu estudei Letras, História e depois fiz Pedagogia. Eu moro aqui. – sinalizando com a mão e eu sorri. – Mas é por pouco tempo. E eu amo estar com a minha filha, fico com ela uma semana sim e a outra não, mas eu a busco no colégio todos os dias para poder ficar perto dela.

– Isso é muito legal, além de você ter a guarda compartilhada, ainda está com ela todos os dias de alguma forma. A maior parte dos homens some da vida dos filhos... – eu disse realmente admirada.

– Vou buscá-la no final da tarde de amanhã e vamos ficar juntos até o dia da viagem de formatura de vocês. Patrícia tem algumas coisas para resolver fora da cidade nos dias que antecedem a viagem, o que é bom, porque me dará mais tempo com Laura.

– A viagem. – eu disse pensativa. – estou mais ansiosa agora...

– Não pode estar, Lice. Gustavo estará lá e eu irei a trabalho. – ele disse sério.

– Mas nada me impede de fugir para ficar perto de você eventualmente. – Eu falei no mesmo tom.

Ele acariciou o meu rosto enquanto negava com a cabeça e sorria. Ele queria tanto quanto eu, mas não podia ceder.

– Depois da viagem, não haverá problemas em contarmos aos poucos para as pessoas, e nós não precisaremos nos esconder... – ele disse puxando meu nariz só para me irritar. – Tenha paciência, por favor.

Eu assenti e o abracei. Ele estava encostado no estofado e eu estava meio deitada em seu peito. Ele acariciava meus cabelos.

– Helena me contou que pediu a ajuda dela. Estou feliz, porque dela eu não iria conseguir esconder. – disse, depois de um tempinho de silêncio.

– Eu sempre vi vocês duas muito juntas, então, imaginei que eu podia falar com ela, só não sabia se me ajudaria.

– Ela sabia que eu estava apaixonada por você antes de eu saber. – Eu disse sorrindo. – Desde a primeira vez que eu te vi, eu sentia essa coisa, sabe? Eu só não quis acreditar, por um bom tempo.

– Sei bem como é. – Leo pareceu sonhador. – Você não acreditaria se eu te contasse.

– Por que você não tenta? – eu falei, empurrando-o de leve e ele sorriu.

– Tive uma reunião com seus pais, Patrícia não pôde ir, pois não estava na cidade. Laura começava a apresentar mudanças de humor, afinal, eu e Patrícia não vivíamos uma relação saudável.

– Gustavo me contou. – eu disse e corei um pouco. Aquelas inúmeras vezes que Gustavo falou sobre como Leonardo era manipulador, controlador, uma pessoa realmente ruim, passaram na minha cabeça.

– Ele deve ter lhe falado sobre o que eu fazia, e de verdade eu me arrependo. Eu era muito ciumento, queria controlar Patrícia, os passos dela, com quem ela andava, o que fazia. Arrependo-me muito. – ele parecia nervoso. – Mas Patrícia também não ficava atrás, eu não podia conversar com mulheres, ou ao menos estar no

mesmo recinto que elas. Nós dois éramos muito ruins um para o outro, não pretendo cometer esse erro outra vez.

– Foi por isso que vocês terminaram? – eu perguntei.

– Bem, não exatamente. –ele respondeu. – Continuando o que eu dizia. Tive uma reunião com seus pais. Eu estava esperando no corredor, cheguei cedo e estava distraído, quando eu vi você. E logo Leo abriu o sorriso mais lindo que eu já havia visto em seu rosto. Meu estômago se retraiu só de vê-lo feliz, queria beijá-lo mais uma vez.

– Você estava conversando com uma menina, um livro na mão e um sorriso no rosto. – ele disse sonhador. – Me lembro exatamente de como eu me senti, parecia que algo me puxava até você... E então eu te segui. Vi você lendo com toda sua paixão, como se tivesse vivido a história. Naquele momento, eu desejei que todos os livros do mundo tivessem uma Alice para lê-los. E, assim, ele chegou para frente e segurou minha cintura. Ele me puxou, e eu me sentei em seu colo novamente, mas dessa vez era só um jeito de estarmos perto, não necessariamente uma provocação.

– Desejei ter Alice em minha vida para que minha história, por mais desinteressante que ela fosse, ganhasse a emoção que você conferia as palavras.

– Isso foi lindo. – eu disse corada.

– Não tanto quanto você. – ele me beijou, e eu o abracei enquanto nossos lábios se tocavam. Ele se afastou um pouco, mas ainda estávamos com as testas coladas. – Eu cheguei a minha casa naquele dia, conversei com Laura. Disse a ela que eu não amava mais a mãe dela, mas que ela seria minha filha, e eu a amaria para sempre. Ela entendeu muito melhor do que eu podia imaginar, Laura

já sabia que estávamos separados de fato, só não no papel... Peguei minhas roupas e vim embora.

Eu o abracei e ele encostou no estofado mais uma vez, quase deitando e me deixando inclinada.

– Você se separou por que me viu lendo um livro? – eu disse depois de assimilar tudo. – Por que não falou comigo naquele mesmo dia?

– Não queria que ninguém soubesse que me separei, porque conheci você. Apesar de tudo, Patrícia não reagiu bem, tentou reatar várias vezes. Eu sabia que ela tentaria atacar você. Se eu soubesse de você e de Gustavo, aí mesmo que eu não teria falado nada...

– Nós éramos apenas amigos, mas entendo que seria estranho. Gustavo teria falado mais ainda, se é que é possível. Sempre que o assunto era você, ele dizia que você seduzia todas, usava e as jogava fora. – eu ri baixinho. – Mesmo assim eu estou aqui...

– Eu entendo Gustavo, as coisas com os pais dele nunca foram fáceis. Ele sempre foi um garoto muito instável, você sabe. Só queria que ele entendesse que eu não fiz nada por mal. – Leo me abraçou mais forte. – Agora que as coisas tinham se acertado, depois de eu tê-lo levado para casa e cuidado dele. Ele até me pediu para ajudar com o terno da formatura.

– Quando ele souber... – eu disse receosa.

– Lice, eu de verdade pensei por muito tempo que seria melhor deixar vocês e seguir minha vida. Mas não estou mais disposto a renunciar você por ele, preciso viver isso. E você me quer também, eu consigo sentir isso.

– Desde o primeiro segundo eu sabia que tinha algo em você que mudaria toda a minha vida. – eu disse, beijando sua bochecha.

– Acho que é a primeira vez que gosto de um romance. – ele acariciava meus cabelos enquanto falava, um sorriso lindo estava em seus lábios.

– Romances são os melhores filmes e livros, são os mais realistas e perturbadores. – eu disse, muito séria. Ele riu alto.

– Eu sei que estou apaixonado quando você diz isso e eu só tenho vontade de te beijar e não de te mostrar a verdadeira arte do cinema e dos livros. – ele me beijou, e eu não pude deixar de sorrir.

– Vamos ter que contar para os meus pais também. – eu ressalttei. – Mas não acho que eles vão desgostar da ideia.

– Seus pais são maravilhosos! Gosto muito deles. – Leonardo realmente falava sério. – Quero te apresentar para minha irmã! Você vai gostar muito dela! Ela é só um pouco mais velha que você e adora essas baboseiras de romance.

Eu olhei para ele séria e ele gargalhou.

– Quer comer algo? – ele perguntou batendo no meu nariz de leve.

– Sim! – eu disse fechando os olhos e sorrindo. – Estou louca para comer chocolate, tem alguma coisa aí?

– Não, mas podemos conseguir. – ele me ajudou a sair do seu colo e se levantou.

Leonardo pegou seu celular e começou a mexer. Eu vasculhei o apartamento com os olhos, havia algumas caixas fechadas, muitos livros e uma câmera. Eu me levantei e a peguei. Eu liguei e fui até as fotos, havia um milhão de fotos de Laura,

fazendo pose, comendo e toda suja de sorvete, na apresentação da escola que havia acontecido na outra semana. Depois dessa série de fotos, perdi o ar. Havia ali algumas fotos minhas, eu estava distraída, lendo meu livro, durante o passeio até a universidade. Eu não pude conter minha expressão atônita quando vi aquilo.

Foram as fotos mais bonitas que alguém já havia tirado de mim. Eu sabia que o lugar em que estávamos era bonito, e que eu estava arrumada naquele dia, mas eu, sob a lente e o olhar de Leonardo, parecia muito mais bela, e o lugar ainda era paradisíaco.

– Leo! – eu disse.

–Já estou indo! – ele exclamou da porta de entrada.

Eu havia me perdido no tempo, enquanto eu olhava as fotos, Leonardo havia saído e estava retornando. Ele trazia dois copos e uma saca de papel e as apoiou no sofá em que estávamos sentados.

– Eu não tenho mesa, então vai ter que ser no improvisado. – ele disse, se sentando e estendendo as mãos para que eu fizesse o mesmo. – Fui à lanchonete que nos vimos naquele dia, comprei cookies para gente e café também.

– Você é um fotógrafo maravilhoso. – eu disse, entregando a câmera para ele.

Por um segundo, ele engoliu seco e ficou pálido. Quando ele pegou e viu a que eu estava me referindo, ficou vermelho.

– Lixe, me desculpa. – ele começou a dizer.

– Ei, relaxa! Ficaram ótimas, eu gostei muito mesmo. Foi fofo. – eu peguei o saco de cookies enquanto falava e comecei a comer.

– Eu costumo tirar fotos de Laura, mas nesse dia você estava tão perfeita. – ele acariciou o meu rosto. – Tirei essa foto, mas evitava olhar para ela. Afinal, depois disso, nós começamos a brigar.

– Esse dia foi louco. – eu disse sorrindo. – Falei que nunca me apaixonaria por você, mesmo já estando apaixonada.

– E eu disse que não queria te seduzir, sendo que era a única coisa que eu queria fazer. – ele deu de ombros sorrindo também. – Eu tinha tanta certeza de que você me queria quando estávamos juntos, mas a todos os momentos eu via você e Gustavo, felizes e juntos. Nunca poderia imaginar que a gente acabaria aqui.

– Todos os segundos ao seu lado me faziam querer gritar e beijar você. Foi completamente horrível.

– Não gosta de estar apaixonada por mim? – ele perguntou provocativo.

Eu me joguei para frente e me aninhei nos seus braços. Ele me segurou firme e me beijou. Eu estava nas nuvens com aquele momento.

– Odeio não poder fazer isso a cada segundo.

Ele sorriu e me beijou mais uma vez.

Passamos o restante da tarde juntos, conversando, falando sobre nós e algumas outras besteiras, aproveitando cada segundo juntos. Nossos beijos não eram mais desesperadores e sim calmos e transpareciam todo o nosso desejo. Nossos corpos entendiam que não seria a última vez que teriam aquele momento, que nós seremos um do outro em breve.

Ainda assim, quando nos distanciamos, e eu fui para casa, meu pensamento era apenas dele, meu coração batia mais forte

todas as vezes que eu pensava nele. Leonardo era dono de todo o meu coração. Foi, sem sombra de dúvidas, a melhor tarde da minha vida.

Capítulo 9

Algodão doce

6 de dezembro, sexta-feira.

O despertador tocou, eram 8 da manhã. Antes do almoço, eu já tinha de estar na escola dos meus pais para ajudar a organizar a confraternização de final de ano. Enquanto tomava banho, me peguei pensando na semana que havia se passado.

Passei o sábado e o domingo ao lado de Leo. Ele havia me levado para dormir em casa e me pegou no outro dia bem cedo. Voltamos para o apartamento dele, por ser o único lugar realmente seguro para nós. Domingo passamos conversando e aproveitando a companhia um do outro. Eu descobri que Leo adora todos os tipos de jogos: ele passa o dia todo assistindo aos jogos esportivos e tem muitos jogos de tabuleiro. Ama cartas e adivinhações, e é realmente um homem competitivo. Ele me mostrou uma infinidade de jogos com o baralho. Eu realmente gostei daquilo, eu também sou bem competitiva. Ele foi paciente e explicativo, eu amava ouvir cada palavra que ele falava.

À tarde, depois de pedirmos comida e nos empanturrarmos de pizza ao meio-dia, eu o fiz assistir ao meu filme favorito: Questão de Tempo. Ele protestou por um tempo, dizendo que seria igual a

todas as outras comédias românticas, mas depois cedeu. De todas as vezes vi àquele filme, essa foi a melhor. Leo se sentou no sofá-cama que estava como cama e eu fiquei sentada entre as pernas dele, me encostando em seu peito. Nunca me senti tão aconchegada e segura em um lugar. Ele chorou no final do filme e eu também. Quando os créditos subiam, o silêncio tomava conta de nós. Eu esperava alguma reação dele, mas ele apenas respirou fundo e disse: “Qual o próximo?”. Não preciso dizer que passei o resto do dia lembrando-o sobre o fato de ele ter amado o meu filme.

A cada vez que nossos lábios se encontravam, eu tinha o desejo de evoluir as coisas; a cada segundo, eu tinha maior a sensação de que queria ser para sempre dele. Contudo, Leo fez de tudo para evitar que as coisas saíssem do controle, segundo ele, tínhamos de esperar para pelo menos ele conversar com meus pais.

Desde então, todos os dias nós nos encontrávamos e ficávamos um pouco juntos. Ele estava na última semana de trabalho, os alunos faziam as provas finais e ele, como professor e coordenador, tinha de corrigir provas e organizar os últimos ajustes dos recebimentos de notas.

Ele trabalhava de manhã e à noite na maior parte dos dias, mas todos os seus horários de almoço eram meus. Às 12h30 eu já ficava esperando na parte de fora de casa e às 13h30 ele me deixava no mesmo lugar, com a promessa de que, no outro dia, nos veríamos novamente, e voava para a outra escola que dava aula.

Nós trocávamos muitas mensagens também, sempre quando Laura tinha ido dormir e ele ia se deitar. Conversar com ele, mesmo daquela forma, fazia com que eu matasse um pouco da saudade, mas só me deixava mais ansiosa para o dia seguinte. Eu

amo cada segundo que passo ao lado dele e tenho certeza de que esse sentimento é a melhor coisa que já vivi. Eu finalmente havia encontrado o amor, a paixão sem freios.

Eu saí do chuveiro e me vesti. Coloquei um vestido longo, floral e um salto médio. Fui até o espelho e arrumei o cabelo em um coque que estava delicadamente arrumado para parecer desleixado, mas que dava o toque final à roupa. Coloquei meus brincos favoritos, uma pulseira que fora da minha avó e passei um pouco de maquiagem. Eu me sentia maravilhosa, primeiro por dentro e depois por fora. Conferi meu celular, e vi que havia mensagens de Leo. Ele deveria estar trabalhando, mas as mensagens eram de mais cedo:

“Era difícil tirar você da cabeça antes, mas agora é impossível. Você está em tudo que eu faço, penso e desejo” 06h46.

“Esqueci de te falar ontem! Falei com Laura sobre você, apenas que achava você muito bonita. Ela disse que você era muito legal e bonita, parecia uma princesa. Acho que ela vai gostar da novidade” 06h48.

“Sonhei com você. Não sei como vou conseguir não te agarrar quando te vir hoje. Alice, eu estou enlouquecendo” 06h50.

Eu respondi as mensagens de forma a provocá-lo mais. Eu me sentia tão maravilhosa e poderosa. Tudo que eu mais queria era meu, nada no mundo poderia ser um empecilho para mim.

Eu saí de casa depois de tomar café da manhã e peguei um ônibus para ir para a escola. Enquanto estava no transporte, recebi uma ligação, mas não consegui atender por estar em pé.

Assim que desci no ponto vi que era Gustavo. Eu havia passado a semana sem ter notícias dele, e sem ele me procurar, o que eu achei estranho, mas não me importei. Era melhor dar tempo

para as coisas acalmarem e depois eu poderia conversar com ele com calma. Retornei a ligação e me preparei psicologicamente para, quando encontrasse com ele, contar toda a verdade. Ele atendeu na segunda chamada.

– Alice, podemos conversar? – Gustavo parecia prender o choro. Eu não sabia o que responder, afinal não esperava que ele estivesse tão mal dessa forma.

– Eu estou na escola dos meus pais, vou ter pausa para o almoço às 12h00, você pode passar aqui? – perguntei.

– Tudo bem, te encontro aí! – ele fungou o nariz, o que me deixou mais preocupada. – Alice, só para me adiantar, me desculpa.

– Conversamos mais tarde, Gustavo. Por ora, fique tranquilo, eu já te desculpei.

Eu desliguei o telefone e adentrei a escola. Minha mente ganhou um novo foco naquele momento. Eu precisava resolver tudo com Gustavo, depois estaria livre para ficar com Leo.



Eu estava enchendo balões e amarrando pela escola a manhã inteira. Toda a equipe de funcionários está envolvida com a preparação daquele evento. No pátio, estavam todos os professores, estagiários, inspetores, todos prontos para montar o evento do ano. Meu pai mexia na elétrica para as caixas de som e minha mãe estava na cozinha preparando cachorro-quente. O cheiro de comida apurava meu apetite e o horário também, pois já eram 11h50 e eu havia comido quase nada no café da manhã.

Eu estava sentada e conversava com um grupo de professoras que estavam ajudando na decoração assim como eu.

Elas riam sobre algo que eu não havia entendido ainda, mas ri por educação.

– Mas realmente, tem uns pais muito abusados. – Gabriela falou, professora do 3º período. – Mas tem alguns que dá vontade de abusar!

Todas da roda concordaram e eu dei de ombros, não era de reparar nos homens, ainda mais em caras mais velhos, pois os pais de aluno normalmente tinham idade para serem meus pais. O único que eu realmente havia reparado era:

– O Leonardo, por exemplo. Pai da Laura. – Gabriela continuou. – Ele é uma perdição! Se ele quisesse me levar para casa para eu dar umas aulas particulares, eu não me importaria nem um pouco.

– Ele é tão elegante, tão bonito e tão gostoso. – Juliana, professora do 2º ano falou. – Não vejo a hora de a Laura ser minha aluna.

O sangue me subia o corpo, minhas mãos se fecharam com tanta força que eu estourei o balão em minha mão. As meninas, que antes riam e concordavam, agora olhavam para mim sem entender nada.

– Pessoal! Vamos dar uma pausa para o almoço! – minha mãe anunciava. – Espero todos de volta em uma hora e meia!

A fome fez com que elas esquecessem o que havia acabado de acontecer e se dirigissem até a saída para irem almoçar. Eu peguei minha bolsa e fui pisando firme para a saída. Eu estava furiosa. Ele era meu... Bem ele não era nada meu ainda, mas seria muito em breve!

Cheguei até o portão da escola e vi Gustavo me esperando, ele tinha olhos inchados, sua roupa estava desleixada, mais que o normal, e seu cabelo bagunçado. Aproximei-me dele devagar e assim que ele me viu deu um sorriso fraco. Ele começou a desenhar o movimento para me beijar, mas eu dei um passo para trás.

– Desculpa. – Ele disse, bem nervoso. Ele parecia muito decepcionado de eu não ter deixado ele me beijar. – Obrigado por topar me encontrar, você não sabe o quanto isso é importante para mim.

– Vamos comer algo? – perguntei tentando amenizar o tom.

– O que quiser.

Começamos a caminhar, decidi por um restaurante não muito longe dali que poderíamos ir a pé e assim conversar.

– Eu quero me desculpar mais uma vez, Alice! Não sei o que aconteceu naquele dia na rua e nem quando estava bêbado. Eu fui imaturo, imprudente e eu corri o risco de te perder para sempre. Eu não suportaria se te perdesse. – Ele colocou as mãos sobre o semblante.

– Ei, está tudo bem! Sei que você não tinha a intenção de me machucar, só aconteceu. – eu falei sincera, mas estava um pouco desesperada. Eu não sabia mais como eu daria a notícia a ele. Mas eu ia falar. – Gustavo, eu sinceramente te perdoo. Só que tem uma coisa que eu preciso te falar...

– Alice – ele me interrompeu pesadamente. O nervosismo estava querendo tomar conta de mim. – Eu não pedi desculpas antes porque estava com a minha avó, ela não se sentiu muito bem nos últimos dias. Ontem ela teve um AVC nos meus braços. – Ele

segurava as lágrimas. – Eu preciso de você e do seu apoio. Sem você eu não sei como vou passar por isso...

Gustavo tinha uma relação muito profunda com sua avó. Ele havia morado com ela boa parte da sua vida, e tinha um amor muito grande pelos seus familiares, mas pela avó era um outro patamar. Eu não podia dar a notícia naquele momento, pois ele precisava de apoio, de uma pessoa para segurar a mão dele. Ele sempre fora uma pessoa importante para mim, eu não podia virar as costas e não me importar. Por um segundo pensei em Leo e tinha certeza de que ele não ia querer machucar mais Gustavo. Portanto, eu estava certa do que seria o correto a se fazer. Meu coração me pedia aquilo.

– Eu estarei com você, nunca deixaria você passar por isso sozinho. – Eu disse e ele sorriu para mim, um sorriso fraco acompanhando de lágrimas.

Ele me abraçou e começou a chorar. Eu me senti muito mal. Estava vivendo meu conto de fadas, enquanto ele estava sofrendo, logo ele, o meu melhor amigo. Eu o envolvi forte em um abraço e afaguei seus cachos até o choro diminuir. Quando ele pareceu melhorar ele me soltou de leve e com seu rosto colado no meu, tentou novamente me beijar. Eu desviei rapidamente e olhei para ele séria.

– Você é meu melhor amigo, Gu. – eu disse calma. – E eu estarei com você a todo momento que precisar, mas é isso que eu posso te oferecer, a minha amizade.

– Eu entendo, Alice. – ele não parecia feliz, mas estava bem conformado. – Eu compreendo que foi coisa demais para você, agradeço mesmo que você esteja aqui comigo nesse momento.

Quando vovó melhorar, tenho certeza de que poderemos fazer as coisas darem certo novamente. Eu vou lutar para te mostrar que eu posso ser o namorado que você merece.

Ele pegou a minha mão, beijou-a e depois colocou em sua bochecha, como se para sentir o meu toque. Por um segundo, um ímpeto de beijá-lo percorreu meu corpo. Algo em mim queria tirar aquela tristeza dos olhos dele, queria colocar um sorriso em seus lábios. Eu recolhi a mão devagar e continuei andando.

– A única coisa boa nesses dias foi que eu conversei com Leo. – ele disse quando estávamos a poucos metros do nosso destino. – Ele me ajudou muito naquele dia, parecia que ele era aquele cara legal de que eu costumava me lembrar.

Eu assenti de leve para mostrar indiferença, mas na verdade fiquei apavorada. Quando ele soubesse o que estava acontecendo, ficaria muito perturbado; ele nunca perdoaria a mim, mas com Leo seria pior, muito pior.

Chegamos ao restaurante, e fizemos nossos pedidos. Minha fome tinha sumido depois daquela conversa. Sentei-me em uma mesa perto de uma janela, Gustavo me seguia de perto.

– Gu! – eu ouvi uma voz aguda vindo em nossa direção.

Virei-me e vi Gustavo indo pegar uma criança que estava sentada a duas cadeiras dali. Quando a menina parou em seus ombros, eu pude ver que era Laura. Congelei, era a semana de Leo, portanto se Laura estava aqui...

Olhei para a mesa e vi uma mulher, Patrícia estava ali muito sorridente. Ela falou algo para Gustavo, que olhou para mim e pediu que eu chegasse perto.

Eu fui caminhando até lá, bem receosa. Eu olhava interrogativa para Gustavo, mas ele já não prestava mais atenção em mim. Eu estava extremamente nervosa, afinal, conheceria agora a ex-mulher do homem por quem eu estava apaixonada. Definitivamente, aquilo tudo não poderia piorar. Eu e Leo estávamos juntos e em segredo, mas lá estava eu em um almoço com o meu ex-namorado e a ex-esposa de Leo, sem contar a Laura!

– Tia, eu quero te apresentar uma pessoa. Ela é minha melhor amiga da vida toda e em breve eu espero que possa apresentá-la como minha namorada. – Gustavo olhou para mim provocativo e piscou. Eu sorri meio sem graça. – Alice, essa é a minha tia Patrícia.

A mulher se levantou e se virou em minha direção. Ela era alta, magra, elegante. Sua beleza era como de uma modelo, com corpo esguio e sorriso brilhante. Ela me analisou dos pés à cabeça, e eu agradeci por ter me arrumado tanto pela manhã. Tentei passar o máximo de confiança e seriedade. Queria ter dado um sorriso elegante e um olhar investigador como o que ela estava dirigindo a mim. Contudo, a presença dela me era tão intimidadora que eu só consegui sorrir de leve e parecer um carneirinho perfeito para ela abater.

– É uma menina muito bonita, Gustavo. Será uma ótima aquisição para os genes da família. – ela disse, sorrindo, como se aquele fosse o melhor elogio do mundo. – Sentem-se conosco.

Eu não gostava dela pelos relatos dos meus pais, por ter sido esposa de Leo e por ela ter simplesmente dito que eu seria uma bela AQUISIÇÃO. Sinceramente, intragável.

Sentei-me, ao lado de onde Gustavo estava, e eu tinha um sorriso no rosto, não queria que ela visse minha irritação. Laura veio me abraçar, e depois seguiu para uma cadeira ao lado de Patrícia e na minha frente.

– Vocês duas já se conhecem. – Patrícia afirmou tentando entender.

– Alice faz um projeto de leitura na escola de Laura. – Gustavo respondeu, para esclarecer as dúvidas.

– Que menina esforçada, trabalhando desde cedo. – ela falava de um jeito que eu não entendia o que ela queria insinuar. – Vejo que gosta de meninas mais simples, Gustavo, cuidado com o golpe da barriga.

– Não trabalho, faço por diversão. Meus pais são os donos. – eu respondi completamente ríspida. – Contudo, mesmo que eu trabalhasse, já seria uma ótima forma de não precisar de homens para me sustentar.

Ela sorriu falsa e se voltou para a comida como se não tivesse nem ouvido. Eu queria explodir, olhei para Gustavo e ele gesticulou “desculpa”, mas não era o suficiente. Mal sabia eu que minha raiva estava para aumentar. Em seguida, Laura fez uma exclamação que eu não consegui ouvir. Levantou-se da cadeira quando ele chegou. Leo estava estonteante, sua camisa impecável, seu cabelo havia sido cortado há dois dias, portanto, desenhava seu rosto de forma única. Ele pegou a filha no colo, totalmente distraído e disse-lhe algo que eu não pude compreender, e bateu no nariz dela, assim como fazia comigo. Fiquei vermelha apenas de me lembrar desse pequeno fato sobre nós, como se não bastasse o ar que me faltava apenas por tê-lo ali.

Quando estava pronto para se sentar, ele nos viu. Seu rosto mudou de semblante, parecia assustado.

– Oi – ele disse deixando Laura no chão outra vez, sobre protestos da menina. Sua boca estava levemente aberta e ele olhava para mim, depois para Gustavo e, por último, para Patrícia, como se tentasse entender quando aquilo aconteceu.

Ele veio devagar em nossa direção e Gustavo se levantou. Eles dividiram um aperto de mãos e um sorriso cúmplice. Parecia que Gustavo tinha mudado um pouco a visão sobre Leo agora que ele o ajudará. Leonardo não era tudo aquilo que ele me descrevera, e agora ele sabia disso. Estranhamente, isso me deixava aliviada.

Eu engoli seco antes de me levantar também, não sabia o que fazer. Quando ele se voltou para mim, nossos olhos se encontravam. Eu podia sentir todo o desejo entre nós, os dois se controlavam, mas não sabíamos como agir. Ele pegou minha mão e levou aos lábios, um toque pequeno e rápido que logo acabou, mas que deixou a sensação de arrepio pela minha pele; voltou até o seu lugar muito rápido e, com Laura no colo, ele se sentou.

– Não acha que ela é muito jovem para você cortejar, Leonardo. – Patrícia não olhava para ele e sua voz mostrava raiva.

– Eu cumprimentei a namorada – ele disse esse nome com receio e, eu podia arriscar, um pouco de raiva. – do meu sobrinho.

Ele tinha de fingir não saber de nada, assim como eu. Nós trocamos olhares e eu sabia que ele estava tão desconfortável quanto eu.

– Eu fico muito feliz de estar aqui com vocês, alivia um pouco a dor do momento. – Gustavo sorriu e fez um pequeno carinho na minha bochecha. – É bom ver vocês se dando bem.

Patrícia deu de ombros e Leonardo sorriu.

– Nós cometemos muitos erros enquanto casados, mas Laura é mais importante do que qualquer desavença. – Patrícia disse, mas parecia ter decorado aquela resposta, o que não me fez ficar muito confortável. Ela pigarreou e continuou falando. – Achei que sua mãe passaria a noite com ela, e você estaria lá por agora.

– Não, nós trocamos. Eu passei a noite, minha mãe está lá agora.

– Eu vou até lá à noite, aproveitar que Leonardo vai ficar com Laura. Acho que passarei a noite com mamãe.

– Já tem algum diagnóstico, Gustavo? – Leo perguntou.

– Foi um AVC, como não havia médicos ontem para analisar todos os exames, vão dar um parecer maior hoje. – ele parecia triste, mas eu pude ver que estava forte. – Ela está com muitos aparelhos, esperamos que a dependência diminua em alguns dias.

Nós comemos em silêncio, apenas Laura falava, e muito: 90% das vezes se dirigia ao pai. Eu comia rápido, queria logo terminar com aquilo e sair dali, não olhava para frente, pois Leo estava ali. Eu não iria me controlar se o ficasse encarando.

– Você vai ao evento da escola de Alice, Gustavo? – Patrícia perguntou, e seu sorriso era forçado.

– Não, tia. Preciso tomar um banho e descansar, foi um dia muito longo o de ontem.

– Quer carona, Gustavo? Podemos te levar para casa se quiser. – Leo se ofereceu para levá-lo. O jeito como ele falava sobre ele e Patrícia, como nós, causava-me um aperto no coração.

– Não, eu vou pegar o ônibus que para na frente do hospital, Leo. Obrigado. – Ele parecia contente.

Eles sorriram um para o outro. Eu gostava muito dessa aproximação deles, sabia que era bom para os dois, principalmente para Gustavo, que nutria um sentimento de vingança contra Leo, o que não era saudável. Só temia pelo dia em que Gustavo descobrisse que eu e Leo estávamos juntos.

Meu olhar sem querer encontrou o do meu coordenador, seu sorriso era magnífico, podia me fazer derreter a qualquer minuto. Eu olhei nervosa para o prato e dei a última garfada, também olhei para as outras pessoas e, além de mim, apenas Patrícia havia terminado de comer.

Após mais alguns minutos, Laura e Leo também haviam acabado. Apenas Gustavo ainda comia.

– Eu vou pegar uma sobremesa, alguém mais quer? – levantei-me e estava pronta para sair.

– EU! – Laura gritou.

– Eu vou pegar para você, meu amor. – Leo se levantou junto comigo e me olhou sorrindo. Eu não podia acreditar que ele estava fazendo aquilo. Assim, fomos até a parte do restaurante em que ficavam as sobremesas e ao lado estava o banheiro. Eu parei na frente de um pudim de leite condensado que parecia delicioso, Leonardo pegou um pedaço de torta de chocolate para a filha.

– As duas mulheres da minha vida amam doces. – Leo foi chegando por trás de mim, sussurrando no meu ouvido. Eu arrepiei completamente e virei-me para ele:

– Leo, aqui não – eu arfava. O ar parecia difícil de entrar pelos pulmões, meu corpo estava arrepiado, tinha que me esforçar para não revirar os olhos.

– Vamos para o banheiro?

–Você é louco. – eu disse rindo. – É claro que não.

– É uma ótima ideia, vai! – ele disse, me fazendo sorrir.

– Que situação mais estranha, não? – eu falei sorrindo de nervoso.

– Eu não imaginaria um almoço como esse. – ele sorriu. – A vontade de te beijar é quase incontrolável. Mas acho que Gustavo e Patrícia não vão desconfiar.

– Assim eu espero. – concordei entre suspiros.

Voltamos para a mesa, e as caras das pessoas ali sentadas não estavam nada boas. Gustavo parecia preocupado, Patrícia interrompeu algo que dizia quando chegamos. Sentamo-nos e comi delicadamente a minha sobremesa, enquanto um assunto genérico era levantado para tentar aliviar o momento.



Nós cinco nos encontrávamos na entrada da escola, e tínhamos voltado até lá a pé, sem trocar muitas palavras. Eu queria perguntar para Gustavo por que o clima estava tenso quando nós retornamos para a mesa, mas não tivemos uma oportunidade sozinhos.

– Vou para casa agora. – Gustavo disse. – Muito obrigado pelo almoço! Foi um alívio no meio do que está acontecendo.

Ele passou a se despedir de um por um, primeiro de Leo e Patrícia, depois de Laura e, por último, de mim. Ele apertou a mão de Leonardo, deu um beijo na tia e abraçou sua prima, pegando-a em seu colo e depois deixando-a no chão.

Patrícia pegou Laura e começou a entrar na escola, talvez no intuito de nos deixar sozinhos. Leo não teria movido um

centímetro se não fosse por Laura tê-lo chamado. Ele olhou para mim, como se perguntasse se poderia ir e eu assenti.

– Me desculpe de verdade por tia Patrícia. – Gustavo disse se virando para mim. – Ela só queria testar você, mas é uma boa pessoa.

– O que vocês conversaram quando eu e Leo saímos da mesa? – perguntei. Não podia mais me conter.

– Eu contei a ela o que Leonardo fez, para me ajudar. Ela achou estranho o fato de vocês estarem juntos, com os seus pais. Eu não tinha parado para lembrar isso até ela comentar... ela disse para eu alertar você sobre ele, mas eu já o fiz várias vezes.

– Gustavo... – eu estava pronta para contar para ele sobre mim e Leonardo, dizer-lhe que estávamos juntos, e ele era uma pessoa maravilhosa, nada do que ele descreveu. Mesmo que ele tivesse errado antes, agora ele seria alguém diferente, e fazia me sentir nas nuvens a cada segundo.

– Ele está interessado em você, Alice. Eu já sei. – antecipando-me. – Eu sempre soube que ele queria você, e eu nunca quis isso, não vou deixá-lo machucar minha tia e ainda roubar minha melhor amiga e namorada.

– Eu sempre vou ser sua melhor amiga, independentemente de qualquer relacionamento que eu puder ter. – eu tentei tranquilizá-lo.

– Se você estiver com Leonardo, eu não vou poder ser seu amigo. – Ele disse. – Posso suportar que você fique com qualquer pessoa, mas, apesar de Leonardo parecer mudado, eu não vou permitir que você e ele fiquem juntos.

Eu engoli seco. Não sabia o que fazer sobre aquilo, estava perdida.

– Eu vou para casa tomar um banho e dormir um pouco. – ele tocou meu rosto com a mão. – Posso te ver mais tarde?

– Eu não sei, Gustavo. Acho que vou dormir na casa da Helena hoje, já tinha marcado com ela. – eu tentava escapar, mas não via outra justificativa plausível.

– Preciso muito de um tempo com você, meu amor. Por favor, está sendo muito difícil. – Ele se inclinou para frente e me beijou.

Eu não tinha para onde me mexer, não consegui escapar. Ele se afastou quando viu que eu não correspondi ao beijo. Meu coração batia acelerado, as minhas bochechas queimavam.

– Só amigos, por favor. – olhei para baixo para evitar encará-lo. Eu estava realmente tensa com aquela situação.

Ele assentiu e pareceu bem chateado, como se só agora entendesse. Eu não podia fazer muito, eu gostava muito dele, mas não era por ele que estava apaixonada. Gustavo foi até o ponto de ônibus, o semblante não muito diferente do que quando eu o havia encontrado mais cedo.

Fui para a escola e Patrícia passou por mim, sem ao menos fingir que se lembrava de quem eu era; revirei os olhos e segui para a porta principal. O evento já havia começado. As famílias estavam espalhadas pelo pátio, observando os quadros e tentando achar os de seus filhos. Eu pude ver Laura apontando para o seu, enquanto andava em volta de seu pai.

Fui para a cozinha, e comecei a ajudar as cozinheiras para preparar os petiscos que seriam servidos durante as apresentações,

que seria uma por turma. Cada qual cantaria uma música diferente, que havia sido ensaiada; teríamos gincanas para envolver os pais e os alunos, brincadeiras para as crianças.

Fiquei com o algodão doce, e dirigi-me ao pátio para colocar meu carrinho para funcionar. Aparentemente, só eu sabia como fazer algodão doce naquela máquina velha. Nesse meio tempo, eu vi novamente Leo: desta vez ele estava sozinho e olhava por todos os lados, deveria estar procurando por Laura. Voltei a me ocupar com o algodão doce, e então senti sua presença. Abri um sorriso enorme por ele ter vindo até ali, mas sem me virar para ele, não queria deixar tão na cara.

– Infelizmente, senhor, o algodão doce ainda não está disponível. – eu disse, virando-me para ele e fingindo seriedade.

– Sua boca é mais doce que ele, e você pode me recompensar com ela quando quiser... – ele se inclinava levemente, mas se conteve. – Eu não posso ficar perto de você em público!

– Eu preciso te falar uma coisa, em particular! – eu indiquei com a cabeça as escadas.

Eu primeiro e depois ele, fomos para a sala dos professores, e se alguém nos flagrasse ali, eu poderia dizer que pedi ajuda para pegar algo pesado. Os músculos dele deveriam servir para algo além de impressionar as mulheres.

– Eu conversei com Gustavo, ele me pediu ajuda pela situação da avó e eu não neguei, não podia. Mas disse que era uma ajuda apenas como amiga, não voltei atrás com o término como ele desejava. A princípio, ele pareceu compreender e aceitar, mas depois, agora há pouco, ele me beijou. – eu disse. Leo franziu a testa e cerrou os olhos, com raiva. – ele pediu para que eu o

encontrasse mais tarde, dei uma desculpa de que vou até à casa de Helena, mas ele foi bem insistente.

– Diga-lhe que vai fazer algo com seus pais ou até mesmo ir para a Helena de verdade? – ele tentava pensar em soluções.

– Meus pais não ficam em casa no fim de semana, não quero ir com eles para a nossa casa de campo. Mas vou ligar para Helena e perguntar se eu posso ficar lá. – eu disse, pegando meu telefone, mas ele me parou.

– Vamos para minha casa. Contamos à Laura a verdade, eu tenho certeza de que ela vai amar a madrasta dela! Tanto quanto eu amo.

Eu amo, ele disse.

– Não é muito cedo? – perguntei para ele com medo. – Ela é tão pequena. Vamos contar para ela já?

– Eu já tenho certeza de que quero você para o resto da minha vida, nada vai mudar isso. Eu te amo, sei disso desde o primeiro dia que te vi. – ele disse rápido, quase perdendo o fôlego no final. – Não é cedo.

Eu corei e assenti. Escutar que ele me amava era como ouvir as ondas do mar batendo calmas na areia, ou como as gotas de chuva caindo nas folhas das árvores.

Eu o beijei rápido e logo o deixei para descer as escadas. Quando cheguei à porta, virei-me para trás e o encarei.

– Eu também. – ele pareceu não entender. – Eu também amo você.

Desci as escadas, e fui até meu carrinho de algodão doce. A sensação que preenchia meu peito era quase sufocante, mas me fazia sentir nas nuvens, como um algodão doce.

Capítulo 10

Mudanças

6 de novembro, sexta-feira.

A tarde caía quando as famílias começavam a se dispersar, e eu terminava de limpar a máquina de algodão doce e coloquei-a na cozinha. Comecei a procurar pelos meus pais para poder ir embora, pois havia combinado com Leo que sairíamos assim que a última apresentação acontecesse. Ele pegaria o carro, pararia na porta com os vidros fechados, e eu entraria o mais rápido possível sem ser vista.

Saí da cozinha e fui ao pátio; quase na saída se despedindo dos pais que iam embora, vi meus pais, o que me faria poder me despedir deles por último. Olhei em volta, procurando por Leo e

Laura, e os vi pegar alguns balões. Fui até eles, com calma, olhando ao redor para que ninguém visse que eu estava indo até lá, justamente por esse motivo. Quando cheguei, eles já haviam terminado e Laura brincava animada.

– Oi. – eu disse meio sem jeito. Eu conhecia Laura, e ela me conhecia, mas era a primeira vez que eu a encontrava depois de ter estado com Leo.

– Oi, tia Alice! – ela sorriu com seu jeitinho espontâneo. – Papai me disse que vamos fazer festa do pijama hoje!

– Vamos sim, Laura! Vamos ver filmes de princesa! O que acha?

– Podemos ver Frozen? – ela parecia muito agitada.

– Claro! – eu sorri para ela, que bateu palmas!

– Você já pode ir? – Leo perguntou baixinho. Ele tinha um sorriso maravilhoso.

– Sim, podemos ir.

Ele assentiu e pegou Laura no colo. Eles se dirigiam à saída e eu fui até a sala onde havia guardado minha bolsa. Assim que peguei a pequena bolsinha que estava escondida entre as outras enormes, senti meu celular vibrar.

Quando olhei o visor, vi que era Gustavo. Enfiei o celular na bolsa novamente e saí da sala. Eu não queria encontrá-lo novamente, não sem pessoas por perto. Eu não sabia ao certo se ele havia entendido bem o recado de amizade.

Ao chegar à saída, meus pais me olharam interrogativos. Eles pareciam felizes, o evento fora um sucesso, os pais dos alunos adoraram, e as crianças se divertiram como nunca.

– Achei que fosse nos esperar, Lice! – minha mãe exclamou.

– Eu vou passar na casa de Helena, devo dormir por lá. – eu menti, eu tinha que mentir. Eles não teriam permitido que eu dormisse na casa de Leo, ainda mais porque eles não sabiam nada sobre meu envolvimento com ele. – Vejo vocês na segunda?

– Vamos voltar domingo à noite. – meu pai dizia animado. – Segunda começaremos os preparativos para a festinha de formatura que daremos para você lá em casa, esqueceu?

Eu é que não estava nem um pouco animada. Um monte de parentes na minha casa até tarde e no outro dia acordar cedo para poder viajar. Mas se eles queriam assim, eu não tinha escolha se não fazer isso para deixá-los feliz.

Eu os abracei e disse que ficaria com saudade. Logo em seguida, fui andando para fora, nos passos mais rápidos que eu podia e que não revelariam minha intenção de correr. Quando cheguei, o carro parava devagar na fachada, e eu rapidamente entrei.

Leo arrancou com o carro depressa, e fomos na direção da minha casa; ele é um excelente motorista e eu gosto de vê-lo dirigir, da forma como ele fazia aquilo tão fácil quanto andar. Laura cantava as musiquinhas do carro e eu a acompanhava; ela ria e achava graça de eu saber todas as músicas que tocavam. Ela está em uma idade maravilhosa, onde tudo é lúdico.

Eu liguei para Helena no caminho e disse-lhe que confirmasse caso fosse questionada. Ela pediu explicações, mas eu prometi que depois daria mais detalhes. Mandeí uma mensagem para ela com o número de Leo e o endereço, caso ela precisasse me achar numa emergência; minha amiga respondeu com várias carinhas safadas, mas eu ignorei.

Eu entrei em casa rápido, coloquei um pijama que havia ganhado da minha avó, bem provocativo, minha única lingerie, meu roupão, duas calças legging e três blusas bonitinhas; eu não sabia quanto tempo ficaria fora. Botei minha escova de dente, meu xampu e meu creme de hidratação na bolsa, e fechei.

Eu havia arrumado com tanta pressa que não dava para entender nada ali, mas eu precisava ser rápida antes que meus pais chegassem, ou que Gustavo resolvesse dar as caras por ali. Se fôssemos tirar de exemplo o último dia que ele não estava me encontrando, não demoraria muito para isso ocorrer.

Eu entrei no carro novamente, algumas gotas de chuva caíam pelo meu corpo e o vestido não parecia mais a roupa mais confortável do mundo. Assim que eu coloquei o cinto, ele me beijou. Eu olhei assustada, ele sorriu e sinalizou para trás. Laura dormia pesadamente, sua boquinha estava até aberta. Ela havia se acabado em todos os brinquedos que estavam montados, principalmente o pula-pula.

Dirigimos devagar até o apartamento de Leo, a chuva aumentava e as ruas ficaram mais movimentadas, o trânsito se intensificava. Eu e Leonardo conversávamos despreocupadamente sobre nós, o evento, tudo. Fui, aos poucos, descobrindo que ele gostava muito de rock e músicas antigas internacionais. Ele cantava muito mal, mas seu sorriso de vergonha e suas bochechas vermelhas compensavam tudo. Ele fazia aniversário no dia 27 de outubro, amava comida italiana, mas o mais perto que sabia cozinhar de massas era miojo.

– Eu sei cozinhar um pouco, mas nada muito extravagante, só o básico. – eu respondi, enquanto ele parava o carro. – Mas

gosto muito.

– Vou ter que te sequestrar todas as semanas em que Laura ficar comigo, não posso deixar minha filha continuar comendo comida comprada! – ele disse, desligando o carro. Seu tom divertido me deixava estranhamente feliz. – Pensando bem, é melhor eu te sequestrar nas semanas que ela não está também...

– Espero que minha comida valha o esforço do sequestro. – eu respondi rindo. Estava soltando meu cinto e pegando minha bolsa.

– Você vale todo o esforço do mundo. – ele deu um beijo na minha bochecha, e eu sorri.

Sáímos do carro e eu corri para a marquise. Leo pegou Laura e correu também, mas ele estava encharcado. Subimos as escadas e ele me deu a chave para que eu abrisse a porta. Ele entrou, colocou Laura no sofá, que agora era uma cama, e foi para o banheiro. Eu tranquei a porta e tirei os sapatos.

Coloquei minha mochila em cima da máquina de lavar e olhei para o lado. Leo estava sem camisa e ligava o chuveiro. Eu ofeguei um pouco, mas tentei não olhar para o lado. Comecei a procurar pela calça e pela blusa mais confortável que eu tinha, para ficar até o anoitecer.

– Alice, vou fechar aqui, ok? – Leo perguntou antes de fechar a porta do banheiro para tomar seu banho, ele apenas havia tirado a camisa e, mesmo assim, eu não podia deixar de encará-lo.

Eu não resisti e o beijei, passei minhas mãos por toda extensão de seu peitoral e senti suas costas fortes em cada músculo. Eu parecia enfeitiçada nele, em cada centímetro de seu corpo, em cada segundo da sua fala, em cada nuance de seu

cheiro. Mas me afastei e me virei. Ele sorriu e olhava para o chão, como se estivesse falando consigo mesmo. Ele sussurrou um “já volto” e fechou a porta.

Eu fui até a sala e percebi que algumas coisas estavam diferentes. Os livros não ficavam mais ali, a escrivaninha havia virado vários pedaços que eu não conseguiria montar novamente. As únicas coisas no lugar eram a máquina de lavar e o sofá. Várias caixas estavam empilhadas no fundo do apartamento, e eu me perguntava como aquilo tinha ficado assim de um dia para o outro.

Leo havia falado que vagaria um apartamento de dois quartos perto dali e ele pretendia se mudar, mas fora bem rápido. Olhei meu celular e vi que havia sete ligações perdidas de Gustavo. Eu resolvi ligar de volta para ele e, na primeira chamada, ele atendeu.

– Oi, Alice. – ele parecia nem um pouco feliz. – Onde você está?

– Eu estou na Helena, Gustavo. – eu respondi um tanto quanto receosa. – Por quê? Aconteceu algo?

– Nada, eu vi seus pais saindo e você não me atendia. Achei que tínhamos combinado que eu passaria na sua casa hoje.

– Eu disse que viria para a Helena.

– Tudo bem, vou ficar no hospital com a minha avó então. Espero poder te encontrar amanhã...

– A gente se fala! Se precisar de algo me avisa.

Eu desliguei o telefone e o aparelho.

Ouvi passos em minha direção, me virei a tempo de ver Leo, que me abraçou. Ele estava com uma camisa de malha branca e um short preto, seu cabelo molhado parecia mais escuro que o normal.

– O que houve? – ele perguntou.

– Nada, só Gustavo. – eu beijei seus lábios e saí de seu abraço. Peguei minhas coisas e estava pronta para ir para o chuveiro.

– Nós precisamos contar para ele o mais rápido possível!

– Sim, mas eu não sei como fazer isso nesse momento. – eu disse receosa. – Da última vez que nós nos afastamos drasticamente, você viu o que aconteceu. Agora com a avó dele...

– Só não queria que o magoássemos, eu estava disposto a te esquecer e não ter mais contato contigo, só por isso. – ele parecia triste, o que me fez abraçá-lo.

– Mesmo que você que fizesse isso, eu ainda estaria apaixonada por você. Desde a primeira vez que eu te vi, eu não consigo te tirar da minha cabeça!

Ele me beijou e eu fui às nuvens. Cada toque, abraço e carinho faziam com que eu ficasse mais dependente e mais apaixonada. Sonhar com Leo era bom, mas estar com ele era a melhor coisa que eu poderia viver. Nos afastamos relutantes, mas necessariamente. Estávamos perdendo o controle e não podíamos fazer barulho para não acordar Laura. Voltei a mexer na minha mochila enquanto ele me abraçava por trás;

– Alice, eu esqueci de te falar, mas amanhã eu vou para o apartamento novo. Quase nada está fora encaixotado além da cozinha. Já pedi para amanhã cedo o frete vir e levar as caixas, e as lojas vão entregar os móveis novos que comprei.

– Tudo bem, eu vou cedo para casa. – eu olhei para o chão, me sentindo triste com a notícia.

– Não, não! Por favor, eu preciso de você!! – ele me virou e ergueu meu rosto. – Não vou dar conta de Laura e da mudança. Fora que não tenho muito jeito para decoração de casa. Você pode me ajudar?

– Leo... – eu disse receosa, apesar de gostar muito da ideia.
– Você não acha que é muito cedo?

– Alice, estou esperando e sonhando com esse momento há seis meses. E eu não estou falando só de ir para um apartamento maior! Só tomei a decisão de seguir minha vida para ter uma ao seu lado. Então, por favor, me ajuda!

– Eu não sei se é uma boa ideia... – eu reiterei. Ele fez uma carinha de pedinte, que me fez rir inevitavelmente. Eu assenti sorrindo e o beijei. – Eu vou pensar.

Eu o beijei e pude senti-lo sorrindo. Ficamos uns minutos juntos, até que Laura se mexeu devagar na cama e nós nos distanciamos. Fui para o banheiro e tomei um banho rápido, pois estava à vontade, como em casa. Após terminar, fui direto para a cozinha; Leo estava deitado com Laura e eles conversavam. Ela parecia animada e elétrica novamente. Peguei um copo de água e bebi, enquanto olhava os dois conversarem e brincarem. Eu o admirava mais a cada segundo. A forma como ele era um pai presente e incrível me fazia amá-lo ainda mais.

– Lice, venha aqui, por favor? – ele falou. Eu deixei o copo na pia e fui até ele. Ele se sentou na cama e fez sinal para que eu me sentasse ao seu lado e foi o que eu fiz. Ele passou a mão pela minha cintura e pegou a mão da filha. – Laura, nós temos algo muito importante para te contar.

Ela assentiu, e nos estudava. Talvez ela tivesse ouvido a mesma frase algumas outras vezes, sabia que o que vinha era sério.

– Bem, Lala, eu e a tia Alice estamos namorando. – ele falava bem calmo. Esperamos que ela entendesse. – Você é a primeira pessoa para quem estamos contando, porque você é muito especial para o papai, entendeu?

– Eu entendi. A mamãe já me falou dos namorados dela antes – ela queria parecer madura, era muito bonitinha.

A gente estava namorando ou era uma forma de explicar para ela? Pouco importava, porque agora que estava com ele, queria aproveitar todos os segundos, se pudesse, para sempre, independente do nome que daríamos àquilo.

– Mas eu e a tia Alice queremos ficar juntos por muito tempo. – ele olhou para mim, como se esperasse que eu concordasse, e eu concordava. – Você já gostava da tia Alice antes, o que fez o papai ter mais certeza que a queria para estar ao lado dele. Tem alguma pergunta?

– Tia Alice pode ler para mim como ela faz lá na escola? – ela perguntou.

– Claro, meu amor! – eu sorri e estendi minhas mãos, ela se jogou em mim, e eu a coloquei no meu colo. – Posso ler todo dia para você, te ajudar no dever de casa, brincar, ver desenho. Tudo que você quiser!

Ela sorriu e me abraçou e depois o pai, em seguida, se levantou, ficou em pé na cama e começou a pular. Ela estava ansiosa, fazia isso para se distrair.

– Quero ver Frozen! – ela disse muito alegre.



7 de dezembro, sábado.

Acordei e demorei a entender o que estava acontecendo. Nós havíamos ido dormir depois do filme Frozen. Laura só se deixou ser vencida pelo sono a uma da manhã, depois de eu ter lido Chapeuzinho Vermelho para ela. Ela dormiu no sofá-cama e nós preparamos um colchonete para que Leo pudesse dormir.

– Eu durmo aí em baixo, já é costume seu dormir com ela aqui, por favor. – eu insistia.

– Minha rainha, não vou deixar você dormir nesse chão duro. – Ele me pegou no colo e já estava pronto para me colocar na cama.

A conclusão foi que eu me deitei no chão e ele no sofá, porque eu decidi. Podia ser muito teimosa quando queria. No entanto, ele estava ao meu lado me abraçando por trás pela manhã. Cada centímetro dos nossos corpos se encostando e nós dois deitados no colchonete. Provavelmente me esperou dormir e deitou-se comigo. Eu me mexi de leve e me virei para ficar de frente para ele. Eu daria tudo para congelar aquele momento e viver nele para sempre. Estar totalmente envolvida por ele e ainda vê-lo dormir tão serenamente era um pedaço do céu. Acariciei seu rosto e comecei a beijá-lo, sentindo sua pele macia sobre meus lábios. Ele me abraçou mais e eu fiquei totalmente presa naqueles braços. Eu queria ficar ali para sempre, sentindo suas as mãos percorrerem meu corpo, seus lábios beijando meu pescoço. Eu esperei tanto tempo e desejei aquilo desde quando o vi pela primeira vez.

– Bom dia, Alice. – ele beijou minha testa e olhou para mim. Seus olhos estavam fechados ainda e sua voz era rouca, o que me fez arrepiar.

Eu uni nossos lábios e beijei-o. Senti seu braço, que estava por cima do meu corpo ir até minha cintura. Eu passei a mão pelo seu cabelo e o envolvi ainda mais naquele beijo.

– Bom dia, papai! – Laura falou e se jogou da cama nos nossos colos.

Leo pareceu nervoso, segurou a filha e a abraçou, pareceu torcer para que ela não tivesse visto nada. Eu me levantei rindo muito de sua reação e fui para a cozinha. Eu enchi a chaleira de água para coar o café, e Laura veio até mim, me abraçou. Eu amava o modo como estávamos íntimas depois de ontem, brincamos muito. Era divertido ter uma criança por perto e eu me sentia na responsabilidade de cuidar dela. Laura voltou para a sala e o pai a mandou trocar de roupa e arrumar sua malinha: hoje nós iríamos para a casa nova! Leo veio até a cozinha e me abraçou por trás, enquanto eu preparava um leite com chocolate, que a menina havia me confidenciado que amava tomar pela manhã.

– Você estava falando sério ou era só uma forma mais lúdica de explicar para ela? – eu perguntei. Ele havia usado a palavra “namorada” no dia anterior.

– Se você quiser posso me ajoelhar e pedir formalmente. – ele estava pronto para fazer quando eu me virei e o puxei de volta.

– Eu aceito ser sua namorada, Leonardo. – eu disse, fingindo estar séria.

– Tenho certeza de que esse é o primeiro passo de muitos.
– ele me beijou e começou a dar pequenos beijos rápidos e a fazer

cosquinhas com as mãos. Eu ria sem conseguir me controlar.

Eu terminei de fazer o café e o leite de Laura. Peguei alguns pães e pastas, além de um biscoito para ela. Não tínhamos mesa, mas Leo colocou uma toalha no chão e fizemos um piquenique da manhã, como ele e Laura chamavam. Comemos com agilidade, afinal, tínhamos de começar a mudança o quanto antes. Observei Laura e Leo e vi o quanto eram parecidos: os cabelos tinham a mesma cor e textura, o formato do rosto e da boca eram iguais. Ela tinha olhos um pouco mais claros que os dele. Fiquei imaginando meus filhos com ele, se puxariam mais a mim ou como a irmã.

A campainha tocou e eu olhei para mim mesma, meu pijama não era nada legal para receber visitas. Corri para o banheiro desesperada, enquanto Leo ria de mim e abria a porta.

Troquei-me e, quando saí do banheiro, o apartamento já havia perdido algumas caixas. Laura estava no sofá sentada e vendo algo em um tablet. Suas roupinhas estavam em uma bolsa chique e grande, que ela não tinha condição nenhuma de carregar.

– Tia, o papai pediu para descermos com as malinhas e pôr no carro. – ela balançou a chave que estava com ela.

Eu peguei a minha bolsa que, por sorte, era com alças longas e a bolsa dela. Minha outra mão segurava a sua, ajudando a pequena a descer. Chegamos ao carro, e Leo saía de dentro do caminhão. Ele olhou para nós com um olhar de ternura; seu sorriso era doce.

Coloquei as roupas na mala e Laura na cadeirinha; abri os vidros ligeiramente e fechei as portas. Subi novamente para ajudar a pegar mais coisas. Fiz, ao todo, três viagens. Leo não me deixava pegar as caixas mais pesadas com a justificativa de que elas iriam

no caminhão e não no carro. Fiquei com pertences pessoais, documentos, uma caixa de livros pequena e uma mala de roupas, que tinha rodinhas.

Em trinta minutos, o apartamento estava vazio. Era muito bom o fato de ele não ter muita coisa para levar, assim a mudança se tornava menos cansativa. Laura ficou o tempo todo ligada no tablet, nem piscava. Leo veio até mim, seu corpo estava suado, a camisa branca estava colada no corpo e era quase como se ele estivesse sem nada. Ele me deu um beijo rápido. Entreguei-lhe as chaves do carro e nós fomos até o novo apartamento.

Não era muito distante dali uns cinco minutos de carro, quinze a pé. Olhando bem para a rua, percebi que poderia ir a pé para minha casa se quisesse. O caminho não era o mais seguro do mundo, eu teria que passar por alguns becos, mas se eu disputasse com um carro, talvez perdesse por pouco.

Nós entramos e já podíamos perceber que o prédio não podia nem ser comparado ao que estávamos anteriormente. Não era alto luxo, mas o saguão tinha um porteiro, caixinhas de correio para os moradores e um pequeno espaço de espera com duas poltronas. Laura pediu para ficar no colo e eu a peguei; enquanto Leo trazia as malas de bagagem foi até ao porteiro, que estava com as chaves, esperando por nós.

– Olá, eu sou Leonardo, essa é Alice, minha namorada e Laura, minha filha. Nós somos do 1003.

– Olá, senhor Leonardo. Os entregadores acabaram de chegar, vou pedir para deixar as coisas do senhor no apartamento. – o porteiro disse, entregando as chaves do apartamento. Havia dois

molhos. – É de costume dos moradores deixarem uma cópia aqui na portaria, o senhor deixará?

– Vou levar as duas, muito obrigada.

Leo pegou a bagagem, que estava no chão, e nós fomos para o elevador. Subimos até o 10º andar e viramos à esquerda: lá estava o 1003. Laura desceu do colo e começou a correr pelo corredor para se habituar ao local. Leo destrancou com cuidado e estava pronto para abrir a porta. Ele chamou pela filha e botou a mão dela na maçaneta, colocou a minha e por último a dele. Abrimos a porta os três juntos.

Laura saiu pelo apartamento adentro explorando o lugar. Eu olhei para ele preocupada.

– O que houve, Lice? – ele passou as mãos pela minha cintura e me uniu a ele.

– A gente está indo rápido, muito rápido. – eu disse a verdade. Eu o amava muito, mas não sabíamos se aquilo daria certo. Ele estava me incluindo na vida dele com intensidade e, se algo desse errado, eu teria de sair com a mesma intensidade.

– Você tem razão. – Ele me soltou. Comecei a me arrepender de ter dito aquilo. – Eu me apaixonei por você loucamente, terminei meu casamento, porque você me deu a certeza de que eu poderia sentir algo melhor, maior, mas eu errei. – ele deu uma pausa, meu coração palpitava, as lágrimas já queriam escorrer do meu rosto. – Eu errei em querer esperar, querer fazer parecer que eu não havia terminado porque havia conhecido o amor. Se eu tivesse sido sincero desde o início, se eu tivesse me apresentado e te chamado para sair, hoje não seria muito cedo. Mas eu quis te preservar, Patrícia era muito ciumenta e poderia ser muito

inconveniente, eu sei que ela vai ser agora, não quero nem imaginar se ela desconfiasse que foi por sua causa que eu a deixei.

Eu olhei para ele, ele me olhava com preocupação e amor. Naquele momento me lembrei de uma conversa com Vivian, sobre um amor que fazia você se entregar completamente. Leo havia renunciado à vida dele para uma nova vida ao meu lado, e eu tinha certeza de que eu me entregaria completamente para ele. Contudo, a diferença é que os dois estavam dispostos àquilo e queriam cuidar um do outro, e amar um ao outro. A renúncia era para estar com o outro, não para atender aos caprichos de alguém que nunca faria o mesmo por você.

– Você quase me matou do coração... – eu disse bem baixinho. – Eu admiro muito o que você fez de esperar, preservar a sua filha de mais uma confusão nos primeiros momentos. Você renunciou a sua vida por mim. Eu teria gostado de te conhecer antes, de sentir esse amor antes. Mas vamos compensar todo o tempo perdido, cada segundo.

Ele sorriu e me abraçou. Eu resolvi me jogar de cabeça naquilo, ele não tinha dúvidas do seu sentimento, eu também não. Então qual era o problema de estarmos juntos e de nos entregarmos a isso? Entrei no apartamento e fiquei deslumbrada. As paredes eram cor de elefante, as mesmas do meu quarto. O chão era de piso, imitava madeira clara, os entalhes e o teto eram brancos. A porta por onde entramos dava direto para a sala e a cozinha, era um espaço único e grande, divididos apenas por uma copa; um corredor levava aos quartos e ao banheiro; o banheiro era em tons azuis e branco; os quartos eram iguais, a única diferença era a vista; as

janelas de um quarto mostravam a vista da cidade e o outro olhava direto para as matas.

Laura escolheu o quarto que estava virado para a cidade, porque poderia ver a casa da mãe e a escola. Leo então colocou suas roupas no quarto voltado para as árvores e eu o imitei. Em seguida, ouvimos a campainha tocar e homens com móveis começaram a entrar. O dia todo foi daquela forma. Pessoas entrando e saindo, móveis inteiros se instalavam em seus cômodos, móveis desmontados iam para seu destino e eram montados, caixas eram colocadas nos cômodos...



– Laura, não mexe aí filha! – disse Leo indo até a sala. Nós já havíamos terminado a cozinha e o quarto de Laura. Eu estava cozinhando enquanto eles “organizavam as coisas da sala”.

Leonardo estava sentado no chão, ele montava o painel que ficaria a TV, mas toda hora Laura roubava uma peça e saía correndo, fazendo com que ele tivesse que segui-la. Eu ria todas as vezes que acontecia, Leo realmente ficava fofo irritado, ainda mais porque ele não queria se irritar. Eu olhei o forno e vi que o queijo já havia derretido acima do macarrão. Coloquei a travessa sobre a bancada e anunciei:

– Está pronto! – eu gritei, fazendo Laura largar todos os parafusos que segurava e ir como um trovão para a cozinha.

– Eu estou com muita fome. – ela disse olhando para mim com a sua carinha mais fofa. – Posso comer duas vezes?

– Laura, você não comeu nem a primeira vez. – Leo disse rindo.

Ele havia resgatado todas as partes que precisava para o painel. Dessa vez, ele colocou em uma caixa e deixou escondido entre as outras que ainda estavam ali para nós desembulharmos. Ele caminhava em nossa direção e a visão dele me fez arrepiar.

– Se você não passar mal, pode comer quantas vezes quiser. – eu disse baixinho para Laura.

Laura saiu abrindo todas as gavetas e chamando pelo potinho que ela comia. Eu lhe servi, e depois a mim e Leo. Ele estava parado ao meu lado me observando calmamente. Sua presença fazia com que eu me sentisse tão amada, acolhida.

– Eu espero que você goste. – eu disse entregando-lhe o prato.

Ele pegou o prato e o deixou na pia que estava ao seu lado, envolveu minha cintura com um braço e segurou meu rosto com a mão. Ele me aproximou o suficiente para eu sentir sua respiração contra o meu rosto.

– Você não tem ideia do quanto eu esperei por isso. – ele disse, unindo nossos lábios.

Eu senti todo o meu corpo flutuar. Minhas mãos foram até a nuca de Leo e eu me preendi a ele.

– Vocês não vêm almoçar, não? – Laura falou e eu me afastei rápido dele, muito corada.

– Estamos indo, filha! – ele disse rindo.

Leo pegou novamente o prato e se dirigiu até a sala. Laura comia sentada em uma toalha estendida no chão. Sentamo-nos ao lado dela.



Eram 23h45m e eu lavava a louça do jantar. O dia havia sido exaustivo, porque nós 3 arrumamos tudo o que podíamos e o que não podíamos, mas a casa estava toda no lugar.

Leo havia comprado armários para a cozinha, os utensílios já estavam todos no lugar e nós já havíamos cozinhado duas refeições com êxito. A sala ficou dividida entre o sofá e a escrivaninha, os dois que Leo já possuía. Uma parte era uma sala de estar e, na outra, um escritório que caberiam perfeitamente duas pessoas. O quarto de Laura ficou sensacional, os móveis eram planejados e combinavam entre si, um verdadeiro quarto de princesa. Ela amou o fato de ser tudo rosa e eu achei que ficou muito bom com a harmonização da parede cinza. O banheiro não recebeu muitas alterações, nem o quarto de casal; o armário e um espelho novo, o vaso sanitário e o box ficaram intactos. E no quarto, entrou uma cama novinha e um armário de casal de correr envidraçado.

Leo estava no quarto de Laura. Levou-a para a cama depois do jantar, enquanto eu lavava os pratos, estava quase acabando quando ele chegou. Nós havíamos tomado banho, ele estava cheiroso e vestia um pijama limpinho. Eu vestia meu pijama curto e, por baixo, eu havia colocado a lingerie. Sabia que dormiríamos na cama nova hoje e estava pronta para o que pudesse vir a acontecer.

– Ela está exausta, dormiu como uma pedra. – ele disse preocupado. – Amanhã vamos ter que ter paciência, pois quando ela está muito cansada, normalmente não é um dia bom.

– Vamos esperar que não. – eu disse esperançosa.

Percebi que ele não levava muita fé no que eu havia dito. Ele conhecia bem a filha, saberia como ela reagiria em cada caso.

Contudo, não havia muito que eu pudesse fazer, se não estar esperançosa. Assim, eu terminei de lavar tudo enquanto Leo me observava, apoiado na bancada da copa. Ele parecia muito cansado, mas me olhava com um olhar bobo, que estava me deixando vermelha. Eu sequei as mãos e fui até ele.

– No que está pensando? – eu perguntei.

– Se eu fico de queixo caído com você de pijama, não vou poder te ver na formatura... – ele disse falando realmente sério.

– Estou ansiosa para fazer você ficar louco. – eu mordi o lábio de leve e ele me atacou.

Ele me envolveu em seus braços e me colocou junto ao seu corpo. Eu o beijei intensamente, como se minha vida dependesse daquilo. Eu era completamente apaixonada pelos seus beijos, pelas mãos dele ao redor da minha cintura, pelo calor que ele produzia no meu corpo.

– Qual a cor do seu vestido? – ele perguntou quando eu descia meus beijos até seu pescoço.

– Quer falar disso agora? – eu olhei incrédula.

– Vou comprar uma gravata da mesma cor. – ele disse dando de ombros.

– Vermelho. – eu falei sem poder deixar de sorrir. Ele acariciou o meu rosto, de forma muito singela. Eu amava quando ele desenhava meu rosto com as mãos. – Vamos para a cama?

– Vou dormir no sofá. – Ele me soltou, interrompendo o meu sonho e bateu de leve no meu nariz.

– Como assim? – eu me coloquei em sua frente, impedindo sua passagem.

– Alice, não é hora de discutir. Eu disse que vou dormir no sofá, fiz isso nos últimos seis meses. – Ele se esquivou de mim e continuou andando.

– Por que ontem você podia dormir ao meu lado e hoje não?
– eu perguntei revoltada.

– Porque hoje a minha filha não vai estar no mesmo cômodo. – ele disse enquanto fazia o sofá se tornar uma cama de casal.

Ele foi para o quarto, passou ao meu lado, mas nem pareceu ver que eu estava ali, com os braços cruzados e muito brava. Ele pegou um travesseiro e uma coberta e, quando voltou, beijou-me.

– Eu te amo. – ele disse enquanto se afastava. Eu sorri imediatamente e o xinguei na minha mente. Eu não consigo ficar um segundo chateada com ele. – Boa noite, espero que a cama seja confortável.

Eu não iria descobrir. Fui para o banheiro, escovei os dentes e olhei a sala novamente. Leo já dormia como uma pedra. Peguei outro travesseiro no quarto, coloquei ao lado dele e me deitei. Quando estava pronta para pegar no sono, ele me abraçou.

– Você é a pessoa mais teimosa que eu conheço. – Sua voz parecia achar graça do momento, o que me deixou aliviada por não ter sido expulsa dali.

Meus sonhos foram calmos, minha noite revitalizante.

Capítulo 11

Morte

15 de dezembro, domingo.

– EU NÃO QUERO! – ouvi uma voz gritando.

Eu me levantei com espanto e demorei a reconhecer onde estava. O dia estava claro, o sol penetrava pela sala com intensidade. Leo não estava ao meu lado, mas em seu lugar havia uma bandeja com suco, um sanduíche e um iogurte. Levantei-me e fui até onde o som havia vindo.

– Laura, é só comer um pouco. – Leo dizia do quarto da filha. Ele estava ajoelhado ao lado da cama e tinha um iogurte nas mãos. – É o seu favorito!

– Não quero! – ela se levantou e saiu do quarto. Passou por mim como um trovão.

– Bom dia? – eu disse para Leo, minha expressão era de incredulidade. Eu sabia que as vezes Laura era impossível, mas nunca imaginei aquele nível.

– Nada bom. – ele levantou e me deu um beijo. No início pareceu que iria acabar rápido, mas depois foi ficando intenso e demorado. Ele se afastou e eu pude ver o sorriso no seu rosto. – Agora melhorou bastante.

Ele saiu atrás da filha, procurando-a no banheiro e eu voltei para a sala. Ela devorava o meu sanduíche e tomava meu iogurte. Eu sorri, ela estava fazendo “manha”, fome não lhe faltava.

– Espero que esteja gostoso, Laura. – eu disse, chegando de fininho perto dela. Ela me olhou com um olhar mortal, como se eu estivesse ameaçando-a. – Coma rápido, não vou contar nada ao seu pai.

Ela pareceu mais aliviada e voltou a devorar a comida. Eu voltei para onde Leo estava e o parei. Ele pareceu querer protestar, mas eu fiquei na ponta dos pés e beijei sua nuca, fui subindo os beijos até chegar aos seus lábios e continuaria se não tivesse ouvido passinhos; distanciei-me a tempo de Laura passar entre nós como um trovão.

– Vocês precisam levá-la ao psicólogo. – eu disse séria.

– Eu sei... – ele parecia triste, como se pensasse que fosse um péssimo pai.

– Deixe-a um pouco, coloca um desenho para ela ver e deixa uns biscoitos no quarto. Avisa que, se ela precisar de algo, pode chamar, e saia. – eu disse.

Ele deu de ombros e foi para a cozinha pegar os biscoitos. Eu voltei para a sala e tomei o café, única coisa que ainda estava intacta. Sentada, tomando café e olhando para os prédios, pensei pesarosa que naquela tarde teria que ir embora.

Quando cheguei ao final do café, Leo veio até mim e se sentou na minha frente.

– Espero que tenha gostado do café na cama. Eu queria ter te acordado, mas Laura não queria comer.

– Está tudo bem, ela precisa da sua atenção. – eu coloquei a xícara vazia na bandeja, dei um selinho em seus lábios e levei tudo para a cozinha. Leo começou a arrumar o sofá e eu fui para o quarto arrumar minhas coisas.

– Você pode deixar um pouco de coisa aqui, não precisa levar tudo. – ele sugeriu, meio que se pensasse alto. – Não estou dizendo para você vir morar aqui, mas é uma ótima forma de te fazer voltar.

– Vou só me arrumar por enquanto, depois podemos conversar melhor sobre essa ideia.

Ele me abraçou forte e eu senti como se estivesse segura. Olhei para ele e apreciei cada pedaço do rosto. Capturei cada centímetro da face e beijei-o. Queria gravar aquele sentimento no meu coração.

Afastei-me relutante e fui com minha roupa para o banheiro. Tirei o pijama e coloquei uma legging e uma blusa. Saí do banheiro depois de arrumar meu cabelo e escovar os dentes. Fui até o quarto novamente, Leo não estava mais ali, mas eu podia ouvir sua voz ao longe. Ele estava ao telefone provavelmente.

Peguei o meu celular e conferi as mensagens. Helena havia me enchido delas, perguntando quando eu lhe contaria tudo, e combinei que saíssemos no outro dia para eu narrar os detalhes. Meus pais mandaram uma foto do pôr do sol da casa de campo, algo de tirar o fôlego.

Gustavo havia me ligado uma centena de vezes. Eu me sinto um pouco culpada por ter terminado com ele justo quando precisa de mim, mas eu não poderia continuar o namoro e enganá-lo. Nada que eu sonhasse em ter com ele seria perto do que eu havia vivido com Leo nos últimos dias.

Leonardo fazia-me sentir como a vida podia ser plena e feliz, como a paixão podia correr pelo meu corpo, invadir minha alma. Ele

me tira do sério, me tira o ar, mas ele é tudo que eu preciso e quero: cada centímetro do meu corpo pede por ele, ama-o.

– Alice, você precisa ligar para o Gustavo. – Leo entrou no quarto apressado.

– Tudo bem, eu ligo. Aconteceu alguma coisa? – perguntei.

– A avó dele acabou de falecer.



Eram 14h27min. Eu chegava no carro de Gustavo na capela mortuária onde seria o velório de dona Célia.

Assim que desliguei a ligação com Gustavo, Leo levou Laura à casa de uma prima de Patrícia, que havia se oferecido para cuidar das crianças durante aquele dia. Logo em seguida, deixou-me em casa. Nossa despedida foi intensa, mas infelizmente rápida.

Fui direto para o meu quarto e me arrumei apropriadamente. Coloquei um vestido preto comportado, sapatilhas pretas e preendi meu cabelo. Pouco tempo depois que eu terminei de me arrumar, ouvi uma buzina. Gustavo estava ali.

Fui para fora de casa e ele já me esperava quase na porta. Eu o abracei e ele desabou nos meus braços. Ele vestia um terno preto, elegante, o mesmo que ele havia me dito que iria à formatura dali a alguns dias. Ele parecia arrasado, como se o mundo todo perdesse o sentido. A ligação dos dois era muita forte, ele a levava para todos os lugares possíveis, e ela sabia todos os segredos dele.

Eu tentei confortá-lo, mas não havia palavras possíveis que fizessem sua dor diminuir. Ele me abraçava com toda a sua força, o que me causava desconforto em algumas partes, mas eu queria poder ser de alguma ajuda naquele momento.

Ficamos um tempo no carro dele, abraçados sem dizer uma palavra sequer. Depois de algum tempo juntos, ele começou a me contar os detalhes, por livre e espontânea vontade. Depois do AVC que sofrera, descobriram que ela fraturou alguns ossos na queda e acabou precisando de repouso total. Ficar na posição ideal para a recuperação óssea fez com que ela tivesse um novo AVC e não resistir.

Gustavo parecia realmente se sentir culpado, como se a culpa fosse dele, apenas pelo fato de não estar com ela no momento que aconteceu o segundo AVC e não ter podido avisar aos médicos com mais rapidez.

Eu tentava ajudá-lo dizendo palavras de apoio, mas ele não parecia muito animado em ouvir e disse que precisávamos comer algo antes de ir e arrancou com o carro. Almoçamos em uma lanchonete de fast food, mas ele mal tocou na comida.

Ele não dizia nada, seu olhar estava perdido. Eu queria poder fazer algo para vê-lo melhor, contudo, nenhuma das minhas tentativas fez efeito. O luto dele deveria ser sentido, vivido.

Logo após almoçar, fomos para o cemitério nos juntar à família dele. Ele pediu no carro, usando uma voz baixa, para que eu ficasse ao lado dele até o final, quando houvesse o sepultamento e, de fato, a cerimônia acabasse. Era o mínimo que eu podia fazer, portanto, eu não neguei.

Ao chegarmos, vi o caixão bem no meio da capela, algumas pessoas estavam em volta dele e estavam com cabeças baixas. Gustavo foi até uma mulher que, de costas, parecia muito com Patrícia, mas uns 15 anos mais velha. Era a mãe dele.

Eu não conhecia bem os pais de Gustavo, eles viajavam muito e quase nunca estavam presentes na educação do filho. Portanto, apesar de conhecê-lo bem, eu quase não tinha contato com seus os pais.

Quando ele tinha 5 anos, começou a morar com a avó e a casa da frente sempre ficava fechada. Os pais dele moravam na cidade vizinha durante a semana e iam para casa em alguns finais de semana, deixando o filho com a avó.

Gustavo ficou com dona Célia até os 14 anos, mas ainda assim, a relação continuou muito forte por ainda morarem um ao lado do outro. Ele sempre se referia à avó para tudo, ela estava presente nas reuniões de pais, Dia das Mães, dos pais, festas de encerramento... Era como se Gustavo tivesse perdido os pais. Seu elo familiar mais importante se fora.

Eu estava abalada pela perda de dona Célia, ela sempre fora muito gentil e acolhedora nos momentos em que eu estava com Gustavo, seja como amigos ou namorados, mas nada do que eu pudesse sentir se comparava com a dor dos parentes próximos que ali estavam.

Eles se abraçaram forte, e ele seguiu até o homem que estava ao lado dela. Ele era com certeza o pai de Gustavo, os dois tinham cabelos castanhos encaracolados e o porte físico era praticamente idêntico. Ele parecia triste, mas não tanto quanto os outros que estavam mais perto do caixão.

– Você está deslumbrante. – Leo disse ao chegar ao meu lado. – Vai ser complicado fazer cara de tristeza com a visão mais bela do mundo na minha frente.

Eu olhei para ele. Estava com uma camisa branca e um blazer preto, calças sociais e um sapato preto. Ele conseguia ficar atraente em qualquer coisa que vestisse, mas aquela estava especial.

– Você também.

– Pense que você não vai encostar nessa visão o resto do dia...isso está me deixando muito triste.

Ele sorriu e fez uma negativa com a cabeça, como todas as vezes que eu arrancava um sorriso de seus lábios, e começou a caminhar até a ex-esposa. Ela olhou para ele, seu choro estava fraco, mas parecia que já havia chorado mais. Eles se abraçaram e eu desviei o olhar, não queria assistir àquilo.

Gustavo vinha novamente em minha direção. Ele estava com lágrimas nos olhos, mas parecia tentar ser forte.

– Vamos falar com meus pais. – Ele estendeu a mão e eu a peguei.

Fomos até o caixão e eu tentei não olhar para o corpo ali, eu não gostava de velórios, porque não ficava confortável com a pessoa que havia morrido estar ali estendida para todos darem uma última olhada.

– Mãe, pai, Alice está aqui. – Ele disse, tentava se animar, mas sua voz saiu fraca.

– Ah sim, Alice! – o pai dele respondeu. – Obrigada por estar aqui!

– Obrigada por ter vindo. – sua mãe dele, como se nem ao menos tivesse me visto.

Percebi que ela estava com os olhos vidrados e que já deveria ter dado aquela resposta muitas vezes. Lembrei que, no

último velório que eu havia ido, os parentes mais próximos do falecido estavam todos sob efeitos de remédio, portanto, com ela não deveria ser diferente,

– Eu sinto muito pela perda de vocês. – eu disse e comecei a caminhar devagar para longe do caixão.

Gustavo me seguia de perto e indicou uma pequena poltrona que ficava afastada do movimento intenso, para nós nos sentarmos. Ele se sentou e eu fiquei ao lado dele. Ele se deitou no meu ombro e depois de alguns minutos eu senti as lágrimas dele molhando meu vestido. Eu o abracei, e ele se aninhou no meu ombro. Suas mãos envolviam meu corpo e a sensação de estar com ele aquecia meu coração. Eu esperava que aquecesse o dele também. Era estranho estar ali tão próxima dele, mas era tão familiar quanto meu próprio toque.

Contudo, peguei-me pensando nos nossos dias juntos, na forma como ele me deixava totalmente feliz. Era um sentimento novo, e tudo era novo, cada toque, cada sensação. Seus beijos me deixavam sem graça e a sua presença me deixava muito alegre. Cada coisa que fazíamos, cada filme, música, série, comida. Nossas tardes de estudo, eu explicando as coisas e ele resolvendo as contas de maneira muito veloz; as risadas que ele dava, cada sonho para o futuro que nós compartilhávamos. Olhei para ele e acariciei seus cachos, comparar os sorrisos de outrora, com a tristeza daquele momento, partia meu coração de várias maneiras.

Queria poder voltar no tempo, ter dito a Gustavo que podia confiar em mim, que Leo não seria um risco para nós. Mas ele estava certo, Leo era um risco, eu já estava apaixonada por ele.

Gustavo talvez já soubesse que eu estava apaixonada, talvez fosse só por saber que Leo estava determinado a me conquistar.

Eu queria realmente não ter me apaixonado por Leo, queria ter seguido ao lado de Gustavo, ter dado mais apoio a ele nesse momento, queria poder beijá-lo e dizer que tudo ficaria bem.

Mas não ficaria bem, em breve eu contaria a ele sobre mim e Leo e, por mais que eu gostasse de Gustavo e ele fosse meu melhor amigo, eu sabia que o perderia. No entanto, meu coração ansiava pelo segundo em que sairia dali e poderia ter algum tempo com Leo novamente. Queria poder estar envolvida nos seus braços, segura e com o coração palpitando, vivendo nosso romance escondido, que em breve será posto ao mundo inteiro.

Uma mulher recém-chegada se debruçou sobre o caixão e gritava, me tirando dos meus pensamentos. Um grupo de pessoas em um canto se consolava. Sentia-me estranha. A situação era toda estranha naquele momento. Eu nem era mais namorada de Gustavo, nem parente da família..., mas eu estava triste, cresci com dona Célia sendo sempre muito gentil e me acolhendo em sua casa, sempre sendo muito carinhosa e cuidando de mim.

Eu olhei para minha frente e vi Leo na mesa de comes e bebes conversando com duas mulheres, que deveriam ser apenas cinco anos mais velhas que eu. Eles destoavam de toda a cena, pois estavam rindo. Eu olhei para o chão e preendi a respiração. Ele tinha essa mania de ser galanteador, esse hábito que me fez pensar que eu era só mais uma das suas vítimas, mas uma vítima que tinha caído na emboscada.

– Alice, eu preciso te dizer uma coisa. – Gustavo me chamou.

Eu me virei para ele e assenti. Ele estava com o rosto inchado, as pálpebras pesavam.

– Obrigada por estar aqui, do meu lado. Eu sei que eu falhei com você, mas nunca mais farei nada do tipo. Eu não posso perder mais uma pessoa que eu amo. E se eu te perder de novo...

Ele passou a mão pelo meu rosto e pousou ela sobre a minha nuca. Ele parecia perdido, como se estivesse em um sonho. Ele percorreu meu braço e pegou minha mão e a beijou. Quando ele passou os beijos no antebraço, eu tentei recuar, mas ele prendia minha mão com força.

– Gustavo. – eu disse incisiva, mas com um tom baixo. – Me solta.

– Eu te amo.

– Gustavo, não. – eu estava desesperada.

Ele olhou para mim, mas não havia me ouvido. Ele se inclinou e me beijou. Tentei escapar, mas as mãos dele me impediam de ir para trás. Eu desviei o rosto depressa e esperei que ele acabasse com aquela tentativa de afeto.

Quando sua mão relaxou de leve, eu o empurrei e me levantei. Ele pareceu acordar de um sonho. Seus olhos se arregalaram, ele começou a gaguejar.

– M—me desculpa.

Levantei-me e saí de perto dele, sem saber ao certo para onde estava indo. Eu precisava ficar um tempo sozinha, talvez até ir embora.

Eu entrei no banheiro, assim que eu o vi, e me debrucei sobre a pia, me olhando no espelho. Eu estava desesperada, não

podia conversar com Leo naquele momento, mas precisava dizer a ele que eu não quis aquilo, ele tinha que acreditar em mim.

Liguei a torneira e botei um pouco de água no rosto, para tentar me acalmar, assim como ele sempre fazia. Por um segundo, senti que os pensamentos voltaram para o lugar. Eu respirei fundo e saí do banheiro.

Não precisei procurar Leo por muito tempo, ele já estava à minha procura.

– Podemos conversar? – eu falei e ele assentiu, não parecia nada feliz.

Ele começou a andar para um lugar estranho, um corredor escuro e estreito, que ficava ao lado do banheiro. Ele andava rápido e ignorava meus protestos para ir devagar. Leo virou à direita e eu o segui. Havíamos chegado a um jardim, um lugar calmo e tranquilo, sem sinal do velório que acontecia a metros dali.

– Eu entendo que você estava apoiando, mas você precisava... – ele disse, seu tom era ríspido. – Ele beijou você, outra vez e você ficou lá parada!

– Ele me beijou, mas estava fora de si. Eu desviei o rosto, ele me prendeu, eu não conseguia sair.

– Eu vi vocês dois de mãos dadas, sentadinhos abraçados e ele beijando seu braço. Todos acham que vocês estão juntos, Alice.

– Mas não estamos, você deveria ser o primeiro a saber disso!

– Não importa o que eu sei, se tenho que ouvir que a namorada do Gustavo é linda, que eles são um lindo casal. – Ele se virou, colocou as mãos no rosto. – Já chega, essa loucura acaba aqui.

– Leo, por favor, me escuta. – eu o abracei, senti seu cheiro forte. Respirei fundo como se quisesse captar aquele cheiro pela última vez. Eu não podia pensar que eu não o teria ao meu lado no dia seguinte. Eu o amava, eu só o queria ao meu lado. – Eu te amo.

Ele se afastou, dando um passo à frente e meu coração se despedaçava. Eu queria gritar com ele, gritar para o mundo. Dizer que eu o amava mais uma vez, mas para todo mundo saber que ele era o homem da minha vida.

– E você não sente nada por Gustavo? – Leo perguntou.

Eu fiquei atônita. Não esperava aquela pergunta. É claro que o que eu sentia por Leo era avassalador, algo que me impedia até de respirar, mas eu ainda gostava de Gustavo, gostava muito. Nossa relação era única, algo que eu jamais teria com outra pessoa. Ele era meu melhor amigo, ninguém no mundo me entendia melhor do que ele.

– Como eu pude ser tão idiota, Alice. Pensar que você realmente estava apaixonada por mim, em tão pouco tempo. – ele tinha a voz embargada.

– Mas eu estou! Eu só estava apoiando Gustavo, ele ainda é o meu melhor amigo. Não posso simplesmente dizer-lhe que não estarei com ele neste momento.

Eu olhava para ele, ele continuava de costas para mim. As lágrimas escorriam pelo meu corpo e eu implorava por dentro para ele se virar e me beijar, para passarmos por aquilo juntos.

– Você me disse que não ia agir como fez no seu último relacionamento. – eu sussurrei.

– Patrícia nunca beijou outro homem. Ela não me deu motivos, eu agia irracionalmente. Já você – ele deu uma pausa. –

Parabéns, você foi a primeira a me enganar. – Leo disse indo embora.

Eu não aguentei e explodi.

– Você corteja meio mundo e mesmo assim não duvidei dos seus sentimentos por mim. Quem parece estar brincando com o outro aqui não sou eu. Eu já disse que estou apaixonada por você, mas se não acredita em mim, não tem motivo nenhum para estarmos juntos. – eu estava extremamente mal, mas não queria que ele falasse comigo daquela forma.

– Será melhor assim.

Ele saiu do jardim e eu fiquei sozinha olhando para onde ele estava há segundos. O amor era intenso, era bom. Mas quando doía, era a pior dor que podia se sentir. Na mesma velocidade em que eu havia me apaixonado, eu tive meu coração partido. Eu surtei. Caí de joelhos na grama, minhas mãos seguravam meu rosto. Eu queria gritar, mas só conseguia chorar. A dor tomava conta do meu peito e paralisava o meu corpo.

– Alice! – Gustavo tentou me segurar, mas eu tentei me soltar. Eu chorava e o empurrava enquanto ele me abraçava; depois de alguns minutos, eu senti meu corpo enfraquecer e tudo ficou escuro.



– Alice, por favor. – eu ouvia ao longe. – Acorda, Alice!

Eu tentava abrir meus olhos, mas não conseguia. Sentia todas as partes do meu corpo imóvel. Alguém me sacudia e me chamava incessantemente. Aos poucos fui voltando a ver alguns relances. Vi o céu, as folhas e os galhos de uma árvore. Vi Gustavo e a casa atrás dele.

– Alice, graças a Deus! – ele me abraçou mais e começou a chorar.

Eu não conseguia entender nada do que estava acontecendo. Tentei me levantar, mas falhei.

– Fica calma, você está segura. – ele beijou minha testa e me ninou.

Eu aos poucos fui voltando à realidade. Lembrei-me de onde estava: a capela mortuária. Logo em seguida, olhei para Gustavo e tive um lampejo do que havia ocorrido.

– O que aconteceu, Alice? – ele fazia carinho na minha testa enquanto eu estava deitada em seu colo.

Eu me levantei aos poucos, fui respirando fundo, tentando recobrar todos os sentidos. Eu não podia contar a Gustavo, não ali, não naquele momento.

– Alice, por favor. – ele tinha o olhar mais compreensível do mundo. – A gente não está junto, mas eu sou seu melhor amigo. Seja o que for, eu estou aqui.

Ele estava passando por uma perda muito grande e mesmo assim estava ali, me apoiando. Ele agiu de maneira errada quando quase causou meu acidente e quando foi bêbado até o restaurante em que eu estava; contudo, agora ele parecia realmente arrependido, parecia querer me reconquistar e fazer as coisas diferentes.

– Acho que esse não é o melhor momento... – eu respondi com o ar ainda me faltando um pouco.

– Está tudo bem. – ele disse acariciando meu rosto. – Eu vi o Leo saindo daqui... É sobre ele, não é?

Eu assenti.

– Depois daquele dia no restaurante a gente se aproximou e...

– Eu já entendi. – Gustavo disse, parecendo realmente triste.

– Eu sinto muito, muito mesmo. Não queria magoar você, Gustavo, mas eu não pude controlar.

– E agora ele foi um babaca com você.

– Ele não gostou de ver nosso beijo...

– Mas dar em cima das minhas primas ele pode? – ele disse, parecendo bem aborrecido. – A culpa não foi sua, Alice. Ele também fez isso com a minha tia e com outras mulheres. Seduzia e largava. Colecionava amantes...

Meu coração se partiu. Leo havia dito que largou Patrícia por minha causa, mas e se não fosse verdade? Ele poderia ter dito isso a todas as outras mulheres. Até mesmo quando ainda estava com Patrícia, aquela, com certeza, era uma promessa recorrente. E então eu estremeci, havia sido mais uma das vítimas de Leonardo. Mais uma que ele pegou e jogou fora.

– Me desculpa, Gustavo. Eu deveria ter ouvido você. – eu disse, as lágrimas cortavam meu rosto novamente.

Ele me abraçou e eu me aconcheguei em seus braços mais uma vez, sentindo seu perfume tão familiar quanto o meu próprio. Ele acariciava meu cabelo e me apertava de um jeito muito reconfortante.

– Espero que em breve isso passe, e eu possa te reconquistar mais uma vez. – ele disse sorrindo.

– Gustavo... – eu disse receosa e ele colocou um dedo sobre a minha boca.

– Eu te amo, e vou lutar por você.

Eu corei e olhei para o chão. Eu queria com todas as minhas forças retribuir aquele amor que ele dizia sentir por mim. Queria entregar meu coração para Gustavo, e esquecer para sempre que Leonardo existia. Queria voltar para o dia do meu aniversário, quando eu ainda pensava que viveria uma grande paixão com Gustavo.

– Podemos voltar agora? – ele perguntou se levantando e me ajudando a levantar. – Mas só se você tiver bem.

– Vamos sim. – eu disse confiante. Ainda me sentia meio tonta, mas conseguiria seguir.

Gustavo me ajudou a voltar até a capela, e fomos para perto do caixão novamente. Ele me indicou um lugar calmo para me sentar e ficou ao meu lado, em pé. Na minha frente, eu podia ver o caixão e as coroas de flores deixadas em homenagem à senhora. Estávamos a poucos metros de Patrícia e da mãe de Gustavo. Elas recebiam os cumprimentos de todos que passavam por ali.

– Eu sinto mesmo pela perda de vocês. – eu ouvi Leo dizer à ex-esposa e à ex-cunhada. Ele estava na fila das pessoas que iam dar os pêsames. – Vou pegar Laura agora, pode deixar que não direi nada a ela por ora.

Eu desviei o olhar e me fixei nas plantas que estavam lá.

“Com amor dos sobrinhos, para dona Célia.” Dizia a faixa na frente da coroa de flores.

– Vejo que vocês reataram, felicidades ao casal. – Leo disse para Gustavo, e eu me limitei a não olhar para ele.

– Infelizmente ainda não, tio. – Gustavo respondeu dizendo “tio” de forma sarcástica. Mas foi realmente discreto, o que me fez

duvidar de que Leo desconfiasse que havia lhe contado algo. Eu não olhei para a direção deles, mas posso imaginar a troca de olhares dos dois, e quando eles finalmente haviam se acertado, eu “estraguei” tudo. Gustavo segurou meu ombro e eu me virei para ele.

– Vai ficar tudo bem. – Gustavo disse.



Cheguei em casa e a noite já havia caído. Meus pais ainda não estavam, mas não tardariam a chegar.

– Eu estou indo te encontrar! – Helena disse assim que eu pedi ajuda. – Me espera aí!

Eu fiquei sentada no banco da minha escrivaninha, esperando. Eu não sei ao certo quanto tempo se passou, não sabia nem que horas eram, mas Helena chegou. Abri a porta para ela, que me abraçou

– O que aconteceu? – Helena disse quando nos sentamos no meu quarto.

Eu contei para ela tudo, desde o início. Dos meus almoços com Leo, da conversa com Gustavo, do almoço com Patrícia, meu final de semana com Leonardo, Laura e o apartamento novo e, por fim, o velório. Meus pais tinham acabado de chegar quando falei sobre o beijo de Gustavo e meu término com Leo. Não detalhei depois disso, afinal não havia acontecido nada além de formalidades de velórios.

– Leo não deveria ter agido dessa forma, não depois disso que vocês fizeram no final de semana. Já deveria estar mais que claro para ele que vocês são almas gêmeas – ela disse assim que eu terminei.

– Isso pouco importa agora. – eu disse, e uma tristeza dominava todos os músculos do meu corpo. – Nós terminamos, acabou. Meu pequeno sonho durou apenas uma semana.

Pensei em todos os momentos com Leo: os beijos, os carinhos, cada contato da nossa pele. A sensação que eu sentia ao ter meu corpo envolvido por suas mãos firmes. A forma como ele me deixava vermelha por qualquer coisa, como me arrancava risadas enquanto arrumava o apartamento, como me distraía ao tentar me ajudar a fazer o almoço. Tudo nele me fazia sentir a cada segundo mais apaixonada, cada respiração, palavra, sorriso dele me tiravam o fôlego. Eu o amava, mas tudo havia acabado.

“Nunca esqueça de mim.” Ele me dissera. Eu bem que gostaria de não obedecer, mas era mais forte que eu.

– Alice, eu tenho certeza de que vai ficar tudo bem, por favor, se acalme. Você é forte, sei que vai passar por isso!

Foi então que eu percebi que havia voltado a chorar. Eu assenti e sequei minhas lágrimas. Helena me levou até o banheiro, me ajudou a pegar as coisas para um banho e só foi embora quando eu estava pronta para me deitar.

– Se precisar de algo, me liga! – ela deu um beijo na minha testa e ajeitou minha coberta. – Vou dizer a eles que você ficou indisposta pelo calor e pelo velório, mas que está descansando.

– Está bem, mãe! – eu disse brincando, e ela sorriu. – Obrigada, por tudo.

Eu jamais poderia pagar por toda amizade e carinho que ela dedicou a mim a nossa vida toda.

Eu fechei meus olhos e o sorriso de Leonardo penetrou minha mente até que eu adormecesse. Durante aquelas horas,

aquele dia não havia acontecido e Leo ainda estava dormindo ao meu lado, e me acordaria com café na cama. A morte da nossa relação nunca havia acontecido.

Capítulo 12

Bilhete

17 de dezembro, terça-feira.

Acordei com a minha mãe entrando no quarto e abrindo as cortinas. Eu não havia feito nada na segunda além de ficar deitada, porque todas as vezes que pensava em Leo, começava a chorar. Todas as coisas que me lembravam dele, eu cobria a cabeça com a coberta e queria me esconder do mundo.

Minha mãe e meu pai passaram o dia todo organizando e preparando as coisas para minha festa, e mamãe fez algumas

investidas no meu quarto, tentando arrancar de mim o que aconteceu. Eu queria contar a ela, mas não conseguia sem começar a chorar copiosamente. No final do dia, ela me colocou para dormir, cantando para mim e disse que, no outro dia, conversaríamos sobre o que aconteceu.

Meus avós chegaram de manhã, e vovó veio junto dela ao meu quarto, as duas conversavam alto.

– Alice, filha! – minha mãe tomou um susto ao me ver. – Você não tinha prova de vestido hoje?

Eu olhei para ela interrogativa e peguei meu celular. Eram 11h45min. Eu levantei assustada, dei um beijo na minha avó e na minha mãe e comecei a pegar as coisas para me arrumar.

– Esses jovens estão sempre atrasados. – minha avó dizia enquanto eu ia ao banheiro. Queria poder contar para minha mãe, dizer-lhe sobre Leo, sobre o quanto eu o amava, e sobre como meu coração estava partido, mas não havia tempo naquele momento.

Saí de casa e corri para não perder o ônibus no ponto. Eu deveria ter chegado às 11h para encontrar as meninas na costureira. Pelo meu atraso, ganhei 7 ligações perdidas e 20 mensagens. Avisei que já estava a caminho e guardei o celular. Por um minuto, lamentei-me por não ter nenhuma mensagem, ligação, ou sinal de fumaça de Leo. Agora que tínhamos ficado tão próximos, aquela distância me machucava.

Eu queria acreditar que seria apenas uma questão de tempo até que nós nos acalmássemos e voltássemos a nos entender. Mas o jeito como ele agiu quando brigamos deixava-me magoada sempre que vinha à minha mente. Enquanto pensava nisso, desci do ônibus na minha parada e andei alguns metros até chegar à

galeria onde ficava a loja. Quando estava quase chegando lá, eu parei: olhei atônita para aquela cena, não podia acreditar no que eu estava vendo!

Leo estava erguendo uma mulher no ar. Ela ria alto, e o abraçava de volta; ele rodou com ela nos braços, e ela pedia-lhe para soltá-la, dando risos no meio dos protestos. Ele deu um beijo na testa dela e ela acariciou seu rosto; eles trocaram algumas palavras que eu não pude entender, e ela foi embora para a direção oposta a que eu estava. Ele ficou parado por alguns instantes, com um sorriso bobo. O mesmo que ele estava quando me observava cozinhar na casa dele, ou quando me viu ajudando Laura com uma tarefa de casa.

Meu coração se partiu. Ele havia me enganado direitinho. Fez tudo para que eu pensasse que era de verdade, mas eu fui só mais uma... não conseguia me mover, não sabia aonde ir. E meus olhos se encheram de lágrimas.

Leo se virou na minha direção e nossos olhos se encontraram. Ele se espantou ao ver-me e começou a caminhar na minha direção, a princípio de forma confiante e depois, quando me viu chorando, seu semblante mudou para preocupação, o mesmo rosto que eu vi no dia em que tive o surto.

Reuni todas as minhas forças e saí andando rápido, quase correndo. As lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu fiquei desesperada. Pensei em atravessar a rua para conseguir sair de perto dele, mas, de repente, senti algo me puxar. Leo me segurou pela cintura e me parou. Eu chorava copiosamente, o meu corpo tremia. O contato da nossa pele fazia com que eu ficasse calma, mas olhar para o rosto dele, ver esse olhar dele para mim, naquele

momento, o mesmo que ele estava dirigindo para aquela outra mulher, me matava por dentro.

– Alice, o que aconteceu? – ele disse de forma calma, o que me fez querer gritar com ele. Mesmo que ele achasse que eu não o tinha visto, ele não estava nem um segundo culpado?

– Você! – eu disse alto o suficiente para que até outras pessoas que passassem na rua ouvissem. – Eu que deveria falar para você o que me disse naquele dia. Como eu pude ser tão idiota em achar que você estaria apaixonado por mim? Eu fui só mais uma das suas conquistas, das mulheres que você seduz ao seu bel prazer.

– Alice, para. Eu nunca deveria ter dito aquilo, deveria ter acreditado em você. Perdoa-me.

– Eu acreditava em você, em nós! Eu só pensava como eu queria a gente de volta, como queria você, mais que tudo...

Eu olhei para ele por um tempo, seu rosto estampava dúvida, sua mão já não me segurava com a mesma força. Eu me debati, o que fez com que ele me soltasse; passei por ele, sem olhá-lo, eu chorava muito, meu mundo havia desmoronado.

– Alice, espera! – ele disse.

Mas eu estava determinada a não o deixar me alcançar dessa vez. Ele me enganou, mas eu deveria saber que era só uma questão de tempo até ele me trocar, só não esperava que fosse tão rápido. Com meio mundo atrás dele, por que ficar comigo? Em seguida, voltei em direção da loja e entrei. As costureiras estavam cuidando da barra do vestido de Vivian, e Helena e Letícia estavam sentadas com seus respectivos vestidos. Quando as três me viram,

caminharam em minha direção. Helena abraçou-me, e eu caí no chão; Vivian segurava minha mão e dizia-me para me acalmar.

A costureira fez os últimos ajustes às 13h53min. As meninas reclamavam de fome, mas eu não sentia nada. Até aquele momento, eu não tinha conseguido falar quase nenhuma palavra, só limpava as lágrimas que escorriam. Minhas amigas não perguntaram muito, acho que esperavam eu me acalmar de vez. Elas comentaram que o vestido estava perfeito em mim, e eu apenas sorria de leve.

Sentia-me a garota mais burra do mundo, meu coração estava em tantos pedaços que eu não via como poderia juntá-los. Troquei de roupa, e pensava em como poderia ir para casa sem passar pelas minhas amigas. Não era como se eu não quisesse a companhia delas, mas naquele momento eu só queria ficar sozinha e chorar.

Gustavo me ligou perguntando o que eu faria no dia e pediu para me ver, e eu disse-lhe que o encontraria à tarde. Ele não parecia estar bem, apesar de ser forte, mas eu devia esse apoio a ele, porque estava ao meu lado quando eu mais precisei, e nossa amizade sempre foi muito importante para mim. Estava determinada a conversar com ele nos próximos dias, mas não sabia ao certo se conseguiria um bom momento por agora, ainda mais com a viagem e a solenidade.

Fomos a um restaurante a poucos metros dali e nos sentamos, fizemos os pedidos e aguardávamos calmamente.

– Eu acho que a gente deveria pedir para os meninos usarem a gravata da mesma cor que o nosso vestido. – disse Vivian

superanimada, tentando mudar o clima do ambiente.

– Leo prometeu que iria com uma gravata vermelha. – Eu disse, com meus olhos lacrimejantes.

– Alice, você não quer falar sobre o que aconteceu? – Letícia perguntou, sua voz parecia mais do que preocupada, quase curiosa mesmo.

Eu calmamente expliquei para as meninas sobre o velório da avó de Gustavo, sobre o beijo, sobre a reação de Leo.

– Ele exagerou, sem dúvida. Ele deveria compreender que esse era um momento delicado para Gustavo, e você era a referência dele ali.

– Bem, o problema não foi tanto esse...

– Como assim? – perguntou Helena, que achava que estava a par de toda a situação.

– Vi Leo com outra ainda agora. – eu disse segurando firme a toalha. O garçom trouxe nossos pratos, o que deu tempo de todas digerirem o que eu havia acabado de falar.

– Não dá para dizer que a gente não esperava isso. – Letícia disse quebrando o silêncio e eu assenti de leve.

– E agora? – Helena disse paralisada.

– É isso. – eu dei de ombros. – Eu ainda tinha esperanças de que nós nos entenderíamos, mas agora...

– Eu não entendo. – Helena parecia com raiva, e eu a entendia. Ela sabia o quanto eu estava entregue à situação com ele, e torceu para que nós ficássemos juntos desde o primeiro momento. – Ele cuidou de você, se aproximou de seus pais, contou para a filha dele sobre o sentimento dele por você, e deixou você decorar o apartamento dele.

– Como isso aconteceu em tão pouco tempo? – Vivian disse baixinho para Letícia, que deu de ombros.

– Ele tem que estar apaixonado por você, Alice! Ou você acha que ele troca de apartamento toda semana?

Uma chama se acendeu no meu peito. Esperança.

– Helena, se ela disse que ele estava com outra, ele estava com outra. – Letícia disse ríspida. – Você quer que ela seja enganada por ele por quanto tempo? Vocês sabem muito bem que ele tem quem quer, desde o primeiro dia até hoje. Sempre rodeado de garotas.

Eu dei uma garfada do meu prato e tentei segurar minhas lágrimas. Letícia estava certa. Não havia como ele estar com outra garota em dois dias, não se ele me amasse de verdade. E meu pensamento vagou... ele cuidou de mim para se aproveitar; ele se aproximou dos meus pais por causa da filha; eu só dormi na casa dele, ajudei a mudança e fui apresentada como namorada dele porque eu pedi, ele tentou evitar aquela situação.

– Eu sinto muito, Alice. – Vivian disse segurando minha mão.

Eu olhei para elas, uma após a outra e tentei passar toda a gratidão que eu sentia naquele momento. Eu não consegui segurar minhas lágrimas por muito mais tempo.



– Obrigada por ter vindo, amor. – Gustavo falava, abrindo a porta.

– Gustavo... – eu disse repreendendo-o.

– Está bem, ALICE! – ele disse rindo, e eu não pude deixar de sorrir. – Pode ir para o meu quarto, vou pegar algo para bebermos.

Eu segui do corredor até o quarto dele. Perguntei-me se eles já tinham ido até a casa da avó dele arrumar as coisas, ou se ainda não tinham tido esse ímpeto.

Eu cheguei ao seu quarto, e sentei-me na beirada da cama. O cômodo era azul, com alguns troféus de futebol e as camisas do seu time faziam a decoração. Ao lado da cama, ficava uma escrivaninha e lá havia duas fotos, um dele com a avó e uma minha. Eu estava realmente feliz no dia, e ele me fotografou durante um sorriso distraído. Aquela foto fez-me lembrar o quanto eu ficava feliz ao lado dele, desde o dia em que eu conheci, ele sempre tinha a coisa certa a falar, para fazer e do que gostar. A forma como nós nos comunicávamos era quase como telepatia, porque ele sabia exatamente tudo que eu gostava e queria, mesmo sem dizer uma palavra.

– Espero que você não tenha morrido de saudade, já estou aqui. – ele disse, entrando com um pote enorme de pipoca e dois copos de refrigerante igualmente enormes.

– O que é isso? – eu perguntei surpresa.

– Eu sei que você está um pouco triste, e você sabe que eu não estou muito bem, mas por mais que eu queira muito conversar... – ele não completou. Entregou-me as coisas e se jogou na cama. Eu ri e levantei-me, entreguei-lhe tudo, e deitei-me ao seu lado.

– Não há nada que a gente faça melhor do que uma sessão de filmes! – Gustavo disse pegando o controle, e começou a escolher o que assistiríamos.

– Você nunca teve tanta razão. – eu disse antes de encher a boca de pipoca e me aconchegar na cama.

Eu não sei direito quando dormi, mas eu não terminei de ver o primeiro filme e, quando acordei, estava nos créditos do segundo.

– Bom dia, princesa. – Gustavo disse, acariciando o meu rosto. Eu estava deitada em seu peito e ele me abraçava.

Eu me afastei rápido, levantei da cama... e minha cabeça doeu no mesmo instante. Comecei a ver pontos pretos na minha visão e tudo rodou... sentei-me novamente. Pisquei forte algumas vezes até a visão voltar ao normal.

– Ei, Alice, o que houve? – ele perguntou calmamente segurando minhas mãos.

– Tudo bem. Só um pouco tonta.

– Claro. Você se levantou rápido demais. – ele colocou alguns fios do meu cabelo para trás da minha orelha.

– Que horas são? – perguntei

– 22h e 45min.

– Eu preciso ir! – eu disse, ia me levantar novamente, mas Gustavo me conteve.

– Eu liguei para sua mãe, disse que você estava aqui e que estava tudo bem. Ela só pediu para você ir o mais cedo possível para casa amanhã por causa da formatura.

– Não é certo eu dormir aqui!

– Por que não? Sua mãe já deixou. – ele disse como se aquilo resolvesse tudo. – Vamos, Alice. Não há problemas.

Eu mordi os lábios. Não sabia mesmo o que dizer. Nós tínhamos muito o que conversar, mas eu não queria ter que dormir na casa dele para fazer isso. Contudo, eu não tinha muitas alternativas: ele não me acompanharia até minha casa, e não haveria mais muitos ônibus para que eu pudesse ir.

– Você quer me perguntar alguma coisa? – eu disse, me ajeitando na cama.

Eu não sabia até onde eu contaria naquele momento, nem sabia se ia ter que me virar para chegar à minha casa depois daquela conversa.

– Como você está? Em relação àquele assunto. – ele não estava com um tom muito amistoso. Eu nunca tinha visto Gustavo tão sério em toda a minha vida. – Não sei se há algo que eu deseje saber.

– Você estava certo quanto a todas as coisas que me disse sobre ele. Ele já estava com outra hoje. – eu disse, segurando o choro. – Eu nunca deveria ter dado a chance de ele chegar ao meu coração.

– A culpa não é tua, Alice. – ele disse ainda muito sério. – Ele te seduziu como faz com todas e te usou. Ele não pensou nem que iria me machucar...

Eu vi a decepção no seu olhar, e sentia-me realmente péssima ao ver aquilo em seus olhos. Por mais que eu tivesse pensado que chegaria o dia em que eu lhe contaria sobre mim e Leonardo, nada no mundo me fez pensar que iria me doer tanto vê-lo machucado.

Eu envolvi o rosto dele com as mãos e o fiz olhar nos meus olhos.

– Me perdoa! Eu não podia ter feito isso com você, eu achava que ia viver uma história de amor ao lado dele e não pensei em você. Me desculpa, de verdade.

Ele colocou o dedo sobre a minha boca, em sinal de silêncio.

– Eu perdoo você, Alice. – disse, passando as mãos pelos meus braços e segurando a minha mão. – Mas para eu te perdoar completamente, você precisa me dar uma chance. Eu disse para você que ia lutar para ser o namorado que você merece, porque eu sabia que você merecia uma grande história de amor.

– Gustavo, eu não sei se isso é o certo. Eu não mereço você. Eu não estou apaixonada por você. Por mais que eu odeie isso, meu coração é de Leo.

– Me deixa mudar isso então? – ele disse, beijando minhas mãos e encostando elas contra suas bochechas. – Me dá uma chance de roubar seu coração para mim.

Eu queria aquilo. Eu queria lhe dar uma chance, queria muito pegar meu coração e entregar-lhe desde o primeiro dia em que nós namoramos. Queria nunca ter conhecido Leonardo, nunca ter me apaixonado por ele.

– Vamos apagar tudo que aconteceu. Começar do zero. Eu vou te fazer feliz, eu prometo. – Gustavo falava calmo, enquanto chegava perto.

Ele se inclinou para frente e uniu nossos lábios. Eu havia esquecido como seus lábios eram quentes e volumosos. Eu o correspondi, tímida no início. A intimidade entre nós era visível. Eu sabia tudo que ele faria e já sabia tudo o que fazer a seguir. Ele me deitou na cama e se deitou ao meu lado.

– Eu te amo, Alice. – ele dizia, enquanto nós nos beijávamos.

Nós ficamos ali, um aproveitando a presença do outro. Algo no meu coração ainda negava a ideia de que estar ali era uma boa coisa, mas sempre que meus lábios encontravam os dele, tudo parecia estar bem. Depois de algum tempo, a sensação pareceu me abandonar por completo.

– Vou pegar uma camisa para você. – disse, se levantando.

Eu peguei a camisa e me troquei no banheiro. Era longa, mas fina, o que me deixou um tanto quanto envergonhada. Olhei para mim mesma no espelho e pensei por um segundo que Leo teria gostado. Mas logo senti raiva de mim por ter pensado aquilo, afinal, nesse momento meu coordenador deveria estar elogiando o pijama de outra garota. Voltei para o quarto, e me deitei embaixo das cobertas.

– Você é perfeita. – Gustavo disse me abraçando.

Eu me aconcheguei em seus braços e fechei os olhos. Naquele abraço não existia Leonardo, não havia dor e nem mágoa. E naquela noite meu coração estava restaurado.



18 de dezembro, quarta-feira.

A luz vinha forte no meu rosto quando eu acordei e demorei uns instantes para perceber onde eu estava. Gustavo não estava mais ali ao meu lado, então me apressei em levantar-me.

Olhei para o relógio e eram 8h, e precisava ir para casa, pois hoje seria um dia muito atarefado. Meu primeiro compromisso

era às 12h30min, em um almoço com a parte da família que já havia chegado à cidade; depois começariam todos os preparativos para a solenidade, e a festa que meus pais haviam arrumado para mim.

Escovei os dentes e coloquei as roupas que estavam no dia anterior. Segui para a sala e depois para a cozinha. Os pais de Gustavo estavam lá conversando animadamente com ele. Ele estava no fogão preparando algo, e eles estavam sentados na bancada em frente a ele.

– Alice, já se levantou? Queria ter ido te acordar, mas sabia que você iria embora. – Gustavo disse quando eu cheguei. Ele parecia desapontado.

– Não sem antes tomar um café conosco! – disse a Maria, mãe de Gustavo.

– Sente-se aqui, Alice! – Marcos, o pai, puxou a cadeira para que eu me sentasse.

– Estou fazendo um misto quente, você quer um, amor? – Gustavo perguntou-me, o que me fez corar.

– Aceito, sim.

Os pais dele se entreolharam e sorriram. Os dois cochicharam algo e se levantaram.

– Meninos, nós já vamos. Nos vemos mais tarde. – Marcos disse amistoso. – Hoje é um dia muito importante!

Ele e a esposa saíram rapidamente.

– Gosto da forma como eles não fazem perguntas – eu disse, e Gustavo gargalhou.

– Eles gostam de você, não vão perguntar nada. – ele falou, colocando um sanduíche no prato e preparando outro.

Gustavo me deu o sanduíche e eu o peguei, estava com fome. Comi quase metade antes de ele se sentar ao meu lado e comer o dele também.

– Espero que a cama tenha sido confortável. – ele me deu um beijo, e depois deu uma boa mordida no seu sanduíche.

– Eu dormi como uma pedra.

Ficamos em silêncio, apenas saboreando nosso café da manhã. Gustavo serviu suco de laranja para nós dois e, quando eu terminei de comer, uma ansiedade bateu. Além da nossa formatura hoje, a viagem seria no outro dia pela manhã. Eu ainda não havia feito as malas nem nada do tipo; ainda não havia mexido na minha mala, que tinha sido usada para levar roupas para a casa de Leo.

– Hoje à noite vai ser ótimo! – Gustavo exclamou. – Estou ansioso para ver seu vestido.

– Vai sim! – eu respondi sorrindo. – Ainda não fiz as malas para amanhã.

– Bem, Alice. Sobre amanhã... – ele parecia tenso. – Eu não vou viajar, espero que você entenda.

– Por que não? – eu perguntei. Em um segundo, me dei conta. Ele havia perdido uma pessoa muito próxima há pouco tempo.

– Eu queria muito ir com vocês, mas não posso deixar minha mãe aqui. Vou tirar esses dias para arrumar as coisas da minha avó.

– Eu entendo perfeitamente. – falei, segurando sua mão, e beijando seus lábios.

Ele me envolveu nos braços dele e o nosso beijo se tornou mais intenso. Sentia meu coração completo, me sentia feliz.

Gustavo me encostava contra a bancada e segurava firme a minha cintura. Seus lábios começaram a percorrer o meu pescoço, até que um barulho nos interrompeu. Um vaso em mil pedaços se quebrou na sala. E lá parado estava ele, olhando para nós, como se seu coração fosse aquele vaso.

– Me desculpem por ter interrompido. – Leonardo disse, a voz dele falhava.

– Leo... – eu disse, sem saber o que fazer.

– Pode ficar! Você chegou na hora exata! Quer tomar um café? – Gustavo disse, sua voz era ríspida. – É bom que você explica para mim por que seduziu Alice. E ainda por cima por que jogou ela fora?

– Gustavo, não. – Eu disse repreendendo-o.

– Ele vai explicar, Alice! Porque ele usa as pessoas ao bel prazer dele! – Gustavo foi na direção de Leo, que não parecia perceber. Olhava para mim, seus olhos faziam com que toda a culpa do mundo parecesse cair sobre mim.

– Gustavo, para!

– Tudo bem, Alice. – Leonardo olhou para Gustavo e o encarou. – Eu não seduzi Alice. Estou apaixonado por ela, assim como você está.

– Apaixonado? – Gustavo riu.

Ele não podia estar falando sério, não depois flagrá-lo no dia anterior com outra mulher. Como ele podia dizer que estava apaixonado por mim?

– Sim, Gustavo. Foi por causa dela que eu me separei da sua tia, porque eu estava apaixonado por ela. – ele olhou para mim por um segundo. – Eu espero que você me perdoe, Gustavo.

– Você quer que eu acredite nisso? – Gustavo perguntou. – Primeiro que você mudou, agora que se apaixonou por Alice, e aí se separou. Mesmo que ela só tenha te conhecido depois de meses.

– Fiz isso primeiro, porque eu não quis meter Alice nessa história da separação, porque ela não tinha culpa de eu estar apaixonado... ela nem sabia quem eu era. Depois por Laura, não queria bagunçar a cabeça dela. Quando tudo parecia estar se encaixando, eu vi Alice na escola e descobri que vocês namoravam. Eu pensei em desistir dela por você, mas... – ele deu uma pausa, como se não pudesse falar sobre aquilo. – Enfim, não podia ter feito isso com vocês, não poderia ter me intrometido na história de vocês. E ainda achar que ela me amaria, mesmo tendo você.

Eu sufoquei um grito que dizia “Eu amo”.

– Eu perdi a cabeça no dia do velório e estraguei tudo, mas agora eu sei que, na verdade, eu ajudei as coisas para vocês. – ele olhou para mim. – Desculpa mais uma vez pela interrupção. Vejo vocês mais tarde.

Ele se virou e se foi. Eu comecei a caminhar desesperada em sua direção e Gustavo me parou.

– Você vai atrás dele? Ele está mentindo! – Gustavo disse sério. – Você me disse que ele estava com outra ontem.

Por um minuto eu fiquei sem ar. Lembrei-me da cena que eu havia visto.

– Eu preciso falar com ele.

– Alice, você me prometeu uma chance, por favor.

– Desculpa, Gu, mas eu não posso. – eu fiz carinho no cabelo dele. – Mesmo que Leo desapareça do mundo, mesmo que ele me machuque tanto que eu não consiga mais respirar, não vai

fazer com que eu te ame... não é justo que eu te prometa algo que não possa te dar.

– Alice! – ele tentou me beijar e eu desviei.

– Desculpa. – Eu falei, as lágrimas escorriam pelos meus olhos. Eu corri.

Precisava alcançar Leo. Não podia ser tarde demais. Eu tinha que entender por que ele dizia todas aquelas coisas e estava com outra, eu precisava saber a verdade.

Quando eu saí do portão da casa de Gustavo, eu pude ver o carro de Leo. Comecei a correr na direção que ele estava, mas ele deu partida no carro e arrancou. Eu corri mais e gritei seu nome. Se ele escutou, não parou para ouvir o que eu tinha a dizer.



Eu estava sentada no chão. Já havia separado todas as roupas que levaria. No computador, Helena, Vivian e Letícia estavam quase na mesma situação que eu. Estávamos conversando por horas e todas arrumavam suas malas em uma videochamada.

Havia contado para elas sobre o Leo, tudo que havia acontecido e sobre meu término definitivo com Gustavo. Portanto, estavam todas a par de tudo. No momento nós falávamos sobre as roupas da viagem, pois ficaríamos quatro dias em um resort, levaríamos o máximo de biquinis e roupas de verão, afinal, fazia muito calor nos últimos dias; também levaríamos roupas de festa, pois haveria algumas temáticas durante nossa estadia.

– Eu tenho três roupas de show, duas de luau, duas brancas e uma fantasia. – disse Vivian.

– Considerando que a gente vai ter quatro dias, e cada roupa dessas é para um dia, eu acho que está bom. – Helena falou rindo.

– Vai que dá errado alguma? – Vivian disse fazendo bico.

Eu comecei a encher minha mala e arrumar cada coisa em seu lugar, para caber o máximo. Quando estava quase tudo no lugar, eu resolvi colocar meus itens pessoais na parte lateral. Quando abri o bolso me deparei com um molho de chaves e um papel. Peguei as chaves, e não demorei a perceber o que era. Abri o papel e minhas mãos tremiam.

“Oi, Lice.

Não sei quando você vai ler isso, mas espero que em breve. Deixei as chaves do apartamento na sua mala escondido, porque não tive tempo de conversar com você. Mas no momento, por favor, aceite ficar com as chaves. É só um pequeno sinal, que simboliza a coisa que eu quero dizer em todos os dias que me restarem de vida.

Eu te amo.

P.S. Você estava extremamente linda nessa manhã. Parece um anjo ao dormir.”

As lágrimas caíam dos meus olhos. Ouvi as meninas perguntando o que havia acontecido, mas eu não consegui responder.

– Eu falo com vocês mais tarde. – disse fechando o notebook, pegando novamente o bilhete e as chaves.

Eu li e reli cada palavra, não podia imaginar aquilo sendo mentira. Ele havia me dado passagem livre a casa dele, tinha dito que me amava, tinha me feito sentir a mulher mais feliz do mundo. Como ele podia estar com outra dois dias após terminar comigo?

Dobrei a carta, e coloquei-a ao lado da minha cama, junto da chave, na mesa de cabeceira. Eu resolveria aquele assunto. E seria hoje.

Capítulo 13

Formatura

18 de dezembro, quarta-feira.

Terminei de arrumar minha mala no instante em que minha mãe entrou no quarto com a minha avó.

– Está na hora! – ela disse superanimada.

Levantei-me e encaminhei-me até à sala, junto com elas. Lá estava uma cabeleireira que ela havia contratado para ajudar no cabelo e na maquiagem. Meu vestido estava pendurado em uma arara, ao lado um espelho e um monte de maquiagem. Sentei-me na cadeira que estava ali preparada e relaxei; a moça, Bruna, foi muito ágil e começou a colocar tudo em seu devido lugar. Suas mãos trabalhavam rápido, e ela se dedicava muito ao que estava fazendo. Minha mãe e minha avó estavam paradas perto de mim e conversavam; eu olhei para minha mãe, e lembrei que ela não sabia de tudo que estava acontecendo, mas eu queria que ela soubesse. Sabia que, se havia uma pessoa no mundo que saberia o que me dizer, era ela.

– Mamãe, preciso falar com você. – eu disse séria.

Minha avó rapidamente se sentou no sofá e esperou o que eu tinha para dizer, o que me fez rir. Ela era realmente curiosa.

– Mamãe, nos dê licença! – minha mãe disse também rindo.

– Tudo bem, mãe. Ela pode escutar.

Então eu comecei a falar. Tudo mesmo, desde o início.

– No meu aniversário, quando Gustavo me pediu em namoro, eu não tinha dúvidas de que eu queria estar com ele, porque sempre foi meu melhor amigo, nós temos muito em comum.

– Mas... – minha avó perguntou. – Desembucha menina!

– Leonardo apareceu. – Eu disse enrubescendo.

– EU SABIA! – minha mãe exclamou.

– Como assim? Sabia? – eu falei surpresa.

– No dia do jantar ... vocês sentados um ao lado do outro ... dava para ver a química!

Eu sorri de leve. Era bom ouvir aquilo, mas ao mesmo tempo doía saber que tinha ficado no passado.

– Bem, na primeira vez que eu olhei para ele, eu senti algo diferente, como jamais havia sentido. Era surreal, um sentimento que eu não consigo descrever. Por várias vezes, pensei estar ficando louca, pois procurava por ele em todos os cantos, queria-o em todos os momentos. Ele disse que já havia me visto na escola, lendo para as crianças, que costumava me observar, mas eu não acreditei! Tivemos vários momentos juntos que me faziam sentir como se eu o conhecesse a vida toda, e que eu o queria para toda a vida.

– Mas você estava namorando? – perguntou Bruna. Ela trabalhava vividamente nos meus cabelos e, ainda assim, parecia prestar muita atenção no que eu dizia.

– Sim, ao mesmo tempo, a minha relação com Gustavo estava cada vez melhor, cada vez mais envolvida com ele, mas todos os dias eu percebia como ele era o meu melhor amigo apesar de ser maravilhoso namorá-lo.

– Mas teve aquela situação com Gustavo. – minha mãe relembrou nada contente. – Depois daquele dia eu não confio mais nele.

– Depois do que aconteceu, no dia do jantar, eu e Gustavo acabamos terminando. Naquele mesmo dia, Leo e eu quase nos beijamos, eu percebi e aceitei que estava completamente apaixonada por ele. Mas ele desviou e mandou-me sair do carro.

– Não sabia que vocês tinham se encontrado! – minha mãe disse perplexa. Eu cerrei levemente os dentes e dei um sorriso. Ela deu de ombros e fez um sinal para que eu continuasse.

– Eu fiquei tão confusa, mas eu decidi deixar para lá, porque eu já esperava que se eu me apaixonasse por ele, ele quebraria meu coração. Gustavo sempre disse que ele fazia isso com as mulheres que se apaixonavam por ele. Alguns dias depois, – continuei – ele apareceu magicamente e sem motivo aparente na feira de livros a que fui. Ele se declarou para mim, disse que queria estar comigo, e eu não tive outra escolha a não ser me entregar a isso plenamente. Era tudo que eu mais queria!

– Eu acho que temos um vencedor. – minha avó disse empolgada, o que me fez rir. Às vezes ela parecia uma garota de 18 anos, e eu amava isso.

– Nós ficamos um pouco mais de sete dias juntos, e foi a semana mais feliz da minha vida! Ele correspondeu às expectativas e as superou de todas as maneiras. Leonardo é um cara incrível,

gentil, carinhoso, e estar perto dele me faz sentir nas nuvens. Mas no dia do enterro da avó do Gustavo, eu fui apoiar meu melhor amigo. Nós ficamos juntos, eu o ajudei como possível, e ele acabou me beijando.

Elas ficaram com cara de choque. Bruna soltou uma exclamação leve.

– Leo terminou tudo comigo e meu mundo desabou. No dia em que fui fazer a última prova do vestido, eu o vi com uma mulher... e tudo de ruim que eu havia ouvido dele, todas as más impressões inundaram meu coração.

– Então depois que vocês terminaram, ele começou a sair com outra? – minha avó perguntou.

– É o que parece... – mas eu ainda o amo, ainda quero ele mais que tudo na minha vida! Mas ele não esperou nem dois dias e já apareceu com outra. Minha cabeça está super confusa, mas eu não o deixei se explicar; acabei indo até a casa de Gustavo e a gente reatou, eu contei para ele sobre Leo, e ele me perdoou. Naquele momento eu achei que tudo ia ficar bem, mas não vai. Hoje de manhã, ele me viu com Gustavo, e eu não sei se a gente tem alguma chance. Eu terminei com Gustavo ... não é justo com ele que eu ainda lhe dê esperanças. Com ou sem Leo ao meu lado, eu não vou amá-lo como me ama.

– Alice, se você quer minha opinião – Bruna disse – isso é uma história e tanto. Você tem razão em estar confusa, mas tem que seguir seu coração.

– Você tem que ficar com quem tira as borboletas do seu estômago! – minha avó falou, sentadinha no sofá.

– Leo é um ótimo pai e eu nunca o vi com nenhuma mulher... – minha mãe disse meio receosa. – Ele me parece um homem muito bacana e se ele te faz feliz, filha, eu vou te apoiar! Mas se ele te machucar, você precisa deixá-lo ir.

– A falta dele me machuca, mamãe. Mas enquanto estávamos juntos, ele só me fez feliz. Eu quero conversar com ele com calma, e dizer-lhe o que eu sinto, como eu sinto, que ele é meu coração, que ele tira as borboletas do meu estômago, e que ele me faz feliz demais. – eu disse sonhadora. – Mas se ele realmente estiver com outra, vou deixá-lo ir, e vou seguir em frente.

– Vocês vão ter tempo para conversar hoje. Vou chamá-lo para a festa! Ele não vai poder recusar meu pedido. – minha mãe pegou minhas mãos. – Se tudo der errado, cada um segue sua vida. Se der certo, você já pode apresentar para sua família toda.

Eu sorri e me levantei. Abracei cada uma delas.

– Obrigada por me apoiarem!



– Você está maravilhosa! – Bruna disse, terminando de ajeitar o último cacho do meu cabelo.

– Seu trabalho foi perfeito! – eu disse, emocionada.

Eu me olhava no espelho e não conseguia me reconhecer, porque estava parecendo uns cinco anos mais velha, mas não de um jeito ruim. Senti-me sedutora e confiante, como nunca havia me sentido antes.

Minha mãe e minha avó também já estavam prontas, elas usavam vestidos lindos e sóbrios. Meu pai e meu avô chegaram à sala, com os ternos impecáveis, e vieram falar comigo. Os dois me elogiaram, e meus olhos se encheram de lágrimas. Mas não era

momento de chorar ainda. Ainda não. Assim, eles me ajudaram a entrar no carro, e eu agradei mais uma vez à Bruna. Ela prometeu que estaria na festa mais tarde, e eu prometi mostrar-lhe aquilo que tínhamos conversado. Meus pais entraram no carro e meus avós também. Fomos até minha escola e o trânsito estava ligeiramente intenso por conta do horário e pela época do ano: as pessoas já começavam a fazer as compras para decorações de Natal.

Estacionamos o carro faltando dez minutos para a solenidade começar e fomos, todos os cinco, em direção ao salão. Meus pais e meus avós foram para as cadeiras onde os convidados ficariam e eu dirigi-me para a bancada onde iríamos assinar o recebimento dos documentos oficiais.

Havia três pessoas sentadas orientando os formandos para agilizar as assinaturas. Eu entrei na fila que estava menor e pude ver Helena vindo em minha direção.

– O que aconteceu hoje? – ela perguntou muito preocupada.

– Depois. – eu disse sorrindo, o que fez com que ela entendesse imediatamente que era sobre Leo, portanto, não poderíamos falar ali. Ela fez sinal de silêncio com a mão e sorriu.

– Próximo! – a voz dele cortou meu coração como um relâmpago.

Eu olhei para a mesa, e ele olhava para baixo distraído, provavelmente nem havia visto que era eu a próxima. Ou talvez não se importasse.

Aproximei-me da cadeira e olhei para ele, que estava impecável no terno, como se tivesse sido costurado no corpo. Os cabelos cortados, e sem nenhum sinal de barba. Mas o mais importante era a gravata colocada no local exato, sem estar muito

apertada, mas a cor... o vermelho era exatamente igual ao do meu vestido, e fazia meu coração pulsar de felicidade.

– Olá, coordenador. – eu disse confiante.

Ele olhou para cima surpreso e seu queixo caiu. Eu podia sentir os olhos dele passeando por todo o meu vestido, como se fossem suas mãos, e esperei o tempo necessário para ele me analisar em cada pequena parte antes de me sentar a sua frente.

Ele engoliu seco e começou a procurar os papéis que precisava que eu assinasse. Eu nunca havia visto ele tão nervoso como naquele momento, e isso provocou-me uma felicidade sem igual.

– Assine aqui e aqui, por favor. – ele disse sem me encarar novamente.

Eu peguei a caneta e fiz minha melhor assinatura. Olhei para ele entreguei o papel.

– Gostei da gravata. – eu disse antes de me levantar e sair. Eu não conseguia disfarçar o sorriso.

Eu tinha que me controlar para não dar pulinhos. Aquilo só podia significar que ele realmente pensava sobre mim. Ele ficou de queixo caído ao me ver, e estava com a gravata para combinar com o meu vestido... ele me deu as chaves do apartamento. Aquele homem será meu.

– Bem-vindos à formatura do Ensino Médio! – disse uma voz no alto falante.

Eu me encaminhei até uma fila que se formava com os casais. Alguns já eram casais mesmo, como minhas amigas e os namorados, outros eram casais que queriam ser e não eram, outros foram por falta de opção. Contudo, dei-me conta de que minha

dupla natural, Gustavo, não estava ali, o que foi um alívio. Como eu explicaria a todos os curiosos o porquê de não termos entrado juntos? Mas ao mesmo tempo eu me preocupei, ele tinha que participar da solenidade, se não o diploma dele teria um milhão de burocracias para sair.

Eu não sabia o que fazer, só tinha me dado conta disso naquele momento, nós sempre entrávamos com alguém na solenidade, e aparentemente todos tinham um par. Como poderíamos chamar pessoas de fora para entrar conosco, quem não havia conseguido um par dentro das turmas formandas, chamou um familiar/amigo para fazer parte. Conforme as duplas se encaixavam, eu ia ficando para trás. Tentei contato com meus pais, para que alguém viesse me socorrer, mas nada. Eu comecei a pensar em alguma saída, pedir para uma das meninas voltar para entrar comigo, mas não havia como elas fazerem isso: uma vez no lugar, você só sai quando acabar. O tempo passava e eu estava ficando sem opções, restavam dois casais antes da minha vez. Eu respirei fundo. Eles iam ter que me deixar entrar sozinha. Ocupei meu lugar na fila e olhei para frente.

– Só para você saber, eu recusei três convites. – Leonardo disse ao meu lado.

Eu olhei para ele espantada. Ele ofereceu o braço e eu lhe ofereci o meu. O salto fazia nossa diferença de tamanho parecer nada.

– Elas também vestiam vermelho? – perguntei, dando um sorriso falso para a foto. Demos um passo para frente, éramos os próximos.

– Mesmo que vestissem, nunca chegariam aos seus pés. – ele disse sorrindo também. – Ainda que você estivesse vestindo pijama.

Eu sorri e joguei minha cabeça de leve para trás, no exato momento que o fotógrafo tirou uma foto. Tinha certeza de que iria querer aquela foto depois.



A solenidade foi completamente perfeita. Recebemos os canudos, cumprimentamos os professores homenageados, tivemos homenagem às famílias. Por fim, vinha o discurso do representante. Ela falou sobre nossos desafios, sobre momentos que passamos juntos como turma, e sobre o que estava por nos esperar quando saíssemos dali naquela noite.

A vida iria sorrir para uns e seria dura para outros, teríamos que escolher o que faríamos pelo resto de nossas vidas, começaríamos a trilhar um caminho completamente diferente do que havia sido feito até então. E percebi que não havia pensado em nada do que faria no outro ano. A dúvida que mais me afligia ficou completamente de lado assim que Leo entrou na minha vida. Eu ainda teria um mês para pensar, mas não estava muito animada com nada que eu havia pensado. Nessa hora, fui tirada dos meus devaneios pelos sons das palmas. Olhei para frente e Leo se levantava para falar com os professores. Helena veio me abraçar imediatamente após.

– Eu prometo que não vou te deixar em paz, nem por um segundo! – ela disse chorando muito.

– Eu também não vou te deixar em paz! – eu disse rindo dela, e apertando-a mais no meu abraço. – Ou você acha que eu

consigo deixar de te contar cada pequena coisa que acontece comigo?

Vivian também veio me abraçar, e só então eu me dei conta de que aquilo era uma despedida. Nós não voltaríamos a ter aulas no outro ano; não estaríamos uma com a outra; não nos veríamos todos os dias, por várias horas no dia. Cada uma seguiria a sua vida, e se nos encontrássemos uma vez a cada seis meses seria muita coisa. Eu olhei para elas, cada uma fazia parte essencial da minha história. Nós tínhamos crescido e aprendido umas com as outras, eu não podia imaginar estar longe delas. E então comecei a chorar, e nós nos abraçamos.

– Eu prometo que vou ligar para vocês toda semana! – Vivian falou aos prantos.

– Ainda temos quatro dias de viagem, meninas. E as férias todas para nos vermos. – Letícia disse. Ela era sempre distante, mas eu pude sentir melancolia na sua voz.

Outras pessoas vieram nos cumprimentar e falar que sentiriam saudades, mas eu sabia que em três anos teríamos dificuldade para lembrar detalhes sobre eles, talvez até mesmo seus nomes.

Após quase uma hora de despedidas, fotos, agradecimentos e choros, eu estava pronta para ir embora. Nós todos nos encontraríamos no dia seguinte bem cedo, com exceção de alguns que não poderiam ir para a viagem. Procurei ao redor e vi Gustavo, ele estava conversando com alguns amigos. Ele olhava para mim penetrantemente, não parecia prestar atenção na conversa que se seguia. Decidi ir até lá.

– Chegou atrasado? – eu perguntei quando cheguei até ele. Os amigos dele saíram de perto, como se nem percebessem minha presença. Foram rindo falar com outra pessoa.

– Não teria vindo se pudesse. – ele disse olhando para baixo.

– Gu, eu só vim me desculpar mais uma vez. – eu disse tocando no braço dele. – Mas não é justo com você.

– Você vai mudar de ideia, Alice. – ele disse com uma certeza que me deu arrepios. – Você vai perceber quem ele é. Ele não merece você, ele não é digno de você.

– Gustavo, mesmo que Leo seja tudo isso, ainda assim não posso te prometer amor. – eu acariciei seus cachos que estavam já bagunçados. Seu terno era o mesmo que ele havia usado no velório da avó, mas estava desleixado, como se ele não tivesse tido nenhum esforço para arrumá-lo. – Eu que não mereço você. Você é meu melhor amigo, eu te admiro demais. Eu sinto muito que eu não possa te dedicar o amor que você merece. Mas eu sei que você vai encontrar alguém.

– Eu já encontrei, Alice. – ele levantou a cabeça e olhou no fundo dos meus olhos. Um arrepio percorreu meu corpo com a maneira que ele me olhou, não parecia o mesmo Gustavo que eu havia encontrado na noite anterior. – E quando você perceber que Leo não merece você, eu vou estar aqui. Vou estar pronto para cuidar e amar você.

Seu tom era frio, apesar das palavras serem de uma declaração.

– Eu preciso ir, Gu. – eu me virei e ele segurou meu braço forte o suficiente para deixar marcas vermelhas. – Gustavo, por

favor;

– Eu vou fazer você ser minha de novo, Alice. – a cada palavra que ele dizia meu corpo estremecia. – Não importa quanto você fuja de mim, nós estamos destinados a ficar juntos. Divirta-se com Leonardo, ajude-o com a mudança, sai com ele no almoço, mas você voltará a estar ao meu lado.

Ele me soltou, e eu não esperei para sair quase que correndo pelo pátio. Eu precisava ficar longe dele. Como poderia saber aquilo? Eu não havia lhe contado nenhum detalhe, nada sobre mim e Leo, apenas que estávamos envolvidos. E percebi que estava com medo de Gustavo, das informações que ele possuía, da maneira como ele estava agindo, e o que quis dizer com “eu vou fazer você ser minha de novo”.

Olhei em volta e vi os meus pais, que estavam conversando com os pais de Vivian, todos muito animados. Fui meio desesperada na direção deles, tanto que nem vi antes de esbarrar com alguém.

– Me desculpa. – eu disse sem nem ao menos olhar e continuei andando. Cheguei aos meus pais e puxei minha mãe. – Vamos embora.

– Lice, eu ainda não falei com... – ela olhou para trás de mim e abriu um sorriso. – Olá, Leo! Eu estava procurando o senhor.

– Por favor, Flávia, me chame de você! – ele disse cumprimentando-a com um aperto de mão. – Eu vim ver se a sua filha estava bem, ela quase me derrubou ali atrás.

Meu rosto ficou vermelho, da cor do meu vestido.

– Alice sempre foi muito desastrada! – minha mãe disse rindo. – Mas não podemos deixar de comemorar essa conquista do

nosso tesouro. Vamos fazer uma festa lá em casa, e você está mais do que convidado! Estamos indo para lá agora mesmo.

– Bem, Flávia, não sei se é apropriado. – ele disse olhando para mim apreensivo. – Amanhã viajaremos cedo, e é um evento familiar, não sei se cabe minha presença.

– Bem, Leonardo. – minha mãe imitou seu tom de voz, o que me fez sorrir. – Tenho certeza de que não há outra pessoa que Alice deseje convidar, e você não vai querer que eu chame André para convencê-lo.

Leo olhou para mim confuso, parecia pedir aprovação e tentar entender o que estava acontecendo. Eu sorri e assenti, esperando responder alguma de suas respostas.

– Tudo bem, eu aceito. Vai ser um prazer. – Leo disse, sorrindo.

Minha mãe se virou para direção em que estava meu pai e meus avós, contudo voltou.

– Tenho certeza de que o meu marido dirá para você, em alguma oportunidade dessa noite, cuidar de Alice na viagem. – minha mãe disse. – Contudo, vou ser mais extensiva que ele no pedido. Cuide dela, mas com moderação. Tenha juízo, Leonardo.

Minha mãe se virou e falou algo com meu pai. Eu estava atônita, minhas bochechas queimavam. Leo parecia querer sumir.

– Vamos, Alice! – meu avô chamou.

– Até mais tarde. – eu disse para ele e me virei.

Eu fui todo o caminho do carro pensando sobre o que havia acabado de acontecer. Sobre a solenidade, Gustavo, Leonardo ... estava tão distraída que nem percebi que meu pai já estacionava o carro.

– Alice, vai sair não? – minha avó falou rindo.

Eu saí do carro e ajeitei o meu vestido. Sabia que minha maquiagem já deveria estar desgastada àquela altura do campeonato, mas eu estava confiante. Eu saí da garagem e fui para a sala. Aproveitei meu último segundo de silêncio e paz e me encaminhei até o jardim.

Cada parente de que eu conseguia me lembrar estava ali, eles se dividiam por grau de parentesco, por qual família pertencia, mas estavam todos ali. A decoração do jardim estava perfeita: a piscina estava iluminada, assim como todo o ambiente, com luzes como as de Natal. Havia mesas de comes e bebes e lugares para se sentarem. Meus pais haviam feito tudo perfeitamente.

Eu abracei cada um deles e agradei. Aquela seria uma noite que eu lembrarei para sempre. Fui cumprimentar meus familiares, falei com todas as tias, tios, primos e filhos dos primos. As crianças me pediram liberar a piscina, a noite estava quente então deixei. O que foi um estardalhaço entre as mães, umas riam, outras surtavam. Ouvi um milhão de elogios e um milhão de “e os namoradinhos?”, o que me fazia procurar por Leo pelo jardim, toda vez.

Quando ele finalmente chegou, eu estava presa em uma seção de fotos com as minhas primas mais próximas. Todas elas moravam perto da nossa segunda casa, o que fazia com que eu tivesse bastante contato com elas nas férias. Elas me cobravam o motivo de eu não ter ido muito até lá nos últimos meses, e eu não conseguia tirar os olhos do motivo pelo qual eu não iria nos próximos. Depois de intermináveis fotos, em muitas poses, minha avó me chamou para falar com algumas tias minhas sobre como

havia sido a solenidade. Todas as vezes que eu achava que o assunto havia terminado, alguém fazia uma pergunta.

Até que alguém me chamou atenção para um novo convidado. Gustavo estava parado diante dos meus avós, e sorria calorosamente. Eu estremeci ao vê-lo ali. Ele estava a menos de um metro de Leo, mas ambos estavam de costas. Eu queria evitar a todo custo que eles se falassem. Se isso acontecesse, poderiam acabar brigando ali novamente.

Pedi licença às minhas primas, deixando-as falando sozinhas, e me encaminhei na direção deles. Estava ansiosa para falar com Leo, mas precisava lidar com Gustavo. Leonardo estava conversando animadamente com alguns tios meus e com meu pai. Todos riam e eu fiquei por um segundo hipnotizada com o sorriso dele. Mas fui à direção de Gustavo, relutante, e parei na sua frente.

– Espero que esteja gostando da festa. – falei o mais calma possível.

– Seus pais podem trabalhar com isso se quiserem fechar a escola. – Gustavo brincou. – Fiquei surpreso de ter chamado ele, seus pais não veem problemas em você se envolver com ele?

– Não é da sua conta. – eu disse sem pensar.

– Ok, me desculpa. – ele parecia ter levado um soco. – Eu vou só terminar esse refrigerante e estou indo. A função de namorado da formanda já está sendo preenchida. Até a formatura da sua faculdade, eu volto para pegar meu lugar.

Eu pensei em responder, mas apenas resolvi me virar de costas para não explodir com ele. Pude senti-lo se distanciando e ir falar com uma prima minha, que sempre foi apaixonada por ele.

– É ele? – Bruna veio falar comigo, enquanto eu ainda estava pensando em formas de não expulsar Gustavo aos gritos.

Eu a abracei, não tinha conseguido falar com ela até aquele momento. Percebi que ela olhava para Leonardo e então a respondi.

– Sim, é ele. – eu disse sonhadora.

– Ele é de tirar o fôlego mesmo, apesar de ser meio velhinho para você. – ela disse e eu ri. – Está esperando o quê? Vai lá!

Ele estava lá sozinho, meu pai havia levado meus tios para algum outro canto da festa, e Leo comia um salgadinho na mesa. Fui a sua direção, e fiz o mesmo que ele.

– Podemos conversar? – eu falei olhando em seus olhos.

Ele assentiu, lentamente, parecia estranho. Mas eu não liguei, me virei, indo na direção do meu quarto, queria sair rápido dali e consertar as coisas. Ele me seguia, não muito de perto. Eu o esperei entrar e fechei a porta, trancando-a por dentro.

Olhei para ele. Ele estava distraído, olhando para os detalhes do meu quarto. Pareceu checar cada coisa, como se fosse algo interessantíssimo.

– É meio caótico, mas é o meu cantinho. – eu falei meio tímida.

– Tem muito a sua cara. – ele disse achando graça.

Ele me encarou e pareceu ficar distraído; eu conseguia sentir os olhos dele percorrendo meu corpo. Quando ele olhou para os meus olhos novamente, eu podia sentir seu desejo. Eu queria aquilo, ele também. Mas o peso dos últimos dias e a dúvida me cercavam.

– Sobre hoje de manhã. – eu comecei a dizer, tentando ignorar tudo mais e só me focar em ficar bem com ele. Mas ele não

parecia ouvir. – Leo, eu só queria dizer que...

– Eu não estou bem... – ele disse se sentando na minha cama. Ele parecia totalmente tonto.

– O que está sentindo? – eu fui até sua direção rapidamente e segurei sua face. – O que aconteceu?

– Eu não me sinto bêbado assim desde os meus 19 anos. – ele disse gargalhando.

– Você se embebedou? É sério isso?

Capítulo 14

Ameaça

18 de dezembro, quarta-feira

Eu estava decepcionada. Eu só queria resolver as coisas entre nós, como ele podia ter se embriagado na minha festa? Será que todas as vezes que fôssemos nos acertar seria assim?

– Leonardo, você...

– Eu juro que foi só um refrigerante! – ele disse erguendo as mãos e depois deixando-as cair pesadamente. – Nada mais, do que um refrigerante.

Eu cheguei perto dele, não tinha cheiro de bebida. Então algo me ocorreu, uma ideia besta, que não podia ser verdade. Eu hesitei, mas quando tive coragem para abrir a boca e dizer o que me ocorreu, lembrei que ele não estava em condições de me dizer nada que confirmasse ou negasse.

– Me prometa que vai ficar aqui. – disse firmemente para ele.

– Prometo o que você quiser, Lice. – ele disse sorrindo como um bobo, o que me fez corar profundamente. Ele tentou alcançar meu nariz e fazer a típica batidinha dele, mas ele errou e atingiu minha bochecha.

Saí do quarto e me encaminhei à festa novamente. A música ficava mais baixa, as pessoas se sentavam para comer. Meus pais pareciam radiantes. Procurei por Gustavo e o vi no canto, perto da cerca que circundava o quintal. Ele tinha um copo na mão e olhava para a piscina, como se esperasse por algo, distraído. Encaminhei-me até ele, e o vi sorrir quando cheguei ao seu campo de visão.

– Por que veio até aqui? – perguntei firmemente. – O que você fez, Gustavo?

– Onde está o tom cordial que você tinha antes? – ele se aproximou de mim, e eu dei um passo para trás.

– Gustavo, me diz que você não tem nada a ver com aquilo?
– eu implorava. – Esse não é você.

– Para te proteger e ferrar Leonardo, eu faço o que for preciso. – Ele sorriu e deu de ombros. Eu tive vontade de socá-lo. – Sim, eu fiz aquilo, mas foi para o seu bem!

– Meu bem? Gustavo, você o dopou! – eu disse alto demais, mas por sorte ninguém ouviu.

– Assim ganho mais tempo para te fazer mudar de ideia, reunir as provas que eu preciso e te mostrar a verdade.

– Você não vai impedir que fiquemos juntos. – eu disse em uma onda de raiva. Queria fazê-lo cair na realidade. – Passaremos os próximos quatro dias juntos.

– Eu vou estar lá também, Alice. E se eu vir vocês em qualquer momento de intimidade, vou registrar e denunciar ele. – ele disse aquilo enquanto andava ao redor de mim, dando voltas no meu entorno. – Você acha que alguém vai aceitar ele como professor em uma escola sabendo que ele assedia garotinhas? Eu sei de tudo que vocês fizeram, não acha que terá consequências?

Eu gelei. Ele estava certo. Nós precisávamos ter esperado, não podíamos ter nos envolvido antes de tudo acabar por definitivo, mas eu não conseguiria esperar nem mais um segundo para estar com ele. Queria Leonardo com todas as minhas forças. Engoli seco e comecei a caminhar até o meu quarto novamente. Ele segurou meu braço, e eu virei-me para ele com toda raiva que eu tinha. Estava cansada daquilo, com raiva, com medo de prejudicar o homem que eu amo.

– Me solta! Agora! – eu disse em tom de ameaça, com raiva na voz. – Eu vou levá-lo para casa.

– Lembre-se de que, se você não cumprir minhas regras, ele vai sofrer com as consequências.

Eu puxei meu braço forte, e ele fez uma negativa com a cabeça, como se estivesse decepcionado comigo.

Corri até meu quarto, Leo estava deitado e murmurava palavras incompressíveis. Eu o ajudei a levantar e, cambaleando, fomos para o lado de fora da casa. Peguei as chaves do carro de Leo em seu paletó, e o fiz entrar no carro. Ele protestou algo sobre mim e a direção, mas eu o ignorei.

Mandeí uma mensagem de texto para minha mãe dizendo que iria com ele até sua casa, pois não estava se sentindo bem e que voltaria o mais rápido. Ela concordou, relutante. Ela disse que se encarregaria de dizer aos convidados que eu fui dormir pelo cansaço e para me preparar para o dia seguinte, e pediu que eu desse notícias.

Entrei no banco do motorista e coloquei o cinto de forma nervosa. Eu havia dirigido três vezes na vida, e não foram experiências que eu gostava de me recordar, contudo, pela hora, não haveria táxi ou carro de aplicativo. Eu não podia confiar em alguém naquele horário da noite carregando um homem praticamente inconsciente.

Liguei o carro e segui lentamente até o apartamento de Leonardo. A ausência de trânsito auxiliava na direção, mas a escuridão da noite me deixava cada segundo mais apreensiva. Chegamos em alguns minutos, sem arranhões, mas com um nervosismo que embrulhava meu estômago.

Parei em uma vaga fácil e, mesmo assim, o carro ficou totalmente torto. Ajudei Leo a sair do carro e ele foi se escorando em mim até chegarmos ao elevador. Por sorte, da garagem até o apartamento, não precisaríamos encontrar com os porteiros fofoqueiros. Eu abri o apartamento com as chaves que ele havia me dado. Pude ver um sorriso no rosto dele quando as viu. Ele murmurou algo, mas nada que ele dizia era compreensível. Coloquei-o no sofá e fui até ao banheiro. Liguei o chuveiro no gelado, para ser o suficiente para despertá-lo, mas quente o bastante para não o deixar doente.

Voltei ao sofá, e tirei o paletó que ele usava. Desamarrei seus sapatos e os retirei. Logo em seguida, desabotoei cada botão de sua camisa e a coloquei de lado também. Segui até sua calça e repeti o processo. Quando finalizei, ele estava apenas em trajes íntimos. Eu fiquei corada em cada parte do processo, mas não era com isso que eu deveria me preocupar. Em seguida, eu o levei até o chuveiro e o coloquei lá. Ele reclamou da água, mas em pouco tempo eu podia vê-lo recobrando o mínimo de consciência.

– Pode ficar sozinho um pouco? – eu perguntei.

Ele assentiu e eu fui à cozinha para fazer um café para ele. Quando eu estava retornando para o banheiro, pude ouvi-lo vomitar. Fui mais rápido até lá, mas ele gritou para que eu não entrasse. Esperei alguns minutos inquieta quando ele indicou para que eu entrasse novamente. Fui até o chuveiro, ele estava já de pé, e pedia por uma toalha. Eu a peguei no próprio banheiro e o envolvi com ela.

Eu passava a toalha por todas as partes do corpo dele, de maneira ávida e rápida, tentava ignorar o desejo que eu

sentia para me concentrar em cuidar dele. Quando estava minimamente seco, fomos ao seu quarto; ele se sentou na beirada da cama, e olhou no fundo dos meus olhos. Eu podia sentir tudo que ele estava sentindo, podia me ver através dos seus olhos. Senti a gratidão e o desejo dele por mim.

Eu fui a sua direção, desesperada para estar mais perto dele. Ele ficava levemente mais baixo que eu ao sentar-se na cama, o que deixava os nossos olhares se encontrarem com mais facilidade. Coloquei a toalha perto de seus cabelos e passei a secá-los, fazendo com que a troca de olhares se findasse. O calor da pele dele me atingia e me convidava a chegar mais perto.

– Você quer um café? – perguntei baixinho.

– Só quero você. – Ele olhou para mim novamente. Eu parei de secar os cabelos dele e senti suas mãos em volta da minha cintura, até que me puxou de leve e uniu nossas testas. – Eu amo você.

Eu sorri ao ouvir aquelas palavras. Tudo que eu queria era dizer que também o amava. Quando eu estava prestes a retribuir, as palavras de Gustavo me atingiram: “se você não cumprir minhas regras, ele vai sofrer com as consequências”. Contudo, seu jogo só se iniciava no outro dia pela manhã. Só iríamos ter que nos distanciar o tempo suficiente para que não estivéssemos infringindo nenhuma regra e ele não corresse riscos.

Eu ficaria aquela noite, aproveitaria cada segundo e, na manhã seguinte, contaria tudo a Leo, para que ele e eu chegássemos a uma solução. E nós chegaríamos juntos. Porque juntos poderíamos enfrentar tudo!

Ele me amava. E eu...

– Também amo você.



19 de dezembro, quinta-feira.

– Bom dia, Lice. – Leo disse acariciando meu rosto.

Eu me espreguicei e olhei para ele com dificuldade, porque ainda era noite. Nós apagamos logo depois de nos deitarmos, e ele parecia melhor, mas apenas uma noite de sono faria com que se recuperasse. Eu estava cansada, pois todos aqueles altos e baixos do dia anterior me deixaram louca. Esforcei-me para sentar e pude ver uma bandeja com duas xícaras de café e biscoitos.

– Desculpa te acordar tão cedo, mas temos tanto a conversar. Pensei em fazermos com o máximo de calma possível.

– Tudo bem. – eu peguei sua mão que repousava na cama.
– Como você está?

– Bem, graças a você. – ele disse sorrindo, mas havia algo que o incomodava, eu podia sentir.

O silêncio pairou entre nós, até que ele disse:

– Eu nunca pensei que ia amar alguém ao ponto de dizer isso, mas eu te amo o suficiente para te deixar ir. Ser feliz. – ele deu uma pausa e olhou para o chão. – Seria egoísmo demais querer você para mim.

– Não! – eu exclamei. – É sério? Você acha mesmo, depois de tudo que aconteceu hoje, que eu estou apaixonada por Gustavo?

– Sim, Alice. Eu vi vocês juntos e vocês namoram, são amigos de infância, parecidos em tudo. Por que raios você se apaixonaria por mim? Temos doze anos de diferença de idade, gostos completamente diferentes...

– E isso importa? – eu disse, mas ele pareceu não escutar.

– Eu não deveria ter entrado no caminho de vocês. Eu me culpava...me culpava por amar você. – ele continuou. – Eu tinha certeza de que você o amava. Todos os momentos que eu pensava nisso, eu me forçava a lembrar de você ao lado de Gustavo. Mas nada adiantou. Eu só conseguia pensar em você nos momentos que você estava comigo. Teu sorriso, teu cheiro, tua pele. Quando estávamos sozinhos, você me dava sinais tão claros de que você sentia o mesmo que eu. Essa coisa louca, sem sentido. Eu tentava arranjar todas as desculpas do mundo para estar com você. Passei uma semana inteira preocupado com o que aconteceu naquele dia em que você teve o ataque, imaginando que aquilo poderia acontecer de novo, e eu não estaria perto de você. Ao mesmo tempo, eu sonhava em tê-la nos meus braços novamente, em sentir seu cheiro, proteger você no meu abraço.

Eu tive o ímpeto de me jogar em seus braços, e foi o que eu fiz. Eu envolvi a nuca dele e ele me segurou com força, mas continuou a falar:

– Quando você estava no meu carro, eu ia te beijar e eu vi que você queria aquilo, tanto quanto eu. Mas eu me lembrei de como Gustavo ficou abalado em nos ver juntos, e isso me parou. Eu errei. Eu não tiraria você dele se você o amasse de verdade. Então eu me declarei e você também... Aquele foi o momento mais feliz que eu vivi desde o nascimento de Laura. Aqueles dias ao seu lado, Alice. Todos os nossos beijos.

Ele jogou a cabeça para trás, e suspirou. Dava para ver o quanto ele sentia falta daquilo, tanto quando eu.

– Eu pensei de verdade que você me amava. – ele disse, e eu pude ver as lágrimas nos olhos dele.

– E eu te amo! – eu falei pegando seu rosto e limpando suas lágrimas. Eu sorria para ele, como se todos os problemas do mundo tivessem sido resolvidos. – Eu me apaixonei desde a primeira vez em que te vi.

– Mas então por que você estava com Gustavo? Você voltou com ele depois do velório? – ele parecia ainda distante.

– Porque eu vi você com outra pessoa. – eu falei séria, a lembrança me doía como uma faca.

Leonardo me olhou, e fez uma expressão confusa. Então ele pareceu ligar os pontos.

– Você me viu com a minha irmã. – ele disse rindo. – Ela me ajudou a comprar a gravata. Eu contei para ela sobre a gente, disse-lhe que finalmente tinha encontrado o amor da minha vida, e que eu não deixaria você escapar.

– Era sua irmã!? – eu falei perplexa.

– Sim, minha irmã. Ela está na cidade, porque fizemos uma retirada grande da conta que nossos pais nos deixaram. Aproveitei para contar tudo a ela.

– Me desculpa. – eu tapei os olhos de vergonha. Tinha quase jogado nosso relacionamento no lixo por conta daquilo.

– Não precisa pedir, eu que não deveria ter te tratado daquela maneira no velório. Não foi culpa sua e, mesmo assim, eu explodi com você como uma criança mimada. Não foi certo.

– Está tudo bem agora, vamos esquecer isso, ok? – eu disse me aproximando dele e dando um beijo em seus lábios. A sensação era inexplicavelmente a melhor que eu já havia sentido. –

Só importa o que faremos daqui para frente, não vamos errar de novo.

Leo me beijou e naquele momento tudo estava no lugar novamente. Quando nos afastamos, eu resolvi contar para ele o restante da história.

– Gustavo não é quem nós pensamos. – eu afirmei séria.

– Como assim? – ele perguntou.

– Na formatura disse que eu seria dele, e depois disse que havia dopado você para o meu bem. Ameaçou denunciar te para as escolas e te prejudicar a não poder mais dar aulas. Ele me disse que eu só teria mais essa noite com você e depois...

– Então ele acha que ameaça vai resolver? – Leo parecia incrédulo.

– Ele foi o responsável pela sua embriaguez, temo que ele possa fazer pior da próxima vez. Está descontrolado.

Leonardo me puxou para perto novamente e ficamos colados um no outro.

– Quero que você entenda que ele te ameaçar sobre a minha carreira é completamente irrelevante, ele sabe disso. Eu trabalho por amar minha profissão, não por precisar dela, e eu estou disposto a renunciar ao magistério por você desde o dia em que eu aceitei aquele emprego.

– Você não pode fazer isso! – eu exclamei. – É o que você ama.

– Eu amo muitas coisas, Lice, e você é uma delas. Eu retirei o dinheiro da conta, porque sabia que precisaria nos próximos meses. Vou me afastar das salas de aula por tempo suficiente para

que se esqueçam de nós; enquanto isso, vou trabalhar com pesquisa, mas isso não dá dinheiro rápido.

– Está disposto a fazer isso por mim? – eu perguntei sorrindo meio boba.

– Sim. Tudo por você. – ele disse batendo de leve no meu nariz. – Vai ser bom para mim também, vou viajar para alguns lugares para juntar os registros necessários. Posso levar Laura e você comigo. Vai ser um período muito bom e queria muito sua ajuda, talvez para ser minha coautora da pesquisa?

– Eu vou amar poder ajudar você! – eu o beijei, e ele me segurou forte em seus braços.

Eu estava em êxtase por aquele momento. Quando nos afastamos de leve, senti meu estômago roncar.

– Estou morrendo de fome, podemos comer agora? – eu perguntei, sorrindo com vergonha.

– Vou pegar um café mais quente, esse já está ruim. – Ele se levantou e pegou a bandeja. – Vou trazer mais biscoitos de chocolate também.

Eu salivei e bati palmas. Ele saiu do quarto sorrindo. Enquanto isso, resolvi ir ao banheiro e me arrumar para sairmos. Eu ainda precisava passar em casa, pegar minhas malas e fingir que tinha passado a noite no meu quarto. Pelo que tinha visto no meu celular, eu tinha muitas mensagens da minha mãe perguntando onde eu estava, quando voltaria. Precisava ir o mais rápido para casa.

– Alice, venha aqui. – Leonardo me chamou sério.

Eu fiquei apreensiva, seu tom estava estranho. Eu terminei rápido de arrumar meu cabelo e vi se as roupas estavam boas.

Eram as que eu tinha deixado ali para lavar depois da mudança.

Fui até a copa e vi que o café estava pronto e um envelope estava na bancada. Peguei alguns biscoitos e tomei um gole de café. Leonardo andava de um lado para o outro da cozinha, totalmente nervoso.

– Preciso que você me descreva com detalhes, detalhes minuciosos, o que aconteceu no dia em que você estava na casa de Gustavo. Do momento que você chegou, até o momento em que saiu.

– Você quer mesmo saber? – eu perguntei.

– Eu preciso.

Eu comecei então meu relato. Falei sobre minha ida até lá, que cheguei por volta das 16h, queria esclarecer as coisas com Gustavo, e contar-lhe sobre tudo que havia ocorrido. Contudo, ele disse para vermos um filme primeiro e trouxe refrigerante e pipoca. Eu apaguei, acordando quase às 23h. Então detalhei nossa conversa, o pedido de Gustavo para voltar, como voltei a dormir novamente logo em seguida, novamente ao lado dele. Falei sobre o breve café da manhã e então:

– Você chegou e eu saí correndo atrás de você. – eu terminei o relato envergonhada sobre o que havia acontecido, mas mais ainda por ter contado isso ao homem que eu amo. Podia ver Leo tentando se manter calmo, mas havia momentos em que ele fechava os olhos rapidamente como se evitasse pensar.

– Você tem certeza de que vocês não... – ele não terminou de falar.

– Eu tenho certeza, Leo. Eu ainda sou virgem. – eu disse com certeza, mas quase ofendida pela desconfiança.

– Ele deixou isso embaixo da porta. – Leo apontou para o envelope, como se doesse fazê-lo. – Eu quero que abra e veja com seus olhos.

Eu peguei o envelope e comecei a abri-lo. Leo permaneceu imóvel, como se decidisse entre correr ou estar ao meu lado. Eu tirei o conteúdo de dentro e li primeiro o bilhete que estava presente.

“Bom dia!

Espero que tenham aproveitado essa noite, porque não vou deixar isso continuar. Alice é sensacional, não vou deixar que ela caia nas suas garras. Estou enviando cópias de fotos que eu tirei dela e que, caso vocês não se separem de uma vez por todas, eu colocarei na internet.

Não adianta marcar encontros escondidos, almoços misteriosos, mudanças de apartamento. Eu sei cada passo de vocês.

Tenha uma boa viagem e juízo! Gustavo.”

Eu olhei as fotografias que estavam ali e eu pude me ver, deitada, dormindo. Tudo perfeitamente normal se não fosse a falta da roupa no meu corpo. Eu estava nua nas fotos.

Leo olhava para o teto, como se não suportasse ver. Ou pelo menos não suportava a ideia de que todo o planeta poderia ver, de uma hora para outra, por sua causa. Lágrimas começaram a invadir o meu rosto. O medo me dominava. Eu segurava as fotos e minhas mãos tremiam. Comecei a amassá-las, uma a uma, como se, por um milagre, após fazer isso, elas deixassem de existir. Mas eu sabia que não. Gustavo havia fotografado e mandado cópias, as originais estariam em algum lugar seguro, algum lugar onde ele

poderia me manipular e me usar, sem correr o risco de que eu acabasse com sua chantagem.

Gustavo havia sido meu melhor amigo por toda uma vida. Ele estava lá comigo em todos os momentos que eu precisava dele, tinha sido uma pessoa incrível em minha vida. Mas agora, ele só estava tentando me ter para ele, como se eu fosse alguma mercadoria que pudesse ser comprada. E meu preço eram fotos tiradas sem meu consentimento, que para ele seriam o caminho para me afastar do homem que eu amava. Fotos que representavam a minha ingenuidade, e o pior, a possibilidade de algo pior ter acontecido. Se eu não me lembrava dele tirando minha roupa, também não lembraria se ele tivesse abusado de mim.

Eu gritei de ódio, soquei a cama com as duas mãos. Minha visão estava turva e eu não conseguia pensar em mais nada além de acabar com Gustavo. Sem eu perceber, Leo passou os braços e puxou minha cintura. Passei minhas mãos pela nuca dele e me apertei naquele abraço como se fosse a única coisa que poderia me salvar.

– Vamos resolver isso, eu prometo. – ele disse chorando. – eu vou dar um jeito nisso, Lice.

Eu só conseguia chorar. Leo me pegou no colo e me aninhou no seu peito. Ele me segurava com cada vez mais fervor. Eu estava desesperada em tentar unir mais e mais os nossos corpos. Eu só queria que aquela pequena sensação de segurança vencesse o medo que me atingia.

Capítulo 15

Caminho

19 de dezembro, quinta-feira.

– Alice, vamos? – Helena perguntou quando as portas dos ônibus se abriram.

Eu estava colocando minha mala na lateral do ônibus junto com minha melhor amiga. Havia trinta adolescentes se despedindo de seus pais, e guardando seus pertences no veículo. Era bem cedo, mas todos estavam ansiosos e despertos. Algumas mães choravam, alguns pais davam orientações, pude ouvir um grupo de risadas.

– Vou falar com meus pais de novo. – disse-lhe, e fui na direção que havia deixado meus pais.

Pude vê-los conversando com os pais de Vivian animosamente. Fui caminhando até a direção deles e ouvi as

risadas novamente. Olhei na direção que elas vinham e, com zero surpresa, pude ver um grupo de mães e o meu...

Leo.

Tínhamos decidido cair no jogo de Gustavo, fingir que estávamos nos evitando por conta de suas ameaças, mas enquanto ele achava que ganhava, nós ganhávamos tempo.

Leo disse-me que tinha um plano para tirar a gente daquela e, ao mesmo tempo, que não me diria nada por ora. Nós nos comunicaríamos por meio de terceiros de confiança, e de um jeito ainda mais escondido do que já fazíamos até então. Ele me pediu para que entrasse completamente no jogo, e fizesse o que fosse necessário para Gustavo acreditar que estávamos cumprindo as regras. Eu não sabia se seria capaz disso, mas pelo visto, Leo já tinha voltado ao personagem de homem atraente e separado, disponível e sedutor. Eu desviei o olhar, já revirando os olhos. Nosso amor era recíproco, e eu não tinha dúvidas disso. Mas ele precisava mesmo ficar o tempo todo usando o charme dele contra toda pobre alma inocente que passasse ao seu lado.

– Mãe, pai. É chegada a hora de partir. – disse, ao chegar perto deles.

Meus pais imediatamente se viraram para mim e me abraçaram. Era engraçado o quanto eu já sentia falta dos dois, apesar de não ser quase tempo nenhum sem eles.

Meu pai e minha mãe falaram pela milésima vez para eu ligar com frequência e que, se fosse necessário, eles me buscariam lá, apesar de serem três horas de viagem. Eu os abracei uma última vez e estava pronta para ir, quando:

– Alice! – meu pai me chamou. – Se você não estiver bem, precisar de algo, pedi a Leo ontem que cuidasse de você! Ele me prometeu que ajudará com qualquer coisa.

– Ok, papai. – eu disse, um pouco corada.

Olhei para minha mãe, que segurava a risada e joguei um beijo no ar para ambos. Fui até o ônibus e entrei. Aparentemente, eu era a última a chegar, então não restavam muitos lugares vagos. Vi que Vivian e Helena se sentaram juntas, os meninos estavam todos lá atrás, Letícia estava com eles. Gustavo não estava em lugar algum, o que foi um alívio para mim. Procurei um lugar vazio, e não achei, o que me fez voltar para o início do ônibus. Sentei-me na primeira cadeira e acenei para meus pais da janela.

– Três horas sentado ao seu lado não parece uma ideia ruim. – Leo disse antes de se sentar no banco vago ao meu lado. Seu tom era divertido e leve, o que me fez lembrar as nossas manhãs juntos, suas piadas muito ruins e seu senso de humor bem fácil de agradar.

Uma explosão invadiu meu coração. Era inegável tudo que eu sentia ao tê-lo ao meu lado. Essa sensação inebriante, apesar de ser quase parte do meu cotidiano, ainda me deixava sem chão. Assim, acenei para meus pais uma vez antes do ônibus arrancar e começar a viagem até o meu destino. Virei-me para frente e coloquei a mão em meu bolso, em busca de um fone de ouvido. Enquanto isso percebi, com o canto do meu olho, que Leo olhava para trás. Não havia uma fileira de cadeiras vazias atrás de nós, o que fazia com que alguém pudesse nos ver com facilidade.

Um representante da companhia de viagens conversava animadamente com os adolescentes atrás de nós. Eles se

preparavam para fazer várias brincadeiras típicas de viagem e colocar música. A atenção era toda dele, e era só isso que nos garantia um pouco de “privacidade”

– Ei, não fica tão nervosa, Gustavo não veio e não tinha outro lugar para você se sentar. – Leo disse tocando meu nariz com as pontas dos dedos. – Vamos aproveitar.

O toque dele era algo tão familiar, tão satisfatório. Eu amava aquilo com todas as minhas forças. Mas eu ainda estava chateada.

– Não dá para você parar de ficar distribuindo sorrisos por aí? – eu perguntei ríspida.

– Você quer que eu seja sério? – ele fez um olhar sóbrio, um olhar que fez com que meu corpo tremesse pedindo por ele. O que não ajudava nem um pouco.

– Você – eu me esforçava para dizer, apesar de ser difícil. – Entendeu.

– Eu entendi. – ele disse sorrindo, e pegando minha mão e entrelaçando nossos dedos. Todas as vezes que encostávamos nossas mãos, eu sentia um choque percorrer o meu corpo, exatamente como da primeira vez. – Desculpa, não queria chatear você, mas você sabe que não podemos agir de forma diferente. E eu não queria ser antipático com ninguém, ainda mais porque vou “cuidar” dos filhos delas.

– As mães que exigiram um responsável da escola nem deixaram os filhos virem... – disse pensativa.

– Está arrependida que eu esteja aqui? – ele perguntou sério novamente.

– Eu só não estou pronta para ficar quatro dias vendo pessoas dando em cima de você sem ao menos podermos ficar

perto em público. – eu disse soltando a mão dele por dentro, implorando para agarrá-la novamente.

Ele soltou o ar rápido, em uma risada disfarçada. Ele se virou para mim e colocou um pouco do meu cabelo para trás da orelha. Eu tentava não me render àquele toque, queria que ele soubesse que eu estava realmente chateada.

– Eu vou resolver isso, Lice. Só prometa que vai confiar em mim. – ao ver que não havia sinal de que eu fosse dizer nenhuma palavra, ele chegou perto dos meus ouvidos e sussurrou: – Prometa.

Eu mordi o lábio levemente e assenti.

– Eu queria te beijar agora. – eu disse sorrindo.

– Eu queria muito beijar você agora. – ele falou como se pensasse alto. – Você não precisa ficar insegura em nenhum segundo. Eu sou completamente apaixonado por você.

– Eu só estou um pouco estranha com tudo que aconteceu. Os últimos dias me deixaram muito nervosa. – eu disse, acariciando sua mão.

Eu não queria conversar sobre o assunto com Gustavo, mas era inegável que precisávamos esclarecer tudo. Nenhuma ponta solta. Então retomei nossa conversa de onde paramos.

– Por que você foi ontem de manhã na casa do Gustavo?

– Ele me ligou, pedindo para eu ir ajudá-lo a arrumar o terno. O pai dele não estaria em casa, como sempre, então ele queria minha presença lá. – Leo parecia realmente triste. – Eu achei que tínhamos nos acertado, eu sempre gostei muito dele, e sempre senti muita pena do que os pais dele fizeram com ele.

– Eu realmente não esperava essas atitudes, essa manipulação dele. Achei que o conhecia... – eu disse. – éramos com um só, mas agora...

– As pessoas mudam, Lice. E Gustavo sempre foi bem problemático sentimentalmente, você sabe.

Era verdade, ele sempre teve crises de pânico e ansiedade. Meus pais diziam que era por conta da rejeição dos pais dele.

– Só fica tranquila, vamos dar um jeito nisso. – Leonardo disse, me passando o máximo de confiança. – E em breve vamos dizer ao mundo o quanto nos amamos.

Ele me deu um beijo rápido na bochecha, e eu olhei para ele muito feliz. A sensação dos seus lábios contra minha pele fazia meu coração estremecer. Quando ele se inclinou para me beijar novamente, sentimos o ônibus perder velocidade. Leo e eu olhamos para janela juntos e vimos que o motorista parava em um posto de gasolina que continha uma lanchonete.

– O que você vai querer comer? – ele disse já se levantando. – Chocolate?

– Sim! – eu disse sorrindo e ia atrás dele.



– Está muito na cara! – Helena disse agarrando meu braço na fila do caixa. Eu tomava um picolé de chocolate enquanto esperava para pagar. – Você vai ter que me contar tudinho!

Eu havia me sentado junto com Helena e Vivian, elas logo começaram as perguntas, mas Ricardo veio ficar perto de sua namorada, e eu não pude dar as explicações que elas pediam. Leo havia passado na nossa mesa e deixou a comanda dele e dinheiro suficiente para pagar umas 4 refeições. Ele colocou na mesa,

enquanto falava conosco que sairíamos em poucos minutos, tão discretamente que nem eu percebi. Antes que eu pudesse protestar, ele já tinha ido embora.

Agora, na fila do caixa, eu podia falar com elas minimamente.

– Vocês têm que pelo menos se sentar separados nessa ida. Está todo mundo comentando de vocês! Ainda mais depois de ontem. Vocês entrando juntos, agora sentados um do lado do outro. – Helena me advertiu.

– Está bem, mãe. Agora fala baixo! – eu a repreendi. Meu rosto queimava e eu agradecia o calor que fazia e permitia-me ficar daquela forma sem perceber.

– Vocês são fofos demais, dá para ver essa química de longe! – Vivian disse, parando ao meu outro lado. – Mas as meninas repararam e não estão muito felizes...

– Eu não ligo. Elas nunca gostaram de mim mesmo. – disse dando de ombros. – Mas vou ficar mais perto de vocês, até porque temos que aproveitar essa viagem juntas!

Eu não queria contar-lhes sobre nada do que estava acontecendo. Como poderia explicar aquela história antes de termos que ir para o ônibus? Mais tarde, quando estivéssemos sozinhas, eu falaria.

– Nós prometemos te dar todas as brechas para ficar com o seu boy! – Vivian disse e nós rimos.

– Vamos acobertar você completamente! – Helena beijou os dedos cruzados e mais uma vez caímos nas gargalhadas.

Eu agradecia o fato de elas estarem me apoiando, porque eu precisaria, e muito, da ajuda delas. Eu paguei o que era devido e

nós três nos encaminhamos para o ônibus. Olhei ao redor e vi Letícia falando no telefone preocupada. Eu olhei para as meninas interrogativa, e elas tampouco sabiam o que estava acontecendo. Em seguida, entramos no ônibus e nos sentamos todas na mesma fileira. Vivian e Helena juntas, e eu em uma cadeira vazia bem ao lado delas, roubando o lugar que antes o menino da companhia de viagem ocupava. Aos poucos, as pessoas foram entrando.

Letícia passou por nós dando um sorriso tímido e seguiu para o final do ônibus.

– Ela está estranha, não está? – Vivian disse, um tanto quanto cabisbaixa, parecia querer chorar.

Eu assenti e olhei para Helena. Ela deu de ombros.

– Não vamos ligar para isso, ok? – Helena falou firme. – Vamos aproveitar cada segundo dessa viagem, porque foi caro!

Eu ria quando nossos colegas de classe entraram no ônibus. Leo foi o último, junto com o rapaz, que agora eu sabia que se chamava Gabriel. Eles conversavam animadamente e se encaminharam até a metade do ônibus, mais ou menos onde eu me sentava para fazerem uma pequena chamada e terem certeza de que estávamos todos ali. Olhei para Leo, para mostrar que ficaria ali por um tempo. Ele assentiu e continuou auxiliando Gabriel. Antes de voltar ao lugar que ocupávamos, ele “sem querer” esbarrou em mim e bateu no meu nariz de leve. Sabia que aquilo me irritava; segurei-me para não gargalhar enquanto o via indo para o início do ônibus, e me deixar ali com minhas amigas. Falei com elas brevemente sobre minha festa de formatura. Helena fez alguns comentários sobre a comemoração dela também na noite anterior, Vivian não se

alongou em nenhum assunto pessoal, mas dava para ver que ela precisava conversar e se distrair, estava dispersa.

No fundo do ônibus, músicas e brincadeiras rolavam. Podíamos ver Marcelo sentado ao lado de Olivia, os dois estavam abraçados. Pensei em questionar, mas preferi deixar de lado, pois era evidente que Vivian já havia observado. Antes que pudéssemos sentir, já havíamos chegado.



Eu escreveria aqui o palavrão que eu falei quando vi aquele lugar, mas esse livro nunca seria publicado. Todos nós pegamos nossas malas como alucinados para podermos logo fazer o check-in.

O ônibus parou do lado de fora de um casarão de luxo, todo envidraçado. Conforme adentrávamos, nossos queixos caíam. Mesas e cadeiras para todos os lados se espalhavam. Pessoas passavam de um lado para o outro como loucas, a maioria tinha a nossa idade, outros estavam uniformizados, e pudemos ver que eram os funcionários que organizavam o local. Fomos levados para uma sala, todos se sentaram para ouvir as orientações. Tínhamos basicamente uma única regra: não poderíamos sair do resort durante os próximos quatro dias. Mas quem iria querer sair dali? Teremos festas, eventos, piscina e praia, tudo a nossa disposição, além de comida e bebida liberadas.

A outra coisa que nos foi instruída é que não seriam servidas bebidas alcoólicas e que, pela idade de alguns, não era permitida a entrada de bebida. Contudo, não citaram nenhuma revista prévia às malas (que estavam em nossa posse e seriam

levadas para o quarto por nós). Em seguida, teríamos as chaves dos nossos quartos entregues, duas por apartamento, mas apesar da divisão que havíamos feito previamente, não haveria problemas em trocar de quarto caso necessário. Algumas risadas maliciosas correram pelos assentos, mas o senhor que lia as instruções parecia ter passado por aquilo tantas vezes que não ligava mais.

Os horários das refeições estavam espalhados pelo resort, assim como os das programações; recebemos pulseiras na cor azul-marinho para identificar nosso grupo, pois algumas atrações teriam que ser feitas por partes. Nossos monitores estão à nossa disposição 24h por dia para o caso de qualquer coisa não sair bem, ou para qualquer outra solicitação, contudo, em casos de acidentes e doenças, teria uma equipe médica especializada, assim como seguranças e salva-vidas prontos para qualquer intempérie que ocorresse dentro ou fora da água.

Instruções dadas e chaves distribuídas. Eu e Helena ficaremos em um quarto, Vivian e Letícia no outro. Nós pegamos nossas chaves e começamos a nos encaminhar para nossos quartos. Antes de sair da sala, olhei para Leo, ele gesticulou “te vejo depois”, e eu segui.

Nós saímos da casa, e eu perdi fôlego mais uma vez. Há um pátio enorme na nossa frente e, mais à frente os apartamentos. Todos os edifícios têm dois andares, e são colados uns nos outros, o que cria um larguíssimo corredor, todos em estilo casas de veraneio. No meio, a maior piscina que eu já havia visto na minha vida, a água se espalhava para todos os lados e pequenas ilhas, interligadas por pontes, se fixavam esporadicamente. Seguimos as instruções do mapa, que veio junto da chave, e fomos para o bloco

que estava indicando as nossas acomodações. O quarto era incrível. Estávamos no térreo, o quarto tinha um banheiro ao lado da porta de entrada, e seguia o corredor amplo e acomodando uma cama de casal e um sofá-cama. Mas a melhor parte é a varanda: atrás das cortinas, uma porta de vidro dá para uma varanda que tem ao lado um jardim e, em três passos, você está diretamente na piscina.

– Isso é o melhor sonho que eu poderia sonhar. – Helena disse ao meu lado.

– Eu achei que já tinha visto coisas bonitas, mas isso é indescritível. – Vivian falou.

– Vivi, fica aqui com a gente. – eu disse antes do transe ter passado completamente.

– Letícia está estranha... – disse Helena. – Melhor você passar aqui com a gente. A cama é grande, cabemos nós três.

– Obrigada, vocês não sabem o quanto isso significa para mim. – Ela abraçou a gente. Eu olhei para Helena interrogativa e ela também não pareceu entender. – Tenho que contar uma coisa para vocês.

– Pode falar o que quiser. – Helena parecia preocupada, eu também estava,

– Marcelo terminou comigo ontem. – ela disse, sem nenhum sentimento.

– E você está bem com isso? – eu disse pegando sua mão.

– Sim. Muito bem. – ela respirou fundo. – Eu queria achar formas de sair disso há muito tempo... Ele era agressivo, nunca me bateu, mas vocês sabem...

– Agressão psicológica. – eu disse. Minha voz saiu mais embargada do que eu desejava. Nós sabíamos que isso acontecia, mas nunca conseguimos fazer nada quanto a isso.

– Eu já estava com medo de algo pior acontecer, mas ele terminou, porque queria estar livre na viagem. Eu fiquei tão aliviada...

Vivian começou a chorar, o que fez com que eu e Helena voltássemos a abraçá-la. Ela chorava mais e mais, até um momento que sua respiração voltou ao ritmo normal. Ela se afastou aos poucos.

– Eu contei para Letícia hoje de manhã, antes de vocês chegarem. Ela não ligou nem um pouco, disse que sentia muito e saiu andando. Ficou pendurada no telefone o resto da viagem...

– Não importa, Vi. Estamos com você nessa! – Helena falou calma.

– Agora vamos aproveitar! – ela disse sorrindo, um sorriso que há muito eu não via no seu rosto. Agora ela está leve, com brilho e uma força inenarrável.

Nós desfizemos as malas brevemente, eu só peguei meu biquíni e o vesti, deixei todo o resto intacto. As meninas se acomodaram mais, mas eu só havia levado roupas e xampu, então não tinha o que tirar. Elas colocaram celulares para carregar, produtos de higiene nos banheiros e encheram bolsas para ir até a piscina. Eu estava com um vestido branco e largo. Por baixo, o meu biquíni, e segurava meu protetor solar, que pedi para Helena guardar em sua bolsa. Essa era eu na praia ou em piscinas. Em seguida, saímos do quarto pela varanda mesmo e trancamos tudo. Exploramos por pouco tempo e pudemos perceber que todos os

quartos próximos a nós estavam ocupados por nossos colegas de sala. Olhei em volta e percebi que seria impossível achar Leo naquele mundo. Antes que eu pudesse pensar em alguma maneira de estar com ele, meu estômago roncou.

– Vamos comer algo? – perguntei. – Já está na hora do almoço.

– Eu vou tentar achar o Ricardo. – Helena falou. – Vão na frente, eu alcanço vocês!

Então fomos em direção ao refeitório, que ficava na casa de vidro que visitamos ao chegar. Eu estava muito ansiosa para começar a aproveitar aquilo tudo. Nós andávamos relaxadas, observando os detalhes. Até que Vivian segurou meu ombro.

Gustavo vinha caminhando devagar em nossa direção, um sorriso enorme no rosto. Ele segurava a mala com uma mão e a outra estendia para me abraçar. Eu dei um passo para trás involuntariamente. Queria correr, mas não podia. Ele não havia aparecido no embarque do ônibus, mas parecia que tinha dado outro jeito de chegar até aqui. Era difícil olhar para ele e não ver o homem meigo e gentil. O meu melhor amigo. Ele ainda parecia apaixonado por mim, ainda aparentava saber tudo o que eu gostava e queria. Ele ainda era o meu Gustavo. Mas ao mesmo tempo, ele ter causado por pouco um acidente com o carro, embebedado Leonardo, ameaçando a mim sobre a carreira de Leo, e por fim aquelas fotos. Ele não era quem eu pensava, ele era só alguém totalmente instável psicologicamente. Ao lembrar-me disso, o desespero tomou conta de mim mais uma vez. Sem ele, eu tinha esperanças de estar com Leo, pelo menos escondida. Mas com ele por perto, eu não teria a menor chance.

– Olá, meninas! – Gustavo disse me abraçando e dando um beijo na minha testa. – Senti sua falta, meu amor. Como foi sua viagem?

– Tudo bem. – falei firmemente, me desvencilhando de seu abraço.

– Vamos almoçar. – Vivian disse continuando a caminhar.

Gustavo segurou meu braço antes que eu pudesse começar a andar. Vivian olhou para mim e eu assenti, para mostrar que estava tudo bem. Ela deu mais um passo para trás e parou, dando espaço, mas ficando perto o suficiente para garantir que tudo ficaria bem.

Virei-me na direção de Gustavo. Ele me soltou e chegou mais perto de mim.

– Podemos conversar, meu amor? – ele sussurrou. Seu tom me fez estremecer.

Estávamos perto o suficiente para que eu pudesse sentir seu cheiro. O perfume, que antes me era sinônimo de proteção e amizade, agora era amedrontador.

– Pode falar, sou toda ouvidos. – disse, o mais confiante que eu podia.

– Eu disse para ficar longe dele. – ele sorria, mas seus olhos estavam cerrados. – Não vou dar outro aviso, Alice. Acabou, entendeu? Se eu vir vocês mais uma vez juntos, eu vou expor Leo.

– Como você... – eu comecei a questionar.

– Eu disse que sei de tudo, Alice. Você duvidou, não foi?

– Eu preciso ir, Gustavo. – eu disse me distanciando ainda mais. – Fico feliz que você tenha vindo.

– Nos falamos mais tarde, nem pense em me desafiar outra vez.

Eu comecei a andar a passos largos em direção do restaurante. Minha respiração ofegava quando eu e Vivian chegamos lá.

– Eu não vou conseguir fazer isso! – eu tremia e andava em círculos.

– Fazer o que, Alice?

– O que aconteceu com o Gustavo? – Helena falou ao entrar correndo no restaurante. Ricardo vinha ao lado dela.

– Ele nem olhou para nós, saiu batendo a perna até a área de monitores. – disse Ricardo. – Eu nem sabia que ele viria.

Minhas amigas olharam preocupadas para mim, mas eu não conseguia emitir som. Eu estava realmente assustada.

– Ele deve ter ido falar com Leo. – eu falei olhando para eles perdida. – Eu não vou conseguir aguentar.

Ricardo pareceu confuso, mas eu não ligava mais. Todo mundo ia saber uma hora outra.

– Eu acho melhor dar espaço para vocês – Ricardo disse. – Se precisarem de mim, estou no bufê. Não hesitem em me chamar.

Helena o beijou brevemente e ele se afastou. Sentei-me em uma cadeira, e olhei para as meninas, que se sentaram ao meu lado.

– Eu nem sei bem por onde começar. Mas vou resumir. – Eu respirei fundo e comecei. – Gustavo está ameaçando a mim e a Leonardo.

– Por isso ele te parou ali? – Vivian perguntou.

– Sim, questionou sobre mim e Leo estarmos juntos no ônibus. Ele disse que vai denunciar Leonardo, e ele não poderá mais lecionar. – eu tomei ar antes de continuar. – E vai expor fotos minhas ...nua.

– Fotos suas? – Helena perguntou assustada. – Você mandou fotos suas...

– Não! Eu não enviei nada a ele, ele as tirou em um dia que eu fui até a casa dele. – eu disse, envergonhada. – Ontem ele dopou Leo durante a minha festa, acho que ele fez o mesmo com a minha bebida e me apagou por horas. Nesse momento ele tirou as fotos.

As duas ficaram sem palavras, boquiabertas. Eu estava extremamente envergonhada, mas eu precisava contar-lhes o que estava acontecendo. Eu estava assustada.

– Vocês vão fazer o que quanto a isso? – Helena perguntou depois de algum tempo quieta.

– Eu não sei ainda, Leo está cuidando disso. Por ora, vamos nos afastar e rezar para que acabe logo.

– Vamos proteger você, ok? – Vivian disse. – Ele não vai te fazer nenhum mal.

Eu assenti agradecida, era reconfortante tê-las ao meu lado, apesar de isso não me trazer confiança. Eu ansiava desesperadamente que o tempo passasse e o que quer que Leo tenha planejado, se concretizasse logo.

Capítulo 16

Arrependimento

19 de dezembro – quinta-feira

– Vamos explorar esse lugar, gente! – Helena disse ansiosa.

Acabávamos de sair do restaurante depois de termos comido o possível e o impossível. O tempo ali parecia voar, havíamos chegado por volta de uma da tarde e agora já passavam das quatro. Durante o almoço, eu me dei conta do que era aquilo: cerca de 500 pessoas estavam naquele resort, todos adolescentes formandos. Os locais eram grandes e espaçosos, o que fazia minha agorafobia ficar mais leve. Contudo, eu já sabia que seria inviável participar de perto das festas.

Aquilo era ruim por serem momentos que eu não iria estar junto dos meus amigos. Mas era bom, porque, além de me ser mais confortável, ficar longe de aglomerações e sons altos, eu poderia também aproveitar os lugares sem muitas pessoas perto. Então sentamo-nos em uma mesa com muitas cadeiras e quase todo mundo da nossa turma acabou se juntando por ali. Leonardo sentou-se junto dos outros professores das escolas – além da nossa, mais umas 20 escolas haviam levado algum responsável. Eu estava sentada na cabeceira da mesa, portanto, poderia ver todo o salão. Gustavo estava na outra cabeceira, no oposto da minha. Ele me encarava incessantemente, enquanto eu evitava ao máximo olhar em sua direção. Enquanto isso, de onde eu estava conseguia ver uma mulher apoiada no ombro de Leonardo, falando com ele bem de perto, o que me deixava um tanto quanto enojada. Eu engolia seco e segurava a raiva ao máximo. Contudo, ao mesmo tempo, a cena que eu presenciava era realmente engraçada. Lucrécia estava pendurada em Gustavo, exatamente da mesma forma. Aparentemente, as meninas da minha sala rezavam para

Gustavo e eu terminarmos, e agora ele estava livre. Eu não as culpava, Gustavo aparentemente era legal, e eu já havia gostado dele.

– Alice, olhe! Um colar de âncora! – Vivian disse me puxando para perto da loja de conveniências e tirando-me das minhas lembranças.

Eu tinha um anel de âncora que, por muito tempo, havia sido meu símbolo de sorte. Eu não fazia ideia da razão. Foram anos com ele, o que fez com que fosse minha marca registrada. Tudo que tinha âncora fazia minhas amigas se lembrarem de mim.

Em um dos meus primeiros surtos por conta das aglomerações, eu estava com ele e, quando tudo passou, ele não estava mais nos meus dedos. Fiquei triste que ele havia se perdido, mas não procurei outro para comprar.

– É lindo. – Eu disse, o olhando.

O colar é de prata e a âncora também. Ele é cravejado com alguns brilhantes. Queria comprá-lo, talvez para que ele me protegesse. Olhei para o preço e desviei a ideia no mesmo instante. Peguei dois chaveiros e um imã de geladeira para poder presentear meus pais quando retornasse. Fui até o caixa e ouvi uma voz dizer atrás de mim.

– Pessoal, a festa do pôr-do-sol será às 17h! – Gabriel disse na porta do estabelecimento.

Eu estremeci de leve. As pessoas provavelmente já começavam a se aglomerar onde seria feita a tal festa do pôr-do-sol, uma espécie de comemoração na piscina, com música, dança e gente. Saí da loja o mais rápido possível. Minhas amigas

conversavam animadamente com um grupo de pessoas que vinham de uma cidade vizinha a nossa.

– Meninas, vou para o quarto, vejo vocês mais tarde, tudo bem? – eu falei, e elas assentiram, sabiam que assim seria em todas as festas, eu observando de longe.

Caminhei distraída até o quarto e abri a varanda. Ficaria ali sentada, observando a festa e gostando da música. Sentei-me em uma das cadeiras de praia ali dispostas e vi um bilhete preso na mesa que ficava ao lado.

“Encontre-me na praia. L”.

Meu estômago se contraiu, eu nem pensei, só comecei a caminhar na direção da praia, o único lugar em que eu ainda não havia estado. O resort é muito grande e o caminho para a praia é longo, e se tornava ainda maior pela ansiedade. Passei por todos os chalés, e olhei para trás. Todas as pessoas faziam o caminho oposto a mim e se dirigiam para a festa, ninguém me seguia, estava segura.

Quando pude ver a areia da praia, comecei a correr. A excitação por estar indo encontrar Leo me fazia perder o ar. O desespero pela sensação do encontro com ele. Cheguei até a água, as ondas batiam fracas e eu podia sentir meus pés sendo banhados. Eu amava a praia, sempre fora meu lugar preferido. A sensação de estar no mar, o cheiro d’água salgada, a areia. Senti alguém se aproximar, mas não me virei. Queria sentir ele me segurando por trás, e me envolvendo em seus braços. A sensação de estar com ele novamente seria indescritível. Fechei os olhos e esperei pelo perfume de madeira que me causava arrepios.

Mas ele não veio.

– Espero que tenha vindo aqui ficar sozinha, Alice – Letícia disse séria e parou ao meu lado.

– O que você está fazendo aqui? – eu perguntei assustada.

– Gustavo me contou do que Leonardo é capaz. – ela falou como se aquilo pudesse explicar tudo. – Estou ajudando a garantir sua segurança.

– Do que você está falando?

– Não precisa fingir para mim, imagino que não contou para as outras, mas eu estou do seu lado. – ela pegou minhas mãos e as segurou. – Gustavo contou-me quanto Leo é perigoso, ele me disse que você não acredita, mas eu não vou deixar você nessa.

– Letícia não é isso. Leo não...

– Não precisa negar, eu não vou julgar, a culpa não foi sua. Você se apaixonou, acontece. Não precisa ter vergonha de ter ficado com o homem errado, está tudo bem. – ela me abraçou. – Eu vou estar de olho em você, junto com Gustavo, não vamos deixar aquele louco encontrar com você. Gustavo disse que já está dando um jeito nisso, vocês vão conseguir!

Eu tentei falar algo, mas Letícia pediu que eu ficasse quieta e se afastou. Eu estava perplexa, Gustavo estava passando de todos os limites. Ela disse algo sobre irmos embora, para algum lugar que não ficasse tão exposta, me puxou pela mão até voltarmos para o resort e a praia estar longe.

No meio do caminho pude ver Leo, ele estava entre dois chalés, tinha areia nos pés, o que significava que ele esteve na praia e, por muito pouco, não fomos descobertos. Ele olhava para mim de forma confusa e eu desviei o olhar, não havia mais o que ser feito. Eu não iria conseguir estar a sós com ele. Eu ia para o meu

chalé determinada a esquecer as tentativas de encontrar Leonardo. Aquilo já tinha ido longe demais, era melhor só esperar. Se no primeiro dia já quase pusemos tudo a perder, se continuássemos com aquilo, tudo seria perdido.

Durante toda a festa, eu fiquei fadada a estar na minha varanda sufocada pelos meus próprios pensamentos. Gustavo estava mais manipulador do que eu poderia imaginar, e colocou alguém que se importava comigo para me vigiar. Letícia não havia dado brechas e nada do que eu dizia parecia que ela queria escutar. Gustavo disse-lhe que eu tentaria negar, inverter a história, pois Leo havia me instruído a dizer aquelas coisas.

Quando as garotas chegaram ao quarto após a festa, eu já estava pronta para o jantar. Eram 18h30min e elas tinham uma hora para se vestirem toda de branco, e nós irmos para a casa principal.

Cada dia o jantar será de uma temática diferente, e a cada dia teremos atrações diferentes, durante a noite e a madrugada. Hoje deveremos nos vestir todos de branco e teremos um show de um DJ.

As meninas entraram pelo quarto contando como havia sido estar no meio da piscina, dançando e cantando no meio daquele mundo de pessoas. Todos entraram na piscina e fizeram coreografias e cantaram as músicas tocadas. A casa momento, a água voava para todos os lados e o pessoal gritava. Eu havia observado de longe, mas a descrição de quem participou era bem mais vívida. Uma experiência que eu não gostaria de ter, mas que eu ficava feliz de elas terem vivenciado.

– Eu conheci um carinha bem legal na piscina. Ele me ajudou quando eu me desequilibrei. – Vivian contou enquanto entrava no

chuveiro. Ela tinha um olhar brincalhão quando chegou, o que era explicado agora. – Ele é lindo demais.

– Foi cena de filme, Alice! Fofinhos. – Helena disse mexendo na mala. Ela se aproximou de mim, seus cabelos negros pingavam, mas ela estava linda. – Aconteceu alguma coisa?

– Sim, mas conversamos mais tarde. – eu falei rapidamente. Não queria estragar a festa de ninguém com meus problemas.

– Me pediram para te entregar isso. – Helena disse me mostrando uma chave de quarto e um bilhete. – Durante a festa, ele vai dar um jeito de afastar todo mundo, mas você tem que ir pelos fundos e o mais rápido que conseguir.

– Obrigada. – eu tentava conter as lágrimas.

– Não precisa me agradecer, eu sei que você faria exatamente o mesmo por mim.

Ela me abraçou, e eu pude sentir toda a água dos seus cabelos molhando meu vestido branco, mas eu não ligava. Coloquei as chaves bem embaixo do meu travesseiro, e rezei para que o momento chegasse rápido. Lá estava pensando em me encontrar com Leo novamente, mas seria apenas para dizer-lhe que não faríamos mais aquilo, pois segundos juntos não valeriam a pena se acabássemos sendo descobertos.

Eu irei até lá, mas não acontecerá mais.

Depois de pouco tempo, Vivian e Helena estavam prontas, e nós três seguimos em direção ao local das refeições. Por todos os lados, pessoas vestidas de branco passavam por nós e seguiam na mesma direção a que nos encaminhávamos. Parecia que estávamos em uma grande festa de Ano novo.

– Queria que você viesse conosco. – disse Vivian ao olhar para o palco que estava sendo arrumado para receber o DJ. – Vai ser incrível.

– Talvez eu possa ir no início, mas são muitas pessoas, não quero correr o risco de acabar tendo uma das minhas crises. – Eu mexia nervosamente as mãos.

– Tudo bem, Alice, sabemos como é. – Helena segurou minha mão. – Curta sua noite.

Entramos no buffet e poucos espaços estavam ocupados, a maioria das pessoas ainda se arrumava em seus quartos, o que nos dava mais tempo para comer e aproveitar o lugar. Pude ver que Ricardo e Marcelo conversavam em uma mesa; este estava acompanhado com uma garota que tinha cabelos loiros muito claros, e a única coisa que destoava dos tons brancos de seu visual era a boca pintada de um vermelho vivo. Eles riam de algo que Marcelo falava e eu imediatamente busquei o olhar de Vivian.

Ela viu, mas se ligou, não aparentou. Continuou andando para se servir de comida, como se tivesse visto apenas estranhos conversando. Olhei para trás e Helena fazia sinal para Ricardo. Ela, diferente de Vivian, ligou muito. Quando Ricardo chegou perto, levou um puxão de orelha sobre o fato de estar lá, mas se defendeu por Marcelo ser seu amigo. Fiquei com pena de Ricardo, mas não podia deixar de admirar como Helena tinha um espírito de proteção materno, eu amava isso nela.

Coloquei comida no meu prato, mais do que achava que conseguiria comer e me encaminhei para uma mesa de 8 lugares, que ficava perto de grandes vidraças. Vivian já estava lá, acompanhada de um garoto. Ele era magro e alto, parecia um tanto

quanto desengonçado, mas ele tinha um charme. Apesar de estar ligeiramente vermelho – não sabia se pelo sol que havíamos tomado no dia ou se pela proximidade com Vivian – ele estava claramente sendo um cavaleiro com ela, que estava sentada, olhando para ele, de pé, pedindo permissão para estar ao lado dela. Eu achei realmente fofo, como em um filme, exatamente como Helena havia descrito. Eu apoiei meu prato no lugar ao lado direito de Vivian e o menino estava ao lado esquerdo. Voltei-me para ele e sorri de leve.

– Alice, esse é o Vitor. – Vivian disse olhando para mim e piscando. – Vitor, essa é minha amiga Alice.

– Oi, Alice! É um prazer. – ele disse estendendo a mão, para um apertar. – Não vi você mais cedo, não gosta de piscina?

Eu sorri de leve, era sempre difícil explicar para as pessoas por que eu não gostava de ficar em aglomerações. Não é que fosse sempre, mas normalmente aquilo me causava uma ansiedade tão grande que meu corpo parava de agir em todos os comandos. Portanto, melhor prevenir do que remediar.

– Ela tem agorafobia. – disse alguém atrás de mim. Quando eu estava prestes a me virar para agradecer por ter me livrado daquela explicação, eu reconheci aquela voz. – Sou Gustavo, namorado de Alice.

Ele se virou para Vitor, e eles deram um aperto de mãos. Gustavo havia colocado o prato ao lado do meu e, quando acabou de se apresentar para o nosso novo colega, puxou a cadeira para me ajudar a me sentar. Aceitei, sem ter muita escolha, e me sentei. Vivian parecia nervosa e eu também estava bastante. Vitor também se sentou conosco, assim como Helena e Ricardo, que chegaram

juntos pouco tempo depois. Helena olhou para Gustavo e para mim, repetidas vezes, como se não pudesse processar o que acontecia.

– O que foi, Helena? Até parece que ficou surpresa de me ver com a minha namorada. – disse Gustavo pegando minha mão, que estava segurando o garfo. Eu não tirei os olhos do meu prato enquanto ele dava seu showzinho.

– Vocês se conhecem há pouco tempo? – Vitor perguntou, o inocente só queria se enturmar com os amigos da garota que ele estava de olho. Eu gostei dele por isso.

– A vida toda, não é, amor? – ele respondeu e apertou minha mão mais forte.

– Mas não namoramos há tanto tempo assim. – eu disse firme, ainda sem levantar meus olhos.

– Por isso Helena ainda estranha. – ele completou como se fosse o óbvio.

– Fico feliz por vocês! – disse Vitor. – Meus parabéns.

– Obrigado/a. – respondemos juntos, em entonações bem diferentes.

Eles continuaram conversando, mas eu comia avidamente sem dizer uma palavra, para acabar logo com aquilo. Vitor nos contou que havia vindo com mais cinco pessoas e com uma inspetora da escola. A escola dele era muito conservadora e os alunos tiveram dificuldades de obter autorização e dinheiro para irem até lá.

Enquanto o assunto acontecia, algumas pessoas da nossa turma que passavam comentavam sobre mim e Gustavo, alto o suficiente para que ouvíssemos. Aquilo pareceu irritá-lo.

– Essa gente não tem mais o que fazer. – ele disse baixo para que apenas eu pudesse ouvir.

Ele realmente achava que estava tudo bem? Que poderia trocar sussurros comigo, compartilhar pensamentos, como se ainda fôssemos melhores amigos?

– Considerando que você passou o almoço com outra pessoa, não é estranho eles comentarem. – falei séria.

– Está com ciúmes, meu amor? – ele tocou uma mexa do meu cabelo e o colocou atrás da minha orelha. – Não precisa se preocupar, você sabe que não tenho olhos para mais ninguém.

Pude sentir os olhares sobre mim e o desconforto só crescia. Olhei para a vidraçaria e pude ver um casal do lado de fora. Uma mulher de cabelos curtos e brancos, mas que não tinha mais do que trinta anos, conversava com um homem. Ele gesticulava fortemente com as mãos e tentou me impedir de ir na direção do restaurante. Quando ele virou de lado para segurar o braço dela, minhas suspeitas se confirmaram. Lá estava Leonardo segurando o pulso de uma mulher. Ele parecia muito abalado, suplicava algo a ela. Ela puxou, cedeu à pressão do braço dele e se aproximou. Eles se abraçaram e eu desviei o olhar.

Quantas irmãs será que ele teria?

– Acho que só eu que posso afirmar ter olhos para você, não acha? – Gustavo disse sussurrando no meu ouvido. – Eu disse que ele não era o certo para você.

Levantei-me e pedi licença da mesa. Minhas amigas pensaram em questionar o fato, mas se mantiveram em silêncio. Fui até o lado de fora do restaurante, sabia que Gustavo vinha atrás de mim, mas a raiva não deixava meu cérebro pensar em mais nada.

Ele veio e segurou minha cintura pouco depois de sairmos ao ar livre, depois me puxou para perto dele, e eu parei de costas para seu rosto.

– Alice, sei que está chateada, mas eu avisei a você. – ele disse aproximando a boca do meu ouvido. – Por favor, você precisa esquecer aquele homem.

Por mais raiva e ódio que eu sentia de Gustavo naquele momento, eu não conseguia deixar de ter a imagem de Leonardo com aquela mulher na minha mente. Eu me virei na direção de Gustavo. Naquele segundo, eu podia sentir o seu abraço, que era meu melhor amigo, que ia até a minha casa para estudar comigo, mas que colocava um filme na primeira oportunidade, o meu namorado que sempre colocava minhas músicas favoritas para tocar, porque dizia que amava me ouvir cantar. O Gustavo que nunca teria desaparecido se eu não tivesse me apaixonado por Leonardo.

Olhei para o lado, na direção onde eu havia visto Leonardo anteriormente, e ele ainda estava conversando com a mulher que eu vi antes. Olhei para Gustavo de novo, ele sorria como no dia em que eu aceitei seu pedido de namoro. Um tempo tão distante, mas que quando aconteceu, me fez querer que durasse para sempre.

Eu fechei os olhos e senti os lábios de Gustavo se juntarem ao meu. Deixei-o envolver os braços no meu corpo. Por um segundo, eu estava na casa da árvore novamente e tudo que havia ocorrido se apagou da minha memória.

Pude sentir suas as mãos segurando minha cintura de leve. Por mais que eu estivesse totalmente em seus braços, rendida a ele e ao sentimento que me proporcionava, quando ele se inclinou para

me beijar eu desviei o rosto. Ele deu um beijo na minha bochecha, e me abraçou com mais força.

Afastei-me devagar e olhei para ele, que parecia levemente decepcionado, mas ainda assim sorria levemente. Eu olhei na direção em que Leo estaria, e ele estava lá, observando, com o mesmo olhar que ele dedicou a mim quando me viu beijando Gustavo durante aquele café da manhã. Quando nossos olhos se encontraram, eu pude sentir, como em todas as vezes em que nos encarávamos, tudo que ele sentia. Angústia, decepção, medo. Ele refletia exatamente o que eu sentira quando o vi com aquela mulher, mas eu não me sentia bem de ter lhe causado isso.

– Eu entendo, vou conseguir sua confiança e seu amor de volta. – Gustavo disse com calma. – Você tem planos para hoje?

Retornei-lhe meu olhar e seu sorriso era o maior do mundo. Podia ver felicidade em cada traço de seu rosto.

– Trouxe cinco livros no total, tenho uma noite muita longa hoje. – disse para Gustavo. – Quer me acompanhar?

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu novamente. Devia estar se perguntando se aquilo era realmente sério, mas eu não ligava. Eu não podia dizer nada diferente, não quando ele ainda estava me ameaçando, e eu o beijara. Ele afrouxou os braços e eu me afastei devagar. Quando achei que ia estar livre, ele segurou minha mão.

– Quero passar um tempo com você. – ele acariciava a ponta dos meus dedos. – Mas não precisa ser hoje, o dia foi muito cheio e você precisa descansar.

– Tudo bem, encontro você amanhã? – eu perguntei, como se não fosse óbvio. Ainda tínhamos três dias de viagem inteiros,

claro que eu o encontraria.

– À tarde eu vou preparar algo para nós, durante a festa do pôr-do-sol. – ele disse sonhador, como se somente a ideia daquilo já o deixasse radiante. – Espero que você goste.

– Vou gostar. – eu disse forçando um sorriso e segurando sua mão com mais força. Sentia que estava conquistando a confiança dele novamente.

– Posso te acompanhar até seu quarto? – ele perguntou, e eu assenti.

Fizemos o caminho todo em silêncio e de mãos dadas. Agradei por ser um caminho curto até o meu quarto. A noite já caía e a piscina ganhou uma iluminação diferente e especialmente bonita. A água refletia a luz e quase dispensava outro tipo de luminosidade.

Quando chegamos ao meu quarto, peguei a chave eletrônica e abri a porta. Eu não sabia o que fazer ao certo com Gustavo no meu encalço, então fiz tudo o mais devagar para me dar tempo de pensar.

– Você se importa se eu não ficar? – Gustavo perguntou. – Eu pensei em ir à festa e aproveitar um pouco, preciso esquecer as últimas semanas.

Eu me virei para ele e fiz uma cara de triste, forçada, mas que deu certo. Ele sorriu e mais uma vez colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

– Pode aproveitar, sem problemas. Eu trouxe muitos livros. – falei da forma mais tranquila possível. – Não vou sair do meu quarto, pode levar minha chave se quiser.

– Levar sua chave? – ele disse surpreso. – Não, não posso fazer isso! Se acontecer algo aqui e você precisa sair? Minha intenção nunca foi te colocar em perigo. E você não tem motivos para ir encontrar aquele babaca. – ele colocou a mão na minha nuca. – Só não me faça me arrepender de ter confiado em você, meu amor.

Ele mais uma vez uniu nossos lábios e me deu um beijo longo. Eu aguentei firme, correspondendo o máximo que eu podia, e desejando que acabasse brevemente. Em seguida, ele se afastou e piscou para mim antes de ir embora. Fechei a porta lentamente, observando-o ir embora. Fui até minha cama e me joguei ali. O que havia pensado? Beijar Gustavo depois de tudo que ele fez e poderia ter feito. Aquilo era loucura, completamente. Contudo, me garantiu o mínimo de privacidade, pelo menos por ora.

Eu fechei os olhos e a cena de Leonardo segurando a mão da mulher ao lado dele me invadiu, e as lágrimas começavam a escorrer pelo meu rosto. No momento em que eu mais precisava dele, ele já estava em outra. Toda a pressão e o medo me sufocavam, e pareciam me empurrar na cama, mais e mais fundo. Em segundos, eu não conseguia me mexer, meu peito doía, minha respiração estava ofegante.

Em alguns minutos o cansaço me atingiu e eu adormeci sem ao menos perceber.



Acordei incomodada com a luz acesa no quarto. Dormi por cerca de uma hora, portanto todos ainda estavam na festa

aproveitando. Levantei-me lentamente e peguei meu celular. Mande uma mensagem para minha mãe dizendo estar bem, junto com as fotos que eu havia tirado do lugar durante o dia. Olhei as mensagens que estavam no meu celular, nada de muito relevante, e quando estava pronta para deixá-lo de lado, recebi uma notificação.

“Já estou lhe esperando.” Leonardo enviou.

Eu bloqueei a tela e joguei o celular na cama. Ele realmente ainda tinha a intenção de me encontrar? Olhei embaixo do travesseiro e abri o bilhete.

“Apague as luzes, finja que foi dormir e coloque almofadas no seu lugar da cama. Eu vou despistar todos, e você não será seguida dessa vez. Lembre-se de que eu te amo.”

– Me ama? – eu disse em voz alta, seguida por uma risada de escárnio.

Eu peguei a chave que Helena havia me dado, fiz tudo que era pedido no bilhete e saí do quarto. Segui até a área dos instrutores, sendo o mais discreta possível. Não havia muitas pessoas pelo resort, a grande concentração era mesmo na festa, que podia ser ouvida à distância. Entrei em uma área diferente do resort, apesar de os chalés serem idênticos, não eram voltados para a piscina principal que ocupava 1/3 do local, eles tinham sua própria piscina. Cada chalé tinha, em sua varanda, uma escada que levava até à piscina “Privada”, e aquela visão me deu uma certa inveja. Era como se estivéssemos no paraíso. Procurei pelo quarto descrito na chave e o achei na parte lateral, escondido entre tantos outros. Parei por um segundo na frente e respirei fundo, o que eu estava prestes a fazer era louco, mas era necessário.

Passei a chave pela tranca e a porta se abriu. Entrei no quarto, que era exatamente igual ao meu, e vi que apenas uma luz fraca vinha de perto da cama, talvez um abajur. Fechei a porta atrás de mim e fui andando, o mais confiante que eu podia, até a luz. Leo estava sentado na beirada da cama, olhava diretamente para mim e era, pela primeira vez na minha vida, difícil de saber o que ele sentia. Ele se levantou e deu um passo na minha direção, seus olhos estavam fixos nos meus, eu podia sentir o calor da proximidade. Era difícil resistir àquilo, tão difícil que doía. Senti sua mão na minha cintura, meu corpo respondendo involuntariamente e chegando mais perto. Minhas mãos alcançaram seu peito e repousaram ali. Então Leo se inclinou na minha direção, e me beijou, um beijo calmo e suave, diferente dos que normalmente nós compartilhávamos. Eu correspondi lentamente, sem conseguir resistir àquilo.

O beijo dele era indescritível, algo que tirava minha mente do mundo e a focava apenas naquele momento, naquela sensação. Poder ser beijada por ele parecia um presente feito apenas para mim, como se ele tivesse sido projetado para mim e eu para ele. Contudo, eu provavelmente não era a única do mundo que pensava daquela forma; afastei-me dele, deixando um vazio entre nós, como um abismo. Olhei para seus olhos, e ainda era impossível decifrá-los, então respirei fundo, e me preparei para dizer aquilo que estava determinada a fazer quando fui até ali, no entanto, Leo falou primeiro:

– Estamos seguros por ora, sua estratégia foi incrível, apesar de dolorosa. Não imaginei que você faria isso, mas foi uma solução e tanto. – ele disse engolindo seco.

– Não foi estratégia, foi burrice. – Eu respondi prontamente.
– Eu só queria me livrar da sensação de raiva e nojo de ver você com outra. Transferir ela para você.

– Você não deveria se entregar a Gustavo todas as vezes que me vê com alguém. – ele disse com raiva.

– Você não deveria estar com alguém todas as vezes que nos afastamos. – eu rebati. Ele não parecia nada arrependido, o que me fez ficar enfurecida. – Aquela é sua prima de terceiro grau? Ou talvez uma tia perdida?

– Alice, para. Quando você me viu naquele dia, era minha irmã, eu não brinquei. – eu nunca o havia visto tão sério.

– Você ainda não disse quem era a garota que você estava abraçando. – eu perguntei, dura como uma pedra. – No momento em que achei que podia confiar em você, não posso me afastar por poucas horas que...

– Você vai ter que confiar em mim, você precisa confiar em mim. – Leo se aproximou, e eu me afastei. – Eu não posso te explicar nada agora, mas eu juro que não estou fazendo nada além do que proteger você.

– Me proteger? – eu disse rindo. – Você está correndo atrás de outra, me deixando de lado à mercê de um homem que está me ameaçando. Você sabe o que ele fez comigo e sabe o que mais ele poderia ter feito e, mesmo assim, depois de dizer que me amava, você só me deixou com a minha própria sorte.

– Lixe. – ele suplicou para que eu parasse. Mordeu os lábios como se reprimisse algo.

– Não quero mais que me chame assim. Não quero que você me chame por nenhum nome, nunca. – eu cuspi as palavras.

– Isso acaba aqui.

Virei-me e comecei a caminhar em direção à saída do quarto. Antes que eu pudesse abrir a porta, ouvi Leo falar fraco:

– Você está arrependida?

Eu congelei. Lembrei de todos os momentos juntos dele, desde aquele em que o vi pela primeira vez, passando por todas as vezes, que via sinais de sua paixão por mim, nossos momentos juntos, o amor que compartilhávamos um com o outro. Mas agora havia terminado. Ele demonstrou quem ele realmente era ao me machucar, me dar esperanças, e depois me largando só.

– Estou arrependida do maldito dia em que conheci você. – falei, sem conseguir conter as lágrimas e saí do quarto.

Capítulo 17

Plano

20 de dezembro – sexta-feira

Quando o sol entrou pela manhã, eu não era a pessoa mais cansada daquele quarto. Eu me levantei com cuidado para não acordar minhas amigas, e me arrumei. Coloquei o biquíni, um vestido e sandálias, e saí do quarto de fininho e fui à beirada da piscina. Eram sete da manhã e, com exceção de alguns funcionários e responsáveis, parecia que só eu havia acordado em todo o resort. Apesar de ser cedo, já estava calor. A água fria nos meus pés era revitalizante.

Eu havia desmaiado após bater na cama na noite passada, não consegui ouvir Helena chegar, mas vi Vivian cambaleando para dentro do quarto às quatro da manhã. Eu estava ansiosa para que elas acordassem e me contassem como havia sido a noite e o que haviam feito. Mas, ao mesmo tempo, elas levantarem indicava que todos estariam de pé e as atividades começariam. Eu veria Leo e

sua nova conquista, teria que lidar com Gustavo, Letícia e explicar para as meninas a loucura que eu tinha feito no dia anterior.

Eu não me arrependia, fiz o que meu coração havia mandado. O lado bom é que estar longe de Leo dava-me a garantia de que Gustavo não me exporia, nem o colocar naquela história. Eu ia ter de me virar, mas faria o que fosse necessário. O lado ruim era estar longe de Leo. E isso não era remediável.

Ainda havia o fato de estar fingindo para Gustavo que havíamos reatado e estava tudo bem. Eu não sabia como e nem porque eu havia feito aquilo, mas eu tinha feito. Agora, eu não podia voltar atrás, tinha que ir com isso até o final. Eu havia pensado em uma estratégia, tentaria pegar os originais das fotos que Gustavo havia tirado e jogá-los fora. Onde estavam? Duvidava de que com ele naquele momento. Provavelmente escondidos na sua casa ... ou em algum outro lugar. Não era um plano perfeito, mas era o que eu podia fazer por ora.

Depois de um tempo perdida nos meus pensamentos, comecei a observar a movimentação. Aos poucos, algumas pessoas abriam suas varandas, resolviam aparecer. Podia ouvir algumas pessoas reclamando de ter acordado cedo, outras mergulhavam ao longe na piscina.

Vi Gabriel ajudando outro rapaz a programar as caixas de som e colocar uma música. Eles queriam que começássemos a levantar para não atrasar a programação. Resolvi voltar para o quarto, mas quando estava chegando, Vivian e Helena saíam de lá.

Ambas pareciam cansadas, mas Vivian estava radiante. As duas vieram na minha direção e me desejaram bom dia.

– Bom dia, minhas festeiras. Vamos comer, estou morta de fome – eu disse envolvendo-as pelo braço e nos guiando até o restaurante.

Vivian nem esperou que eu perguntasse para começar a falar. Ela contou sobre a festa nos mínimos detalhes, as músicas, as danças, os meninos. Parece que foi tudo muito movimentado e o show havia sido perfeito, com as músicas que ela gostava. Apesar do show ter durado até às duas da manhã, ela ficou até às quatro no buffet, que foi preparado para os formandos aproveitarem durante a festa. Uma informação que eu havia gostado muito de saber, com certeza eu iria até lá essa noite.

Helena disse-me que ficou junto de Ricardo e mais um grupo de pessoas que viram o show em uma sala de jogos, que tinha sinuca, tênis de mesa, jogos de tabuleiro e computadores, tudo bem equipado para atender aos jovens que gostavam de se divertir de outra forma.

Ela me convidou para passar lá hoje mais tarde, mas para chegar até a sala, eu teria de enfrentar a multidão, portanto, recusei delicadamente. Disse-lhes brevemente que eu e Leo não iríamos mais nos encontrar, e agradei por terem ajudado até ali. Elas fizeram perguntas, mas eu não as respondi com exatidão, o que lhes mostrou que eu não queria falar muito sobre o assunto. Não é que eu não quisesse falar, mas já estávamos prontas para pegar nosso café da manhã e, até que eu explicasse toda a situação, Gustavo estaria ali e eu seria interrompida. Pior: teria que fazer meu papel de namorada perfeita, o que só de imaginar tirava minha fome.

Contudo, as inúmeras opções de comidas logo no café, me abriram novamente o apetite. De salgado a doce, de café e chá a refrigerante e suco, havia comidas que eu nunca pensei em comer em um café da manhã, e bolos que pareciam de festa. Quando terminamos de arrumar nossos pratos, tarefa muito difícil, nos dirigimos para a mesa onde alguns colegas de classe se encontravam, inclusive Ricardo. A maior parte ali eu quase não havia visto desde que chegamos. Eu e minhas amigas nos sentamos, Helena ao lado de Ricardo, eu ao lado de Helena, e Vivian ao meu lado, na cabeceira da mesa. Eu estava pronta para saborear o meu café da manhã.

– Oi, posso me sentar aqui? – perguntou Vitor para Vivian. Ele havia puxado uma cadeira de alguma outra mesa e pedia para se sentar entre mim e Vivian, na quina.

– Eu acho melhor eu me sentar aí. – disse Gustavo, colocando a mão no ombro de Vitor.

Ele sorriu envergonhado e foi até o outro lado da mesa, e se sentou em uma cadeira vazia imediatamente à minha frente.

– Bom dia, meu amor. – Gustavo deixou o prato ao meu lado e me deu um beijo.

Eu podia sentir os olhares de Vivian e Helena, mas não havia o que fazer. Era isso que estava acontecendo. Eu observei Gustavo se sentando e começando a comer. Senti um cutucão por debaixo da mesa e olhei para o lado. Helena buscava explicações, e eu disse sem emitir som “Mais tarde”. Dei a primeira garfada no meu prato e ouvi Gustavo dizer:

– Como foi sua noite, meu amor? – ele perguntou

– Tudo bem, consegui descansar bastante. – eu respondi sorrindo. – E a sua? Vivian me disse que a festa foi incrível.

– Foi, com toda certeza! – ele sorriu sonhador e começou a me contar, um relato não muito diferente do que o de Vivian.

Eu fingia dar atenção ao que ele falava enquanto comia. Fui observando a movimentação e vi a mulher que estava com Leo no dia anterior entrando no restaurante. Logo em seguida, Leonardo apareceu, sua camisa de praia e a bermuda davam-lhe um ar tão descontraído que era como se algo estivesse fora do lugar. Eles vieram direto para a nossa mesa, e eu olhei para Gustavo rapidamente. Ele terminava o relato falando que a noite estava linda quando ele chegou no quarto, e eu o puxei para um beijo. Ele pareceu bem surpreso no início, mas depois retribuiu sem problemas.

Gustavo havia me chantageado e me obrigado a estar com ele, eu não via por que não o usar como eu estava fazendo; ele queria acreditar que eu estava ali, e eu queria que Leo se sentisse como eu me sentia.

Todos da mesa exclamaram, ninguém sabia que nós estávamos juntos novamente. Eu podia ouvir os garotos gritando, palmas sendo batidas e quando eu olhei, não só a nossa mesa estava fazendo festa, mas outras mesas ao redor também participavam da brincadeira.

– Eu gostei disso. – Gustavo disse sorrindo, e eu me virei para minha comida novamente, envergonhada.

– Bom dia, pessoal! – eu ouvi a voz da mulher ecoar por cima do tumulto. Seu tom era exatamente como de uma militar, o que fez muitos ali estremecerem e silenciarem. – Parece que vocês

acordaram bastante animados, mas vamos deixar isso para mais tarde. Ainda terão muitas atividades pelo dia. Meu nome é Nicole e eu vou estar por aí caso precisem de algo.

– Se eu não estiver por perto, podem recorrer a ela. – Leo disse em seguida. Meu sangue ferveu, meu estômago se contraiu e eu senti a raiva subindo pelo meu corpo.

Eu os encarava, mas nenhum dos dois parecia notar a minha presença ali.

– Para os meus alunos que estão aqui, a recíproca é verdadeira. – ela informou olhando para duas meninas e para Vitor, o que me surpreendeu. Eles eram do mesmo grupo. – Mas não acho que vão nos ver muito separados.

Eles deram as mãos e um novo escândalo foi instaurado, mas dessa vez muito maior. Eu pude ver as garotas da minha sala que gostavam de Leo, todas elas olhando com uma expressão não muito diferente da que eu mesma produzia. Eu olhei para frente, na esperança de não me denunciar, mas minha mandíbula tremia, meus punhos estavam cerrados, minhas pálpebras não me obedeciam. Eu queria desesperadamente socar alguma coisa. Os dois começaram a caminhar para longe, mas não havia outro assunto além daquele, aparentemente todos esqueceram a festa, a noite, o café da manhã. O mundo se resumia ao novo casal.

Levantei-me o mais breve que pude, no tênue momento em que não pareceria que eu estava saindo por irritação. Voltei ao buffet e peguei todos os doces que vi pela frente, e que eram de chocolate; depois de estar com um pote cheio, fui até a área das piscinas e fiquei por lá deliciando minha pequena dor. As lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu me afundava no chocolate.

Leonardo e a tal da Nicole estavam juntos, mas a culpa não era dela. Era dele.

Ele havia prometido me ajudar, estar ao meu lado. Ele havia feito juras de amor para mim, prometido que ficaríamos bem; tinha dito que havia se apaixonado por mim ao me ver pela primeira vez, assim como eu também fiz; ele queria que a vida dele tivesse a mim. Como ele poderia estar com alguém tão cedo? Mas era como Gustavo sempre dizia: Leonardo nunca perde uma batalha. Ele havia conseguido me conquistar e, quando as coisas ficaram difíceis, ele se foi.

– Você vai ter que explicar o que está acontecendo! – Helena disse, extremamente brava.

Ela estava parada ao meu lado, parecia ter ido até lá o mais rápido que pôde. Vivian vinha atrás dela, correndo de leve, e parecia ter sido abandonada por uma Helena muito furiosa.

– Eu vou explicar, mas me deixa acabar isso. – eu apontei para o meu chocolate.

– Não mesmo, isso vai te matar. – Helena pegou da minha mão e comeu um. – Eu sei que é bom, mas você não pode comer tanto.

– Não sozinha. – Vivian disse pegando um também.

As duas se sentaram ao meu lado na piscina e eu comecei meu relato. Comecei por Letícia e a forma como ela estava ao lado de Gustavo, sem ao menos me ouvir; contei sobre que eu havia visto ontem, Leo e Nicole juntos; falei sobre mim e Gustavo, e como eu o havia usado para dar raiva em Leonardo. Descrevi, de maneira resumida, o meu término com Leo.

– Como ele pode estar com alguém? – eu disse, em prantos.

Helena me deu o ombro para que eu apoiasse a cabeça e as lágrimas escorriam por ele.

– Alice, eu sei que dói, mas ele não era o cara que você pensava. – Vivian disse acariciando meu cabelo.

– Você vai ficar bem, só vamos tentar focar no problema maior agora. – Helena disse. – Você e Gustavo estarem juntos, não é de todo o ruim, pelo menos não até resolvermos o problema. Nos dá tempo.

– Ele estava normal na festa ontem, não parecia um neurótico atrás de você. – Vivian comentou.

– Eu agora vou ter que ir com isso até o fim. Pelo menos estou livre da ameaça dele por ora. – eu comentei.

– Vocês viram a Letícia? – perguntou Vivian. – Eu não a vi hoje.

– Não a vejo desde ontem, ela estava na sala de jogos, mas não falou comigo. – Helena disse.

– Eu entendo que ela queria me ajudar, mas não precisa se afastar de nós. – eu fui incisiva.

– Acho que ela nos vê como apoiadoras de Leonardo, ou sei lá o que se passa na sua cabeça. – Helena parecia realmente chateada. – De qualquer forma, quando ela cair por si, tomara que se arrependa.

– Ela não deixou nem você se explicar? – Vivian perguntou.

– Não, nadinha, não me deixou dizer nenhuma palavra. – eu comentei. – Mas desde o momento em que ela e Gustavo esconderam que eram amigos, eu...– eu não terminei

– O que foi Alice? – Helena perguntou assustada.
– É por isso que Gustavo sabia de tudo. – Eu me levantei perplexa. – Letícia. Letícia contou para ele!
– Você tem certeza? – Vivian perguntou.
– Só pode ser, eu contei tudo para vocês ontem, e magicamente, Gustavo também sabia.
– Mas se ela contou para ele que vocês estavam juntos, ela tem a confiança dele. – Helena disse.
– E se ela tem a confiança dele... – eu continuei raciocinando com ela.
– Bingo! – nós falamos juntas.

Vivian olhava para mim e para Helena, sem entender nada do que estava acontecendo. Eu sorri, e eu e Helena começamos a bolar o nosso plano.



Durante a manhã e à tarde, teríamos atividades ligadas a esportes. Na parte lateral do resort, havia algumas quadras de basquete, futsal, vôlei e tênis. Tínhamos, na parte de dentro, fora a piscina enorme, um espaço para arco e flecha. Além disso tudo, ainda havia a sala de jogos que Helena mencionou mais cedo. Portanto, entediados não ficaríamos. Muito menos com fome. Será servido o almoço entre meio-dia e duas da tarde; um pouco depois, uma hora de lanche iniciando por volta das dezesseis horas. Depois da festa do pôr-do-sol e antes da festa da noite, que era à fantasia, terá o jantar. Esse lugar é, literalmente, o paraíso. Mas o que eu estava fazendo, entre tantas opções? Invadindo um quarto.

Era cerca de uma da tarde, e a maioria das pessoas estava comendo. Pela manhã, eu, Helena e Vivian havíamos projetado tudo

que aconteceria. Reunimo-nos junto com nossos colegas de classe e fomos para a praia. Alguns nadavam, outros pegavam sol, duplas eram formadas para o frescobol, poucos se juntavam para jogar futebol na areia. Eu, Helena e Vivian estendemos nossas cangas e ficamos deitadas, conversando sobre o que aconteceria mais tarde.

Gustavo esporadicamente vinha até mim para me beijar, perguntar se eu precisava de algo. Eu fingia naturalidade e agradecia a atenção. Ricardo estava na sala de jogos, bem longe de nós, e eu sabia que Helena também estaria lá se pudesse, mas ela abriu mão por mim.

Eu evitava olhar para a parte alta da praia, que fazia a divisão com o resort. Leonardo estava lá, conversando com os dois salva-vidas que ficavam de prontidão caso um acidente acontecesse. Junto dele, Nicole, com um maiô e um corpo impecável, fazia-me sentir vergonha da minha barriga à mostra, que se dobrava em várias partes quando eu me sentava. Todas as vezes que meu olhar encontrava o dele, meu peito doía.

Depois de termos repassado as partes várias vezes, fomos até o restaurante, talvez até cedo demais. Éramos as três primeiras pessoas a almoçarem, mas o que não impediria Helena e Vivian de ficarem até o final. Depois que o lugar lotou, Helena pegou Ricardo e fez com que eles ficassem conversando com Gustavo. Ricardo achou estranho, mas deu de ombros. Vivian encurralou Letícia e sua missão era fazer com que ela ficasse ocupada. Então, eu fui até a área de alojamentos, virei como se estivesse indo para o meu quarto. Quando cheguei até ele, continuei andando até quatro portas à frente: lá estava o quarto de Letícia, e que seria de Vivian.

Usei a chave que ela tinha ganhado no início da viagem, e abri o quarto: era exatamente igual ao meu, mas estava bem mais arrumado, talvez por não ter três garotas e suas malas meio desfeitas.

Olhei no banheiro, mas estava vazio; procurei no armário, mas só havia algumas peças de roupa. Olhei perto das camas e nada. Na escrivaninha, no frigobar, e quando eu estava pronta para desistir, em cima da televisão, bem escondido: um pen drive. Apertei-o com força, e saí do quarto rapidamente. Fui ao meu e coloquei-o na maquiagem de Vivian, imperceptível naquele monte de batons da mesma cor do pen drive. Eu saí do quarto e voltei para o restaurante, a respiração ofegava um pouco, mas fiz o possível para me manter estável quando cheguei até Helena, Ricardo e Gustavo.

– Oi, pessoal. Fui ao banheiro do quarto, porque o daqui é muito lotado. – comentei rindo.

– Oi, meu amor. Estávamos falando de você agora! – Gustavo parecia estar muito feliz em me ver, e eu retribuí o sorriso.

– Se vocês não se importarem, nós vamos namorar um pouco. – Helena falou puxando Ricardo, que foi com ela sem reclamar muito.

– Juízo! – eu gritei ao longe e pisquei para ela. – O que você acha de fazermos o mesmo?

– Eu nunca gostei tanto de uma ideia sua, meu amor. – Gustavo disse colocando as mãos na minha cintura e me puxando.

– Eu pensei em irmos para um lugar mais discreto. – Eu mordi o lábio e Gustavo assentiu como um bobo.

– Quer ir para o meu quarto? – ele perguntou provocativo.

Bingo.

– O meu tem muita gente que pode atrapalhar. – eu disse rindo.

Eu não precisei dizer duas vezes. Gustavo entrelaçou nossas mãos e me guiou até o quarto dele, com uma rapidez que eu não imaginava que seria possível. Eu o seguia de perto, andando meio arrastada. Então chegamos brevemente. O quarto dele ficava em frente ao meu, portando, estávamos separados por bons metros e uma piscina enorme. Ele me guiou até o lado de dentro e eu fiquei tensa. Eu sabia o que teria de fazer, mas ainda assim era difícil.

– Eu preciso de um tempo. – eu falei rápido, de costas para ele, enquanto ele fechava a porta atrás de nós.

– Você quer terminar? – ele disse atônito.

– Não, não é isso! – eu me virei e engoli seco. Eu era péssima nisso. – Eu queria só um tempo para me arrumar. Você sabe que é minha primeira vez. – embora eu não tivesse certeza disso, pois ele havia me dopado e me fotografado.

– Ufa. – ele disse suspirando. – Eu vou até o banheiro e, quando você estiver pronta, me chama, ok?

– Tudo bem. – Eu falei sorrindo e ele me deu um breve beijo antes de se trancar no banheiro.

Aquela seria a parte mais fácil, eu conhecia Gustavo. Fui até a mala dele, abri com cuidado, para não fazer barulho, e abri o fundo falso que eu havia ajudado a instalar quando ele foi para o intercâmbio. Peguei o pen drive que era exatamente idêntico ao que eu tinha achado no quarto de Letícia e escondi no meu sutiã do biquini.

O celular de Gustavo estava carregando ao lado da cama. Desbloqueei-o e apaguei todas as minhas fotos da nuvem onde Gustavo armazenava os arquivos importantes. Não havia mais nada no aparelho.

– Acho que estou pronta. – eu disse de leve na porta do banheiro depois de ter colocado tudo no lugar que estava anteriormente. Gustavo saiu do banheiro e colocou a mão em meu cabelo, direcionando-o até a minha orelha.

– Eu prometo que vai ficar tudo bem, meu amor. – ele já se inclinava para me beijar.

O desespero tomou conta de mim, eu tinha que sair dali. Eu precisava me livrar de Gustavo o quanto antes. O beijo dele atingiu minha nuca e eu me segurei para não dar um salto para trás. Ele continuava me beijando, subindo até chegar na minha boca.

Meu estômago estava embrulhado, mas eu tinha que aguentar firme, não podia vacilar em nenhum momento. Retribuí o beijo dele quando nossos lábios se tocaram. Foi então que eu soube que tudo havia dado certo.

– Vocês dois, podem saindo daí! – ouvi uma voz falar atrás da porta de Gustavo.

Ele foi para trás por um momento e sua expressão era de medo. Nós não podíamos estar juntos no quarto, tínhamos que ficar cada um em seu lado do resort, pelo menos no que dizia respeito a alojamentos. Ele engoliu seco e ia se guiar até a porta, quando eu o interrompi.

– Vou sair pela varanda. – eu disse gesticulando com os lábios, sem emitir som.

Ele assentiu e eu me virei para sair do quarto. Tudo exatamente como o planejado. Assim que eu fechei a varanda, Gustavo se virou para abrir a porta e eu não esperei para saber o que aconteceria. Fui para o meu quarto novamente, com passos largos, quase correndo. Eu queria pular de felicidade, queria gritar para o mundo que estava livre. A sensação de liberdade daquele momento. Eu nunca havia sentido nada igual. Cheguei ao meu quarto e as meninas estavam lá aguardando. Eu entrei e fechei a porta atrás de mim. Helena estava em pé, andando de um lado para o outro, Vivian estava sentada encolhida.

– Deu tudo certo! – eu disse pegando os pens drives.

– Apagou tudo? – Helena perguntou.

– Tudinho

– Conseguimos! – Vivian pulou de alegria.

Eu fui até perto delas e nos abraçamos. Comemoramos a nossa vitória pisoteando os pens drives até despedaçá-los por completo. Tinha sido tudo no momento exato. As meninas denunciaram a minha escapada com Gustavo até o quarto dele, e o tempo foi suficiente para que eu pegasse e apagasse tudo. O plano tinha sido 100% um sucesso.

– Eu vou terminar de me livrar disso. – eu disse recolhendo as partes espalhadas pelo chão.

– Vai colocar na privada? – Vivian perguntou rindo.

– Vai entupir! Melhor não! – Helena me reprovou.

– Pensei em algo melhor.

Eu saí do quarto radiante, com tudo em uma necessaire. Fui caminhando até a praia, calma e livremente. Aproveitando pela primeira vez de verdade todo aquele momento, o sol, a piscina, as

matas, os cheiros... Quando eu cheguei à praia, corri desesperada até o mar, pedindo licença a qualquer que fosse a força que o movia. Esperei as ondas me acertarem e quando o mar já estava na minha cintura, eu mergulhei. Não nadei para muito longe, só o suficiente para sair da margem.

Ao chegar ao ponto que eu queria, coloquei a nécessaire, que já estava molhada, toda dentro da água e esperei alguns minutos até elevá-la de novo. O tecido pingava e o conteúdo dentro provavelmente estava encharcado. Voltei para a areia e depois para o meu quarto. Despejando um pouco dos restos do falecido pen drive dentro de cada lixeira que estava no resort. Nunca mais seria achado, ou muito menos recuperado.

Eu estou livre.

Capítulo 18

Fantasia

20 de dezembro – sexta-feira

Saí do meu quarto com o maior dos sorrisos. Havia passado o resto da tarde na quadra de vôlei jogando com um grupo aleatório de pessoas. Um pouco antes das dezessete, eu fui até à piscina me refrescar. Eu vi Leonardo lá, junto com Nicole, eles estavam conversando com algumas pessoas, pareciam sérios. Mas eu não me importei.

Por mais que doesse vê-los juntos, eu estava em êxtase pelo plano ter dado certo. Nadei aproveitando aquela sensação de liberdade. Era incrível como eu não sabia o quanto aquela situação estava me angustiando. Sentir-me ameaçada e com medo era sufocante, mas agora era latente meu sentimento de que poderia fazer qualquer coisa no mundo.

Até o término com Leo parecia menor, menos significativo, eu estou livre, isso é o que mais importa. E se Leo e Nicole estavam juntos, só me mostrava que ele não era tudo que eu pensava. Aquela história de se apaixonar à primeira vista, aquilo foi uma mentira, para enganar a mim. Eu estava apaixonada demais para ver isso. Doía, eu o amava de verdade, a paixão que eu tinha por ele era algo inexplicável, e que aconteceu desde a primeira vez que eu o vi. Mas tudo que eu quero agora é aproveitar o meu momento de liberdade. '

Saí da piscina e fui andando até o meu quarto. Sequei-me e comecei a acompanhar a festa do pôr-do-sol, que estava prestes a começar. Sentada na varanda, ouvindo a música, realmente a paisagem estava linda.

– Oi, meu amor. – disse Gustavo para mim, sentando-se na cadeira ao lado da minha. – Não te vi a tarde toda. Está tudo bem?

Minha varanda pareceu ficar menor, a sensação de sufocamento foi tomando conta de mim. Ele não tinha mais como me ameaçar, mas a simples presença dele me feria.

– Estava nas quadras e você? – perguntei.

– Fui para a sala de jogos. Achei que te veria lá. – ele ficou levemente sem graça. – Eu queria me desculpar.

– Se desculpar? – eu perguntei atônita.

– Sim, não foi certo o que eu fiz na nossa formatura. Eu fui grosseiro com você, podia ter estragado sua festa se você não tivesse ajudado Leo. – ele olhava para baixo, realmente mal. – Eu não sei onde eu estava com a cabeça.

– Só isso? – perguntei. Eu esperava que ele falasse das fotos, mas me ocorreu que não era para eu saber disso. Ele mandou para Leo e havia me ameaçado com outro fator. Para ele, eu não sabia de mais nada.

– Me desculpa por não ter me mantido longe de Leo enquanto pude. Eu não deveria ter me afastado de você, deixei o caminho aberto para ele. – Gustavo completou.

– Eu me apaixonar pelo Leonardo não é culpa sua. – disse respirando fundo. – Essas coisas acontecem.

– Tem mais uma coisa que eu queria te contar. – ele parecia mais envergonhado do que nunca. – Mas eu não sei se você vai me perdoar.

Eu engoli seco, estava prestes a falar algo, quando Vivian chegou, junto com Vitor. Eles riam, pareciam bem mais íntimos a cada momento. Eu estava gostando de ver essa aproximação deles.

– Espero que a gente não esteja atrapalhando vocês. – Vitor falou assim que nos viu, parecia mal de ter interrompido. Nossas

caras deviam denunciar que a conversa era séria.

– Não, está tudo bem. – Gustavo falou.

– A festa acabou mais cedo. – explicou Vivian. – Eles querem que tenhamos mais tempo para arrumar as fantasias.

Ela me olhava apreensiva, como se buscasse um sinal, uma indicação. Eu dei de ombros de leve e levantei-me.

– Vou me arrumar, mais tarde conversamos. – eu falei para Gustavo, que se limitou a assentir e me dar um beijo na testa antes de partir.

Vitor acenou para nós e os dois saíram juntos, conversando.



Eu nem acreditava o quanto a minha fantasia havia ficado boa. A maquiagem que Vivian fez em mim combinava perfeitamente com a minha roupa. Eu estava de princesa, foi a mais fácil de achar na última hora. Era de algum filme, a que eu não tinha assistido, mas parece que havia duas irmãs, e eu era a de cabelos castanhos, obviamente.

Vivian me disse que a personagem tinha uma mecha do cabelo branco, então ela o fez com talco. Meu cabelo no final é penteado e ficou exatamente como o da foto que Vivian me mostrou. O vestido era verde escuro com pequenos detalhes dourados, e verde mais claro, bem discreto. A capa que acompanhava também era verde escura, mas por dentro, o roxo forte contrastava. Vivian prendeu a capa nos meus ombros e ficou totalmente graciosa. A última coisa foi uma pequena coroa, dourada e verde. Eu estava quase tão bonita quanto na formatura.

Mas Vivian, vestida de primavera, ela era a mulher mais linda que eu vi na vida. Seus volumosos cabelos cacheados estavam com uma coroa de flores, a pele negra contrastava com o vestido azul claro, também recheado de flores. Eu sempre a percebi como a mais linda mulher que eu vi pessoalmente, mas hoje ela estava incrivelmente perfeita. Helena se vestiu de unicórnio, na verdade ela pegou o pijama que já tinha e fez um arco-íris no rosto para ficar caricato. Ela estava fofa daquele jeito, parecia que ia dormir a qualquer momento. Ela queria fazer outra fantasia, mas era muito difícil encontrar as coisas adequadas na nossa cidade.

Nós três saímos do quarto e éramos um retrato muito estranho de três amigas que não tinham muitos traços em comum. Nós nos dirigimos até o buffet, e era muito engraçado ver tanta gente usando fantasias. Eram de todas as espécies, formas e tamanhos; havia pessoas que combinavam entre si, alguns tinham a mesma fantasia de um desconhecido e achavam engraçado, outros nem tanto. Vi coisas originais, como por exemplo, uma arara gigante, e vi as de sempre, pirata, anjinho e demônio.

Haveria um concurso de fantasias, onde, é claro, eu não participaria, sequer estaria lá. Contudo, eu já podia ver os possíveis candidatos, pessoas pedindo votos. Eu estava amando aquele clima gostoso da viagem, algo que eu começava a experimentar pela primeira vez.

Após colocar muita comida no meu prato, sentei-me à mesa com toda a minha turma. A maior parte havia escolhido fantasias simples, nada extraordinárias. Na verdade, só uma fantasia havia me impressionado até então.

– Eles vão ganhar. – comentou Vivian para mim.

– Com toda certeza.

Nicole, Vitor e mais quatro pessoas entraram no buffet juntos. Eles vinham da mesma escola. Os cinco e sua monitora usavam uniformes policiais, PERFEITOS. Pareciam mesmo terem saído da delegacia.

– Não tem um crime para isso? – Ricardo perguntou, ele estava vestido de árvore, o que era engraçado por conta dos seus cabelos enrolados estarem verdes e suas roupas serem marrom.

– Só se eles disserem que são policiais, mas sabemos que isso é uma fantasia. – respondi.

– Eles vão ganhar. – Vivian repetiu boquiaberta.

– Eles devem ter gastado muito dinheiro. – disse Gustavo, sentando-se ao meu lado. Eu estremeci quando ele chegou, mas não pude fazer muita coisa. Não queria que ele descobrisse que eu não estava mais no seu jogo.

Ele vestia uma roupa de pirata, a mesma que ele usou há dois carnavais, e não havia feito fantasia, disse que nem queria participar. Agora, lá estava ele com chapéu, tapa-olho, papagaio no ombro e uma mão de gancho que ele parou de segurar para comer. Era comum, mas bonitinha. No fundo, até atraente. Eu ainda não conseguia entender como meu melhor amigo havia se tornado meu maior medo... minha cabeça confundia tudo. Eu tinha o ímpeto de rir do que Gustavo dizia, de contar para ele minha impressão sobre algo, falar sobre meu medo.

– Você deveria concorrer, Alice. – Vitor disse chegando ao lado de Vivian. Ele estava impecável na farda, e era perturbador olhar e pensar ser apenas uma fantasia.

Vitor parecia uma boa pessoa, apesar de ser cedo para saber. Ele e Vivian estavam muito próximos. Eu pude vê-lo tocando disfarçadamente uma das flores do cabelo dela, e ela respondendo com um sorriso envergonhado. Apesar de estarmos ali há pouco tempo, eles estavam quase sempre juntos e parecia que estavam prestes a dar um passo naquilo, se é que já não haviam dado.

– Eu não vou até lá mesmo. – eu disse, negando veementemente. – Pretendo passar o resto da noite comendo o quanto posso nesse mesmo lugar em que estou.

– Ainda acho que você podia jogar com a gente. – Helena me cutucou, e eu sorri.

– Ela não se sente confortável, deixem-na. – Gustavo disse. – Se você quiser, fico aqui com você para o caso de ter muita gente.

Eu não sabia como agir, minhas bochechas coraram, eu engoli seco. Como ele podia ser daquele jeito e dias antes ter sido baixo como foi?

– Tudo bem, aqui é grande e eu vou ficar longe das mesas mais aglomeradas. – eu disse, um pouco gaguejante.

– Eu comentei com Leo hoje o quanto vocês ainda parecem estar se conquistando. – Vitor disse rindo.

Eu arqueei, Gustavo olhou para Vitor com raiva. Pude observar Vivian cutucando-o e negando com a cabeça.

– Por que Leonardo estaria interessado? – Gustavo prontamente respondeu.

– Ele não estava. – Vitor pareceu ficar nervoso. – Eu só comentei com ele e com Nicole. Não sei por que fiz isso, mas acho vocês um casal bonito.

Eu peguei a mão de Gustavo e ele olhou para mim. Ele não era mais o meu amigo Gustavo, o homem legal e carinhoso que se ofereceu para ficar comigo durante a festa. Ele era o Gustavo que manipulava, articulava com as pessoas, ameaçava para ter o que queria.

– Leonardo e Gustavo não se dão bem, Vitor. – eu falei, olhando nos olhos de Gustavo.

Nós não podíamos revelar nada para ninguém. Vitor poderia contar para Nicole ou poderia denunciar para algum órgão responsável sobre o nosso romance. Apesar de Leonardo ter dito que abriria mão por mim, eu ainda tinha o ímpeto de protegê-lo.

– Eu não sabia. – Vitor parecia realmente envergonhado. – Me perdoem.

– Eu acho melhor nós irmos. – Vivian se levantou, junto com Vitor e ambos foram embora.

Depois de pouco tempo, Helena também anunciou que estava se encaminhando para a festa, ou melhor, para os jogos. Ela e Ricardo se despediram de nós e saíram. Gustavo ficou comigo até que a música do lado de fora começasse a tocar. Ele não havia falado nada desde que Vitor e Vivian foram embora, mas se recusava a sair do meu lado. Eu podia ver que ele não estava bem. Sua instabilidade me gerava medo. Eu já havia me livrado das fotos, mesmo assim, eu ainda temia o que quer que ele pudesse planejar. Por fim, quando ele decidiu sair, foi a primeira vez que dirigiu a palavra para mim.

– Eu vou até lá, mas estarei por perto caso aconteça qualquer coisa. – ele disse, mas não era mais algo protetor. – Lembre-se de ficar longe daquele idiota...

Ele se levantou e foi até a área externa em direção à música. Eu soltei o ar pesadamente, pois estar sozinha era reconfortante. Peguei meu celular e um prato de guloseimas, e fiquei ouvindo a música que vinha da festa enquanto falava com meus pais. Depois que a conversa cessou, eu fiquei observando o movimento enquanto lia um livro no celular. Pessoas entravam e saíam, bebiam algo ou comiam e depois voltavam para festa.

Menos uma.

Eu estava no fundo e podia ver as duas portas e as mesas que estavam na área externa. Sentado virado para mim, no lugar mais longe possível, estava um mascarado todo de preto. Eu já havia visto a máscara que ele usava em um filme, V de vingança. Sua roupa estava fidedigna ao personagem. Pelo porte físico, poderia ser perfeitamente Leonardo. Mas por que ele estaria me observando e deixando a namorada, ou seja, lá o que ela for, sozinha? Ele poderia estar na festa, no quarto dele. Não ali.

Eu queria me aproximar, conversar, mas se não fosse Leonardo, eu me decepcionaria, e se fosse, eu estaria em risco. Risco nº 1: Gustavo nos flagrar. Mesmo que agora o máximo que ele poderia fazer fosse ter um surto, eu não sabia as consequências que isso poderia gerar, ainda mais instável como ele estava. Risco nº 2: ouvir um imenso “por que eu estaria observando você?” ou pior “por que eu ligaria para você?”.

Eu não sabia qual me assustava mais.

Fiquei sentada, lendo e tentando evitar olhar para a pessoa que estava ali. Enquanto o tempo passava, eu pude ver as pessoas passando. Vi Letícia com uma fantasia de Chapeuzinho Vermelho; ela pegou uma água e saiu. Marcelo, vestido de zumbi, estava

acompanhado de Olivia, vestida de Cleópatra, e Lucrecia, de Mulher-Gato. Os três riam bastante. Marcelo tinha ficado com muitas garotas durante nossa estadia ali, e nós estávamos no segundo dia. Eu ficava feliz por ele ter se afastado de Vivian, mas triste em saber que a próxima poderia sofrer algo pior do que ela.

Quando eu já estava pensando em voltar para o meu quarto, já havia comido mais do que deveria e queria descansar, Helena veio na minha direção.

– Ricardo está insuportável com o novo jogo que descobriu.
– ela disse, sentando-se ao meu lado. – Ele não me deixa nem tentar.

– Calma, ele sempre fica assim, daqui a pouco passa. – eu ri, já tinha ouvido aquilo um milhão de vezes.

– Como está sua noite? – ela perguntou.

– Eu estou tentando não pensar que aquele homem de máscara lá do outro lado é o Leo. – eu dei de ombros. – Mas está tudo tranquilo.

– Não é não, o Leo estava na pista de dança com Nicole. Ele está com aquela máscara de jogos mortais. – Helena me alertou. – Estão dançando bem juntos. Eu não vi o rosto dele, mas pela intimidade com Nicole, só pode ser Leonardo.

Eu senti meu estômago se embrulhar, respirei fundo e olhei para o homem que estava me observando.

– Então quem é aquele cara? – eu me perguntei em voz alta.

– Esquece isso, vamos para o quarto assistir a um filme? – ela me olhou com um olhar de pedinte eu não pude resistir.

Quando estávamos próximas de sair do lugar, vimos Vivian em nossa direção. Ela estava correndo, então nos apressamos para perto dela, que entrou na parte fechada, e disse rápido.

– Precisamos ir para o quarto. – ela ofegava.

Nós começamos a andar na direção do nosso quarto de forma muito rápida. Eu estava realmente apreensiva, e Vivian parecia assustada demais. Quando estávamos passando bem próximo da festa, ela apertou o passo, mas não sem antes ouvirmos uma voz:

– VIVIAN, VOLTA AQUI! – Marcelo bradava.

Ela fez exatamente o contrário e começou a correr. Helena e eu fomos atrás. Eu odiava o fato de estar de salto, parecia que Vivian também. Corremos o possível, contudo, Marcelo foi mais rápido e nos alcançou. Ele pegou Vivian pelo braço e a puxou. Ela se debateu, e ele deu um tapa em seu rosto. O ódio me consumiu: eu pulei em cima dele e o empurrei com força colocando-me na frente dele e de Vivian. Marcelo veio em nossa direção novamente, e eu desferi um soco nele, mas ele segurou minha mão, e torceu meu braço; por fim, me empurrou com facilidade, fazendo-me cair no chão. Mais uma vez pegou Vivian, agora com mais raiva.

– Você já está com aquele idiota? – ele disse gritando mais uma vez. A essa altura, algumas pessoas já chegavam perto para saber o que estava acontecendo.

– Marcelo, me solta. – Vivian disse com medo, eu podia vê-la chorando. – Você queria estar solteiro na viagem, não foi?

– E você adorou! Já se jogou no primeiro que apareceu.

– Deixe-a em paz. – Vitor apareceu. Ele teve de transpor algumas pessoas para poder chegar. Cada vez mais, a festa se

deslocava até ali para assistir à briga.

– Você que deveria deixar a minha namorada em paz. – Marcelo soltou Vivian e se voltou para ele.

Vivian veio até mim e Helena, eu já estava de pé novamente e a abracei fortemente.

– Marcelo, ela não é sua namorada. Agora pare com isso ou eu... – ele reprimiu o que ia dizer.

– Vai me prender, policial? – Marcelo disse rindo. – Você vai sair de perto de Vivian isso sim!

– Só vou sair se ela quiser, e não acho que ela queira.

Aquilo foi o suficiente para Marcelo ir para cima de Vitor. Os dois trocaram socos intensos, e era difícil saber quem ganharia, apesar da vantagem de Vitor. Vivian se aninhou no meu ombro e não olhou para o que acontecia. Fiquei imaginando se eu estivesse no lugar dela, e ali fossem Gustavo e Leonardo. Eu também não assistiria.

Após uma fração de segundo, quando Marcelo desferiu um golpe em seu oponente, Vitor o acertou na costela e deu início a uma sequência de socos, primeiro no queixo e depois dois no rosto. Marcelo cambaleou tonto para trás e Vitor o imobilizou, jogando-o no chão, e colocando algemas em suas mãos. Ele realmente estava bem equipado. Ele disse algo que eu não compreendi da distância em que estávamos e Marcelo riu de escárnio.

Nesse momento alguns monitores chegaram e pareceram muito nervosos. Eu pude ver, junto deles, Nicole, os colegas de Vitor e o homem da máscara de Jogos Mortais, Leonardo. Os monitores pediram que Marcelo, Vitor e Vivian os acompanhassem. Eu ia pedir para ir junto, mas Helena se ofereceu antes de mim e não deixaram

que ela fosse. Eu os acompanhei com o olhar até que passassem por todos que estavam assistindo à confusão.

Foi aí que tudo deu errado. Quase 400 pessoas formavam um círculo e eu comecei a tremer, e por todos os lados estava cercada. Os hóspedes do resort faziam um círculo onde havia acontecido a confusão, e eu não podia sair dali; minha mente começou a embaralhar as coisas, minha respiração foi ficando ofegante, e eu paralisei. Helena tentou dizer algo para mim, mas eu não ouvi. Os sons que eu ouvia eram do meu próprio coração batendo e a música que ainda tocava na festa ao longe. Cada vez mais alto, cada vez me deixando mais confusa. Eu buscava por uma saída, mas não havia; as pessoas estavam conversando e não dispersavam da multidão ali presente. Eu comecei a ficar perdida, tonta e sentia meu corpo tremer.

Quando pensei que desmaiaria, senti alguém me segurar e me pegar no colo. Quando procurei por quem estava fazendo aquilo, vi apenas a máscara de V de vingança. O estranho que me encarou durante a noite estava me levando daquele lugar e, por mais que eu quisesse protestar, eu não conseguia. Sequer conseguia sentir o ar entrando nos pulmões, parecia que minha respiração não concluía seu processo natural. Eu me agarrei àquela pessoa, e esperei desesperadamente que ele me levasse a um lugar seguro.

Quando menos podia esperar, estava entrando em um quarto. Era difícil saber de quem, mas aquele era bem mais arrumado do que o meu próprio. O homem me soltou perto da cama e me ajudou a me sentar. Ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Eu ainda estava me sentindo perdida, confusa, e era difícil

respirar. Mas eu me desvinculei de suas mãos e, tremendo, levantei sua máscara.

Leonardo me olhava preocupado, a mesma expressão da primeira vez que eu tive uma crise ao lado dele. Ele pousou as mãos na minha cintura e me aproximou dele. Eu, com um movimento quase intuitivo, voltei ao seu colo, só que dessa vez de frente para ele. Eu o abracei e pude sentir suas mãos repousadas nas minhas costas, e ele repetia as mesmas coisas que me disse da última vez, mas agora tudo era diferente. Eu e ele tínhamos uma intimidade e proximidade, que era indescritível.

O toque dele não era mais tímido, era vivo. A apreensão dele ainda era a mesma, mas agora muito mais demonstrada. O que antes era uma paixão velada, agora era um amor inebriante. A minha vontade de estar naquele abraço e de não sair mais, era maior que tudo. Eu só queria sentir ele perto de mim o resto da minha vida. Poder sentir-me segura, amada, desejada, como só ele podia fazer. Queria poder amá-lo até que meu coração parasse de bater. Eu queria mais dele.

– Vai ficar tudo bem, minha Lice. – ele dizia enquanto distribuía beijos no meu pescoço e ombro. – Eu te amo. Eu te amo. Por favor, fica bem.

Eu aos poucos fui conseguindo me acalmar, mas todo o estresse dos últimos dias e mais aquele episódio que acabara de acontecer ... aquilo me consumiu. Depois de algum tempo, novamente eu não sabia dizer quanto, eu estava calma novamente, mas não queria sair daquele momento.

– Eu te amo. – ele disse pela milésima vez.

– Eu também te amo. – eu disse entrelaçando mais nossos corpos.

– Como você está? – ele perguntou sem me soltar.

– Bem, graças a você. – eu sorri e o beijei na nuca. – Disseram-me que você estava de Jigsaw, é seu filme favorito, eu não duvidei.

– Não, é minha série de filmes favorita. Meu filme favorito é V de Vingança. – ele disse sorrindo. – Eu vou te contar tudo agora que o plano deu errado.

Eu me afastei dele levemente e ele protestou. Eu sorri, mas preferia olhar diretamente para ele.

– Por onde eu começo? – ele coçou a cabeça e parecia realmente confuso por onde começar. – Bem, Nicole, Vitor e os outros vestidos de policiais são realmente policiais.

– O que? – eu disse alarmada.

– Esse era o plano. Eu entrei em contato com Nicole, ela estudou comigo durante o Ensino Médio e hoje é delegada especialista em crimes cibernéticos. Eu contei-lhe tudo que Gustavo fez: desde o quase acidente contigo, ao te empurrar, e a instabilidade emocional dele desde então; de dopar você, ser agressivo na formatura, aparecer na sua festa, colocar algo na minha bebida para evitar que conversássemos, as fotos...

– E então eles apareceram aqui. – eu constatei.

– Isso mesmo. – ele continuou. – A ideia era fazer uma emboscada e pegá-lo sem que pudesse esperar. A primeira etapa era fazer com que ele pensasse que você não estava comigo e, assim, ele não exporia nada durante nossa estadia aqui.

– Por isso você... – eu não completei.

– Eu não podia te contar, você tinha que acreditar. Eu pensei em conversar com você, terminar, então eu evitei ao máximo que você visse antes disso. Mas você descobriu e ficou com ele.

– Eu errei, e muito.

– Não! – ele acariciou meu rosto. – Foi perfeito no fim das contas, ele estava bem e seguro de que tínhamos terminado. Tivemos tempo de fazer o restante do plano. Hoje à noite, durante a festa, Nicole ia dar a ele voz de prisão. Ao mesmo tempo, o computador dele ia ser apreendido lá na nossa cidade. Estava projetado para depois da premiação de melhor fantasia, eles iriam encurralar Gustavo e levá-lo sem alarde.

– Mas aí, Marcelo estragou tudo. – eu comentei.

– Vitor está gostando de Vivian, acabou beijando-a e Marcelo viu. Primeiro eles brigaram e então, você sabe o resto.

– E Gustavo? – eu perguntei

– Ele estava na sala de jogos, nem foi acompanhar a confusão. – Leonardo esclareceu. – Nós fizemos um sócio para mim, Gustavo não suspeitaria de que eu estava perto de você. Assim que ele fosse conduzido, eu seria avisado e eu e você íamos até a delegacia prestar depoimento e relatar o que aconteceu.

– Agora estamos sem planos então.

– Temos de esperar pelo menos até amanhã para saber o que estará resolvido. Acho que o disfarce deles está mantido, mas não sei como faremos com que ele seja preso sem causar o mesmo alarme que foi hoje.

Eu respirei fundo e fechei os olhos. Aquilo quase tinha terminado de forma definitiva. Contei a Leonardo o meu lado da história. A invasão dos quartos, a destruição dos pen drives.

– Você destruiu as provas? – ele perguntou atônito. Ele levou as mãos no rosto em desespero.

– Gustavo não pode me ameaçar se não há fotos. – eu disse firme. – E, além do mais, nós temos o envelope e o bilhete, além do nosso testemunho.

– Você não podia ter feito isso, Alice. – ele bufou.

– Pois eu fiz e faria novamente, eu estou livre agora. – eu me afastei dele por completo e me levantei da cama.

– Ei, tudo bem. Me desculpa, eu só tenho medo de eles não prenderem Gustavo só com as provas que temos.

Ele se levantou e pegou minhas mãos, um arrepio percorreu meu corpo, o mesmo que eu senti em todos os nossos toques desde a primeira vez que minha pele encontrou a dele.

– Eu não quero mais ter que ficar longe de você ou com medo de um louco te machucar.

Eu sorri e corei. Era incrível o quanto ele poderia ser o cara mais delicado e fofo de todo o mundo. Eu segurei seu rosto e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo. Eu envolvi nossos lábios, e só então senti o quanto ficar longe fazia-me mal. Então Leo me pegou no colo e sentou-se na cama; toda a saudade, o medo, a raiva e o amor depositados em um beijo. Ele me segurava com cada vez mais fervor. Eu estava desesperada em tentar unir mais e mais os nossos corpos. Nossos lábios se encontravam e pediam pelo outro cada vez mais, nossos corpos ferviam. Eu estava pronta e eu o queria, queria com todas as minhas forças, queria como um faminto quer comida, como um nadador busca o ar nos momentos fora d'água. E comecei a desabotoar a camisa dele; ele procurava o zíper do meu vestido.

Aquilo parecia uma droga em que eu era viciada. Estar com ele era meu momento de êxtase. Eu sentia-me completa, feliz e em paz. A sua mão passeando pelo meu corpo, sedento por mais de mim, motivava a continuar me envolvendo mais em seus braços, e em seu amor. Leonardo e eu estávamos perdendo o controle que havíamos tido até então. Ele me deitou em sua cama e se deitou junto a mim. Nossos beijos, cada vez mais acalorados ... eu estava cada vez mais perdida e desejosa por aquilo.

A luz da lua invadia o quarto e testemunhava aqueles segundos em que vivíamos o nosso amor em sua plenitude. Não havia nada que eu quisesse mais no mundo do que estar ali.

– Eu não estou arrependida. – falei entre os beijos. – Nunca me arrependi ou vou me arrepender.

– Eu sei que não. – ele me envolveu mais, parecia realmente saber, mas estava feliz em ouvir.

Nossos corpos se uniram e nos tornamos um só. Nosso amor se concretizou e me completou. Quando não havia mais volta, quando terminamos aquele momento, eu me aninhei em seus braços e o ouvi sussurrar no meu ouvido:

– Promete que não vai mais embora. – ele disse, enquanto acariciava meu rosto. Eu podia ver o seu desejo. Eu podia sentir nossa pele como febre, queimando. – Promete que vai ser só minha.

– Eu sou só sua. Para sempre.

Capítulo 19

Inegável

21 de dezembro – sábado.

Eu acordei sentindo o movimento de alguém ao meu lado. Leonardo me abraçou por trás e eu me aninhei ao seu corpo. Quando abri os olhos, a visão da cortina oscilando com a brisa da manhã, e a vista da piscina fizeram-me ficar animada.

Eu virei e olhei para Leo: ele estava dormindo pesadamente, e eu acariciei sua face. Leo aos poucos foi abrindo os olhos e, ao me ver, sorriu lindamente.

– Bom dia, princesa. – ele falou beijando-me. – É maravilhoso acordar ao seu lado.

– Eu concordo. – disse correspondendo aos seus carinhos.
– Mas precisamos ir, vão sentir falta de nós no café da manhã.

Ele resmungou de leve e eu sorri. Levantei-me e coloquei minha roupa, a fantasia que eu havia usado. Então percebi que teria de ir para o quarto e tomar um banho, precisava saber sobre Vivian, e Helena deveria estar preocupada.

Ajeitei-me o mais rápido que pude, e fui me despedir de Leonardo. Dei-lhe um beijo longo e o abracei com força; agora que havíamos rompido todas as barreiras, parecia que minha vontade de estar com ele só aumentava.

– Te vejo no café? – perguntei já quase na porta indo embora.

– Lixe, as coisas não mudaram. – Leo falou com pesar. – Temos que dar um jeito em Gustavo primeiro. Ele não pode nem

sonhar que essa noite aconteceu, não sabemos se ele tem mais cúmplices ou se mais fotos espalhadas.

Eu assenti, com pesar. Queria poder sair por aí de mãos dadas com Leonardo, gritar ao mundo que estávamos juntos e tínhamos nos acertado. Mas nada disso realmente aconteceria. Não tão cedo.

– Você ainda vai ficar andando de mãos dadas pelo resort?

– perguntei sem olhar para ele, já pronta para sair.

Ele me abraçou por trás e beijou meu pescoço. Eu não pude evitar querer mais daquele momento.

– Tenho uma coisa para você. – Leo disse, já colocando um colar no meu pescoço. – Eu soube que você gostou, queria que fosse seu.

O colar de âncora que eu havia visto na loja do resort agora repousava no meu pescoço. A sensação de tê-lo ali, e ainda colocado por Leo, era indescritível.

– Lembre-se do que aconteceu essa noite, e de que você é a dona do meu coração. – ele disse entre os beijos. – Eu faria qualquer coisa no mundo para ter você, meu bem, qualquer coisa para que fiquemos juntos.

Eu sorri confiante e saí pela porta, sentindo-me a mulher mais amada do mundo. A felicidade transbordava do meu peito, e eu tinha de me segurar para não dar saltos enquanto caminhava.



Quando eu cheguei ao café da manhã, a maior parte das pessoas já havia terminado. Eu tratei de arrumar rápido o meu prato e seguir para a mesa habitual. Helena estava de pé, esperando por

mim um pouco antes de eu chegar. Ela parecia preocupada, o que me fez me apressar ainda mais.

– Como você está? – ela perguntou, dando-me um abraço. – Leonardo disse que era ele naquela fantasia, que cuidaria de você ... levou você embora, e eu fiquei sem notícias.

– Deu tudo certo, eu estou bem. – falei sorrindo para ela. – Tenho muito para te contar.

– Vocês dois não... – ela não completou.

– Sim. – eu respondi vermelha.

Continuei andando antes que ela dissesse algo, e me sentei ao lado de Vivian. Ela parecia bem abalada com o que havia acontecido na noite anterior. Helena me acompanhou e se sentou ao meu lado, mas eu não dei a oportunidade de ela dizer nada.

– Como você está? – eu perguntei para Vivian.

– É difícil dizer. – ela respondeu. – Eu não estou feliz como as coisas terminaram, com as atitudes de Marcelo, de ele ter sido preso. E a essa altura você já sabe sobre Vitor?

– Sim. – confirmei pesarosa.

– Fico feliz de ele ter estado aqui para ajudar minha amiga, mas senti-me um tanto usada. Ele estava próximo de mim só por sua causa.

– Talvez não, Vivian, talvez no início, mas ele estava com você em vários momentos em que eu não estava perto. Com certeza não é só por isso.

Ela deu de ombros e continuou brincando com a comida que restava no seu prato.

– Ficamos até às 3h da manhã na delegacia, mas eu não quis ouvir o que ele tinha para dizer. – ela disse triste.

Eu não sabia muito bem como consolá-la, então procurei o olhar de Helena, mas ela olhava para cima de mim.

– Posso falar com você, Alice? – Gustavo disse atrás de mim.

Eu me levantei rápido e engoli seco. Virei-me para ele e esperei o que ele tinha para falar, mas ele apenas estendeu a mão.

– Vem comigo. – ele parecia muito mal, como se não tivesse dormido. – Precisamos conversar.

Eu segurei a mão dele e o segui. Não sem antes olhar para trás e arregalar os olhos para Helena, que assentiu, entendendo o que eu queria dizer. Eu tinha medo do que poderia acontecer se eu fosse com ele sozinha, então eu precisava que alguém nos acompanhasse.

Gustavo me guiou entre a piscina, até os quartos e depois para a piscina novamente. O jeito que andávamos deixava claro que ele queria despistar qualquer um que estivesse nos seguindo, o que estava me deixando nervosa.

– Aonde vamos? – perguntei no meio do caminho. Eu tentei desvencilhar nossas mãos, mas não consegui.

– Você já vai descobrir. – ele apertou o passo.

– Gustavo, eu não quero mais ir, me solta. – eu pedi. Travei os pés e puxei forte minha mão. Eu quase caí quando ele parou de me segurar, mas pelo menos eu estava livre.

– Alice, pare de reclamar e venha agora. – ele estendeu as mãos mais uma vez, mas eu neguei.

Ele veio na minha direção e eu tentei correr, mas não consegui. Ele me pegou pela cintura e me jogou sobre seu ombro.

Fiquei impedida de colocar meus pés no chão e ele continuou a andar.

– Me solta, eu vou gritar. – eu disse já bem alto.

– Não ligo. – ele disse sério.

Eu me debatia e gritava o mais alto que eu podia, mas Gustavo realmente não se importava. Eu não conseguia enxergar mais para onde estávamos indo, mas eu pude ver que o chão perdeu o piso e começou a ser areia. Estávamos na praia.

Gustavo caminhou até a água e o meu desespero aumentou, com vontade de chorar e de correr, mas nada que eu fazia era o suficiente. Quando ele me soltou, foi dentro de um pequeno barco. Gustavo me colocou sentada ali e me prendeu com uma corda.

– Assim você não vai fugir.

Ele empurrou o barco e depois pulou para a parte de dentro. Remou por algum tempo e eu só conseguia chorar.

– Você não vê que isso é para o seu bem? – ele disse com raiva. – Eu preciso te tirar de perto daquele homem, preciso que ele pague pelo que está fazendo.

– E o que ele está fazendo, Gustavo? – eu perguntei.

– Ele está manipulando você, como faz com todas as pessoas que aparecem na vida dele. Ele é louco.

– Ele nunca me sequestrou e me botou em um barco. – eu disse com raiva.

– Mas ele te levou para a cama, em um momento que você estava desestabilizada emocionalmente. Ele está se aproveitando de você. – ele parecia se referir ao que acontecera na noite anterior,

mas não havia como ele saber. – Sim, eu o vi levando você da festa, eu segui vocês e bem...

– É sério isso? Você me seguiu até lá e ficou observando o que faríamos? – eu perguntei rindo. – Eu estava ali porque quis aquilo, eu queria há muito tempo, e já teria acontecido se Leonardo não dissesse para esperarmos. Não estava com ele porque fui obrigada, diferente de agora.

– Nós chegamos, por favor, se comporte. – ele disse, e não parecia ter me ouvido.

Então fui solta, mas ele segurou-me em seus braços, ergueu-me e eu senti uma outra pessoa me segurar, e me puxar para dentro do barco. Quando eu me estabeleci, pude ver o rosto de quem era. Letícia sorria timidamente para mim.

– Você também faz parte disso. – eu constatei sem poder crer.

– Alice, quando você ouvir o que Gustavo tem para dizer, você vai agradecer por estarmos fazendo isso. – ela disse, ajudando Gustavo a subir.

Pensei em me jogar do barco e nadar até a costa, mas Gustavo sempre nadou muito melhor que eu e a distância até a costa era impossível de ser vencida rapidamente para um elemento surpresa me dar a vantagem necessária.

– Vamos sair daqui antes que algo dê errado. – Gustavo disse, entrando para o barco adentro. Poucos segundos depois, o deu partida e ele retornou.

– Alice, você precisa ouvir, ok? – Letícia falou. – Leonardo é um cara realmente ruim, você tem que se afastar dele.

– E por que vocês dois não podem só conversar comigo sobre isso sem ter que me sequestrar?

– Ele não vai deixar que nós conversemos com você. Ele estava por perto em todos os momentos, ele ou os cúmplices. – Gustavo respondeu. – Marcelo pediu para que me avisassem sobre Vitor e a turma dele, agora sei por que eles estavam sempre por perto.

– Por que não me contou quando estávamos sozinhos? – eu perguntei, me referindo ao meu plano de invadir o quarto dele.

– Eu estava disperso. Achei que você e eu...

– Nunca! – cortei a fala dele.

Gustavo olhou com pesar para baixo. Letícia pareceu incomodada. Eu não conseguia mais sentir nenhum sentimento bom por eles, apenas raiva, e mais raiva.

– Eu resolvi pedir ajuda a minha tia, contei-lhe que você e Leonardo estavam juntos. Ela pediu-me para alertar você naquele dia, se lembra? Você precisa saber do que Leonardo é capaz. Ela me contou coisas, me deu provas. Eu vou enviar para a polícia quando estivermos longe o suficiente. E o mais importante: vou mostrar para você tudo que aconteceu, você vai mudar de ideia.

– E vai ser isso? – perguntei. – Acha que eu vou te amar depois de saber seja lá o que for sobre Leonardo?

– Eu não me importo se você vai querer ou não ficar comigo, mas eu vou tirar Leonardo do seu caminho de uma vez por todas e, depois você pode voltar para a sua vida.

– Vai ficar tudo bem, Alice, você vai ver. – Letícia disse.

Um barulho começou a se aproximar de nós e ficava cada vez mais alto. Olhei para o lado e pude ver um barco se

aproximando, que era exatamente igual ao que estávamos naquele momento; ele se aproximava e a esperança me encheu o peito. Se Helena tivesse transmitido a mensagem a tempo, alguém já teria nos visto entrar no barco e vindo atrás de nós. Eu nunca pensei que ficaria feliz em ver Nicole, mas se ela tivesse naquele barco, eu ia ficar extasiada.

– Ele chegou. – Gustavo disse tranquilo. Ele pegou uma mochila e entregou à Letícia, e depois colocou outra nas costas. – Contratei outro barco e vai ser nossa passagem para onde precisamos ir. Caso venham atrás de nós, vão achar esse barco aqui bem antes do próximo e ganharemos tempo suficiente para fugir.

A decepção era visível no meu rosto. As palavras de Gustavo pareciam me dar um soco. Eu estava perdida, não havia saída. Estávamos longe da costa, eu não conseguia ver nada além de céu e mar.

– Gustavo, por favor. – eu disse nervosa. – Você nunca foi assim, por favor.

Ele não parecia comovido, nem pensativo. Ele não ia voltar atrás, não ia desistir.

– Não se humilhe, Alice, não é necessário. Agora vamos. – Gustavo começou a vir na minha direção.

Considerarei minhas opções:

Opção número 1 – Ir com ele até não sei onde, e esperar para ver o que aconteceria.

Opção número 2 – Pular do barco, talvez ser pega por Gustavo, mas atrasar o processo ao máximo que eu poderia, talvez dando tempo para alguém nos alcançar antes da troca de barcos.

Não foi uma decisão difícil. Impulsionei-me o máximo que podia e pulei. Os meus braços remavam o mais forte que eu podia, minhas pernas nunca haviam tido tanta velocidade.

Eu não sabia ao certo mais onde era a praia mais próxima, nem o que eu estava fazendo, mas eu tomava mais distância a cada segundo. O medo de Gustavo estar em meu encalço fazia-me ter mais vontade de nadar. Senti alguém segurar meu tornozelo e me puxar. Junto com a dor, fui jogada para trás e afundei. Uma câimbra me atingiu e eu soltei o ar abruptamente com a dor. Eu não conseguia subir novamente, meu pé forçava um movimento contrário e meu tornozelo não se mexia.

Então Gustavo mergulhou e me ajudou a subir até à superfície. Peguei todo o ar que pude e rapidamente tentei me soltar dos braços do meu ex-namorado, mas não consegui, pois ele me prendia e eu não conseguia me mover sem ele.

– O que você está pensando, Alice? – ele perguntou. Ele parecia realmente preocupado, mas aquilo não me comoveu.

– Eu estou pensando em ir para o mais longe possível de você. – eu respondi com raiva, ainda tentando me desvencilhar.

– Ele não é quem você pensa. – ele disse me apertando. – Por favor, me escuta.

– Você que não é quem eu pensava. Tudo que você fez, Gustavo. Tudo que você está fazendo! Não enxerga que isso é uma doença?

– Você se lembra de quando eu te contei que Leonardo já havia sido casado com a minha tia? – ele me perguntou. Eu assenti relutante. – Eu te disse que ele era manipulador, mas agora eu

posso provar para você. Só preciso que você me siga e me deixe acabar com isso. Por favor, você precisa confiar em mim.

– Confiar em você? – eu ri. – Eu vou com você, não tenho outra escolha. Mas nunca mais vou confiar em você.

Nós fomos juntos até ao barco. Ele me conduziu, mas nem se eu quisesse poderia ir sozinha com a dor no tornozelo que estava sentindo. Quando eu subi, mais uma vez com a ajuda de Letícia, o desespero tomava conta de mim.

Eu não conseguia mexer o pé e a menor menção em encostá-lo no chão fazia com que eu quisesse chorar. A dor era muito forte. Eu não conseguiria sair dali. A derrota era certa. Estava apavorada sobre o que Gustavo tentasse mostrar; por mais provas que ele tivesse ou qualquer outra coisa que ele tentasse me fazer engolir, eu não acreditaria. Leonardo sempre fora um homem maravilhoso, alguém que estava presente em todos os momentos, sempre me protegendo e amparando. Eu havia errado quando voltei com Gustavo para fazer raiva nele, quando tudo que ele queria era estar ao meu lado.

Enquanto pensava nisso, Gustavo subiu no barco, pegou as mochilas e ajudou-me a andar até a outra embarcação, que estava encostada e esperando por nós. A dor era incessante, eu não conseguia tocar o chão, dependia dele totalmente para ficar em pé e andar. Ele passou e Letícia, que nos seguia de perto, ajudou-me na troca de barcos, e entrou por último naquele que seria talvez a conclusão do plano de Gustavo. Ele me segurou pela cintura, e eu olhei em seus olhos. Minha expressão era de dor, e eu podia vê-lo preocupado comigo, o que me era imensamente confuso. Eu olhei

novamente, agora pedindo-lhe clemência, ajuda, quase implorando para que ele voltasse atrás.

– Ainda podemos voltar. – eu disse.

O desespero era tão grande e a dor tão presente, que as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Eu não conseguia mais me manter firme, ou ao menos de pé.

– PARADOS! – eu ouvi uma voz gritando. – Não há saída!

Gustavo me segurou mais forte e me puxou para sua frente. Eu apoiei o pé no chão para não cair e gemi de dor. Não consegui perceber o que estava acontecendo.

Policiais saíam de dentro do barco que estávamos há poucos segundos e do barco em que pisávamos naquele momento. Estávamos completamente cercados. Eu podia ver Helena e Leonardo saindo depois de todos os agentes, ambos com expressões de preocupação. Nunca pensei que ficaria tão feliz em vê-los, e que seria tão desesperador não poder correr em suas direções, seja pelo aperto de Gustavo ou pelo meu calcanhar que não estava funcionando.

– Entregue a menina e ponha as mãos para cima. – Nicole disse na nossa frente.

– Ou o que? – Gustavo respondeu. – Vão atirar nela e em mim?

– Gustavo, ela não está brincando. Larga a Alice, agora. – Leonardo falou.

Nicole olhou para ele em desaprovação, mas rapidamente voltou o olhar para mim e Gustavo. Eu não conseguia me desvencilhar, e ele me prendia mais a cada momento.

– Gustavo, faz o que eles estão pedindo. – disse baixo. – Eu digo para eles que vim porque quis. Você não vai ser preso, nem nada do tipo. Por favor, me solta. Vamos acabar com isso.

– Alice, você sabe que não é assim que funciona. – ele afirmou, apertando mais meu braço. Eu já sentia doer. – Eu não vou perder para Leonardo, não vou deixá-lo sair como herói dessa história.

– Por que toda essa rivalidade com Leonardo, Gustavo? Por que essa necessidade de o destruir?

– Quando eu voltei do intercâmbio, eu descobri que ele havia se separado da minha tia e o que ele fez com ela. Eu quis acabar com ele, quis fazer ele se sentir como ela estava se sentindo.

Eu passei a segui-lo e o vi atrás de você, sempre indo até à escola de Laura, nos dias em que você estava lá. Você acha que ele fazia isso só pela filha dele? Você sabe que não. – ele parecia com raiva por reviver tudo aquilo. – Ele queria tirar a Laura da escola dos seus pais até antes de se separar e depois, passou magicamente a gostar demais de lá, um lugar perfeito para Laura. Eu liguei os pontos, só podia ser você. Então, eu deduzi que se ele queria você, não teria. Passei a cortejar você e a estar com você, tudo para impedir que acabasse conhecendo-o e se apaixonasse.

– Eu não acredito. – estava realmente perplexa.

Ele havia mudado depois do intercâmbio, havia começado a dar em cima de mim, eu ainda não sabia o motivo. Mas ele usou a melhor amiga dele de infância para planejar uma vingança contra o tio dele?

– Eu não queria usar você, eu sei que foi o que eu fiz, mas eu não queria isso. Você sempre foi minha melhor amiga, mas eu só queria que ele não conseguisse o que desejava. Eu amo você, você sempre esteve do meu lado, foi uma decisão muito difícil escolher entre a minha raiva e minha melhor amiga, mas eu não achei que as coisas tomariam o rumo que tomaram.

– Você chama de amor tudo isso que você fez? Você podia até querer me proteger no início, mas e agora?

– Eu queria o melhor para você, sim, e acabei perdendo o controle da situação. Meu plano era me apaixonar por você de verdade, mas eu sinto te dizer isso, eu acabei me envolvendo com Letícia, ela sempre soube do plano.

– Letícia? – falei atônita. – Vocês estão esse tempo todo juntos, e ela acha normal você fazer isso com uma amiga dela?

– Alice, ela me apoiou. Ela ficou do meu lado desde o início, e está disposta a estar até o final. Nós estávamos apaixonados, ainda estamos. – e parecia triste de dizer aquilo, pois sabia que as coisas não terminariam bem para eles.

– Apaixonados? – eu perguntei séria. – Não é possível que chama isso de se apaixonar. Quando você se apaixona, não há nada maior no mundo. Mas parece que seu ódio por Leonardo sempre foi maior que tudo.

– Pode acreditar ou não em mim, Alice, eu não ligo. – Gustavo respirou fundo. – No final, eu estava certo, era você que ele queria esse tempo todo. Então eu avisei sobre quem ele era, fiz de tudo para ser para você alguém que amasse, para que você não olhasse para ele. Mas não foi o suficiente. Você mesmo assim o quis, se apaixonou por ele.

– Não podemos escolher essas coisas, não posso querer me apaixonar por alguém e isso funcionar! – eu exclamei.

– Agora estamos aqui, fiz coisas das quais não me orgulho, tomei decisões e ações que vão me ferrar agora, mas meu único arrependimento não vai ser levar ele comigo para a cadeia. Quando eu via que meu plano estava dando errado, que você se aproximava cada vez mais de Leo, eu só desejava mais que ele perdesse o que ele desejava. Olha onde isso nos levou...

– Você está ficando louco, Gustavo. – eu constatei. – Só pode ser isso.

– Não importa mais, Alice. É o fim, então vamos para a cartada final.

Ele me pegou no colo, a movimentação me fez grunhir de dor. Gustavo começou a caminhar de costas. Indo até o outro barco novamente. Eu achei que ele ia tentar uma fuga ou algo do tipo, mas ele se pôs entre os dois barcos e me colocou no meio, abaixo de mim, o oceano. Eu tremia e me agarrava a Gustavo. Ele podia me soltar e eu cairia para o mar sem escolhas ou protestos.

– Eu quero que vocês deixem a gente ir. – Gustavo gritou para os policiais.

– Gustavo, nós não vamos negociar. – Nicole exclamou.

Gustavo deu de ombros.

– Ele não vai ficar com você. – Gustavo disse firmemente. – Se você não vai me escolher, não tenho outra escolha.

– Gu, me escuta. Me deixa ir, a gente vai dar um jeito. – eu disse chorando. – Eu digo para eles que foi um mal-entendido. Nunca mais vejo Leo, o resto da minha vida. Faço o que você quiser.

– Acabou, Alice. Perdoa-me por tudo o que eu fiz, mas acabou. – Ele respirou fundo e, quando soltou o ar, soltou também o meu corpo.

Eu tentei me segurar, tentei manter meu corpo preso ao dele apenas com os meus braços, mas não era possível. Eu caí. Eu atingi a água como quem bate no asfalto. Comecei a afundar, tentei nadar, mas mexer o meu pé me causava dor demais. Tentei boiar, mas já estava fundo demais. Puxava a massa de água com as mãos, mas não era o suficiente. Como a âncora do meu colar, eu afundei.

Quando pensei em desistir, não via mais chances, vi alguém nadando em minha direção. Leonardo havia pulado na água e vinha rápido, mas meu corpo não me respondia mais, o oxigênio estava acabando, eu estava sendo puxada com velocidade. Ele tocou minha mão, mas não houve o que pudesse fazer.

Apaguei.



Gostaria de dizer que acordei de um sonho, mas foi um grande pesadelo. Eu podia ouvir tiros, gritos. Por vezes não podia respirar, por outras não podia sentir. Eu travava uma batalha, uma batalha silenciosa comigo mesma, como se algo me impedisse de falar, de me mexer. Constantemente deitada. Eu via Leonardo, meus pais, Helena, Vivian. Todos eles falam palavras de incentivo, todos seguravam minhas mãos.

– Eu te amo. – todos eles repetiam. – Você vai ficar bem.

A primeira vez que abri os olhos era noite, minha mãe estava ao meu lado, meu pai dormia no sofá. Ela parecia não dormir

há dias, mas não tirava os olhos de mim. Na segunda, Leonardo acariciava meu rosto; ele tentava não chorar, mas era em vão. Repetia que a culpa era dele; na terceira, Helena e Vivian pintavam minhas unhas, ambas pareciam confiantes, mas dava para ver que não estavam na maior animação do mundo.

Na quarta, minha mãe disse, que se eu estivesse ouvindo, eu mexesse qualquer parte do meu corpo...tentei pegar sua mão, mas só consegui levantar dois dedos, e ela comemorou como se fosse um gol. Na quinta e nas vezes depois dessa, eu ficava cada vez mais tempo observando o que acontecia. Consequia sorrir, levantar levemente a mão, mexer o pé esquerdo, o direito parecia preso. Em alguns momentos, não havia familiares perto de mim, apenas médicos, enfermeiros e fisioterapeutas. Eles examinavam, cuidavam e mexiam em mim, sem que eu pudesse controlar nada.

Em uma noite, Leonardo conseguiu convencer meus pais a irem dormir em casa e ficar comigo. Ele estava destruído, não lembrava nem um pouco o homem sedutor e perfeito de sempre, mas cansado, sem cortar o cabelo ou fazer barba. Mesmo assim, era o homem mais lindo do mundo e ainda fazia meus batimentos cardíacos acelerarem quando chegava perto. Eu não queria dormir quando ele estava comigo, só queria aproveitar cada segundo com ele.

Leonardo se sentou ao meu lado e pegou minha mão. Um choque percorreu meu corpo, e eu olhei para ele. Ele também sentiu aquilo.

– Eu te amo. – ele disse. Parecia tão em transe, tão cansado, mas muito feliz.

– Amo – eu consegui dizer.

Ele olhou assustado, se inclinou para mais perto de mim. Seus olhos brilhavam.

– Lize, o que você disse? – Leonardo perguntou ansioso.

– Te amo. – falei o mais confiante que eu podia.

No meu último dia no hospital, fui para casa com muitas dificuldades de locomoção e um tornozelo em recuperação. Eu não tinha tido coragem de perguntar o que havia acontecido, o ou que aconteceu depois. Quando eu me sentei na minha cama, e olhei para as pessoas no meu quarto, não havia ninguém mais que eu poderia querer ali. Meus pais, avós, amigas e Leonardo.

Eles me contaram coisas superficiais, novidades sobre jogos, campeonatos, notícias e política. Eu me limitava a assentir e fazer comentários rápidos, ainda era difícil de me comunicar.

Pelo que os médicos me explicaram, o afogamento fez com que meu cérebro ficasse tempo demais sem receber oxigênio. O meu corpo entrou em coma, e eu precisei passar dias e dias no respirador para começar a recuperação.

Eu só deixei a dependência dos aparelhos três dias antes de ir para casa, que foi um mês nos respiradores e tanques de oxigênios. Para mim, foram alguns dias, no máximo uma semana.

Para as pessoas que estavam todos os dias ao meu lado, que se preocupavam comigo, passaram-se duas semanas sem qualquer melhora, uma semana me vendo abrir os olhos e fazer pequenos movimentos, e semana olhando minhas fisioterapias físicas e respiratórias. Aquilo foi uma tortura.

Depois de algum tempo, Vivian e Helena foram embora, mas prometeram voltar no dia seguinte. Meus pais, que perguntavam a todos os segundos se eu estava bem, deixaram o

quarto. Havia apenas eu e Leo ali. Meu corpo ansiava por ele, queria seu toque, sentir seu cheiro, beijar sua boca. Ao mesmo tempo em que pareciam dias separados, a saudade era como a de décadas. Ele estava receoso, sentou-se ao meu lado na cama e me observou. Eu usei todas as minhas energias para me erguer e abraçá-lo; quando coloquei meus braços ao seu redor, minha respiração era ofegante, como se eu tivesse corrido. Ele envolveu meu corpo de maneira cuidadosa, e eu me senti finalmente em paz.

– Tenho tanta coisa para falar. – ele sussurrou. – Preciso saber quando você estiver pronta para ouvir.

Eu me distanciei levemente, apenas para olhar em seus olhos, e assenti.

– Estou pronta. – falei ainda um pouco ofegante.

– Podemos esperar se você quiser. – ele reforçou. – Não quero que você fique mal, ou pior.

Eu neguei com a cabeça e esperei ele continuar. Estava ansiosa para saber sobre Gustavo, Letícia, o que aconteceu depois que eu caí infinitamente dentro do mar.

– A primeira coisa que eu tenho para pedir é que você me desculpe. Eu e Patrícia tivemos muitos problemas, eu fui um péssimo marido para ela. Gustavo quis se vingar, porque eu fui uma pessoa ruim. – ele começou. – Você não sabe o quanto eu me culpo, por isso. Cada segundo que eu vi você naquele hospital, eu sabia que a culpa era minha.

– Eu faria tudo de novo. – foi o máximo que eu consegui dizer.

– Se eu soubesse que você passaria por isso, eu nunca teria olhado para você.

– Você não conseguiria. – eu sorri. Minha voz era falha, muito difícil de me comunicar.

– Eu não conseguiria. – ele sorriu de volta e bateu de leve no meu nariz. – Depois que Gustavo jogou você no mar, eu pulei para lhe resgatar. Você já estava desacordada quando eu consegui alcançar vocês; ao conseguir levar você para o barco, não conseguimos fazer você respirar por muito tempo, pois seu pulmão estava cheio de água.

– Esses minutos até voltarmos para a praia, foram os mais angustiantes da minha vida. Conseguimos uma ambulância que levou você quando atracamos. Eu não pude acompanhar, mas quando eu cheguei até ao hospital, você já estava estável e no respirador, mas não havia respostas conscientes.

– Eu só estava dormindo um pouco, estava cansada. – eu falei, tentando amenizar o clima, mas Leo só sorriu levemente, sem achar muita graça.

– Enquanto isso, Gustavo foi preso, junto com a Letícia. Ambos foram levados para a delegacia e presos em flagrante por sequestro. Gustavo foi indiciado por tentativa de homicídio e mais alguns outros crimes. Letícia conseguiu responder em liberdade, mas Gustavo não. Ele ainda está detido. Os pais dele contrataram um advogado, mas nunca foram visitá-lo. Patrícia procurou-me para pedir desculpas pelo sobrinho, disse que não sabia o que ele estava fazendo.

– Eu acredito nela. – eu o interrompi.

– Eu também. Não acho que ela contou o que eu fiz para ele com a intenção de fazê-lo se vingar. Mas o que ele fez com a informação que lhe foi dada...

– O que você fez? – perguntei. Não sabia se ele havia entendido a conotação da pergunta, mas eu precisava saber. Gustavo insistiu tanto que aquilo mudaria minha opinião sobre Leo.

– É uma história longa. – ele mordeu os lábios, como todas as vezes que estava nervoso. – Eu seguia Patrícia na rua, proibia-lhe de estar com outras pessoas, outros homens, acusava-lhe de traição a os momentos, controlava roupas, jeitos, ações...

Eu assenti. Ainda parecia incompleto. Não era possível que só aquilo era o motivo pelo qual Gustavo tivesse feito o que fez. Não que tivessem sido poucas coisas, eram inadmissíveis inclusive, mas infelizmente comum. Eram atitudes que Marcelo tinha com Vivian por vezes, mesmo assim, Gustavo nunca se revoltou ao ponto de impedi-lo, pelo contrário, ele sempre tentava resolver de outras formas, dizia que ia conversar, tentar mudar a situação.

– Tem algo incomodando você. – ele constatou. – Se seu medo é que eu repita meus erros, eu entendo. Mas quero que acredite em mim que não vou fazer isso de novo, eu amo você.

– Você não a amava? – perguntei.

– Amei sim, mas era diferente. Você amou Gustavo, mas agora é diferente, não é? – ele perguntou.

Eu fiz que sim.

– Eu a amava, mas eu queria que ela fosse só minha. Hoje eu sei que amor não é sobre posse. Eu aprendi isso com você. – ele estava levemente vermelho. – Eu amo ver você livre, ver você viver, ser você, estar com as pessoas que você ama. Todos os momentos que vi você rindo com as suas amigas, conversando com os seus pais, fazendo as coisas de que você gosta...

E prosseguiu:

– Quando vi você, dia após dia, deitada naquela cama, sem saber se você ficaria bem... Eu amava poder ser uma das pessoas que estava do seu lado durante a recuperação, e amava ver o quanto você é querida. Mas, ao mesmo tempo, eu culpei-me por ter me aproximado de você, por ter amado você. Mas como eu poderia ficar longe? Quando estávamos juntos, o mundo ficava vivo. E o pior é que eu tinha certeza de que você queria estar comigo também. Foi o que me deu forças para continuar sonhando e lutando para estar com você. Eu vou te amar sempre, mesmo que você escolha não estar comigo. Vou querer seu bem e sua felicidade, independente se você estiver comigo ou não. Mas eu vou ser imensamente mais feliz se puder estar com você.

E afirmou com mais certeza:

– Eu quero estar ao seu lado, ser sua companhia para todos os momentos. Quero comemorar a sua felicidade e estar com você durante suas lágrimas. Quero ser a pessoa que vai lhe dar a mão, e ajudar a conseguir o que quiser no mundo, mesmo que seja voar para longe de mim.

Eu pousei minha mão nos seus lábios, fazendo-o se calar.

– Você sabe que eu quero você. – Eu disse pausadamente, o que não me impediu de ofegar. – É tudo que eu quero, desde a primeira vez que eu te vi.

Ele acariciou meu rosto. Minha pele se arrepiou, e eu voltei ao momento em que estávamos sozinhos no banheiro depois da minha crise causada pela agorafobia: eu e ele havíamos compartilhado um momento único.

– Vou proteger e amar você, ser seu companheiro, sua metade. Não quero você para mim, quero você comigo.

Eu o beijei, um beijo delicado e cheio de medo. Durou pouco, só o suficiente para eu me sentir novamente viva. Distanciei-me com pesar e olhei para ele. Leonardo era o que eu queria, não havia dúvidas. Não importava o que ele havia feito no passado. Ele errou, eu errei. Agora nós escreveríamos uma nova história, um novo livro, uma nova vida.

– Me promete que vai ficar boa logo? – ele pediu. Seus braços envolviam minha cintura, minhas mãos estavam em sua nuca.

Apesar de fraca, sem poder andar ainda, e com um enorme cansaço, eu sentia que poderia fazer qualquer coisa no mundo. Eu e ele estaríamos juntos e, independente, do que fosse acontecer, ele estaria ao meu lado. Era inegável o que nós sentíamos, era inexplicável e incessante. Era tudo que eu queria.

– Sim.

Epílogo

21 de dezembro, domingo

A noite caía quando Alice chegou em casa. Ela e Laura haviam passado o dia fora e agora retornavam atrasadas para se arrumar para o nosso jantar. Minha filha, agora com cinco anos, entrava pela sala muito feliz, pois havia feito compras com a madraستا e as amigas. Elas foram ao shopping, depois para uma lanchonete e, por último, em um outro lugar. Eu a peguei no colo, abracei bem forte e a enchi de beijos.

– Filha, preciso que você pegue sua roupa e vá com Alice tomar banho. – disse-lhe assim que a coloquei no chão.

– Pode deixar, papai! – ela sorriu com um dentinho faltando, e os olhinhos fechados.

Alice veio devagar trazendo as bolsas das compras e as chaves do carro.

Ela estava cada vez mais linda, seus cabelos estavam mais longos do que nunca, usava óculos retrô e um vestido azul floral estonteante. Depois de três meses do acidente, Alice já havia se recuperado por completo. Ainda sentia dificuldades para fazer exercícios mais complexos, mas o dia a dia é fácil para ela.

Também decidiu não fazer faculdade, pelo menos não naquele ano, e se dedicou junto a mim, à minha pesquisa. Nós trabalhamos durante seis meses captando informações e documentos históricos sobre os formadores do povo brasileiro. Eu e ela visitamos países, tanto na Europa como na África, e estados onde as reservas indígenas preservaram muito da cultura. Foram meses sem parar em casa um segundo, falando com nossos familiares e amigos por ligações de vídeo e mensagens de texto. Quando retornamos para casa, foi um mês de edições nos textos e contatos para a publicação. Hoje será o grande dia. Vamos comemorar o fim do projeto e o início de um próximo. Havíamos até conseguido um contato com uma emissora de TV para, com as imagens captadas e os arquivos conseguidos, confeccionarmos um documentário.

– Fazer compras com a Laura é muito bom! Ela vai ter futuro nessa coisa de moda, mesmo que só escolha peças rosas. – Lice disse rindo e beijando-me. – Acredita que Vivian e Vitor vão se casar? Ele fez o pedido ontem. Eu sempre achei que Helena seria a primeira de nós.

– Muito bom saber que deu tudo certo com eles no final. – eu respondi, realmente feliz. Era legal que o plano de prender o Gustavo tinha dado um fruto tão bonito quanto o amor deles.

– Fomos até o shopping, depois comemos naquela lanchonete que eu amo! – ela disse, deixando as bolsas no sofá.

Nós decidimos comprar roupas novas para Laura, porque depois de seis meses longe, as roupas que estavam na nossa casa já estavam curtas demais.

– Não foram em mais nenhum lugar? – perguntei.

– Não. – Alice disse olhando para as bolsas, sem me encarar. Ela estava mentindo. – Vou ajudar Laura no banho e me arrumar. Já estarei de volta!

Ela deu-me um beijo e seguiu para dentro do apartamento. Eu respirei fundo e fui até o meu computador. Abri em outro usuário, deixando de lado o que eu habitualmente mexia e olhei o rastreador que eu havia colocado no celular de Alice. Lá estavam os lugares onde ela havia percorrido, mas faltava um que ela foi e não me contou; decidi que não perguntaria para não levantar suspeitas, mas aquilo era estranho.

– Leo. – Alice disse retornando, o que me fez ter o ímpeto de fechar o computador, mas eu apenas mudei de guia. – Laura parece tão feliz que retornamos! Da próxima vez podíamos levá-la para alguma viagem mais curta.

– Vai ser maravilhoso, Lise. Ela vai gostar muito também. – eu respondi sorrindo. – Não quero mais ter que passar tanto tempo longe dela.

Alice sorriu e entrou no banheiro, junto com Laura. As duas riam e falavam alto. Eu quase consegui esquecer o que acabara de

acontecer. Mudei de guia novamente e analisei o que havia visto. Não dava para saber o que podia ser, onde ela poderia ter ido. Resolvi desistir. Eu teria que achar um meio de descobrir o que havia acontecido, mas por ora, eu esqueceria aquilo.

Então, fui até as fotos e olhei na pasta “Alice”. Ali havia todas as fotos que eu já havia tirado dela, antes e depois do nosso relacionamento. As fotos da viagem, a felicidade dela em conhecer o mundo, o nosso amor. As fotos dela no ensino médio, ela distraída na sala, lendo seus livros, dormindo tranquila e nua.

Eu gostava daquelas fotos, eram o símbolo do meu triunfo.

Desde a primeira vez que a vi, chamou minha atenção. Ela sempre foi bonita de um jeito especial, mas o mais importante nela era o quanto era doce e gentil. Aquilo, sim, encantou-me de um jeito que jamais imaginei. Eu resolvi largar Patrícia de lado, ela não era mais alguém que me encantava, ou que me fazia perder o ar. Ela saía demais, vivia demais, e amava demais. Depois da primeira traição que eu sofri dela (fato que eu menti para Alice), ela nunca mais deu um passo sem o meu monitoramento. No final, ela não dava mais nenhum passo sem mim.

Tranquei-a em casa por dois meses, apenas saía com a minha autorização. Menti para todos que ela estava fora da cidade, mas na verdade ela apenas não podia sair sem a minha companhia. Era a condição para que eu a perdoasse. Deixei-a sem ver os parentes, os amigos e estava disposto até a tirar Laura dela, se não fosse por Alice ter chegado e aberto meus olhos.

“Tive uma reunião com seus pais, Patrícia não pôde ir, pois não estava na cidade. Laura começava a apresentar mudanças de

humor, afinal eu e Patrícia não vivíamos uma relação saudável.”
Capítulo 8.

E então, Alice chegou. Ela era tudo para mim. Eu vivia 24h por ela, mesmo sem ela me conhecer. Eu estava em todos os lugares com ela.

“Ajeitei meus cabelos negros e olhei para mim mesma por um segundo, o reflexo de uma janela fechada. Eu não estava muito linda, mas eu estava orgulhosa de como eu tinha me arrumado. Parecia despojado, mas delineava bem as minhas muitas curvas.”
Prólogo.

“Quando estava pronta para ligar para minha mãe, ouço uma discussão. Quando olhei na direção das vozes pude ver Leo e a mulher que estava com ele na reunião com os meus pais, a mãe de Laura, Patrícia, se não me engano.” Capítulo 2.

“– Eu imaginei. – Ele sorriu. – Não achei que você estava me seguindo, como uma louca” Capítulo 3.

O nosso único empecilho aparente era a idade, mas esperei os seus 18 anos para me revelar. Apareci na escola, passei a trabalhar lá. Tinha uma conhecida que conhecia a coordenadora da escola de Alice, e ela me indicou para a vaga temporária.

Lice também soube, desde o princípio, que éramos feitos um para o outro. Ela também se apaixonou por mim desde a primeira vez que me viu. O nosso maior empecilho verdadeiro então passou a ser Gustavo. O namorado de Alice, meu antigo sobrinho, pessoa que me odiava depois que soube o que aconteceu com a tia. Eu não o julgava, mas tinha que dar um jeito nele. Fui alimentando o ódio, fazendo com que ele caísse sozinho, pelas próprias mãos. Levava Laura até à casa da avó, só para que ele me visse. Estava

sempre o rondando, sempre instigando. A gota d'água foi o dia que eu contei sobre minha ajuda à Alice no banheiro da escola.

Depois que eu e Alice brigamos, eu estava tão desesperado com a possibilidade de ela ficar definitivamente com Gustavo que fui confrontá-lo. Quando cheguei até a casa dele, eu vi Letícia e então só precisei colocar a cereja no bolo. Disse-lhe que ficava feliz de ele estar com outra, porque enquanto ele se distraía, eu estava cuidando de Alice. Ele perdeu a cabeça completamente, causou o término dos dois. E quem estava lá para cuidar de Alice?

“– Eu resolvi te contar por que você também estava preocupado com Gustavo e esse assunto está diretamente relacionado com você.” Capítulo 6.

Eu não podia entregar o jogo tão cedo. Ela estava arrependida de terminar com ele, estava com medo. Eu a fiz me querer, mas não ter. Não haveria nada que a deixasse mais louca do que não poder ter o que quer, ela sempre dava um jeito de conseguir o que queria.

Por sorte, dona Célia passou mal e a vida de Gustavo girou em torno da avó. Foi o tempo suficiente para que eu fizesse nosso primeiro beijo e minha declaração para ela ser digna de um romance perfeito, assim como ela sempre sonhou. E ali estava feito, eu e ela, ela e eu. Eu a envolvi em cada segundo, a fiz participar da minha vida, levei-a para minha casa, a fiz entrar na minha rotina. Alice foi apresentada à minha filha, me ajudou a arrumar meu apartamento, sentir o que ela realmente era: o centro da minha vida.

“A gente está indo rápido, muito rápido. – Eu disse a verdade. Eu o amava muito, mas não sabíamos se aquilo daria certo. Ele estava me fazendo parte da vida dele com intensidade e

se algo desse errado eu ia ter que sair com a mesma intensidade.”
Capítulo 10.

Só que Gustavo estragou tudo mais uma vez, e eu perdi a cabeça.

“– Como eu pude ser tão idiota, Alice. Pensar que você realmente estava apaixonada por mim, em tão pouco tempo. – Ele tinha a voz embargada.” Capítulo 11.

Eu ainda achei que Alice iria querer lutar por mim depois de me ver com a minha irmã. Fui tolo, mas é isso o que o amor faz com as pessoas.

Vendo a volta de Gustavo na vida de Alice, e sabendo que o namoro deles retornaria, dei minha cartada final: levei Laura para a casa da avó para pegarmos os brinquedos e roupinhas dela. Enquanto ela dormia, eu fui até a casa do lado e ouvi uma ligação de Gustavo, dizendo que havia colocado Alice para dormir, agora só ia esperar que ela acordasse tarde da noite para que ela não pudesse ir para casa e ser obrigada a dormir ali.

Quando Alice saiu do quarto de Gustavo pela manhã, eu entrei em cena. Coloquei as fotos no computador, celular e malas de Gustavo. Já era meu plano infiltrar aquele material, mas tudo deu muito mais certo do que o previsto, as datas do arquivo seriam as mesmas que o dia em que Alice dormiu lá.

Voltei para a casa dos fundos, coloquei Laura no carro e voltei para a casa principal. Quebrei o vaso horrível da mãe de Gustavo, bem quando eles iam se beijar. Alice pareceu tão desesperada ao me ver, eu já sabia que ela faria o possível e o impossível para me ter de volta. Eu a vi pelo retrovisor, mas não

podia deixá-la ver Laura no carro ou meu disfarce iria por água abaixo.

“Quando eu saí do portão da casa de Gustavo, eu pude ver o carro de Leo. Comecei a correr na direção que ele estava, mas ele deu partida no carro e arrancou. Eu corri mais e gritei seu nome. Se ele escutou, não parou para ouvir o que eu tinha a dizer.” Capítulo 12

Na formatura, tudo correu como o planejado, e não podia ficar melhor quando Gustavo dopou a minha bebida. Eu o vi colocando o remédio no meu copo, e disfarcei fingindo que bebi. Ele ainda ameaçou Alice, a cereja do bolo. Fiquei bêbado naquela noite, mas foi de amor. Alice cuidou de mim, como ninguém nunca havia feito, se preocupado tanto comigo que me fez ter mais certeza de que era ela a pessoa certa.

Eu sabia que, depois daquele dia, não havia mais chances de perder Alice, mas eu não podia deixar as fotos dela lá, Gustavo ia se alarmar. Então finalizei o meu plano.

“Ele deixou isso embaixo da porta. – Leo apontou para o envelope, como se doesse fazê-lo. – Eu quero que abra e veja com seus olhos.” Capítulo 14.

Então, só bastou ligar para Nicole e terminar com aquilo. Coloquei provas a mais, para poder ferrar a namoradinha de Gustavo e afundá-lo ainda mais. Alice desfez o meu trabalho, mas no final, Gustavo meteu os pés pelas mãos sozinho, e eu nem precisei usar as fotos como algo definitivo.



– Estamos prontas! – Alice exclamou ao sair do banheiro. Ambas estavam extraordinárias.

Eu desliguei o computador, peguei as chaves do carro e nós três saímos de casa. Eu e minhas meninas, todos prontos para o jantar de comemoração da nossa pesquisa. Alice colocou Laura na cadeirinha e se sentou ao meu lado. Eu ia dar partida no carro, mas ela pediu para que eu esperasse.

– Eu e Laura temos uma surpresa. – Ela disse abrindo o porta-luvas. – Conseguimos buscar hoje com uma amiga que eu fiz durante a viagem para a França.

Ela me entregou uma bolsa pequena de papel e, quando eu abri, uma caixinha apareceu. Eu abri com cuidado e vi um relógio magnífico que eu havia visto durante a nossa estadia na Europa.

– Lixe! – eu exclamei. – Você fez isso?

– Você gostou tanto, eu quis te dar um presente. Você merece, não é Laura?

– Sim!!! – ela gritou no banco de trás.

Então foi isso, por isso ela havia ido a um lugar que não havia me contado. Alice era maravilhosa a cada atitude, cada segundo. Eu a amava.

– Também tenho uma coisa para você. – falei um pouco envergonhado. – Eu ia entregar durante o jantar, mas acho que agora será mais especial.

Eu peguei no meu bolso uma caixinha pequena. Dentro dela havia um anel de noivado comprado na Angola, com uma pedra vinda de Botswana. Algo que seria simbólico para nós, e tinha gastado metade do dinheiro que eu tinha.

Alice abriu a caixinha e levou a mão ao rosto. Ela não falou nada, mas começou a chorar.

– Você aceita se casar comigo, Lice? – eu falei.

Agradecimentos

Essa parte do livro normalmente não é lida por muitos, mas eu não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que fizeram parte disso.

Primeiro quero agradecer aos meus pais, Amanda e Flávio, por todo apoio e incentivo desde meus 7 anos para que eu escrevesse mais. Sem vocês nada seria possível.

Quero agradecer também ao meu noivo, Luis Gustavo, afinal foi ele que não me deixou desistir acompanhou todo o processo e foi o primeiro a ler esse livro. Obrigada por fazer da minha vida um livro de romance.

Obrigada aos meus avós maternos, Lêda e João, por terem se dedicado tanto a mim e por terem sempre me feito acreditar que eu poderia ser quem eu quisesse.

Agradeço a Elisa que fez a capa maravilhosa e que estava desde o primeiro esboço até o último ponto desse livro.

Obrigada a Barbara que revisou todo o livro e que me deu um gás a mais para publicar.

Obrigada a você que leu. Você agora faz parte do sonho da minha vida.

Autora Ana Flávia
Direção de Carvalho
arte e capa Elisa Cardoso
Revisão de Mello
Bárbara
Kreischer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Ana Flávia

Amor inebriante [livro eletrônico] / Ana
Flávia Carvalho. -- 1. ed. -- Petrópolis, RJ :
Ed. da Autora, 2021.

PDF

ISBN 978-65-00-32823-3

1. Amor - Ficção 2. Ficção brasileira I. Título.

21-86230

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964